

UM THRILLER PROTAGONIZADO POR GABRIEL ALLON

DANIEL
SILVA

MORTE
EM
VIENA

A VERDADE VENCERÁ
A SEDE DE VINGANÇA

SÉRIE GABRIEL ALLON # 4

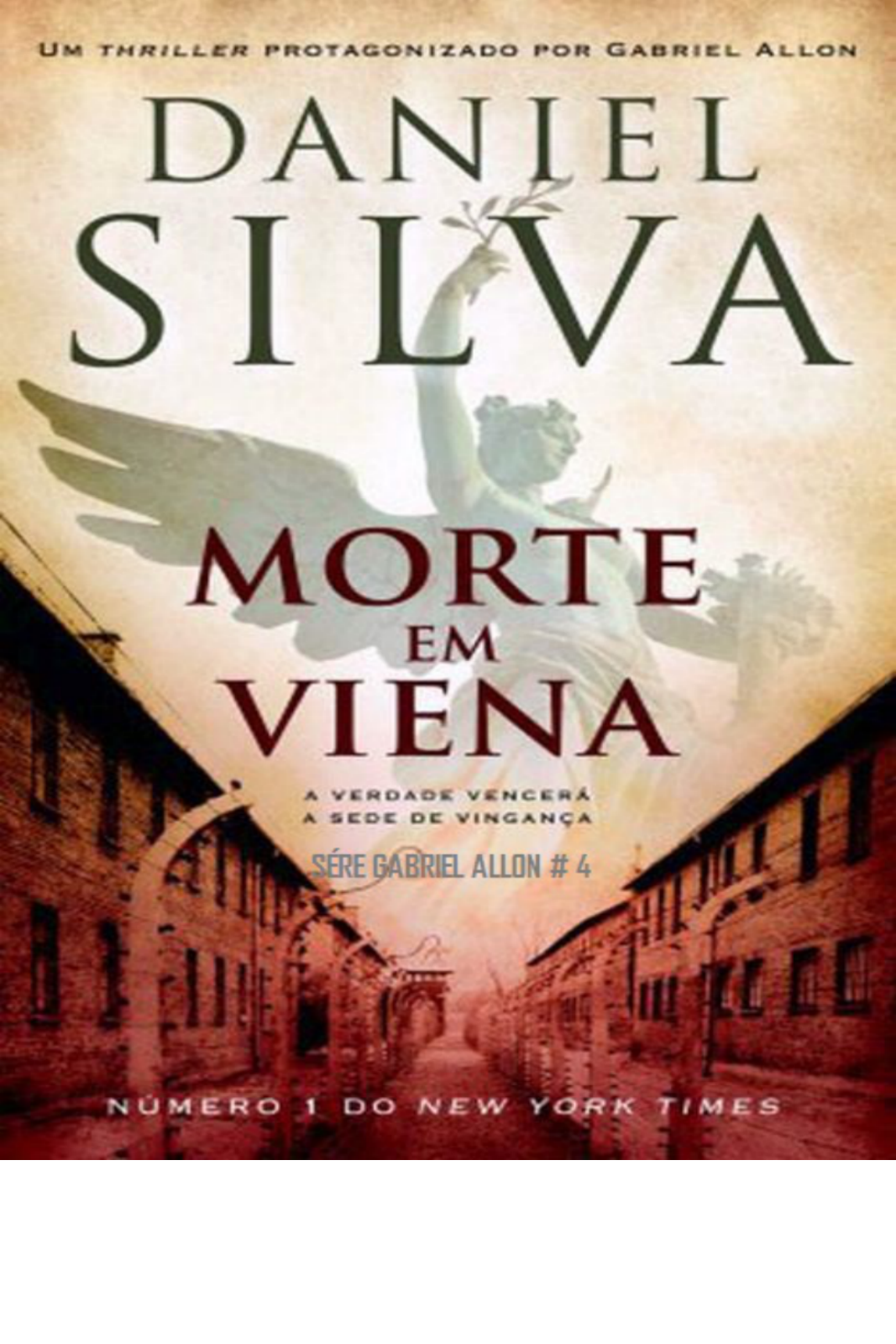
NÚMERO 1 DO NEW YORK TIMES

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

UM THRILLER PROTAGONIZADO POR GABRIEL ALLON

DANIEL SILVA



MORTE EM VIENA

A VERDADE VENCERÁ
A SEDE DE VINGANÇA

SÉRIE GABRIEL ALLON # 4

NÚMERO 1 DO NEW YORK TIMES

DANIEL
SILVA

*Morte
em
Viena*

A DEATH IN VIENNA

2004

ISBN 972-25-1502-0 MORTE EM VIENA

Titulo original: A Death in Vienna Autor: Daniel Silva (c)

Daniel Silva, 2004

Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em
língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por:

Bertrand Editora

Rua Anchieta, 29-1º — 1249-060 Lisboa Telef.: 210 305 500

Fax: 210305 563

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

Revisão: Lidia Freitas

Paginação e pré-impressão: Gráfica 99

Impressão: Tipografia Peres

Depósito legal nº 248 202/06

Acabou de imprimir-se em Outubro de 2006

ISBN 972-25-1502-0

DANIEL SILVA

MORTE EM VIENA

2ª Edição

Tradução de Duarte Pita Camacho

BERTRAND EDITORA

Chiado 2006

SINOPSE

Morte em Viena completa a trilogia sobre os crimes do Holocausto na série Gabriel Allon. *O Assassino Inglês* e *O Confessor* são os dois primeiros volumes.

Restaurador de arte e espião internacional, Gabriel Allon é enviado a Viena para desvendar a verdade por trás de atentado a bomba que deixou um velho amigo gravemente ferido. Mas algo surpreendente o espera, algo que vira seu mundo pelo avesso — o passado. Na busca desesperada por respostas, Allon vai vai expor um modelo de maldade que se estende por sessenta anos e milhares de vidas — e em seus próprios pesadelos.

Dedicado a todos aqueles que não dão paz a assassinos e seus cúmplices, ao meu amigo e editor, Neil Nyren, e, como sempre, a minha mulher Jamie e aos meus filhos Lily e Nicholas

Não há como evitar as lascas que caem no chão onde se corta madeira.

— SS-GRUPPENFÜHRER HEINRICH MÜLLER
Chefe da Gestapo

Não estamos nos escoteiros. Se quiséssemos estar nos escoteiros, teríamos ido para os escoteiros.

RICHARD HELMS
Antigo Diretor da CIA

PARTE UM

O Homem do Café Central

VIENA

O ESCRITÓRIO é difícil de encontrar. Localizado no fim de uma viela estreita e curva, num quarteirão de Viena mais conhecido pela sua vida noturna do que pelo seu trágico passado, a entrada é apenas assinalada por uma pequena placa em latão com a inscrição ESCRITÓRIO DE INVESTIGAÇÃO E RECLAMAÇÕES DO TEMPO DE GUERRA. Instalado por uma firma obscura com sede em Tel Aviv, o sistema de segurança é formidável e altamente visível. Uma câmara olha de forma ameaçadora por cima da porta e a ninguém é permitida a entrada sem marcação e uma carta de apresentação. Os visitantes têm de passar por um detetor de metais cuidadosamente afinado. Bolsas e pastas são inspecionadas com eficiência por uma das duas moças de beleza desarmante. Uma chama-se Reveka, a outra Sarah. Uma vez no interior, o visitante é escoltado através de um corredor claustrofóbico forrado de estantes metálicas até uma sala ampla, tipicamente vienense, com soalho desbotado, teto alto e prateleiras curvadas sob o peso de incontáveis livros e pastas de arquivo. A pretenciosa confusão é apelativa, embora alguns se sintam consternados pelas janelas esverdeadas à prova de bala com vista para o pátio melancólico.

O homem que lá trabalha é desmazelado e facilmente ignorado. É o seu talento especial. Por vezes, quando se entra, ele está no topo de uma escada de biblioteca esquadrinhando um livro. Habitualmente está sentado à mesa, envolto numa nuvem de fumo de cigarro, vasculhando a pilha de papéis e pastas que parece infindável. Pára um momento, para finalizar uma frase ou anotar qualquer coisa na margem de um documento, em seguida levanta e estende a sua mão minúscula, os seus olhos castanhos vacilam sobre o seu interlocutor. "Eli Lavon", diz modestamente enquanto aperta a mão, embora toda a gente em Viena saiba quem gere o Escritório de Investigação e Reclamações.

Se não fosse a reputação sólida de Lavon, a sua aparência — a camisa cronicamente manchada de cinza, um muito usado casaco de malha cor de vinho com remendos nos cotovelos e uma bainha esfarrapada podia ser perturbadora. Alguns suspeitam que lhe faltam meios financeiros; outros imaginam-no ascético ou mesmo ligeiramente louco.

Uma mulher que lhe pediu para conseguir um reembolso por

parte de um banco suíço, concluiu que ele sofria de coração partido. De que outra forma se explicaria o fato de ele nunca ter casado? O ar de luto que é por vezes visível quando ele pensa que ninguém o observa? Seja qual for o prognóstico do visitante, o resultado é quase sempre o mesmo. A maioria agarra-se a ele com medo que seja levado pelo ar.

Depois de se apresentar, indica ao visitante a direção do confortável sofá. Pede às moças que não lhe passem chamadas, em seguida junta o polegar ao indicador e inclina-os em direção à boca. Café, por favor. Fora do alcance do ouvido, as moças discutem sobre quem é a vez. Reveka é uma israelense de Haifa, pele cor de azeitona e olhos negros, teimosa e explosiva. Sarah é uma judaica americana endinheirada que vem da Universidade de Boston pelo programa de estudos sobre o Holocausto, mais cerebral do que Reveka e consequentemente mais paciente. Ela não se importa de recorrer ao engano ou mesmo a mentir sem rodeios só para evitar trabalho que acredita não ser digno da sua posição. Reveka, honesta e temperamental, é facilmente manobrável e, assim sendo, é normalmente ela quem, sem alegria, prega com a travessa de prata na mesinha de café e retira-se com um amuo.

Lavon não tem uma forma estudada de conduzir as reuniões. Permite ao visitante determinar o curso da conversa. Não tem problemas em responder a questões sobre si mesmo e, se pressionado, explica por que razão um dos mais talentosos jovens arqueólogos de Israel foi escolhido para investigar assuntos inacabados do Holocausto, em vez de esquadriñar o solo sofrido da sua terra natal. No entanto, a sua disponibilidade para discutir o seu passado não passa daí. Não conta aos visitantes que durante um breve período, no início dos anos setenta, trabalhou para os afamados serviços secretos israelenses. Ou que ainda é considerado como o mais talentoso artista de vigilância exterior que os serviços já tiveram. Ou que duas vezes por ano, quando regressa a Israel para visitar a sua velha mãe, visita umas instalações de alta segurança a norte de Tel Aviv para partilhar alguns dos seus segredos com a geração seguinte. Dentro dos serviços ainda é conhecido como "O Fantasma". O seu mentor, um homem chamado Ari Shamron, sempre disse que Eli Lavon era capaz de desaparecer enquanto dá um aperto de mão. Não andava muito longe da verdade.

Ele é silencioso na presença dos seus convidados, como era silencioso com os homens que seguia furtivamente a mando de Shamron. É um fumador inveterado, mas se o fumo incomoda os convidados evita fumar. É um poliglota e escuta na língua do visitante. O seu olhar é simpático e firme, embora por vezes seja possível detectar peças de puzzle a encaixar por trás dos seus olhos. Prefere guardar todas as questões para quando o visitante terminar a

sua exposição. O seu tempo é precioso e toma decisões rápidas. Ele sabe quando pode ajudar ou quando é preferível não remexer o passado. Se aceitar o caso, pede uma pequena quantia de dinheiro para financiar o início da investigação. Faz isso com notável embaraço, e se alguém não puder pagar, ele abdica totalmente dos honorários. Recebe grande parte dos fundos operacionais de doadores, mas o Escritório de Investigação e Reclamações não é lucrativo e Lavon está normalmente apertado de dinheiro. A sua fonte de rendimentos tem sido um assunto litigioso em certos círculos de Viena, onde é acusado de ser um forasteiro incômodo financiado pela judiaria internacional, sempre a meter o nariz onde não é chamado. Há muita gente na Áustria que gostaria de ver as portas do Escritório de Investigação fechadas para sempre. É por causa deles que Eli Lavon passa os seus dias atrás de janelas de vidro esverdeado à prova de bala.

Num entardecer de neve miudinha em princípios de Janeiro, Lavon estava sozinho no escritório, curvado sobre uma pilha de pastas. Não havia visitantes nesse dia. De fato já fazia alguns dias desde que Lavon aceitara a última marcação. A maior parte do seu trabalho era consumido por um único caso. Às sete da tarde, Reveka olhou pela porta.

— Temos fome — disse, na sua típica rudeza israelense.

— Arranja-nos algo para comer.

A memória de Lavon podia ser impressionante, mas não se estendia a pedidos gastronômicos. Sem levantar a cabeça do seu trabalho, ondulou a caneta no ar como se escrevesse: Faz-me uma lista, Reveka.

Momentos mais tarde, fechou a pasta e deixou os papéis. Olhou pela janela e contemplou a neve a cair suavemente sobre as lajes pretas do pátio. Em seguida vestiu o sobretudo, enrolou um cachecol em volta do pescoço e colocou um barrete sobre o seu cabelo fino. Atravessou o vestíbulo até a sala onde as duas moças trabalhavam. A mesa de Reveka era um arranha-céu de arquivos militares alemães; a de Sarah, a eterna estudante universitária, estava coberta por uma pilha de livros. Como de costume, as duas discutiam. Reveka queria comida indiana de um take-away que ficava do outro lado do canal do Danúbio; Sarah ansiava por uma massa do café italiano na Kärntnerstrasse. Lavon, absorto, estudava o novo computador na mesa de Sarah.

— Quando é que isto chegou? — perguntou, interrompendo a discussão.

— Esta manhã.

— Porque é que temos um computador novo?

— Porque compraste o antigo no tempo em que os Hapsburgos

ainda governavam a Áustria.

— Eu autorizei a compra de um computador novo?

A questão não foi colocada com desconfiança. As moças geriam o escritório. A papitada era colocada debaixo do seu nariz e normalmente assinava sem olhar.

— Não Eli, não aprovaste a compra. O meu pai pagou o computador. Lavon sorriu.

— O teu pai é um homem generoso. Por favor agradece-lhe em meu nome.

As moças retomaram a discussão. Como era hábito ficou resolvida a favor de Sarah. Reveka escreveu a lista e ameaçou alfinetá-la à manga de Lavon. Mas em vez disso enfiou-a no bolso do seu casaco e deu-lhe um pequeno empurrão para o pôr a caminho.

— E não pares para tomar café — disse. — Estamos esfomeadas.

Era quase tão difícil sair do Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra como era entrar. Lavon pressionou uma série de números num teclado, na parede junto à entrada. Quando o sinal se ouviu, puxou a porta interior e entrou para a câmara de segurança. A porta exterior não abria enquanto a porta interior não se fechasse por dez segundos. Lavon encostou a cara ao vidro à prova de bala e olhou para fora.

No lado oposto da rua, escondido nas sombras, à entrada de uma estreita ruela, estava uma figura encorpada com um chapéu de abas e uma gabardina. Eli Lavon não podia caminhar nas ruas de Viena, ou de qualquer outra cidade, sem ritualmente verificar a retaguarda e memorizar rostos que apareciam muitas vezes em situações bastante diversas. Era uma angústia profissional. Mesmo à distância, e com a luz fraca, ele sabia já ter visto aquela figura do outro lado da rua, várias vezes nos últimos dias.

Percorreu a sua memória, quase como um bibliotecário percorreria umas fichas alfabetizadas, até que encontrou referências a aparições anteriores. Sim, cá está. O Judenplatz, há dois dias. Eras tu que me seguias depois de eu ter tomado café com aquele repórter americano. Voltou às fichas e encontrou uma segunda referência. A janela de um bar na Sterngasse. O mesmo homem, sem o chapéu de abas, mirando ocasionalmente por trás de uma cerveja enquanto Lavon se apressava debaixo de um dilúvio bíblico, depois de um dia perfeitamente miserável no escritório. A terceira referência levou um pouco mais a localizar, mas mesmo assim encontrou-a. O trólei número dois, final da tarde, hora de rush. Lavon é empurrado contra as portas por uma vienense de face rosada que cheirava a bratwurst e aguardente de pêssego. O chapéu-de-abas, de alguma forma, conseguiu encontrar um lugar sentado e está calmamente a limpar as

unhas com a ponta do bilhete. É um homem que gosta de limpar coisas, foi o que Lavon pensou na altura. Talvez faça disso profissão.

Lavon voltou-se e tocou no intercomunicador. Vá lá, meninas. Tocou novamente, em seguida olhou sobre o ombro. O homem do chapéu e da gabardina desaparecera. Ouviu-se uma voz no intercomunicador.

— Reveka.

— Já perdeste a lista, Eli?

Lavon carregou com o polegar no botão.

— Saiam imediatamente!

Poucos segundos depois Lavon conseguiu escutar o ruído de passos no corredor. As moças apareceram à sua frente, separadas por uma parede de vidro. Reveka, calmamente, marcou o código. Sarah estava firme, em silêncio, com os seus olhos fixos em Lavon e a sua mão no vidro.

Ele nunca se lembrou de ter ouvido a explosão. Reveka e Sarah foram engolidas numa bola de fogo e, em seguida, projetadas pela onda de choque. A porta explodiu para fora. Lavon foi erguido como um brinquedo, com os braços escanchados e costas arqueadas como um ginasta. O seu voo foi como num sonho. Sentiu-se virar e virar novamente. Não teve memória do impacto. Apenas sabia que estava deitado de costas sobre a neve, numa tempestade de vidros partidos.

— As minhas meninas — sussurrou enquanto deslizava lentamente para a escuridão.

— As minhas belas meninas.

2

ENEZA

ERA UMA pequena igreja de terracota, construída para uma paróquia pobre na sestiere de Cannaregio. O restaurador parou junto ao portão por baixo de um belíssimo lampião e pescou um conjunto de chaves do bolso do seu oleado. Destrancou a porta de carvalho ornamentada e deslizou para dentro. Uma lufada de ar frio, carregada de umidade e cera de vela envelhecida, acariciou-lhe a face. Ficou imóvel por instantes na meia-luz e, em seguida, atravessou a nave estilo cruz grega em direção à pequena Capela de São Jerônimo do lado direito da igreja.

A maneira de andar do restaurador era suave e aparentemente sem esforço. O ligeiro arquear das pernas sugeria velocidade e segurança. O rosto era alongado e estreito no queixo, com um nariz

esguio que parecia esculpido em madeira. Os ossos da face eram largos, e havia traços das estepes russas nos seus olhos verdes inquietos. O cabelo preto era curto e com entradas cinzas nas têmporas. Era um rosto de muitas nacionalidades possíveis, e o restaurador possuía as capacidades linguísticas para fazer bom uso disso. Em Veneza, era conhecido como Mário Delvecchio. Não era o seu nome verdadeiro.

O retábulo estava dissimulado atrás de uma lona suspensa num andaime. O restaurador observou a tubagem de alumínio e trepou silenciosamente. A sua bancada de trabalho estava como a abandonara na tarde anterior: os seus pincéis e a sua paleta, os seus pigmentos e os seus aglutinadores. Ligou um caixilho de lâmpadas fluorescentes. A pintura, o último grande retábulo de Giovanni Bellini, brilhou sob a luz intensa. Do lado esquerdo da imagem estava São Cristóvão com o Cristo criança às suas cavalitas. Do lado oposto, São Luís de Toulouse com um bordão na mão, uma mitra de bispo na cabeça e os ombros cobertos com uma capa vermelha brocada a ouro. Acima de tudo, num segundo plano paralelo, São Jerônimo sentado em frente do Livro dos Salmos aberto, emoldurado por um céu azul vibrante, cheio de nuvens de um cinza acastanhado. Os santos estavam separados uns dos outros, sós perante Deus, um isolamento tão completo que era quase penoso observar. Era uma obra de arte surpreendente para um homem na casa dos oitenta.

O restaurador contemplou imóvel o painel em torre, como uma quarta figura pintada pela hábil mão de Bellini, e permitiu à sua mente vaguear pela paisagem. Passado um momento, espalhou um pouco de Mowilith médio na sua paleta, juntou pigmento, em seguida diluiu a mistura até a consistência e a intensidade lhe parecerem corretas.

Olhou novamente para a pintura. Pelo tom quente e a riqueza das cores, o historiador de arte Raimond Van Marle concluíra que havia mão de Titian. O restaurador acreditava que Van Marle, com o devido respeito, estava lamentavelmente enganado. Já restaurara obras de ambos os artistas e conhecia as suas pinceladas como as rugas em volta dos seus próprios olhos. O retábulo na Igreja de San Giovanni Crisóstomo era de Bellini e só de Bellini. Além disso, na altura da sua produção, Titian tentava desesperadamente tomar o lugar de Bellini como o mais importante pintor de Veneza. O restaurador duvidava sinceramente que Giovanni tivesse convidado o jovem obstinado Titian para o ajudar em tão importante comissão. Van Marle, se tivesse feito bem o seu trabalho de casa, teria evitado o embaraço de tão caricata opinião.

O restaurador calçou um par de Binomags e concentrou-se na túnica rosada de São Cristóvão. A pintura sofrera décadas de

negligência, fortes mudanças de temperatura e o constante massacre do incenso e do fumo de vela. O vestuário de Cristóvão perdera muito do brilho original e fora cicatrizado pelas ilhas de *pentimenti* que tinham surgido à superfície. O restaurador tinha autorização para levar a cabo uma reparação agressiva. A sua missão era a de devolver à pintura a sua glória original. O seu desafio era consegui-lo sem parecer que fora batida por um falsificador. Em suma, o seu desejo era entrar e sair sem deixar marcas da sua presença, fazer crer que a restauração teria sido feita pelo próprio Bellini.

Durante duas horas, o restaurador trabalhou sozinho e em silêncio, apenas quebrado pelos passos do lado de fora da rua e o chocalhar do erguer de grades de alumínio das montras das lojas. As interrupções começaram às dez da manhã com a chegada da reconhecida restauradora de altares veneziana, Adrianna Zinetti, que colocou a cabeça por entre a lona e deu-lhe os bons-dias. Aborrecido, o restaurador levantou a lente do visor e olhou para baixo pela beira da plataforma. Adrianna tinha-se posicionado de tal forma que era impossível não olhar para a sua blusa e para os seus extraordinários seios. O restaurador acenou solenemente com a cabeça, em seguida observou-a a subir o andaime com uma segurança felina. Adrianna sabia que ele vivia com outra mulher, uma judia do gueto antigo, mesmo assim não perdia uma oportunidade para o provocar, como se um olhar mais sugestivo ou um toque mais accidental fizessem cair as suas defesas. No entanto, ele invejava a sua maneira simples de ver o mundo. Adrianna gostava da arte e da comida veneziana e de ser adorada pelos homens. Pouco mais lhe interessava.

Um jovem restaurador chamado Antônio Politi veio a seguir, usando óculos de sol e com ar de ressaca, parecia-se com uma estrela de rock que chega para mais uma entrevista que desejava ter cancelado. Antônio não se preocupou em desejar os bons-dias ao restaurador. A antipatia entre ambos era mútua. Para o projeto Crisóstomo, Antônio tinha sido designado para o trabalho no retábulo principal de Sebastiano dei Piombo. O restaurador tinha a convicção de que o rapaz ainda não estava pronto para a gravura, e todos os dias à tardinha, antes de deixar a igreja, escalava secretamente a plataforma de Antônio para inspecionar o seu trabalho.

Francesco Tiepolo, o chefe do projeto San Giovanni Crisóstomo, era o último a chegar, um trôpego, barbudo, vestia uma larga camisa branca e um lenço de seda em volta do seu grosso pescoço. Nas ruas de Veneza os turistas confundiam-no com Luciano Pavarotti. Os venezianos raramente cometiam tal erro, pois Francesco Tiepolo geria a empresa de restauro com mais sucesso em toda a região de Veneza. No ramo da arte veneziana ele era uma instituição.

— Buongiorno — cantou Tiepolo, e a sua voz cavernosa ecoou

na cúpula central. Agarrou a plataforma do restaurador com a sua grande mão e deu-lhe um violento abanão. O restaurador olhou pela beira como um gárgula.

— Quase estragavas uma manhã inteira de trabalho, Francesco.

— É por isso que usamos verniz isolante. Tiepolo levantou um saco de papel branco.

— Cornetto?

— Sobe.

Tiepolo colocou um pé no primeiro degrau do andaime e elevou-se. O restaurador conseguiu ouvir a tensão da tubagem de alumínio debaixo do enorme peso de Tiepolo.

Tiepolo abriu a sacola, entregou ao restaurador um cornetto de amêndoa, e tirou um para si próprio. Metade desapareceu numa só dentada. O restaurador sentou-se na beira da plataforma com os pés balouçando para fora. Tiepolo parou em frente do retábulo e examinou o seu trabalho.

— Se não soubesse, pensaria que o velho Giovanni entrou aqui ontem à noite e reparou a pintura ele próprio.

— É essa a ideia, Francesco.

— Sim, mas poucos têm o talento para o conseguir.

O resto do cornetto desapareceu-lhe na boca. Limpou o açúcar em pó da barba.

— Quando estará terminado?

— Três meses, talvez quatro.

— Da minha perspectiva, três meses será melhor que quatro.

Mas pelos céus, não vou apressar o grande Mário Delvecchio. Tens planos de viagem?

O restaurador fitou Tiepolo por cima do cornetto e abanou a cabeça lentamente. Um ano antes, fora forçado a confessar o seu nome verdadeiro e ocupação a Tiepolo.

O italiano preservou essa confiança nunca revelando a informação a ninguém, embora de tempos a tempos, quando se encontravam sozinhos, ele ainda pedisse ao restaurador para falar um pouco em hebraico, só para não se esquecer que o lendário Mário Delvecchio era, na verdade, um israelense do Vale de Jezreel chamado Gabriel Allon.

Uma súbita carga de água martelou o telhado da igreja. Do topo da plataforma, mesmo no alto da abside da capela, parecia um rufar de tambores. Tiepolo elevou os braços em direção ao céu em tom de súplica.

— Outra tempestade. Deus nos ajude. Eles disseram que a acqua alta podia chegar ao metro e meio. Ainda não sequei da última. Adoro este lugar, mas se isto continua assim não sei quanto tempo

mais consigo aguentar.

Tinha sido uma temporada particularmente difícil para marés-altas. Veneza já tinha transbordado mais de cinquenta vezes, e ainda faltavam três meses de Inverno. A casa de Gabriel já tinha inundado tantas vezes que ele já tinha retirado tudo do piso térreo e estava a instalar vedantes à prova de água nas portas e janelas.

— Morrerás em Veneza, como Bellini — disse Gabriel. — E eu enterrar-te-ei debaixo de um cipreste em San Michele, numa enorme cripta digna de um homem de sua dimensão.

Tiepolo parecia contente com essa imagem, embora soubesse que, como a maioria dos venezianos modernos, teria de sofrer a indignidade de um enterro em terra firme.

— Então e tu, Mário? Onde morrerás?

— com alguma sorte, será na altura e no lugar que eu escolher. É o máximo que um homem como eu pode aspirar.

— Só te peço um favor.

— O quê?

Tiepolo fixou o olhar na pintura restaurada e disse:

— Acaba o retábulo antes de morreres. Deve-lo a Giovanni.

AS SIRENES DE ENCHENTE no alto da Basílica de São Marcos ressoaram pouco depois das quatro da tarde. Gabriel limpou os seus pincéis e a sua paleta apressadamente, mas quando desceu do andaime e atravessou a nave até o portão da frente, as ruas já estavam inundadas com vários centímetros de água.

Voltou para dentro. como a maioria dos venezianos, ele possuía vários pares de galochas guardadas em pontos estratégicos da sua vida, prontas a serem usadas a qualquer momento. O par da igreja era o seu primeiro. Fora-lhe emprestado por Umberto Conti, o mestre restaurador de Veneza a quem Gabriel servira como aprendiz. Gabriel tentara inúmeras vezes devolvê-las, mas Umberto não as aceitava de volta. Fica com elas Mário, juntamente com os ensinamentos que te passei. Serão úteis, prometo.

Colocou as velhas e desbotadas botas de Umberto e vestiu uma capa verde à prova de água. Pouco depois vagueava com água pelas canelas na Salizzata San Giovanni Crisostomo como um fantasma verde-azeitona.

Na Strada Nova, as pontes de madeira, conhecidas como passerelle, já haviam sido retiradas pelos trabalhadores camarários: um mau sinal, sabia Gabriel, pois isso significava que se previa uma inundação tão severa que as pontes poderiam ser levadas pela  gua.

Quando chegou ao Rio Terra San Leonardo, a água quase lhe entrava nas botas. Virou numa ruela calma,   exceção do bater das

águas, e seguiu até uma ponte de madeira provisória para peões por cima do Rio di Ghetto Nuovo. Um círculo de casas não iluminadas surgiu à sua frente, dignas de nota por serem mais altas que qualquer outras em Veneza. Avançou com dificuldade por uma passagem enlameada e foi dar a um largo amplo. Um par de estudantes yeshiva barbudos com as franjas das suas tallit katan balançando nas calças cruzou o seu caminho, atravessando o largo inundado em bicos de pés em direção à sinagoga. Gabriel virou à esquerda e dirigiu-se à entrada do número 2899. Numa pequena placa de bronze lia-se **COMUNITÀ EBRAICA DI VENEZIA: COMUNIDADE JUDAICA DE VENEZA**. Tocou à campainha e foi saudado pela voz de uma velha senhora no intercomunicador.

— É Mário.

— Ela não está.

— Para onde foi?

— Foi dar uma ajuda na livraria. Uma das moças está doente.

Avançou alguns passos pela entrada de vidro e baixou o seu capuz.

À sua esquerda estava a entrada do modesto museu do gueto; à direita uma pequena, mas convidativa, livraria iluminada por luzes quentes e brilhantes. Uma moça de cabelo louro curto estava empoleirada num banco por trás do balcão, contando apressadamente o dinheiro da registradora antes que o pôr do Sol a impossibilitasse de lidar com o dinheiro. O seu nome era Valentina. Sorriu para Gabriel e, com o lápis que segurava na mão, apontou na direção da enorme janela do chão ao teto com vista para o canal. Uma mulher estava de gatas, encharcada pela água que tinha passado pelos vedantes, alegadamente à prova de água, das janelas. Ela era de uma beleza impressionante.

— Eu disse-lhe que estes vedantes não iam funcionar — disse Gabriel.

— Foi um desperdício de dinheiro.

Chiara olhou para cima. O seu cabelo era escuro, encaracolado e reluzente, com madeixas ruivas e acastanhadas. Mal seguro por um elástico na nuca, espalhava-se desordenadamente pelos seus ombros. Os olhos eram cor de amêndoa salpicados de ouro. Tinham tendência para mudar de cor conforme o estado de espírito.

— Não fiques aí especado como um idiota. Chega aqui abaixo e ajuda-me.

— Seguramente não esperas que um homem do meu talento...

A toalha branca encharcada, arremessada com uma surpreendente força e precisão, acertou-lhe mesmo no peito. Gabriel torceu-a para dentro de um balde e ajoelhou-se junto a ela.

— Houve um atentado em Viena — sussurrou Chiara, com os lábios apoiados no pescoço de Gabriel.

— Ele está cá. Quer ver-te.

AS ÁGUAS DA INUNDAÇÃO ACUMULARAM-SE na entrada da casa do canal. Quando Gabriel abriu a porta, a água ondulou pelo bali de mármore. Ele inspecionou os estragos e, aborrecido, seguiu Chiara pelas escadas acima. A sala de estar estava escura. Um homem velho olhava para o canal através da janela molhada pela chuva, tão imóvel como uma figura de Bellini. Vestia um terno escuro com uma gravata prateada. A sua cabeça careca era em forma de bala; o rosto, fortemente bronzado e cheio de rachas e fissuras, parecia feito de rocha do deserto. Gabriel colocou-se ao seu lado. O homem velho não o cumprimentou. Em vez disso, continuou a contemplar as ascendentes águas do canal, o seu rosto envergava um franzido de fatalidade, como se testemunhasse o começo do Dilúvio que vem para destruir a perversidade do homem. Gabriel sabia que Ari Shamron estava prestes a informá-lo de uma morte. A morte reunira-os no princípio, e a morte continuava a ser o pilar da sua ligação.

3

ENEZA

NOS CORREDORES e salas de conferência dos serviços secretos israelenses, Ari Shamron era uma lenda. De fato, ele era a personificação do serviço. Já espionara cortes de reis, roubara segredos a tiranos e assassinara inimigos de Israel, por vezes com as próprias mãos. O ponto alto da sua carreira ocorreu numa noite chuvosa em Maio de 1960, num subúrbio miserável de Buenos Aires, quando saltou da traseira de um carro e apanhou Adolf Eichmann.

Em Setembro de 1972, a primeira-ministra Golda Meir ordenou-lhe que caçasse e assassinasse os terroristas palestinos que raptaram e mataram os onze israelenses nos Jogos Olímpicos de Munique. Gabriel, na altura um promissor estudante da Academia de Arte de Bezalel em Jerusalém, juntou-se relutante à missão de Shamron, adequadamente apelidada com o nome de código Ira de Deus. No vocabulário hebraico da operação, Gabriel era um Aleph. Armado apenas com uma Beretta calibre .22, matou silenciosamente seis homens.

A carreira de Shamron não foi uma ascensão de louvores. Existiram vales profundos pelo caminho e viagens erradas em operações desoladoras. Ganhou a reputação de um homem que dispara primeiro e se preocupa com as consequências depois. O seu temperamento imprevisível era um dos seus maiores trunfos.

Espalhava o medo tanto em amigos como em inimigos. Para alguns políticos, a volatilidade de Shamron era inadmissível. com medo das notícias que poderia ouvir, Rabin evitava muitas vezes as suas chamadas. Peres considerava-o primitivo e remeteu-o para o vazio da reforma judaica. Quando o Departamento estava a afundar, Barak reabilitou Shamron e trouxe-o de volta para endireitar o barco.

Encontrava-se agora oficialmente reformado, e o seu adorado Departamento estava nas mãos de um meticuloso tecnocrata moderno e intriguista chamado Lev. Mas em muitos postos, Shamron seria sempre o Memuneh, aquele que manda. O atual primeiro-ministro era um velho amigo e companheiro de viagem. Deu a Shamron um cargo vago e autoridade suficiente para que se tornasse incômodo. Existiam pessoas na King Saul Boulevard capazes de jurar que Lev rezava secretamente por uma rápida morte de Shamron.

E Shamron, teimoso e com uma vontade de ferro, mantinha-se vivo apenas para o atormentar.

Agora, de pé em frente da janela, Shamron explicou calmamente a Gabriel o que sabia dos acontecimentos em Viena. Uma bomba explodira no dia anterior, à tardinha, dentro do Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra. Eli Lavon estava em coma profundo nos cuidados intensivos do Hospital Geral de Viena, as probabilidades de sobrevivência eram de um para dois na melhor das hipóteses. As suas duas assistentes, Reveka Gazit e Sarah Greenberg, tinham morrido na explosão. Uma ramificação da al-Qaeda de Bin Laden, um grupo sombrio chamado Células de Combate Islâmicas, tinha reivindicado a responsabilidade.

Shamron falou com Gabriel no seu sotaque assassino da língua inglesa. Hebraico não era permitido na casa do canal de Veneza.

Chiara trouxe café e bolinhos para a sala de estar e sentou-se entre Gabriel e Shamron. Dos três, só Chiara estava sujeita às regras do Departamento. Conhecida como bat leveyha, o seu trabalho envolvia fazer-se passar por amante ou esposa de um oficial de campo. como todo o pessoal do Departamento, também ela fora treinada na arte de combate físico e no uso de armamento. O fato de ter tido melhor resultado que o grande Gabriel Allon no seu teste final de tiro era causa de alguma tensão entre os dois. As suas missões secretas exigiam muitas vezes alguma intimidade com o parceiro, como mostrar afecto em restaurantes e clubes noturnos e partilhar a mesma cama em quartos de hotel ou apartamentos. Relações românticas entre oficiais de campo e agentes acompanhantes eram oficialmente proibidas, mas Gabriel sabia que uma vivência próxima e o stress natural das missões muitas vezes os aproximavam. De fato, ele chegou a ter uma relação passageira com uma bat leveyha em Túnis. Uma belíssima judaica de Marselha chamada Jacqueline Delacroix, e o caso

quase lhe destruíra o casamento. Gabriel, quando Chiara estava fora, muitas vezes imaginava-a na cama de outro homem. Apesar de não ser muito dado a ciúmes, secretamente ansiava pelo dia em que King Saul Boulevard decidisse que ela estava já muito exposta para missões de campo.

— Quem são as Células de Combate Islâmicas concretamente? — perguntou. Shamron fez uma careta.

— São um pequeno grupo de operações que atua principalmente em França e num ou noutro país da Europa. Gostam de incendiar sinagogas, de profanar cemitérios judeus e de espancar crianças judias nas ruas de Paris.

— Houve alguma coisa útil na reivindicação? Shamron acenou com a cabeça.

— Apenas a baboseira habitual sobre a condição miserável dos palestinos e a destruição da entidade sionista. Ameaças à continuação de ataques contra alvos judaicos na Europa até a libertação da Palestina.

— O escritório de Lavon era uma fortaleza. Como é que um grupo que normalmente usa cocktail Molotov e latas de spray conseguiu pôr uma bomba no Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra?

Shamron aceitou uma xícara de Chiara.

— A Staatspolizei austríaca ainda não tem certezas, mas acredita que talvez estivesse escondida num computador que fora entregue no escritório de manhã cedo.

— As Células de Combate Islâmicas têm capacidade para esconder uma bomba num computador e infiltrá-lo num edifício seguro em Viena?

Shamron mexeu o açúcar violentamente no café e negou abanando a cabeça lentamente.

— Então quem foi?

— É óbvio que gostaria de ter a resposta a essa pergunta.

Shamron tirou o casaco e arregaçou as mangas da camisa. A mensagem era inequívoca. Gabriel desviou o olhar do semblante carregado e fixo de Shamron e recordou a última vez que o velho o enviara a Viena. Fora em Janeiro de 1991. O Departamento descobrira que um agente secreto iraquiano a operar na cidade planeava dirigir uma série de ataques terroristas contra alvos israelenses para coincidir com a primeira guerra no Golfo Pérsico. Shamron ordenara a Gabriel que vigiasse o iraquiano e, se necessário, tomasse ações preventivas. Pouco disposto a suportar outra longa separação da sua família, Gabriel levava consigo a mulher, Leah, e o jovem filho, Dani. No entanto, não se apercebera que estava a caminhar para uma armadilha preparada por um terrorista palestino chamado Tariq Hourani.

Perdido em pensamentos por um momento, Gabriel finalmente olhou para Shamron.

— Já esqueceste que Viena é a cidade proibida para mim?

Shamron acendeu um dos seus malcheirosos cigarros turcos e colocou um fósforo apagado no pires ao lado da colher. Prendeu os óculos na testa e cruzou os braços.

Ainda eram poderosos, como aço temperado debaixo de uma fina camada de pele velha e bronzeada. como as mãos. Gabriel observara o gesto muitas vezes. Shamron, o inabalável. Shamron, o indomável. Adoptara a mesma pose quando tinha despachado Gabriel para Roma para matar pela primeira vez. Já era um homem velho nessa altura.

De fato, ele nunca tinha sido novo. Em vez de conquistar miúdas na praia de Netanya, fora comandante de unidade em Palmach, durante a primeira batalha da infindável guerra de Israel. A sua juventude fora-lhe roubada. E por sua vez roubou a de Gabriel.

— Eu ofereci-me para ir a Viena, mas Lev nem quer ouvir falar nisso. Ele sabe que por causa da nossa lamentável história, eu sou uma espécie de pária. Ele considera que a Staatspolizei será mais acessível se formos representados por uma figura menos polarizadora.

— Então sua solução é enviar-me a mim?

— Claro que sem competência oficial.

Ultimamente Shamron fazia quase tudo sem competência oficial.

— Mas eu sentir-me-ia muito mais seguro se alguém da minha confiança estivesse a tomar conta das coisas.

— Temos pessoal do Escritório em Viena.

— Sim, mas eles prestam contas a Lev.

— Ele é o chefe.

Shamron fechou os olhos, como se à cabeça lhe tivesse vindo algo doloroso. Lev tem muitos outros problemas de momento para dispensar a atenção que este assunto merece. O novo imperador em Damasco anda a levantar ondas. Os muçulmanos do Irão estão a tentar construir a bomba de Alá, e o Hamas anda a transformar crianças em bombas e a detoná-las nas ruas de Tel Aviv e Jerusalém. Um pequeno atentado em Viena não vai receber a atenção que merece, mesmo que o alvo tenha sido Eli Lavon. Shamron fixou Gabriel com compaixão sobre o rebordo da sua xícara de café.

— Eu sei que não desejas voltar a Viena, principalmente depois de mais um atentado, mas o teu amigo está a lutar pela vida num hospital vienense! Pensei que gostarias de saber quem o pôs lá.

Gabriel pensou no retábulo de Bellini da Igreja de San Giovanni Crisóstomo e sentiu-o escapar-lhe das mãos. Chiara voltou-se de costas para Shamron e fixou-o intensamente. Gabriel desviou o seu

olhar.

— Se for a Viena — disse calmamente —, vou precisar de uma identidade. Shamron encolheu os ombros, como quem diz que há maneiras e maneiras óbvias, meu querido — de dar a volta a um problema tão pequeno como o disfarce. Gabriel já esperava esta resposta de Shamron e estendeu a sua mão.

Shamron abriu a sua pasta e entregou-lhe um envelope de papel pardo. Gabriel abriu-o e despejou o conteúdo na mesa de café: bilhetes de avião, uma carteira em pele, um passaporte israelense bastante viajado. Abriu o passaporte e viu o seu próprio rosto a olhar para ele. O seu nome era Gideon Argov. Sempre gostara do nome Gideon.

— Qual é a profissão de Gideon?

Shamron inclinou a cabeça em direção à carteira de pele. Junto com os artigos do costume — cartões de crédito, carta de condução, cartão do ginásio e do clube de vídeo — encontrou um cartão de visita:

Gideon Argov

Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra
17 Mendele Street Jerusalém 92147 5427618

Gabriel olhou para Shamron.

— Eu não sabia que o Eli tinha um escritório em Jerusalém.

— Agora tem. Liga para esse número.

Gabriel abanou a cabeça.

— Eu acredito em você. Lev sabe disto?

— Ainda não, mas pretendo lhe dizer assim que você tiver aterrissado em Viena.

— Quer dizer que estamos enganando os austríacos e o Departamento. É impressionante, até mesmo para você, Ari.

Shamron esboçou um sorriso tímido. Gabriel abriu o invólucro do bilhete e examinou o seu itinerário de viagem.

— Não penso que seja uma boa ideia viajares daqui para Viena diretamente. Acompanho-te de volta a Tel Aviv amanhã de manhã em lugares separados, claro. Dás a volta e apanhas o voo da tarde para Viena.

Gabriel levantou o sobrolho e olhou para Shamron desconfiado.

— E se for reconhecido no aeroporto e arrastado para uma sala para ser alvo de atenção especial austríaca?

— Há sempre essa possibilidade, mas já passaram treze anos. Além disso, estiveste em Viena recentemente. Eu lembro-me de uma reunião que tivemos no escritório do Eli o ano passado sobre a ameaça iminente à vida de Sua Santidade o Papa Paulo VII.

— Já estive de volta a Viena — admitiu Gabriel segurando o

seu falso passaporte.

— Mas nunca desta forma, e nunca pelo aeroporto.

Gabriel dispensou um longo momento avaliando o passaporte falso com o seu olhar de restaurador. Finalmente fechou-o e guardou-o no bolso. Chiara levantou-se e saiu da sala. Shamron observou-a enquanto saía e em seguida olhou para Gabriel.

— Parece que consegui atrapalhar sua vida mais uma vez.

— Porque é que haveria de ser diferente desta vez?

— Queres que fale com ela? Gabriel abanou a cabeça.

— Isto passa-lhe — disse. — Ela é uma profissional.

HOUVE MOMENTOS na vida de Gabriel, fragmentos de tempo, que ele pintou em tela e pendurou na cave do seu subconsciente. A esta galeria da memória adicionou Chiara como a via agora, sentada com as pernas afastadas em cima do seu corpo, banhada por uma luz de Rembrandt vinda dos postes de rua, com um edredom de cetim à volta das suas ancas e os seus seios nus. Outras imagens apoderaram-se dele. Shamron abrira-lhes a porta, e Gabriel, como de costume, era impotente para as empurrar de volta. Havia Wadal Adel Zwaiter, um intelectual magricela de casaco de xadrez, que Gabriel assassinara na entrada de um apartamento em Roma. Havia Ali Abdel Hamidi, que morrera pelas mãos de Gabriel numa ruela de Zurique, e Mahmoud al-Hourani, irmão mais velho de Tariq al-Hourani, a quem Gabriel dera um tiro num olho em Colônia enquanto estava nos braços de uma amante. Uma madeixa de cabelo caiu sobre os seios de Chiara. Gabriel afastou-a gentilmente. Ela olhou para ele. Era escuro de mais para se perceber a cor dos seus olhos, mas Gabriel conseguia sentir os seus pensamentos. Shamron treinara-o para sentir as emoções dos outros, assim como Umberto Conti o ensinara a imitar os velhos mestres. Gabriel, mesmo nos braços de uma amante, não conseguia evitar a sua busca incessante de sinais que o avisassem de traição.

— Não quero que vás a Viena — disse, colocando as mãos no peito de Gabriel.

Gabriel sentiu o coração bater contra a palma fria da sua mão.

— Não é seguro para ti. Mais que qualquer um, Shamron devia saber isso.

— Shamron tem razão. Foi há muito tempo.

— Sim foi, mas se voltares e começares a fazer perguntas sobre o atentado, vais entrar em atrito com a policia austríaca e com os serviços de segurança. Shamron está a usar-te para continuar em jogo. Não está a pensar no que é melhor para ti.

— Falas como um dos homens do Lev.

— É com você que me preocupo.

Inclinou-se e beijou-o na boca. Os seus lábios cheiravam a flores.

— Não quero que vá a Viena e se perca no passado.

Após um momento de hesitação, acrescentou:

— Tenho medo de te perder.

— Para quem?

Ela levantou o edredom até os ombros e cobriu os seios. A sombra de Leah caiu entre eles. Foi intencionalmente que Chiara a deixou entrar no quarto. Chiara só falava de Leah na cama, onde acreditava que Gabriel não lhe mentiria. Toda a vida de Gabriel era uma mentira mas com as suas amantes era sempre dolorosamente honesto. Só conseguia fazer amor com uma mulher se ela soubesse que ele havia assassinado homens em nome do seu país. Nunca contara mentiras sobre Leah. Considerava-se obrigado a falar honestamente sobre ela, mesmo com as mulheres que tinham tomado o lugar dela na cama.

— Tens alguma ideia de como isto é difícil para mim? — perguntou Chiara. — Toda a gente sabe da Leah. Ela é uma lenda no Departamento, como tu e o Shamron. Quanto tempo tenho de viver com medo de que um dia decida que não consegues mais estar assim?

— O que quer que eu faça?

— Case-se comigo, Gabriel. Fique em Veneza e restaure telas. Diga a Shamron para te deixar em paz. Tem cicatrizes no corpo todo. Já não fez o suficiente por seu país?

Ele fechou os olhos. Perante si abriu-se a porta de uma galeria. Relutante, atravessou para o outro lado e encontrou-se numa rua do velho bairro judeu de Viena com Leah e Dani a seu lado. Tinham acabado de jantar, a neve caía. Leah está nervosa. Havia uma televisão no bar do restaurante e, durante toda a refeição, tinham observado misseis iraquianos a chover sobre Tel Aviv. Leah está ansiosa por voltar a casa e telefonar à mãe. Apressa Gabriel no seu ritual de pesquisa debaixo do carro. Vá lá Gabriel, despacha-te. Quero falar com a minha mãe. Quero ouvir o som da sua voz. Ele levanta-se, prende Dani com o cinto de segurança, e beija Leah. Ainda consegue sentir o sabor de azeitona em sua boca. Volta-se e caminha para a catedral, onde, como parte do seu disfarce, está a restaurar um retábulo sobre o martírio de Santo Estêvão. Leah dá à chave. O motor hesita. Gabriel volta-se e grita-lhe que pare, mas Leah não o consegue ver porque o vidro do carro está embaciado pela neve. Volta a insistir com a chave...

Ele esperou até as imagens de fogo e sangue se dissolverem no escuro; em seguida disse a Chiara o que ela queria ouvir. Quando voltar de Viena vou visitar Leah no hospital e contar que se apaixonou por outra mulher.

O rosto de Chiara entristeceu-se.

— Gostaria que houvesse outra forma.

— Tenho de contar a verdade — disse Gabriel. — É o mínimo que ela merece.

— Ela compreenderá?

Gabriel encolheu os ombros. Leah sofria de depressão psicótica. Os médicos acreditavam que a noite da bomba se repetia ininterruptamente na sua cabeça como uma fita em loop. Não deixou espaço para impressões ou sons do mundo real. Gabriel muitas vezes pensava o que teria Leah visto dele nessa noite. Tê-lo-ia visto a caminhar em direção ao pináculo da catedral, ou tê-lo-ia sentido a puxar o seu corpo escurecido do fogo? Apenas tinha certeza de uma coisa. Leah não falava com ele. Há treze anos que não lhe dirigia a palavra.

— É por mim — disse ele. — Tenho de dizer o que sinto. Tenho de lhe dizer a verdade sobre ti. Não tenho nada que me envergonhar, e obviamente que não tenho vergonha de ti.

Chiara baixou o edredom e beijou-o fervorosamente. Gabriel conseguia sentir a tensão do corpo dela e a excitação da sua respiração. Mais tarde estava deitado a seu lado, afagando-lhe o cabelo. Não conseguia dormir, não numa noite antes de uma viagem de volta a Viena. Mas havia algo mais. Sentia-se como se tivesse cometido uma traição sexual. Era como se tivesse estado dentro de uma mulher de outro homem. Foi então que percebeu que, na sua cabeça, ele já era Gideon Argov. Chiara, de momento, era uma estranha.

4

VIENA

— PASSAPORTE, POR FAVOR.

Gabriel passou-o pela bancada, com o emblema para baixo. O agente olhou com estranheza para a capa gasta e dedilhou as páginas até encontrar o visto. Acrescentou mais um carimbo — com mais violência do que seria necessário, pensou Gabriel — e entregou-o de volta sem dizer uma palavra. Gabriel guardou o passaporte no bolso do casaco e dirigiu-se até o reluzente hall das chegadas, puxando a reboque uma mala de rodinhas.

Lá fora, tomou o lugar na fila para os táxis. Estava um frio desagradável, e o vento trazia neve. Fragmentos de alemão com

sotaque vienense chegam-lhe aos ouvidos. Ao contrário de muitos dos seus compatriotas, o simples som do alemão falado não o deixava nervoso. O alemão era a sua primeira língua e continuava a ser a língua dos seus sonhos. Falava-o perfeitamente, com o sotaque berlinense da sua mãe.

Chegou ao início da fila. Um Mercedes branco aproximou-se para o recolher. Gabriel decorou a matrícula antes de entrar para o banco de trás. Colocou o saco no assento e deu ao motorista uma morada a algumas ruas de distância do hotel onde tinha reserva.

O táxi precipitou-se pela via rápida, através de uma feia zona industrial de fábricas, centrais elétricas e gasodutos. Pouco depois, Gabriel avistou o topo iluminado da catedral de Santo Estêvão, como uma miragem sobre o centro da cidade. Ao contrário da maioria das cidades europeias, Viena tinha-se mantido intata e livre da influência urbana nociva. De fato, muito pouco da sua aparência e estilo de vida tinham mudado desde há um século, quando fora o centro administrativo de um império que se estendia da Europa Central aos Balcãs. Ainda era possível comer um bolo com creme no Demel da parte da tarde ou tomar um café demorado e ler um jornal no Landtmann ou no Central. No centro da cidade era melhor abandonar o carro e apanhar o elétrico ou andar a pé pelas reluzentes avenidas pedestres alinhadas de arquitetura barroca e gótica e lojas exclusivas. Os homens ainda usavam ternos verde-escuro e chapéu tirolês com uma pena na aba; as mulheres ainda consideravam moda andar vestidas à camponesa. Brahms disse que escolhera Viena porque preferia trabalhar numa aldeia. Ainda era uma aldeia, pensou Gabriel, com o desprezo aldeão à mudança e o despeito aldeão a estranhos. Para Gabriel, Viena seria sempre uma cidade de fantasmas.

Foram dar à Ringstrasse, a avenida larga que circula o centro da cidade. O belo rosto de Peter Metzler, o candidato a presidente do conselho de ministros do Partido Nacional Austríaco da extrema-direita, sorriu a Gabriel por entre os postes de luz que passavam. Era época de eleições e a avenida estava pejada de cartazes de campanha. A campanha bem financiada de Metzler claramente não tinha olhado a despesas. A sua cara estava por toda a parte, o seu olhar era inevitável. Bem como o seu slogan de campanha:

EINE NEUE ORDNUNG FÜR EINNEUES ÖSTERREICH! UMA NOVA ORDEM PARA UMA NOVA ÁUSTRIA!

Os austríacos, pensou Gabriel, são sabem ser sutis.

Gabriel abandonou o táxi perto da casa da ópera estatal e caminhou uma curta distância até uma rua estreita chamada Weihburggasse. Aparentemente ninguém o seguia, embora ele soubesse por experiência que espiões habilidosos eram quase impossíveis de detectar. Entrou num pequeno hotel. O recepcionista,

quando viu o seu passaporte israelense, adoptou uma postura séria e murmurou umas palavras de simpatia sobre o terrível bombardeamento no bairro judaico. Gabriel, no papel de Gideon Argov, dispensou alguns minutos a conversar com o recepcionista em alemão antes de subir as escadas até o seu quarto no segundo andar. Este tinha o chão de madeira cor de mel e portas francesas com vista para um escuro pátio interior. Gabriel afastou as cortinas e deixou o saco na cama, bem à vista. Antes de sair, colocou um sinal na ombreira da porta que o avisaria se alguém tivesse entrado no quarto durante a sua ausência. Regressou à entrada do hotel. O recepcionista sorriu-lhe como se não o visse há cinco anos, em vez de há cinco minutos. Lá fora tinha começado a nevar. Caminhou pelas ruas escuras do centro da cidade, verificando, nas suas costas, se era seguido. Parou em frente a montras de lojas para espreitar por cima do ombro, escondeu-se numa cabine telefônica fingindo fazer uma chamada enquanto vasculhava em seu redor. Numa banca de revistas comprou um exemplar do Die Presse, em seguida, umas centenas de metros adiante, deitou-o num caixote do lixo. Finalmente, convencido de que não estava a ser seguido, entrou na estação de U-Bahn de Stephansplatz.

Não tinha necessidade de consultar os mapas iluminados do sistema de transportes de Viena, pois sabia-os de cor. Comprou um bilhete na máquina automática, em seguida passou pelo torniquete e desceu à plataforma. Embarcou numa carruagem e memorizou os rostos à sua volta. Cinco paragens mais tarde, na Westbahnhof, transferiu-se para um trem da zona norte na linha U6. O Hospital Geral de Viena tinha a sua própria estação. Uma escada rolante elevou-o lentamente até um pátio coberto de neve, a alguns passos da entrada principal, em Währinger Gurtel 18-20.

Um hospital ocupava esta pequena porção de terreno em Viena ocidental há mais de trezentos anos. Em 1693, o Imperador Leopoldo I, preocupado com o estado lamentável dos pobres da cidade, ordenara a construção da Casa para os Pobres e Inválidos. Um século mais tarde, o Imperador José II rebatizou as instalações de Hospital Geral para os Doentes. O antigo edifício ficou, algumas ruas acima na Alserstrasse, mas à sua volta nasceu um moderno complexo universitário hospitalar espalhado por vários quarteirões da cidade. Gabriel conhecia-o bem.

Um homem da embaixada estava abrigado no pórtico, por baixo de uma inscrição onde se lia:

SALUTI ET SOLATIO AEGRORUM: CURAR E CONSOLAR OS DOENTES.

Era um diplomata baixo, com ar nervoso, chamado Zvi. Apertou a mão de Gabriel e, após um breve exame de seu passaporte e cartão de visita, lamentou a morte das duas colegas.

Entraram no hall principal. Estava deserto, com exceção de um velho de barba branca rala sentado na ponta de um sofá, com os pés juntos e as mãos sobre os joelhos, como um viajante que espera um trem atrasado. Resmungava para dentro. À passagem de Gabriel, o velho olhou para cima e os seus olhares cruzaram-se brevemente. Gabriel entrou, em seguida, num elevador e o velho desapareceu atrás das portas deslizantes.

Quando as portas do elevador voltaram a abrir-se no oitavo andar, Gabriel foi saudado pela visão agradável de uma israelense alta e loura de tailleur e receptor na orelha. À entrada da unidade de cuidados intensivos estava outro segurança. Um terceiro, pequeno, escuro e vestindo terno amarrotado, estava à porta do quarto de Eli. Desviou-se para que Gabriel e o diplomata pudessem entrar. Gabriel parou e perguntou por que não estava a ser revistado.

— Está com Zvi. Não preciso de o revistar. Gabriel levantou os braços.

— Reviste-me.

O segurança inclinou a cabeça e consentiu. Gabriel reconheceu o padrão de revista. Era segundo as regras. A revista nos fundilhos foi mais intrusiva do que necessário, mas Gabriel estava a pedi-las.

Quando terminou disse:

— Reviste toda a gente que entrar neste quarto.

Zvi, o homem da embaixada, assistiu à cena. Obviamente já não acreditava que o homem de Jerusalém fosse Gideon Argov, do Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra. Gabriel pouco se importava. O seu amigo estava deitado indefeso do outro lado da porta. Era preferível fazer umas ondas a deixá-lo morrer por negligência.

Seguiu Zvi até dentro do quarto. A cama estava detrás de um biombo de vidro. O paciente não se parecia muito com Eli, mas Gabriel não ficou surpreso. Como a maioria dos israelenses, ele já testemunhara o que uma bomba faz a um corpo humano. O rosto de Eli estava oculto pela máscara de um ventilador, os olhos cobertos com gaze, a cabeça cheia de ligaduras. A parte exposta das bochechas e queixo revelavam os efeitos do vidro que lhe explodira na cara. Uma enfermeira de cabelo preto curto e olhos muito azuis verificava o soro. Olhou para o quarto das visitas e por instantes reparou em Gabriel antes de voltar ao trabalho. Os seus olhos não se enganavam.

Zvi, depois de deixar Gabriel um momento sozinho, caminhou até o vidro e atualizou-o sobre o estado clínico do colega. Falou com a precisão de um homem que já tinha visto muitos programas médicos

na televisão. Gabriel, com os olhos fixos no rosto de Eli, apenas ouviu metade do que o diplomata estava a dizer — o suficiente para perceber que o seu amigo estava às portas da morte, e que, mesmo que sobrevivesse, provavelmente nunca mais seria o mesmo.

— De momento — concluiu Zvi — as máquinas mantêm-no vivo.

— Porque é que tem os olhos ligados?

— Fragmentos de vidro. Conseguiram tirar a maior parte, mas ainda tem uma meia dúzia alojada nos olhos.

— Vai ficar cego?

— Não se saberá enquanto ele não estiver consciente — disse Zvi. Em seguida acrescentou pessimista:

— Se voltar a estar.

Um médico entrou no quarto. Cumprimentou Gabriel e Zvi com um movimento de cabeça, em seguida abriu a porta de vidro e entrou na cabina protetora. A enfermeira afastou-se da cama e o médico tomou o seu lugar. Ela deu a volta e colocou-se aos pés da cama em frente ao vidro. Pela segunda vez o seu olhar cruzou-se com o de Gabriel, subitamente fechou a cortina soltando-a com um puxão preciso do pulso. Gabriel caminhou até o bali seguido por Zvi.

— Está bem?

— Vou ficar bem. Só preciso de um minuto sozinho.

O diplomata voltou para dentro. Gabriel apertou as mãos atrás das costas como um soldado à vontade, e afastou-se devagar pelo familiar corredor. Passou o posto das enfermeiras. A mesma paisagem banal das ruas de Viena via-se da janela. O cheiro também era o mesmo — a desinfetante e a morte.

Chegou a uma porta entreaberta com o número 2602-C. Empurrou-a gentilmente com a ponta dos dedos e esta abriu-se silenciosamente. O quarto estava escuro e desocupado. Gabriel espiou por cima do ombro. Não havia enfermeiras por perto. Esgueirou-se para dentro e fechou a porta atrás de si. Deixou as luzes apagadas e esperou que os olhos se habituassem à escuridão. Em breve o quarto estava visível: a cama vazia, a bancada de monitores silenciosos, a cadeira de vinil. A cadeira mais desconfortável de Viena. Ele passara dez noites naquela cadeira, a maioria delas sem dormir. Apenas uma vez Leah tinha ficado consciente. Perguntou por Dani, e Gabriel, precipitadamente, disse-lhe a verdade. Lágrimas tinham escorrido por seu rosto ferido. Nunca mais falou com Gabriel.

— Não devia estar aqui.

Gabriel voltou-se sobressaltado. A voz era da enfermeira que estava ao lado de Eli momentos antes. Falou-lhe em alemão. Ele respondeu na mesma língua.

— Desculpe, eu apenas...

— Eu sei o que está fazendo.

Ela permitiu que um momento de silêncio caísse entre os dois.

— Eu me lembro de você.

Encostou-se à porta e cruzou os braços. A cabeça inclinou-se para um dos lados. Se não fosse pelo largo uniforme de enfermeira e o estetoscópio pendurado no pescoço, Gabriel teria pensado que ela estava flertando com ele.

— Sua mulher é aquela que estava na explosão de um carro, anos atrás. Eu era jovem na época, estava apenas começando na enfermagem. Tomava conta dela durante a noite. Não se lembra?

Gabriel olhou-a por um momento. Finalmente disse:

— Acho que está enganada. Esta é minha primeira vez em Viena. E nunca fui casado. Desculpe — acrescentou apressadamente dirigindo-se à porta. — Não devia ter vindo aqui. Eu só precisava de um lugar para pôr os meus pensamentos em ordem.

Passou por ela. Ela tocou-lhe no braço.

— Diga-me uma coisa — disse ela.

— Ela está viva?

— Quem?

— A sua esposa, claro.

— Desculpe — disse com firmeza — mas está me confundindo com outra pessoa.

Ela acenou com a cabeça.

— Como queira.

Os seus olhos azuis umedeceram e brilharam na meia luz.

— É seu amigo, Eli Lavon?

— Sim, é. Um amigo muito íntimo. Trabalhamos juntos. Eu moro em Jerusalém. Jerusalém — repetiu ela, como se gostasse do som da palavra.

— Gostaria de visitar Jerusalém um dia. Os meus amigos acham que sou maluca. Sabe como é, os homens-bomba, e todas as outras coisas...

A sua voz perdeu-se.

— Mesmo assim quero ir.

— Devia — disse Gabriel.

— É um local maravilhoso. Tocou-lhe no braço uma segunda vez.

— Os ferimentos do seu amigo são graves. O seu tom era amável, provido de lamento.

— Vai passar por tempos muito duros.

— Vai sobreviver?

— Não estou autorizada a responder a questões dessa natureza. Só os médicos podem dar prognósticos. Mas se quer a minha opinião, passe algum tempo com ele. Diga-lhe coisas. Nunca se sabe, talvez ele

consiga escutá-lo.

ELE FICOU MAIS UMA HORA, olhando, através do vidro, para a figura imóvel de Eli. A enfermeira regressou. Passou alguns minutos a verificar os sinais vitais de Eli, em seguida fez um sinal a Gabriel para que entrasse no quarto.

— É contra as regras — disse em tom conspiratório.

— Eu vigio a porta.

Gabriel não falou com Eli, apenas segurou a sua mão ferida e inchada. Não havia palavras para descrever a dor que sentia ao ver outro ente querido deitado numa cama de hospital vienense. Passados cinco minutos a enfermeira voltou, colocou a mão no ombro de Gabriel e disse-lhe que estava na altura de sair. Lá fora, no corredor, disse-lhe que o seu nome era Marguerite.

— Estou de serviço amanhã à noite — disse. — Vejo-o nessa altura, espero. Zvi tinha saído; uma nova equipe de guardas estava de serviço. Gabriel apanhou o elevador até o hall e saiu para a rua. A noite estava ainda mais fria. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco e apressou o passo. Estava prestes a apanhar a escada rolante até a estação de U-Bahn quando sentiu uma mão no seu braço. Voltou-se, esperando encontrar Marguerite, mas em vez disso ficou cara a cara com o velho que falava sozinho no hall quando Gabriel chegou.

— Ouvi-o falar em hebraico com aquele homem da embaixada.

O seu alemão vienense era freneticamente apressado, os seus olhos estavam úmidos.

— É israelense, não é? Um amigo de Eli Lavon? Não esperou por resposta.

— O meu nome é Max Klein, e isto é tudo culpa minha. Por favor, tem de acreditar em mim. Isto é tudo culpa minha.

VIENA

MAX KLEIN MORAVA à distância de uma parada de trólei, num elegante bairro velho mesmo por trás da Ringstrasse. Morava num distinto bloco de apartamentos estilo século XIX com uma entrada que dava para um enorme pátio interior. O pátio era escuro, iluminado apenas pelo brilho suave de luzes dos apartamentos em volta. Uma segunda entrada conduzia a um pequeno hall bem cuidado. Gabriel olhou para a lista do porteiro. A meio viu as palavras:

M. KLEIN — 3B.

Não havia elevador. Gabriel agarrou-se ao corrimão de madeira enquanto galgava os degraus com os seus pés pesados. No patamar do terceiro andar havia duas portas de madeira com binóculo. Deslocando-se até a da direita, Klein retirou um conjunto de chaves do bolso do casaco. A sua mão tremia tanto que as chaves tilintavam como um instrumento de percussão.

Abriu a porta e entrou. Gabriel hesitou mesmo à entrada. Tinha-lhe ocorrido, enquanto viajava no trólei ao lado de Klein, que não devia encontrar-se com ninguém em circunstâncias assim. Experiência e lições duras ensinaram-lhe que mesmo o que parecia ser um judeu octogenário tinha de ser visto como uma potencial ameaça. No entanto, qualquer inquietação que Gabriel estivesse a sentir evaporou-se rapidamente, ao ver Klein ligar praticamente todas as luzes do apartamento. Não era atitude de um homem que estivesse a preparar uma armadilha, pensou. Max Klein estava aterrorizado.

Gabriel seguiu-o até o interior do apartamento e fechou a porta. Sob a luz brilhante, finalmente conseguiu observá-lo bem. Os olhos vermelhos e remelosos de Klein eram ampliados por um par de grossos óculos pretos. A barba, espessa e branca, já não escondia as manchas de fígado nas suas faces. Gabriel sabia, mesmo antes de Klein lhe dizer, que era um sobrevivente. Fome, como balas e fogo, deixam cicatrizes. Gabriel tinha visto as diferentes versões do rosto na sua cidade rural do vale de Jezreel. Tinha-as visto nos seus pais. — Vou fazer um chá — anunciou Klein antes de desaparecer por um par de portas duplas para a cozinha.

Chá à meia-noite, pensou Gabriel. Ia ser uma noite longa. Aproximou-se da janela e afastou os estores. A neve tinha parado por

agora, e a rua estava vazia. Sentou-se. A sala lembrava-lhe o escritório de Eli: o teto alto estilo século XIX, a maneira desordenada como os livros estavam arrumados nas prateleiras. Elegante desordem intelectual.

Klein voltou e colocou um serviço de chá em prata numa mesa baixa. Sentou-se em frente a Gabriel e observou-o em silêncio por um momento.

— Fala alemão bastante bem — disse finalmente. — De fato, fala como um berlinense.

— A minha mãe era de Berlim — disse Gabriel com franqueza mas eu nasci em Israel. Klein estudou-o cuidadosamente, como se também ele procurasse as cicatrizes de um sobrevivente. Em seguida levantou as palmas das mãos ironicamente, um convite a preencher os espaços em branco. Onde estava ela? Como é que ela sobreviveu? Estava num campo ou saiu antes da loucura?

— Ficaram em Berlim e depois foram deportados para os campos

— disse Gabriel. — O meu avô era um conhecido pintor. Nunca acreditou que os alemães, um povo que ele pensava ser o mais civilizado do mundo, fossem tão longe.

— Como se chamava o seu avô?

— Frankel — disse Gabriel, mais uma vez pendendo para a verdade.

— Viktor Frankel.

Klein acenou lentamente em reconhecimento do nome.

— Eu vi o seu trabalho. Era um discípulo de Max Beckmann, não era? Extremamente talentoso.

— Sim, é verdade. O seu trabalho foi considerado degenerado pelos nazistas logo no início e grande parte foi destruído. Também perdeu o emprego no instituto de arte em Berlim onde dava aulas.

— Mas ficou.

Klein abanou a cabeça.

— Ninguém acreditava que pudesse acontecer.

Parou um momento, os seus pensamentos estavam longe.

— Então o que lhes aconteceu?

— Foram deportados para Auschwitz. A minha mãe foi enviada para o campo de mulheres em Birkenau e conseguiu sobreviver mais de dois anos até ser libertada.

— E os seus avós?

— Caseados à chegada.

— Lembra-se da data?

— Penso que foi em Janeiro de 1943 — disse Gabriel.

Klein tapou os olhos.

— Há alguma coisa de significativa na data, Herr Klein?

— Sim — disse Klein de modo ausente. — Eu estava lá na noite em que os transportes chegaram de Berlim. Eu lembro-me muito bem. Sabe, Sr. Argov, eu era um violinista na orquestra do campo de Auschwitz. Toquei música para demônios numa orquestra de condenados. Toquei serenatas aos condenados enquanto se dirigiam lentamente para as câmaras de gás.

O rosto de Gabriel permaneceu tranquilo. Max Klein era claramente um homem com um grande sentimento de culpa. Acreditava que carregava a responsabilidade pela morte daqueles que desfilaram à sua frente para a câmara de gás. Era loucura, com certeza. Ele não era mais culpado que qualquer outro judeu que trabalhava como escravo nas fábricas ou nos campos de Auschwitz só para conseguir sobreviver mais um dia.

— Mas não foi essa a razão pela qual me abordou esta noite no hospital. Queria me dizer algo sobre o atentado ao Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra?

Klein acenou com a cabeça.

— Como eu disse, isto é tudo culpa minha. Eu sou o responsável pela morte daquelas duas lindas moças. Eu sou a razão pela qual o seu amigo Eli Lavon está deitado naquela cama de hospital às portas da morte.

— Está dizendo que colocou a bomba? — perguntou Gabriel num tom propositadamente incrédulo para a questão soar irracional.

— Claro que não! — cortou Klein. — Mas temo ter iniciado uma cadeia de eventos que fez com que outros a colocassem lá.

— Por que não me diz simplesmente tudo o que sabe, Herr Klein? Deixe-me julgar quem é culpado.

— Só Deus pode julgar — disse Klein.

— Talvez, mas por vezes até Deus precisa de uma pequena ajuda.

Klein sorriu e serviu-se de chá. Em seguida contou a história desde o início. Gabriel esperou pelo seu momento e não o apressou. Eli Lavon teria jogado da mesma maneira. "Para os velhos, a memória é como uma pilha de porcelanas", Lavon dizia sempre. "Se tentas tirar um prato do meio, a coisa parte-se toda por aí abaixo."

O APARTAMENTO PERTENCERA AO PAI. Antes da guerra, Klein tinha lá vivido com os pais e duas irmãs mais novas. O pai, Solomon, era um bem-sucedido comerciante de têxteis, e os Klein viviam uma simpática existência de classe média-alta: lanches nas melhores pastelarias de Viena, serões no teatro ou na ópera, verões na modesta casa de campo da família no sul. O jovem Max Klein era um violinista promissor -Ainda não estava pronto para a sinfonia ou para

a ópera, Sr. Argov, mas já era bom o suficiente para encontrar trabalho em pequenas orquestras de câmara vienenses.

— O meu pai, mesmo quando vinha cansado de trabalhar o dia todo, raramente perdia um concerto. — Klein sorriu pela primeira vez com a memória do seu pai a vê-lo tocar. — O fato de ter um filho músico em Viena deixava-o extremamente orgulhoso.

O seu mundo idílico teve um fim abrupto a 12 de Março de 1938. Era sábado — lembrou Klein — e para a esmagadora maioria dos austríacos, a visão das tropas da Wehrmacht a marchar pelas ruas de Viena era motivo de celebração.

— Para os judeus, Sr. Argov... para nós, apenas pavor.

Os piores medos da comunidade foram rapidamente concretizados. Na Alemanha, a ameaça aos judeus tinha sido empreendida gradualmente. Na Áustria, foi instantânea e selvagem. Em dias, todos os negócios judeus foram marcados com tinta vermelha. Todo o não judeu que entrasse era agredido por Camisas Castanhas e SS. Muitos eram obrigados a usar placas que declaravam: Eu, ariano porco, comprei numa loja judaica. Os judeus foram proibidos de ter propriedade, de ter emprego em qualquer profissão ou de empregar alguém, de entrar num restaurante ou pastelaria, de pisar os parques públicos de Viena. Os judeus foram proibidos de possuir máquinas de escrever ou rádios, porque isto poderia facilitar a comunicação com o mundo exterior. Os judeus foram arrastados das suas casas e sinagogas e espancados nas ruas.

— A 14 de Março, a Gestapo arrombou a porta deste apartamento e roubou os nossos bens mais valiosos: as nossas mantas, a nossa prata, os nossos quadros, até os nossos castiçais shabat. O meu pai e eu fomos levados sob custódia e forçados a esfregar os passeios com água a ferver e uma escova de dentes. O rabi da nossa sinagoga foi atirado violentamente para a rua e a sua barba arrancada do rosto enquanto uma multidão de austríacos olhava e zombava. Tentei impedi-los e fui espancado quase até a morte. Não podia ser levado a um hospital, claro. Era proibido pelas novas leis antisemitas.

Em menos de uma semana, a comunidade judaica da Áustria, uma das mais vitais e influentes de toda a Europa, foi feita em farrapos: centros comunitários e sociedades judaicas foram fechados, líderes na cadeia, sinagogas fechadas, livros de rezas queimados em grandes fogueiras ao ar livre. A 1 de Abril, cem figuras públicas notáveis foram deportadas para Dachau. Num mês, quinhentos judeus optaram pelo suicídio a ter de enfrentar mais um dia de tormento, incluindo uma família de quatro elementos, vizinha dos Klein.

— Mataram-se, um de cada vez — disse Klein. — Deitei-me na cama e ouvi tudo. Um tiro, seguido de choro. Outro tiro, mais choro. Depois do quarto tiro, não havia mais ninguém para chorar, ninguém

exceto eu.

Mais de metade da comunidade decidiu deixar a Áustria e emigrar para outras terras. Max Klein estava entre eles. Conseguiu um visto para a Holanda e viajou para lá em 1939. Em menos de um ano já estava debaixo da bota nazista outra vez.

— O meu pai decidiu ficar em Viena — disse Klein. — Acreditava na lei, está vendo. Pensou que se simplesmente aderisse à lei, tudo iria correr bem, e a tempestade iria passar mais cedo ou mais tarde. Piorou, claro, e quando finalmente decidiu sair, já era demasiado tarde.

Klein tentou servir-se de mais uma xícara de chá, mas a sua mão tremia violentamente. Gabriel serviu-o gentilmente e perguntou o que tinha acontecido aos pais e às duas irmãs.

— No Outono de 1941, foram deportados para a Polónia e confinados no gueto judeu de Lodz. Em Janeiro de 1942, foram deportados pela derradeira vez para o campo de extermínio de Chelmno.

— E você?

A cabeça de Klein descaiu para o lado.

— E eu?

A mesma sorte, final diferente. Preso em Amsterdã em Junho de 1942, detido no campo de trânsito de Westerbork, em seguida enviado para leste, para Auschwitz. No caminho-de-ferro, meio-morto de sede e fome, uma voz. Um homem com vestes de prisioneiro anda a perguntar se há músicos no recém-chegado trem. Klein liga-se à voz, um homem perdido em busca de uma tábua de salvação. Sou violinista, disse ao homem às riscas. Tem algum instrumento? Levanta uma mala gasta, a única coisa que tinha trazido de Westerbork. Venha comigo. Este é o seu dia de sorte.

— O meu dia de sorte — repetiu Klein de modo ausente. — Nos dois anos e meio seguintes, enquanto mais de um milhão se esfuma, os meus colegas e eu tocamos música. Tocamos na rampa de seleção para ajudar os nazistas a criar a ilusão que os recém-chegados vieram para um lugar agradável. Tocamos enquanto os mortos-vivos se arquivam nas câmaras de despir. Tocamos no pátio durante as intermináveis chamadas. De manhã, tocamos enquanto os escravos alinham para o trabalho, e de tarde, enquanto cambaleiam de volta às casernas com a morte nos olhos, estamos a tocar. Tocamos antes das execuções. Aos domingos tocamos para o Kommandant e o seu pessoal. O suicídio mingua continuamente o nosso grupo. Em breve sou eu que trabalho a multidão na rampa, em busca de músicos para preencher as cadeiras vazias.

Um domingo de tarde. E algures durante o Verão de 1942, mas peço desculpa Sr. Argov, não me recordo da data exata. Klein está a

regressar à sua caserna depois do concerto de domingo. Um oficial das SS aparece por trás e empurra-o para o chão. Klein levanta-se e fica em sentido, evitando olhar o SS nos olhos. Mesmo assim, vê o suficiente do rosto para perceber que já encontrou aquele homem antes. Foi em Viena, no Departamento Central de Emigração Judaica, mas nesse dia ele vestia um fino terno cinza e estava ao lado de nada menos que Adolf Eichmann.

— O Sturmbannführer disse-me que gostaria de fazer uma experiência — disse Klein. — Ordenou-me que tocasse a Sonata Nº 1 de Brahms para Violino e Piano em Sol Maior. Retiro o violino da caixa e começo a tocar. Um colega passa. O Sturmbannführer pergunta-lhe o nome da peça que estou a tocar. O colega diz que não sabe. O Sturmbannführer saca da pistola e dá-lhe um tiro na cabeça. Encontra outro colega e coloca a mesma questão. Que peça está este belo violinista a tocar? E assim prossegue durante a próxima hora. Os que conseguem responder corretamente são poupados. Os que não conseguem, ele dá-lhes um tiro na cabeça. Quando acabou, quinze corpos estão estendidos a meus pés. Quando a sua sede de sangue judeu está satisfeita, o homem de negro sorri e afasta-se. Eu deitei-me com os mortos e disse-lhes as palavras de luto Kadish.

KLEIN FEZ UM LONGO SILÊNCIO. O som sibilante de um carro ouviu-se vindo da rua. Klein levantou a cabeça e recomeçou a falar. Ainda não estava totalmente pronto para estabelecer a ligação entre a atrocidade de Auschwitz e o atentado ao Escritório de Investigação e Reclamações, embora agora Gabriel tivesse uma clara ideia de onde a história o iria levar. Continuou, cronologicamente, uma porcelana de cada vez, como Lavon teria dito. Sobrevivência em Auschwitz. Libertação. O seu regresso a Viena... A comunidade contava 185 000 antes da guerra, disse. Sessenta e cinco mil morreram no Holocausto. Mil e setecentas almas despedaçadas vieram aos tropeções de volta para Viena em 1945, apenas para serem saudadas com hostilidade aberta e uma nova onda antissemita. Aqueles que emigraram sob a ameaça de uma arma alemã sentiram-se desencorajados a voltar. Exigências de restituição financeira eram respondidas com silêncio ou eram sarcasticamente desviadas para Berlim. Klein, regressando à sua casa no Segundo Bairro, encontrou uma família austríaca a viver no apartamento. Quando lhes pediu que saíssem, recusaram-se. Levou uma década até arrancá-los de lá. Quanto ao negócio têxtil de seu pai, desaparecera para sempre e nenhuma restituição foi jamais efetuada. Amigos encorajaram-no a ir para Israel ou para a América. Klein recusou. Jurou permanecer em Viena, como uma memória viva, que respira, que anda, para todos aqueles que foram expulsos ou assassinados nos campos da morte. Deixou seu violino para trás, em

Auschwitz, e nunca mais voltou a tocar. Ganhava a vida trabalhando ao balcão de uma loja de tecidos, e mais tarde como vendedor de seguros. Em 1995, no quinquagésimo aniversário do fim da guerra, o governo concordou em pagar a cada judeu austríaco sobrevivente seis mil dólares aproximadamente. Klein mostrou a Gabriel o cheque. Nunca tinha sido descontado.

— Não quero o dinheiro deles — disse. — Seis mil dólares? Pelo quê? Pela minha mãe e meu pai? Pelas minhas duas irmãs? Pela minha casa? Pelos meus bens?

Jogou o cheque na mesa. Gabriel olhou o relógio de pulso e viu que já eram duas e meia da manhã. Klein estava acabando, rodeando o assunto principal.

Gabriel resistiu ao impulso de lhe dar uma cotovelada, com medo que o velho homem, no seu estado precário, pudesse tropeçar e não recuperasse o passo.

— Há dois meses, parei no Café Central. Deram-me uma agradável mesa junto a um pilar. Pedi um Pharisäer.

Fez uma pausa e levantou o sobrolho.

— Sabe o que é um Pharisäer., Sr. Argov? Café com chantilly e um pequeno copo de rum.

Pedi desculpas pela bebida alcoólica.

— Foi no fim da tarde, sabe, estava frio.

Um homem entra no café, alto, bem vestido, uns anos mais velho que Klein.

— Um austríaco da velha escola, se me compreende, Sr. Argov. Há uma arrogância no seu andar que faz com que Klein baixe o seu jornal. O garçom apressa-se na sua direção para o cumprimentar enquanto esfrega as mãos avidamente, esperando passo a passo como um menino de escola aflito para mijar. Boa tarde, Herr Vogel. Já estava a pensar que não o iria ver hoje. A sua mesa do costume? Deixe-me adivinhar: um café com creme? E que tal um doce? Disseram-me que a torta de chocolate está maravilhosa hoje, Herr Vogel... Então o velho diz umas palavras e Max Klein sente a espinha gelar. É a mesma voz que lhe ordenou que tocasse Brahms em Auschwitz, a mesma voz que calmamente perguntou aos colegas de Klein que identificassem a peça ou sofressem as consequências. E aqui estava o assassino, próspero e saudável, pedindo um café com creme e uma torta de chocolate no Central.

— Senti vontade de vomitar — disse Klein. — Joguei dinheiro na mesa e corri para fora do Café. Olhei uma vez pela janela e vi o monstro chamado Herr Vogel lendo o jornal. Foi como se o encontro nunca tivesse acontecido na realidade.

Gabriel resistiu ao impulso de perguntar como, depois de tanto tempo, Klein podia ter tanta certeza de que o homem do Café Central

era o mesmo de Auschwitz sessenta anos antes. Se Klein estava certo ou errado não era tão importante como o que aconteceu a seguir.

— O que fez depois disso, Herr Klein?

— Tornei-me cliente regular do Café Central. Em breve, também eu era cumprimentado pelo nome. Em breve, também eu tinha a mesa de costume, bem ao lado do distinto Herr Vogel. Começamos a dar boa-tarde um ao outro. Às vezes, enquanto líamos o jornal, conversávamos sobre política e as coisas do mundo. Apesar da idade, sua mente era muito aguçada. Disse-me que era um homem de negócios, investidor ou algo assim.

— E quando soube o máximo que pôde tomando café ao lado dele, foi ver Eli Lavon ao Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra?

Klein anuiu lentamente com a cabeça.

— Ele ouviu a minha história e prometeu investigar. Entretanto pediu que parasse de frequentar o Café Central. Fiquei relutante. Tinha medo de que ele escapasse novamente. Mas fiz o que seu amigo pediu.

— E depois?

— Passaram-se algumas semanas. Finalmente recebo uma chamada. Era uma das moças do escritório, a americana chamada Sarah. Informou que Eli Lavon tinha novidades para mim. Pediu que fosse até o escritório na manhã seguinte às dez. Disse-lhe que lá estaria, e desliguei o telefone.

— Quando foi isso?

— No mesmo dia do atentado.

— Contou alguma coisa à polícia?

Klein disse que não, abanando a cabeça.

— Como deve calcular, Sr. Argov, não sou grande fã de austríacos fardados. Também tenho a noção do registro esfarrapado que o meu país tem quando se trata de perseguir criminosos de guerra. Fiquei em silêncio. Fui ao Hospital Geral de Viena e observei os oficiais israelenses a entrar e a sair. Quando chegou o embaixador, tentei aproximar-me dele, mas fui afastado pelos seguranças. Então esperei até que surgisse a pessoa certa. Você parecia ser. É você a pessoa certa, Sr. Argov?

O APARTAMENTO do outro lado da rua era idêntico ao de Max Klein. No segundo andar estava um homem, na janela escura, com uma câmara encostada ao olho. Focou a lente

na figura que caminhava a passos largos pela entrada do prédio de Klein até a rua. Tirou uma série de fotografias, em seguida baixou a câmara e sentou-se em frente a um gravador. No escuro, levou algum tempo até encontrar o botão de PLAY.

— Então esperei até que surgisse a pessoa certa. Você parecia sê-lo. É você a pessoa certa, Sr. Argov?

— Sim, Herr Klein. Sou a pessoa certa. Não se preocupe, eu vou ajudá-lo.

— Na da disto teria acontecido se não tivesse sido eu. Aquelas moças estão mortas por minha causa. Eli Lavon está naquele hospital por minha causa.

— Isso não é verdade. Não fez nada de errado. Mas pelos acontecimentos recentes, estou preocupado com a sua segurança.

— Também eu.

— Tem andado alguém a segui-lo?

— Não que eu tenha reparado, mas não tenho certeza se saberia caso andassem.

— Recebeu algum telefonema ameaçador?

— Não.

— Alguém, seja quem for, tentou contatá-lo desde o atentado?

— Só uma pessoa, uma mulher chamada Renate Hoffmann.

STOP. REWIND. PLAY.

— Só uma pessoa, uma mulher chamada Renate Hoffmann.

— Conhece-a?

— Não, nunca ouvi falar dela.

— Falou com ela?

— Não, deixou uma mensagem no meu gravador.

— O que queria?

— Falar.

— Deixou algum contato?

— Sim, eu tomei nota. Espere só um minuto. Sim, aqui está.

Renate Hoffmann, cinco-três-três-um-nove-zero-sete.

STOP. REWIND. PLAY.

— Renate Hoffmann, cinco-três-três-um-nove-zero-sete.

STOP.

6

VIENA

A COLIGAÇÃO para Uma Áustria Melhor tinha todas as características de uma causa nobre sem esperança. Estava localizada no segundo andar de um velho armazém em ruínas do Vigésimo Bairro, com janelas cobertas de fuligem e vista para a gare dos caminhos-de-ferro. O espaço de trabalho era aberto, amplo e impossível de aquecer

devidamente. Gabriel, ao chegar lá na manhã seguinte, encontrou grande parte do jovem staff usando camisolas grossas e gorros de lã.

Renate Hoffmann era a diretora jurídica do grupo. Gabriel telefonou-lhe de manhã cedo, fazendo-se passar por Gideon Argov de Jerusalém, e falou-lhe do encontro que tivera na noite anterior com Max Klein. Renate Hoffmann concordou imediatamente em encontrar-se com ele, em seguida desligou, como se estivesse reticente em discutir o assunto via telefone.

Tinha um cubículo como escritório. Quando Gabriel apareceu, estava ao telefone. Apontou para uma cadeira vazia com a ponta de uma caneta mastigada. Um momento mais tarde, concluiu a conversa e levantou-se para o cumprimentar. Era alta e mais bem vestida que o resto do staff: camisola e saia pretas, meias pretas, sapatos rasos pretos. O cabelo era aloirado e não chegava a tocar nos ombros largos e atléticos. De risca ao lado, caía naturalmente pelo rosto, segurava uma incômoda madeixa com a mão esquerda enquanto a direita apertava firmemente a mão de Gabriel. Não tinha anéis nos dedos, não tinha maquiagem no seu atraente rosto, e nenhum outro perfume que não o cheiro do tabaco. Gabriel calculou que ela ainda não teria chegado aos trinta e cinco. Voltaram a sentar-se, e ela colocou uma série de questões bruscas ao estilo de advogado. Há quanto tempo conhecia Eli Lavon? Como encontrara Max Klein? O que é que ele lhe dissera? Quando chegara a Viena? Com quem se encontrara? Já discutira o assunto com as autoridades austríacas? Com oficiais da embaixada israelense? Gabriel sentiu-se um pouco como um acusado em tribunal, contudo suas respostas eram educadas e tão exatas quanto possível.

Renate Hoffmann, completando o seu exame cruzado, fitou-o incrédula por um momento. Em seguida levantou-se de repente e vestiu um longo sobretudo cinza com grandes enchumaces.

— Vamos dar um passeio.

Gabriel olhou para a rua pelas janelas manchadas de fuligem e viu que estava a cair neve misturada com chuva. Renate Hoffmann enfiou algumas pastas dentro de uma mala de pele e colocou-a ao ombro.

— Confie em mim — disse, sentindo alguma apreensão por parte dele. — É melhor se andarmos.

RENATE HOFFMAN, PELOS trilhos gelados da Augarten, explicou a Gabriel como se havia tornado no trunfo mais precioso de Eli Lavon em Viena. Depois de se formar como uma das melhores na Universidade de Viena, fora trabalhar para o Ministério Público Austríaco, onde serviu excepcionalmente durante sete anos. Então, há cinco anos, tinha-se despedido, dizendo a amigos e colegas que

ansiava pela liberdade da prática privada. Na verdade, Renate Hoffmann tinha decidido que não podia continuar a trabalhar para um governo que mostrava pouco interesse pela justiça e preferia proteger os interesses do Estado e dos seus mais poderosos cidadãos.

Foi o caso Weller que lhe motivou a decisão. Weller era um detective da policia estatal com uma predileção para arrancar confissões a prisioneiros pela tortura e para fazer justiça pelas próprias mãos quando o tribunal se mostrava inconveniente. Renate Hoffmann tentou apresentar queixa dele depois de um nigeriano que procurava asilo ter morrido sob a sua custódia. O nigeriano fora amarrado e amordaçado e havia provas de espancamento e estrangulamento. Os seus superiores defenderam Weller e abandonaram o caso.

Cansada de lutar contra o sistema a partir de dentro, Renate Hoffmann chegou à conclusão que a batalha seria mais equilibrada se travada do lado de fora. Criou uma pequena empresa de advogados para poder pagar as contas, mas dispensava grande parte do seu tempo e energia à Coligação para Uma Áustria Melhor, um grupo reformista disposto a abanar o pais em relação à amnésia coletiva do passado nazista. Simultaneamente, formou também uma silenciosa aliança com o Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra de Eli Lavon. Renate Hoffmann ainda tinha amigos dentro do sistema burocrático, amigos dispostos a fazer-lhe favores. Estes amigos deram-lhe acesso a registos governamentais e arquivos vitais que estavam inacessíveis a Lavon.

— Por que tanto segredo? — perguntou Gabriel. — A relutância em falar ao telefone? Longas caminhadas no parque quando o tempo está absolutamente horrível?

— Porque isto é a Áustria, Sr. Argov. Desnecessário dizer que o trabalho que fazemos não é muito bem visto em certas áreas da sociedade austríaca, como Eli também não era.

Apanhou-se a falar no passado e desculpou-se rapidamente.

— A extrema-direita deste pais não gosta de nós, e estão fortemente representados na policia e nos serviços de segurança.

Sacudiu alguns flocos de neve de um banco de jardim onde os dois se sentaram.

— O Eli veio ter comigo há cerca de dois meses. Falou-me de Max Klein e do homem que ele vira no Café Central: Herr Vogel. Estava um pouco céptica, para não dizer pior, mas decidi investigar para fazer o favor ao Eli.

— O que encontrou?

— O seu nome é Ludwig Vogel. É o presidente de qualquer coisa chamada Vale do Danúbio Transações e Investimentos. A firma foi fundada no inicio dos anos sessenta, alguns anos após a Áustria ter emergido da ocupação do pós-guerra. Importava produtos estrangeiros

para a Áustria e auxiliava empresas que quisessem fazer negócio aqui, principalmente alemãs e americanas. Quando a economia austríaca disparou nos anos setenta, Vogel estava perfeitamente posicionado para tirar pleno partido da situação. A sua firma providenciou capital de risco a centenas de projetos. É agora dono de uma fatia substancial em muitas das mais rentáveis empresas austríacas.

— Que idade tem ele?

— Nasceu numa pequena aldeia da Alta Áustria em 1925 e foi batizado na igreja católica local. O seu pai era um trabalhador normal. Aparentemente a família era pobre. Um irmão mais novo morreu de pneumonia quando Ludwig tinha doze anos . A mãe morreu dois anos mais tarde de escarlatina.

— Mil, novecentos e vinte e cinco? Isso faz com que tivesse dezessete anos em 1942, demasiado novo para ser um Sturmbannführer nas SS.

— É verdade. E de acordo com a informação que descobri sobre o seu histórico de guerra, ele não esteve nas SS.

— Que tipo de informação?

Ela baixou a voz e inclinou-se para perto dele. Gabriel sentiu o cheiro do café matinal no seu hálito.

— No meu emprego anterior, por vezes achei necessário consultar pastas guardadas no Staatsarchiv austríaco. Ainda tenho lá contatos, do gênero de pessoas que estão dispostas a ajudar-me pelas circunstâncias corretas. Telefonei a um desses contatos, e consegui uma fotocópia do arquivo de serviço Wehrmacht de Ludwig Vogel.

— Wehrmacht?

Ela abanou a cabeça.

— De acordo com os documentos do Staatsarchiv, Vogel foi recrutado em finais de 1944, quando tinha dezanove, e enviado para a Alemanha para servir na defesa do Reich. Lutou contra os russos na batalha de Berlim e conseguiu sobreviver. Durante as horas finais da guerra, ele fugiu para oeste e rendeu-se aos americanos. Foi colocado num campo de prisioneiros do exército americano a Sul de Berlim, mas conseguiu escapar e regressar à Áustria. O fato de ter escapado aos americanos não parece abonar contra ele, porque desde 1946 até o Tratado Estatal de 1955, Vogel foi um funcionário civil da autoridade de ocupação americana.

Gabriel olhou para ela acutilante.

— Os americanos? Que tipo de trabalho fazia ele?

— Começou como escriturário na sede e mais tarde trabalhou como oficial de ligação entre os americanos e o inexperiente governo austríaco.

— Casado? Filhos? Ela abanou a cabeça.

— Um eterno solteiro.

— Alguma vez esteve em sarilhos? Qualquer tipo de irregularidades financeiras? Processos civis? Alguma coisa?

— O seu cadastro é notavelmente limpo. Tenho outro amigo na Staatspolizei. Pedi-lhe para investigar Vogel. Não encontrou nada, o que de certo modo é notável. Sabe, quase todo o cidadão distinto na Áustria tem um cadastro na Staatspolizei. Mas não Ludwig Vogel.

— O que sabe sobre a sua conduta?

Renate Hoffmann dispensou um longo momento observando a toda a volta antes de responder.

— Coloquei essa mesma questão a alguns contatos que tenho nalguns dos mais corajosos jornais e revistas vienenses, aqueles que recusam submeter-se à linha do governo. Parece que Vogel é um grande suporte financeiro do Partido Nacional Austríaco. De fato, ele próprio praticamente financiou a campanha de Peter Metzler.

Parou por instantes para acender um cigarro. A sua mão tremia com o frio.

— Não sei se tem seguido a nossa campanha aqui, mas a não ser que as coisas mudem drasticamente nas próximas três semanas, Peter Metzler vai ser o próximo chanceler da Áustria.

Gabriel mantinha-se em silêncio, absorvendo a informação que tinha acabado de receber. Renate Hoffmann deu apenas uma baforada no cigarro e atirou-o para cima de um monte de neve suja.

— Perguntou-me porque estávamos a sair com um tempo destes, Sr. Argov. Agora já sabe.

ELA SE LEVANTOU sem avisar e começou a caminhar. Gabriel pôs-se de pé e seguiu-a. Não se precipite, pensou. Uma teoria interessante, um tentador conjunto de circunstâncias, mas não há provas e um enorme processo que o iliba. De acordo com os arquivos da Staatsarchiv, Ludwig Vogel não poderia ser o homem que Max Klein acusava.

— Seria possível que Vogel soubesse que Eli investigava seu passado?

— Também pensei nisso — disse Renate Hoffmann. — Creio ser possível que alguém do Staatsarchiv ou da Staatspolizei o tenha avisado da minha investigação.

— Mesmo que Ludwig Vogel fosse realmente o homem que Max Klein viu em Auschwitz, o que poderia lhe acontecer agora, sessenta anos depois do crime?

— Na Áustria? Um grandessíssimo nada. Quando se trata de condenar criminosos de guerra, o registro austríaco é vergonhoso. Na minha opinião, era praticamente um porto seguro para os criminosos de guerra nazistas. Alguma vez ouviu falar no doutor Heinrich Gross?

Gabriel abanou a cabeça.

— Heinrich Gross — disse ela — era um médico na clínica

Spiegelgrund para crianças deficientes. Durante a guerra, a clínica serviu de centro de eutanásia onde a erradicação do "genótipo patológico", da doutrina nazista, era posta em prática. Cerca de oitocentas crianças foram lá assassinadas. Depois da guerra, Gross teve uma distinta carreira como neurologista pediátrico. Muitas das suas pesquisas foram feitas em tecido cerebral que tirou das vítimas de Spiegelgrund e que guardava numa elaborada "livraria de cérebros". Em 2000, o promotor de justiça austríaco decidiu finalmente que estava na altura de levar Gross à justiça. Foi acusado de cumplicidade em nove dos assassinatos efetuados na Spiegelgrund e conduzido a tribunal.

Uma hora de julgamento e o juiz decretou que Gross sofria de um estado precoce de demência e não estava em condições de se defender num tribunal — disse Renate Hoffmann. — Suspendeu o caso indefinidamente. O doutor Gross levantou-se, sorriu para o seu advogado e caminhou para fora do tribunal. Na escadaria, falou com os repórteres sobre o seu caso. Era claríssimo que o doutor Gross estava em plenas capacidades mentais.

— O seu ponto de vista?

— Os alemães gostam de dizer que só a Áustria conseguia convencer o mundo que Beethoven era austríaco e Hitler alemão. Gostamos de fingir que fomos a primeira vítima de Hitler em vez do seu prestável cúmplice. Preferimos não lembrar que os austríacos alistaram-se no partido nazista na mesma percentagem que os nossos primos alemães, ou que a representação austríaca nas SS era desproporcionadamente alta. Preferimos não lembrar que Adolf Eichmann era austríaco, ou que oitenta por cento do seu pessoal era austríaco, ou que setenta e cinco por cento dos comandantes dos seus campos de concentração eram austríacos.

Baixou a voz.

— O doutor Gross era protegido pela elite política austríaca e pelo sistema judicial há décadas. Foi membro de prestígio do Partido Socialdemocrata, e ainda serviu como psiquiatra forense de tribunal. Toda a gente na comunidade médica vienense sabia a origem da designada livraria de cérebros do bom doutor, e toda a gente sabia o que ele fizera durante a guerra. Um homem como Ludwig Vogel, mesmo que fosse exposto como um mentiroso, podia esperar tratamento semelhante. As hipóteses de ele enfrentar um julgamento na Áustria pelos seus crimes seriam zero.

— Supondo que ele sabia da investigação de Eli? O que é que ele podia temer?

— Nada, para além do embaraço de ser exposto.

— Sabe onde ele vive?

Renate Hoffmann escondeu alguns cabelos perdidos debaixo da

banda da sua boina e olhou para ele cuidadosamente.

— Não está a pensar tentar encontrar-se com ele, está, Sr. Argov? Dadas as circunstâncias, isso seria uma ideia incrivelmente insensata.

— Só quero saber onde ele mora?

— Ele tem uma casa no Primeiro Bairro, e outra nos bosques de Viena. Segundo os registos imobiliários, é também proprietário de algumas centenas de hectares e de um chalé na Alta Áustria.

Gabriel, depois de olhar por cima do ombro, perguntou a Renate Hoffmann se podia ter uma cópia de todos os documentos que ela arranjava. Ela baixou o olhar em direção aos pés, como se estivesse à espera dessa pergunta.

— Diga-me uma coisa, Sr. Argov. Em todos os anos que trabalhei com o Eli, ele nunca mencionou o fato de o Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra ter uma sucursal em Jerusalém.

— Abriu recentemente.

— Que conveniente.

A sua voz era carregada de sarcasmo.

— Esses documentos estão em minha posse ilegalmente. Se os entrego a um agente de um governo estrangeiro a minha posição vai ficar ainda mais precária. Se os entregar a si, estou a entregá-los a um agente de um governo estrangeiro? Renate Hoffmann, constatou Gabriel, era uma mulher altamente inteligente e esperta.

— Está a entregá-las a um amigo, menina Hoffmann, um amigo que não fará absolutamente nada que possa comprometer a sua posição.

— Sabe o que pode acontecer se for preso pela Staatspolizei na posse de documentos confidenciais do Staatsarchiv? Vai passar um longo período atrás das grades.

Olhou-o diretamente nos olhos.

— E eu também, se eles descobrirem onde os arranjou.

— Não pretendo ser preso pela Staatspolizei.

— Nunca ninguém faz, mas isto é a Áustria, Sr. Argov. A nossa policia não se rege pelas mesmas regras dos seus parceiros europeus.

Meteu a mão dentro da bolsa e retirou um envelope de papel pardo que entregou a Gabriel. Desapareceu dentro de uma abertura do casaco e continuaram a andar.

— Eu não acredito que você seja Gideon Argov de Jerusalém. É por isso que lhe entreguei a pasta. Não há mais nada que eu possa fazer, não nesta situação. No entanto, prometa-me que vai avançar com cuidado. Não quero que a Coligação e o seu pessoal sofram o mesmo destino que o Escritório de Investigação e Reclamações.

Parou de andar e virou-se brevemente para ficar frente a frente

com ele.

— E mais uma coisa, Sr. Argov. Não me volte a ligar, por favor.

A CARRINHA DE VIGILÂNCIA encontrava-se estacionada no limite do Augarten, na

Wasnergasse. O fotógrafo, escondido pelos vidros espelhados da parte de trás, disparou uma última fotografia enquanto os sujeitos se separavam, em seguida descarregou as fotos para um computador portátil e reviu as imagens. Aquela que mostrava o envelope a trocar de mãos tinha sido tirada por trás. Bem enquadrada, bem iluminada, uma beleza.

7

VIENA

UMA HORA MAIS TARDE, num edifício neo-barroco anônimo da Ringstrasse, a fotografia é entregue no escritório de um homem chamado Manfred Kruz. Fechada num envelope de papel pardo sem identificação, foi entregue a Kruz sem comentários por sua atraente secretária. Como de costume vestia um terno preto e camisa branca. A face plácida e maçãs do rosto proeminentes, combinadas com o habitual ar sombrio, davam-lhe um ar cavernoso que desencorajava subalternos. As suas feições mediterrânicas — o cabelo quase preto, a pele esverdeada, e olhos cor de café — deram origem a rumores dentro do serviço sobre se teria um cigano ou talvez um judeu infiltrado na sua linhagem. Era uma calúnia, avançada pela sua legião de inimigos, e Kruz não achava piada. Ele não era muito popular entre as tropas, mas também não se importava muito. Kruz tinha bons contatos: almoço com o ministro uma vez por semana, amigos na elite rica e política. Faz de Kruz um inimigo e podes subitamente encontrar-te a passar multas de estacionamento na região da Caríntia. A sua unidade era conhecida oficialmente como Departamento Cinco, mas pelos oficiais veteranos da Staatspolizei e seus mestres no Ministério do Interior era referido simplesmente como "a gangue de Kruz". Em momentos de auto enaltecimento, um delito de que Kruz se declarava culpado, imaginava-se a ele próprio o protetor de todas as coisas austríacas. O trabalho de Kruz era garantir que os problemas do mundo não penetrassem as fronteiras da tranquila Österreich. O Departamento Cinco era responsável por contraterrorismo, contra extremismo e contraespionagem. Manfred Kruz tinha poder para

colocar aparelhos de escuta em escritórios e telefones, para abrir correio e providenciar vigilância física. Estrangeiros que viessem à Áustria à procura de sarilhos podiam esperar a visita de um dos homens de Kruz. Até os naturais da Áustria cujas atividades políticas divergissem das linhas estabelecidas.

Havia pouca coisa a acontecer dentro do país de que ele não estivesse a par, incluindo a recente aparição em Viena de um israelense que dizia ser colega de Eli Lavon do Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra.

A natural falta de confiança de Kruz nas pessoas estendia-se à sua secretária. Esperou até ela sair da sala para rasgar o envelope e sacudir a foto na mesa. Caiu virada para baixo. Voltou-a, colocou-a sob a luz brilhante do seu abajur de lâmpada alógena e examinou-a cuidadosamente. Kruz não estava interessado em Renate Hoffmann. Ela era sujeita a vigilância frequente pelo Departamento Cinco, e Kruz havia dispendido mais tempo do que gostaria a estudar fotografias de vigilância e a escutar transcritos de atividades nas instalações da Coligação para Uma Áustria Melhor. Não, Kruz estava mais interessado na escura, compacta figura a caminhar a seu lado, o homem que se dizia chamar Gideon Argov.

Passado um momento levantou-se e manuseou a fechadura do cofre de parede por trás da sua mesa. No interior, no meio de uma pilha de pastas de processos e um maço de cheirosas cartas de amor de uma moça que trabalhara na contabilidade, estava a fita de um interrogatório. Kruz olhou para a data na etiqueta -Janeiro 1991 em seguida inseriu a fita no vídeo e carregou no botão PLAY.

A gravação tremeu durante alguns frames até estabilizar. A câmara tinha sido montada num ponto alto num canto da sala de interrogatórios, onde a parede se encontrava com o teto, para que observasse em direção aos acontecimentos de um ângulo oblíquo. A imagem tinha algum grão, a tecnologia de outra geração. Movendo-se pela sala com uma calma ameaçadora estava uma versão mais jovem de Kruz. Sentado na mesa de interrogatório estava o israelense, as suas mãos enegrecidas pelo fogo, os seus olhos pela morte. Kruz tinha quase a certeza tratar-se do mesmo homem que agora dizia chamar-se Gideon Argov. Contrariamente ao habitual, era o israelense, e não Kruz, que tinha a primeira pergunta. Agora, como na altura, Kruz era apanhado de surpresa pelo alemão perfeito, falado com o distinto sotaque de um berlinense.

— Onde está o meu filho?

— Temo que esteja morto.

— E a minha mulher?

— A sua mulher está gravemente ferida. Necessita de cuidados médicos imediatos.

— Então porque não está a recebê-los?
— Antes de ser tratada, precisamos de informações.
— Porque não está a ser tratada já? Onde está ela?
— Não se preocupe, ela está em boas mãos. Só precisamos que responda a algumas questões.

— Tais como?
— Pode começar por nos dizer quem realmente é. E por favor, não nos minta mais. A sua mulher não tem muito tempo.

— Já me perguntaram o nome cem vezes! Você sabe o meu nome! Meu Deus, deem-lhe a ajuda que ela precisa.

— Daremos, mas primeiro diga-nos o seu nome. O seu nome verdadeiro, desta vez. Não mais pseudônimos, ou nomes falsos. Não temos tempo, não se for para a sua mulher viver.

— O meu nome é Gabriel, sua besta!

— É o seu primeiro nome ou o apelido?

— O primeiro.

— E o apelido?

— Allon.

— Allon? Isso é um nome hebraico, não é? Você é judeu. E também é, suspeito eu, israelense.

— Sim, sou israelense.

— Se é israelense, o que está fazendo em Viena com um passaporte italiano?

Obviamente que é um agente secreto israelense. Para quem trabalha, sr. Allon? O que está fazendo aqui?

— Ligue ao embaixador. Ele saberá quem contatar.

— Chamaremos o seu embaixador. E o seu ministro dos Negócios Estrangeiros.

E o seu primeiro-ministro. Mas agora, se quer que a sua mulher receba o tratamento médico de que tão desesperadamente precisa, vai dizer para quem trabalha e porque está em Viena.

— Ligue ao embaixador! Ajude a minha mulher, maldito!

— Para quem trabalha!

— Sabe para quem trabalho! Ajude a minha mulher. Não a deixe morrer!

— A vida dela está nas suas mãos, Sr. Allon.

— Estás morto, meu filho da puta! Se a minha mulher morre esta noite, estás morto. Estás a ouvir? Estás fodido!

A fita dissolveu-se numa tempestade de chuva. Kruz sentou-se durante um longo período, incapaz de tirar os olhos da tela. Finalmente comutou o telefone para linha segura e digitou um número de cabeça. Reconheceu a voz que o atendeu. Não trocara saudações.

— Parece-me que estamos com um problema.

— Diz-me. , Kruz assim fez.

— Porque não o prendes? Ele está ilegal neste país, com um passaporte falso,
e em violação de um acordo feito entre o teu serviço e o dele.
— E depois? Entrego-o ao Ministério Público para que o levem a julgamento? Algo me diz que ele poderá usar isso em seu benefício.
— O que estás a sugerir?
— Algo mais sutil.
— Considera o israelense um problema teu, Manfred. Lida com ele.
— E quanto a Max Klein?
A linha emudeceu. Kruz desligou o telefone.

NUM LUGAR ISOLADO do Bairro de Stephansdom, na sombra da torre norte da Catedral, há uma ruela estreita em que só é permitida a circulação de peões. À entrada da ruela, no piso térreo de uma imponente casa barroca, há uma pequena loja que não vende mais nada senão relógios antigos de colecionador. A tabuleta acima da porta é discreta, o horário da loja imprevisível. Há dias em que nem chega a abrir. Para um restrito grupo de clientes, ele é conhecido como Herr Gruber. Para outros, o Relojoeiro.

É baixo e musculado. Prefere camisolões e casacos de malha largos, porque camisas formais e gravatas não lhe ficam particularmente bem. É careca, com uma franja de cabelo cinza cortado, as sobrancelhas são espessas e negras. Usa óculos redondos com hastes de tartaruguinha. As suas mãos são maiores do que as dos colegas de profissão, mas habilidosas e altamente experientes. Na sua oficina reina a organização de uma sala de operações. Na bancada de trabalho, numa piscina de luz clara, está um relógio de parede Neuchatel com 200 anos. A caixa de três partes, decorada com camafeus de padrões floridos, encontra-se em perfeitas condições, assim como o mostrador de esmalte com números romanos. O Relojoeiro encontrava-se na fase final de uma exaustiva vistoria ao movimento do pêndulo Neuchatel. A peça acabada chegaria perto dos dez mil dólares. Um comprador, um colecionador de Lyon, estava à espera.

O sino à entrada da porta da loja interrompeu o trabalho do Relojoeiro. Meteu a cabeça em volta da ombreira da porta e viu uma figura na rua, um estafeta de moto com o seu casaco de couro molhado pela chuva a reluzir como a pele de uma foca. Tinha um pacote debaixo do braço. O Relojoeiro dirigiu-se à porta e destrancou-a. O estafeta entregou o pacote sem dizer uma palavra, em seguida subiu para a moto e arrancou.

Em seguida voltou a trancar a porta e levou o pacote para a sua bancada de trabalho. Desembrulhou-o lentamente — na verdade,

ele fazia quase tudo lentamente — e levantou a tampa de uma caixa de cartão. Dentro estava um relógio de parede francês Luis XV Deveras encantador. Removeu o invólucro e expôs o mecanismo. O dossiê e a fotografia estavam no seu interior. Dispensou alguns minutos a rever o documento, em seguida escondeu-o dentro de uma grande caixa intitulada Relógios de Viagem da Época Vitoriana.

O Luís XV tinha sido entregue pelo cliente mais importante do Relojoeiro. Não sabia o seu nome, apenas que era rico e politicamente bem relacionado. Muitos dos seus clientes partilhavam esses dois atributos. No entanto, este era diferente. Um ano atrás dera ao Relojoeiro uma lista de nomes, homens dispersos da Europa ao Oriente Médio, até a América do Sul e estava a trabalhar a lista com firmeza, por ordem descendente. Matou um homem em Damasco, outro no Cairo. Matou um francês em Bordéus e um espanhol em Madrid. Atravessou o Atlântico para matar dois argentinos ricos. Um nome ainda estava na lista, um banqueiro suíço de Zurique. O Relojoeiro ainda não tinha recebido o sinal final para prosseguir contra ele. O dossiê que tinha recebido esta noite continha um novo nome, mais perto de casa do que preferia, mas dificilmente um desafio. Decidiu aceitar a missão.

Pegou no telefone e ligou.

— Recebi o relógio. Quando precisa dele pronto?

— Considere uma reparação de emergência.

— Há uma sobretaxa para reparações de emergência. Assumo que esteja disposto a pagá-la?

— Quanto é a sobretaxa?

— Os meus honorários habituais, mais metade.

— Para este trabalho?

— Quere-o feito ou não?

— Vou enviar a primeira metade de manhã.

— Não, vai enviar esta noite.

— Se insiste.

O Relojoeiro desligou o telefone ao mesmo tempo que cem sinos tocaram em conjunto às quatro da tarde.

8

VIENA

GABRIEL NUNCA FOI fã de pastelarias vienenses. Havia algo no cheiro

— uma mistura de tabaco, café, e licor entranhado — que ele achava desagradável. E embora ele fosse sereno e sossegado por natureza, não gostava de ficar sentado por longos períodos, desperdiçando tempo precioso. Não lia em público porque temia que velhos inimigos estivessem a segui-lo furtivamente. Bebia café apenas de manhã, para o ajudar a acordar, e sobremesas suculentas punham-no doente. Conversas espirituosas irritavam-no, e ouvir as conversas dos outros, em particular de pseudo-intelectuais, deixavam-no à beira da loucura. O inferno, já provado por Gabriel, seria uma sala onde fosse obrigado a ouvir uma discussão sobre arte vinda de pessoas que nada sabem sobre ela.

Haviam passado mais de trinta anos desde que tinha estado no Café Central. A pastelaria provou ser o passo final da aprendizagem com Shamron, o portal entre a vida que levava antes do Departamento e o mundo crepuscular que iria habitar depois. Shamron, no final do período de treino de Gabriel, imaginara mais um teste para ver se ele estava ou não pronto para a sua primeira missão. Largado à meia-noite nos arredores de Bruxelas, sem documentos e sem um cêntimo no bolso, tinha-lhe sido ordenado encontrar-se com um agente na manhã seguinte na Leidseplein em Amsterdã. Usando dinheiro roubado e um passaporte que tirara a um turista americano, conseguira arranjar maneira de chegar no trem da manhã. O agente que encontrara à espera era Shamron. Este tinha aliviado Gabriel do passaporte e do que lhe restava do dinheiro, em seguida dissera-lhe para estar em Viena na tarde seguinte, vestindo roupas diferentes. Tinham-se encontrado num banco de jardim do Stadtpark e caminhado até o Central. Numa mesa junto a uma janela alta, em arco, Shamron entregara a Gabriel um bilhete de avião para Roma e a chave de um cacifo de aeroporto onde iria encontrar uma pistola Beretta. Duas noites mais tarde, na entrada de um apartamento na Piazza Annibaliano, Gabriel tinha matado pela primeira vez.

Na altura, como agora, estava a chover quando Gabriel chegou ao Café Central. Sentou-se num banco de couro e colocou um maço de jornais em alemão na pequena mesa redonda. Pediu um bolo com chantilly e café com creme. Chegaram numa bandeja prateada com um copo de água com gelo. Abriu o primeiro jornal, *Die Presse*, e começou a ler. O atentado ao Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra era a história de capa. O ministro do Interior prometia prisões rápidas. A direita política exigia duras medidas de imigração para impedir terroristas árabes, e outros elementos perturbadores, de atravessarem as fronteiras da Áustria.

Gabriel terminou o primeiro jornal. Pediu outro bolo e abriu uma revista chamada *Profil*. Olhou em volta pelo café. Enchia-se rapidamente de empregados de escritório vienenses que paravam para

um café ou uma bebida à saída do trabalho. Infelizmente, nenhum era remotamente semelhante à descrição de Ludwig Vogel dada por Max Klein.

Às cinco da tarde, Gabriel já tinha bebido três xícaras de café e estava a começar a perder a esperança de sequer ver Ludwig Vogel. De repente reparou que o garçom esfregava as mãos e alternava o peso de um pé para o outro. Gabriel seguiu a linha do olhar do garçom e viu um cavalheiro de certa idade atravessando a porta. Um austríaco da velha escola, se percebe o que quero dizer, Sr. Argov. Sim, percebo, pensou Gabriel. Boa tarde, Herr Vogel.

SEU CABELO ERA quase branco, bem ralo e penteado muito colado à cabeça. A boca era pequena e tensa, a roupa cara e elegantemente vestida: calças cinzas de flanela, um blazer de aba dupla, um lenço cor de vinho ao pescoço. O garçom ajudou-o a despir o sobretudo e acompanhou-o a uma mesa, apenas a alguns metros de Gabriel.

— Um café com creme, Karl. Nada mais.

Confiante, barítono, uma voz habituada a dar ordens.

— Posso tentá-lo com uma torta de chocolate? Ou um strudel de maçã? Está muito bom esta tarde.

Um fatigado abanar de cabeça, uma vez para a esquerda, uma vez para a direita.

— Hoje não, Karl. Só café.

— Como desejar, Herr Vogel.

Vogel sentou-se. No mesmo instante, a duas mesas de distância, o seu guarda-costas sentou-se também. Klein não o mencionou. Provavelmente não reparara nele. Se calhar era uma situação recente. Gabriel forçou-se a si próprio a olhar para baixo em direção à revista.

Os assentos estavam longe de ser ótimos. Por azar Vogel estava virado diretamente para Gabriel. Um ângulo mais oblíquo teria permitido a Gabriel observá-lo sem receio de ser notado. E o guarda-costas estava sentado bem atrás de Vogel, com os olhos em movimento. Avaliando pela protuberância no lado esquerdo do paletó, ele tinha uma arma num coldre de ombro. Gabriel pensou em mudar de mesa, mas teve medo de levantar suspeitas e deixou-se estar, espiando ocasionalmente por cima da revista.

E assim continuou durante os quarenta e cinco minutos seguintes. Gabriel terminou o último artigo e recomeçou o Die Presse. Pediu um quarto bolo. A certa altura percebeu que também estava sendo observado, não pelo guarda-costas, mas pelo próprio Vogel. Um momento mais tarde, ouviu Vogel dizer:

— Está um frio danado esta noite, Karl. Que tal um copinho de

brandy antes de ir embora?

— com certeza, Herr Vogel.

— E um para o cavalheiro naquela mesa, Karl.

Gabriel levantou o olhar e viu dois pares de olhos a estudá-lo, os pequenos olhos duros do garçom adulator e os de Vogel, que eram azuis e insondáveis. Sua pequena boca tinha-se curvado num sorriso pouco humorístico. Gabriel não sabia exatamente como reagir, e Ludwig Vogel estava claramente a desfrutar desse desconforto.

— Estava mesmo de saída — disse Gabriel em alemão —, mas agradeço na mesma.

— Como queira. — Vogel olhou para o garçom. — Pensando melhor, Karl, acho que também me vou embora.

Vogel levantou-se repentinamente. Entregou ao garçom algumas notas, em seguida caminhou até a mesa de Gabriel.

— Ofereci-lhe um brandy porque reparei que estava a olhar para mim — disse Vogel. — Já nos encontramos antes?

— Não, penso que não — disse Gabriel. — E se estava a olhar para si, não foi com nenhuma intenção. Eu simplesmente gosto de olhar para rostos em pastelarias vienenses. — Hesitou, em seguida acrescentou:

— Nunca se sabe com quem se pode esbarrar.

— Não podia concordar mais. — Outro sorriso pouco humorístico.

— Tem a certeza de que não nos encontramos antes? A sua cara parece-me bastante familiar.

— Duvido sinceramente.

— É novo no Central — disse Vogel com certeza. — Eu venho aqui todas as tardes. Pode dizer-se que sou o melhor cliente do Karl. Eu sei que nunca o vi aqui antes.

— Normalmente tomo o meu café no Sperl.

— Ah, o Sperl. O strudel deles é bom, mas o som das mesas de bilhar afeta a minha concentração. Devo dizer, que sou fã do Central. Talvez nos voltemos a encontrar.

— Talvez — disse Gabriel sem se comprometer.

— Havia um velho homem que costumava vir aqui com frequência. Era mais ou menos da minha idade. Costumávamos ter agradáveis conversas. Já há algum tempo que ele não aparece. Espero que esteja bem. Quando se é velho, as coisas às vezes correm mal sem darmos conta.

Gabriel encolheu os ombros.

— Talvez se tenha mudado para outra pastelaria.

— Talvez — disse Vogel. Em seguida desejou a Gabriel uma boa noite e caminhou para a rua. O guarda-costas seguiu-o discretamente. Através do vidro, Gabriel viu um Mercedes avançar.

Vogel disparou mais um olhar na direção de Gabriel antes de se baixar para o banco traseiro. Em seguida a porta fechou-se e o carro arrancou rapidamente.

Gabriel sentou-se por um momento, revendo os detalhes do inesperado encontro. Em seguida pagou a conta e caminhou para o frígido entardecer. Ele sabia que acabara de receber um aviso. Ele também sabia que o seu tempo na Áustria era limitado.

O AMERICANO FOI o último a sair do Café Central. Parou na porta para abotoar o colarinho do seu sobretudo Burberry, fazendo o possível para evitar parecer um espião, e observou o israelense desaparecer pela rua escura. Em seguida virou-se e seguiu na direção oposta. Tinha sido uma tarde interessante. Uma jogada ousada por parte de Vogel, mas era esse o seu estilo.

A embaixada era no Nono Bairro, um boa caminhada, mas o americano decidiu que era uma boa noite para andar. Ele gostava de caminhar por Viena. Fazia-lhe bem. Era tudo o que ele queria, ser um espião na cidade dos espiões e tinha passado a sua juventude a preparar-se. Tinha estudado alemão no joelho da sua avó e política soviética com as mentes mais brilhantes de Harvard. Após a licenciatura, as portas da Agência foram-lhe escancaradas. Foi então que o Império ruiu e uma nova ameaça ergueu-se das areias do Oriente Médio. Alemão fluente e uma licenciatura em Harvard não contavam muito na nova Agência. As vedetas de hoje eram figuras de ação humanitária que conseguiam viver de minhocas e mixórdias e caminhar uma centena de quilômetros com algum montanhês tribal sem se queixarem sequer de uma bolha. O americano chegara até Viena, mas a Viena que o esperava tinha perdido a sua velha importância. De repente era apenas mais um tranquilo lugar europeu, um beco sem saída, um lugar para terminar calmamente uma carreira, não para lançar uma.

Agradecia a Deus pelo caso de Vogel. Tinha animado as coisas um pouco, mesmo que fosse apenas temporário.

O americano virou para a Boltzmanngasse e parou junto ao formidável portão de segurança. O guarda fuzileiro verificou o cartão de identificação e permitiu-lhe a entrada. O americano tinha proteção oficial. Trabalhava na Cultural. Apenas reforçava o seu sentimento de obsolescência. Um espião a trabalhar em Viena com um disfarce cultural. Perfeitamente original.

Subiu no elevador até o quarto andar e parou numa porta com uma fechadura de código. Por trás estava o centro nervoso da filial de Viena da Agência. O americano sentou-se em frente de um computador, registrou-se, e enviou uma mensagem curta para a Sede. Estava endereçada a um homem chamado Carter, o subdiretor de

operações. Carter odiava mensagens de conversa fiada. Tinha ordenado ao americano que descobrisse um simples detalhe. O americano tinha-o feito.

A última coisa que Carter precisava era de um timentim por timentim da sua pungente exploração no Café Central. Em tempos talvez tivesse soado interessante. Agora já não.

Escreveu quatro palavras:

— Avraham está no jogo — e disparou pelo cabo seguro.

Esperou uma resposta. Para passar o tempo, trabalhou numa análise das iminentes eleições. Duvidava que tivesse interesse para o sétimo andar de Langley.

O seu computador apitou. Tinha uma mensagem à espera.

Clicou e palavras apareceram na tela:

— Mantenha um olho em Elijah.

O americano apressadamente comutou outra mensagem:

— E se ele sai da cidade?

Dois minutos mais tarde:

— Mantenha um olho em Elijah.

O americano desligou. Pôs de lado o relatório sobre as eleições. Estava de volta ao jogo, pelo menos por hora.

GABRIEL PASSOU o resto da tarde no hospital. Marguerite, a enfermeira da noite, entrou de serviço uma hora depois de ele ter chegado. Quando o médico terminou o seu exame, ela deixou-o sentar-se ao lado de Eli. Pela segunda vez sugeriu a Gabriel que falasse com ele e deslizou para fora do quarto para lhe dar alguns momentos de privacidade. Gabriel não sabia o que dizer, então inclinou-se perto do ouvido de Eli e sussurrou-lhe em hebraico sobre o caso: Max Klein, Renate Hoffmann, Ludwig Vogel... Eli mantinha-se imóvel, a cabeça ligada, os olhos vendados. Mais tarde, no corredor, Marguerite confidenciou a Gabriel que o estado de Eli permanecia idêntico. Gabriel sentou-se na sala de espera adjacente por mais uma hora, observando Eli através do vidro, em seguida apanhou um táxi de volta para o hotel.

No seu quarto, sentou-se à mesa e acendeu a lâmpada. Na gaveta de cima encontrou algumas folhas de papel de carta do hotel e um lápis. Fechou os olhos por um momento e imaginou Vogel como o tinha visto nessa tarde no Café Central.

— Tem a certeza que não nos encontramos antes? A sua cara parece-me bastante familiar.

— Duvido sinceramente.

Gabriel abriu novamente os olhos e começou a desenhar. Cinco minutos mais tarde, o rosto de Vogel estava a olhar para ele. Como seria ele mais novo? Começou a desenhar novamente. Engrossou o

cabelo, removeu olheiras e rugas dos olhos. Suavizou as rugas da testa, esticou a pele nas bochechas e ao longo do queixo, apagou as profundas depressões desde a base do nariz até os cantos da pequena boca.

Satisfeito, colocou o novo esboço junto do primeiro. Começou uma terceira versão do homem, desta vez com a túnica de colarinho alto e o boné com pala de um homem das SS. A imagem, depois de completa, deu-lhe arrepios no pescoço. Abriu a pasta que Renate Hoffmann lhe dera e leu o nome da aldeia onde Vogel tinha a casa de campo. Localizou a aldeia num mapa turístico que encontrou na gaveta da mesa, em seguida ligou para uma empresa de aluguel de automóveis e reservou um carro para a manhã seguinte.

Levou os esboços para a cama e, com a cabeça apoiada na almofada, olhou fixamente para as três diferentes versões do rosto de Vogel. A última, aquela com Vogel vestido com o uniforme das SS, parecia-lhe vagamente familiar. Tinha a inquietante sensação de já ter visto aquele homem em algum lugar. Passado uma hora, levantou-se e levou os esboços para a casa de banho. De pé, em frente ao lavatório, queimou as imagens na mesma ordem que as tinha desenhado: Vogel como um próspero cavalheiro vienense, Vogel cinquenta anos mais novo, Vogel como assassino das SS...

9

VIENA

NA MANHÃ SEGUINTE, Gabriel foi às compras na Kärntnerstrasse. O céu era uma cúpula de azul pálido riscado de alabastro. Ao atravessar a Stephansplatz, foi quase derrubado pelo vento. Era um vento Ártico, gelado pelos fiordes e glaciares da Noruega e esticado pelas planícies geladas da Polónia que agora martelava os portões de Viena como uma hoste bárbara.

Entrou numa loja grande, estudou o diretório e subiu as escadas rolantes até o andar que vendia roupa quente. Escolheu um casaco de esquí azul-escuro, uma espessa camisola de algodão, luvas grossas e botas de montanha à prova de água. Pagou os artigos e saiu, percorrendo a Kärntnerstrasse com um saco de plástico em cada mão, sempre a verificar a retaguarda.

A empresa de aluguel de automóveis ficava a apenas algumas ruas de distância do seu hotel. Uma van Opel prateada esperava-o. Carregou as malas para o banco de trás, assinou a papelada

necessária, e acelerou dali para fora. Conduziu em círculos durante meia hora, procurando sinais de vigilância, e só então seguiu para a entrada da autoestrada A1 onde tomou a direção de oeste.

As nuvens foram engrossando gradualmente, o sol matinal desvaneceu-se. Quando chegou a Linz estava a nevar com força. Parou numa bomba de gasolina e vestiu a roupa que comprara em Viena, em seguida voltou para a A1 e fez a recta final até Salzburg.

Quando chegou já a tarde ia a meio. Deixou o Opel num estacionamento e passou o resto da tarde vagueando pelas ruas e praças da parte velha da cidade, fazendo-se passar por turista. Subiu os degraus talhados que levavam ao Mönchsberg e admirou a vista sobre Salzburg do alto do campanário da igreja. Seguiu para a Universitätsplatz para ver as obras de arte barrocas de Fischer e von Erlach. Quando a noite caiu, regressou à parte velha da cidade e jantou raviolis tiroleses num restaurante original decorado com trofeus de caça nas paredes escuras.

Às oito da noite, estava novamente ao volante do Opel, dirigindo-se para este de Salzburg, para o coração de Salzkammergut. A queda de neve adensou-se à medida que a autoestrada subia a montanha. Passou uma aldeia chamada Hof na margem sul do Fuschlsee; depois, alguns quilómetros mais adiante, chegou ao Wolfgangsee. A cidade, que dera o seu nome a São Wolfgang, ficava na margem oposta do lago. Ele conseguiu vislumbrar o sombreado do pináculo da Igreja da Peregrinação. Lembrou-se que nela estava um dos mais belos retábulos góticos de toda a Áustria.

Na adormecida aldeia de Zichenbach virou à direita, entrou numa ruela estreita muito inclinada e subiu pela encosta da montanha. A aldeia ficou para trás. Havia cabanas ao longo do caminho com os telhados cobertos de neve e fumo a sair das chaminés. Um cão saiu de uma delas e ladrou quando Gabriel passou. Conduziu através de uma ponte de uma só faixa e abrandou até parar. A estrada parecia ter desistido, exausta. Um caminho ainda mais estreito, que quase não dava para um carro, continuava pela floresta de bétulas. Trinta metros mais à frente estava um portão. Desligou o motor. O silêncio profundo da floresta era opressivo.

Retirou uma lanterna do porta-luvas e saiu. O portão era à altura do ombro e feito de madeira a imitar o antigo. Um sinal avisava que a propriedade do outro lado era privada e que caminhar ou caçar era estritamente proibido e punível com multas e prisão. Gabriel colocou um pé na ripa do meio e atirou-se aterrando no suave tapete de neve do outro lado.

Ligou a lanterna para ver o caminho. A luz revelou um declive acentuado que curvava para a direita, desaparecendo por trás de um muro de bétulas. Não havia pegadas, nem marcas de pneus. Gabriel

apagou a lanterna e hesitou um momento enquanto os seus olhos se acostumavam à escuridão, então começou a caminhar novamente. Cinco minutos mais tarde, chegou a uma larga clareira. No topo da clareira, a cerca de cem metros de distância, estava a casa, um tradicional chalé alpino, muito grande, com um telhado de pedra e beirais que caíam pelas paredes exteriores da estrutura. Parou por um momento, à procura de algum sinal que lhe indicasse se a sua aproximação tinha sido detectada. Satisfeito, circulou a clareira, mantendo-se junto da linha das árvores. A casa estava completamente às escuras, não havia luzes acesas no interior, nem no exterior. Não havia veículos.

Ficou um momento a ponderar se devia entrar na casa e assim cometer um crime em solo austríaco. O chalé desocupado representava uma oportunidade de espreitar a vida de Vogel, uma oportunidade que com certeza não se iria repetir tão cedo. Lembrou-se de um sonho recorrente. Titian deseja consultar Gabriel sobre uma restauração, mas Gabriel insiste em recusar porque está extremamente atrasado com prazos e não consegue arranjar tempo para uma reunião. Titian fica terrivelmente ofendido e rescinde a oferta furioso. Gabriel, sozinho, perante uma tela interminável, forja sem a ajuda do mestre.

Começou a percorrer a clareira. Uma espreitadela por cima do ombro revelou aquilo que já sabia — estava a deixar um rasto óbvio de pegadas humanas que iam do limite das árvores até as traseiras da casa. A não ser que nevasse novamente em breve, as pegadas iriam ficar visíveis para qualquer um ver. Continua. Titian está à espera.

Chegou às traseiras do chalé. O comprimento da parede exterior estava tapado por pilhas de lenha. No final da pilha de madeiras estava uma porta. Gabriel tentou o trinco. Trancada, claro. Descalçou as luvas e retirou o fino arame metálico que habitualmente transportava na carteira. Manuseou-o gentilmente dentro da fechadura até sentir o mecanismo ceder. Então rodou o trinco e entrou. LIGOU A LANTERNA e descobriu que se encontrava num vestíbulo. Três pares de galochas estavam em sentido, encostadas à parede. Um impermeável estava pendurado num gancho. Gabriel revistou os bolsos: alguns trocos e um lenço de assoar amarrotado pela mucosidade seca de um velho.

Atravessou uma porta e foi confrontado com um lanço de escadas. Subiu apressadamente, lanterna na mão, até que chegou a outra porta. Esta última estava destrancada. Gabriel abriu-a devagar. O gemido das dobradiças secas ecoou pelo vasto silêncio da casa.

Encontrava-se agora numa despensa que parecia ter sido saqueada por um exército em retirada. As prateleiras estavam praticamente vazias e cobertas por uma fina camada de pó. A cozinha

adjacente era uma combinação de moderno com tradicional: apliques alemães com frentes em aço inoxidável, painéis em ferro fundido penduradas num enorme forno aberto. Abriu o frigorífico: uma garrafa de vinho branco austríaco pela metade, um pedaço de queijo verde de bolor, alguns frascos de temperos antigos.

Caminhou por uma sala de jantar até uma sala grande. Vasculhou-a com a lanterna e parou quando encontrou uma escrivaninha antiga. Tinha uma gaveta. Deformada pelo frio, estava fechada e emperrada. Gabriel puxou com força e quase a arrancou dos suportes. Apontou a lanterna para dentro: canetas e lápis, clips enferrujados, um maço de papel de carta da Vale do Danúbio Transações e Investimentos, papel de carta pessoal: Da secretária de Ludwig Vogel... Gabriel fechou a gaveta e iluminou a superfície da mesa com a lanterna. Num separador de madeira estava um molho de correspondência. Percorreu as páginas: algumas cartas privadas, documentos que pareciam relacionados com negócios de Vogel. Agrafados a alguns dos documentos estavam alguns memorandos, todos escritos com a mesma letra emaranhada. Pegou nos papéis, dobrou-os ao meio e empurrou-os para dentro da frente do casaco.

O telefone estava equipado com gravador de mensagens e painel digital. O relógio tinha a hora errada. Gabriel levantou a tampa, expondo um par de minifitas. Sabia por experiência que os gravadores de mensagens nunca apagavam completamente as fitas e que muita informação valiosa era deixada para trás, facilmente acessível por um técnico devidamente equipado. Tirou as fitas e guardou-as no bolso. Em seguida fechou a tampa e carregou no botão de remarcação. Houve uma explosão de bips seguida pela dissonante canção do marcador automático. O número apareceu no painel: 5124124. Um número de Viena. Gabriel guardou-o na memória. O próximo som foi um toque simples de um telefone austríaco, seguido de um segundo. Antes que chegasse a tocar uma terceira vez, um homem atendeu.

— Alô?... Alô?... Quem fala? Ludwig, é você? Quem fala?
Gabriel cortou a ligação.

SUBIU A escadaria principal. Quanto tempo teria até o homem do outro lado da linha perceber o seu erro? com que rapidez conseguiria ele juntar as suas forças e montar um contra-ataque? Gabriel quase conseguia ouvir o tique-taque do relógio.

No alto das escadas havia uma pequena área de estar mobilada. Junto a uma cadeira estava uma pilha de livros, e em cima dos livros um copo de balão vazio. Em cada lado da sala havia uma porta que dava para um quarto. Gabriel entrou no da direita.

O teto era oblíquo, refletindo a inclinação do telhado. As

paredes estavam nuas com exceção de um grande crucifixo pendurado sobre a cama desfeita. O relógio despertador na mesa-de-cabeceira piscava 12:00... 12:00... 12:00... Enrolado como uma cobra em frente ao relógio estava um rosário de contas pretas. E em cima de um pedestal uma televisão aos pés da cama. Gabriel arrastou o seu dedo com luva pela tela e deixou uma linha negra marcada no pó.

Não havia armário, apenas um grande roupeiro estilo eduardino. Gabriel abriu a porta e vasculhou com a lanterna pelo interior: pilhas de camisolas bem dobradas, casacos, camisas de colarinho e calças penduradas no varão. Abriu uma gaveta. Dentro estava uma caixa de joias forrada de feltro: botões de punho baços, anéis de sinete, um relógio antigo com uma correia de couro rachada. Virou o relógio e examinou a parte de trás: Para Erich, em adoração, Mônica. Apanhou um dos anéis, um grosso sinete de ouro adornado com uma águia. Também este estava gravado, em letras minúsculas que percorriam o interior do anel: 1005, bom trabalho, Heinrich. Gabriel guardou o relógio e o anel no bolso. Saiu do quarto e parou na entrada. Uma espreitadela pela janela mostrou que não havia movimento na estrada. Entrou no segundo quarto. O ar estava carregado com o inconfundível cheiro a essência de rosas e lavanda. Um pálido tapete macio cobria o chão; uma florida colcha edredão cobria a cama. O armário eduardino era idêntico ao do primeiro quarto, com exceção das portas que tinham espelhos. Dentro, Gabriel encontrou roupas de mulher. Renate Hoffmann tinha-lhe dito que Vogel era um eterno solteiro. Então a quem pertenciam aquelas roupas?

Gabriel dirigiu-se à mesa de apoio. Uma grande bíblia encadernada em pele estava sobre um lenço de renda. Pegou-lhe pela lombada e desfolhou vigorosamente. Uma fotografia flutuou até o chão. Gabriel examinou-a com a luz da lanterna. Mostrava uma mulher, um rapaz adolescente e um homem de meia-idade, sentados num cobertor num prado alpino no Verão. Estavam todos a sorrir para a câmara. A mulher tinha o braço por cima do ombro do homem. Apesar de ter sido tirada há trinta ou quarenta anos, era claro que o homem era Ludwig Vogel. E a mulher? Para Erich, em adoração, Mônica. O rapaz, bonito e bem arranjado, parecia-lhe estranhamente familiar. Ouviu um som vindo de fora, um ruído abafado, e apressou-se até a janela. Afastou as cortinas e viu um par de faróis aproximando-se lentamente por entre as árvores.

GABRIEL GUARDOU A foto no bolso e apressou-se a descer a escada. A sala grande já estava iluminada pelos faróis do veículo. Arrepiou caminho — através da cozinha, despensa e pela escada das traseiras abaixo — até que chegou novamente ao vestíbulo. Conseguia

ouvir passos no andar de cima; alguém estava na casa. Abriu suavemente a porta e deslizou para fora, fechando-a silenciosamente atrás de si.

Caminhou até a frente da casa, mantendo-se debaixo dos beirais. O veículo, um todo-o-terreno desportivo, estava estacionado a poucos metros da entrada principal da casa. Os faróis estavam quentes e a porta do condutor aberta. Gabriel conseguia ouvir o tinir eletrônico de um alarme. As chaves ainda estavam na ignição. Rastejou para dentro do veículo, removeu as chaves e lançou-as para o escuro. Atravessou a clareira e começou a descer a encosta da montanha, com as botas pesadas e a neve espessa este percurso parecia algo retirado dos seus pesadelos. O ar frio arranhava-lhe a garganta. Quando chegou à curva final do caminho, viu que o portão estava aberto e que um homem se encontrava junto do seu carro, apontando uma lanterna pela janela.

Gabriel não tinha medo de enfrentar um homem. Dois, no entanto, era outra coisa. Decidiu partir para a ofensiva, antes que o homem da casa tivesse tempo de descer a montanha. Gritou em alemão:

— Você aí! O que pensa que está fazendo no meu carro?

O homem virou-se e apontou a sua lanterna na direção de Gabriel. Não fez nenhum tipo de movimento que sugerisse que ia puxar de uma arma. Gabriel continuou a correr, fazendo o papel de um condutor indignado cujo carro tinha sido violado. Em seguida, retirou a lanterna do bolso e golpeou a cara do homem.

Ele levantou a mão defensivamente e o impacto foi absorvido pelo seu grosso casaco. Gabriel largou a lanterna e deu-lhe um pontapé forte na parte de dentro do joelho. Gemeu de dor e lançou um murro à toa. Gabriel desviou-se, evitando-o facilmente, com cuidado para não perder o equilíbrio na neve. O seu oponente era um homem grande, alguns quinze centímetros mais alto que Gabriel e pelo menos vinte quilos mais pesado. Se a situação se arrastasse para um combate de luta livre, o resultado seria duvidoso.

O homem lançou outro murro à toa, lateral, bem puxado atrás, que passou mesmo rente ao queixo de Gabriel. Acabou por perder o equilíbrio, inclinando-se para a esquerda, com o braço direito para baixo. Gabriel prendeu o braço e avançou. Recolheu o cotovelo e lançou-o duas vezes em direção à maçã do rosto do homem, com cuidado para evitar a zona mortal à frente da orelha. O homem caiu na neve, atordoado. Gabriel apanhou a lanterna e bateu-lhe na cabeça para não ter dúvidas, e o homem caiu inconsciente. Gabriel olhou por cima do ombro e viu que ninguém se aproximava. Abriu o casaco do homem e procurou pela carteira. Encontrou uma no bolso do peito. Dentro estava um crachá de identificação. O nome não o preocupava;

a afiliação sim. O homem deitado inconsciente na neve era um oficial da Staatspolizei.

Gabriel continuou a revistar o homem inconsciente e encontrou no bolso de dentro do casaco um pequeno bloco de notas de polícia forrado a couro. Na primeira página, em letras maiúsculas infantilizadas, Gabriel leu a placa de seu carro alugado.

VIENA

NA MANHÃ SEGUINTE, GABRIEL deu dois telefonemas assim que regressou a Viena. O primeiro foi para um número localizado dentro da embaixada israelense. Identificou-se como Kluge, um dos seus muitos nomes telefônicos, e disse que estava a ligar para confirmar uma reunião com um Sr. Rubin no consulado. Passado um momento, a voz do outro lado da linha disse:

— Opernpassage, conhece?

Gabriel indicou com alguma irritação, que conhecia. Opernpassage era uma sombria passagem pedestre por baixo da Karlsplatz.

— Entre na via por norte — disse a voz. — A meio, à sua direita, verá uma chapelaria. Passe em frente à chapelaria exatamente às dez horas.

Gabriel cortou a ligação e em seguida ligou para o apartamento de Max Klein no Segundo Bairro. Ninguém atendeu. Pousou o receptor de volta no telefone e parou por um momento, pensando onde Klein poderia estar.

Tinha noventa minutos até o seu encontro com o mensageiro. Por isso, decidiu usar o tempo de forma produtiva desembaraçando-se do carro alugado. A situação teria de ser trabalhada com cuidado. Gabriel tinha roubado o bloco de notas ao Staatspolizei. Se por acaso o polícia se conseguisse lembrar da matrícula depois de o ter deixado inconsciente, levaria apenas alguns minutos até descobrir que o carro pertencia a uma empresa de aluguel de Viena, e em seguida a um israelense chamado Gideon Argov.

Gabriel atravessou o Danúbio e dirigiu o carro em volta do moderno complexo das Nações Unidas à procura de um lugar para estacionar na rua. Encontrou um, a cerca de cinco minutos a pé da estação de U-Bahn, e estacionou. Abriu o capô e soltou um pouco os cabos da bateria, depois sentou-se novamente ao volante e rodou a chave. Saudado pelo silêncio, fechou o capô e afastou-se a pé.

De uma cabina telefônica na estação de U-Bahn, telefonou à empresa de aluguel e informou-os que o seu Opel tinha avariado e precisava de ser recolhido. Permitiu que um certo tom de indignação lhe toldasse a voz, e quem o atendeu do outro lado da linha desfez-se em desculpas. Não havia nada na voz do empregado que indicasse que

a empresa de aluguel tinha sido contatada pela polícia relativamente a um assalto em Salzkammergut na noite anterior.

Um trem chegou à estação. Gabriel desligou o telefone e entrou na última carruagem. Quinze minutos mais tarde, estava a entrar na Opernpassage pelo lado norte, como o homem da embaixada o tinha instruído. A passagem estava cheia de peões que saíam da estação de U-Bahn de Karlsplatz e o ar encontrava-se pesado, impregnado com o fedor de comida rápida e tabaco. Um albanês com olhos de drogado pediu a Gabriel um euro para comprar comida. Gabriel passou sem dizer uma palavra e seguiu caminho em direção à chapelaria.

O homem da embaixada estava a sair enquanto Gabriel se aproximava. Louro e de olhos azuis, usava uma gabardina comprida com um lenço apertado em volta do pescoço. Um saco de plástico ostentando o nome da chapelaria estava pendurado na sua mão. Eles já se conheciam. O seu nome era Bem-Avraham. Caminharam lado a lado em direção à saída do outro lado da passagem. Gabriel entregou um envelope contendo todo o material que recolhera desde a sua chegada à Áustria: o dossier que lhe foi dado por Renate Hoffmann, o relógio e o anel tirados do roupeiro de Ludwig Vogel, a fotografia escondida na bíblia. Bem-Avraham colocou o envelope no saco de plástico.

— Faz chegar a casa — disse Gabriel. — Rapidamente. Bem-Avraham acenou secamente.

— E o destinatário em King Saul Boulevard?

— Não vai para King Saul Boulevard. Bem-Avraham franziu o sobrolho sugestivamente.

— Sabes as regras. Tudo passa pela sede.

— Isto não — disse Gabriel, acenando na direção do saco de plástico.

— Vai para o velho.

Chegaram ao final da passagem. Gabriel virou e caminhou na direção oposta. Bem-Avraham seguiu atrás dele. Gabriel conseguia sentir o que ele estava a pensar. Deveria ele violar uma insignificante regra imposta pelo Departamento e arriscar a ira de Lev — que não havia coisa que mais gostasse do que fazer cumprir regras impostas pelo Departamento — ou deveria ele fazer um pequeno favor a Gabriel Allon e Ari Shamron? A deliberação de Bem-Avraham não demorou muito tempo. Gabriel não esperava que demorasse. Lev não era do gênero que inspirasse devoção pessoal nas suas tropas. Lev era o homem do momento, mas Shamron era o Memuneh, e o Memuneh era eterno.

Gabriel, com um movimento lateral dos olhos, mandou Bem-Avraham seguir caminho. Passou dez minutos a percorrer o

comprimento da Opernpassage, em busca de sinais de vigilância, então voltou a subir a rua. De um telefone público tentou ligar a Max Klein uma segunda vez. Continuava sem haver resposta. Subiu num trólei que passava e seguiu nele em volta da cidade até o Segundo Bairro. Levou apenas alguns momentos até encontrar a morada de Klein. Na entrada do prédio, tocou à campainha para o apartamento mas não recebeu resposta. A porteira, uma mulher de meia-idade de bata florida, meteu a cabeça para fora do seu apartamento e olhou para Gabriel com desconfiança.

— Está à procura de quem? Gabriel respondeu honestamente.

— Ele costuma ir à sinagoga de manhã. Já tentou lá?

O bairro judeu era apenas do outro lado do canal do Danúbio, uma caminhada de dez minutos no máximo. Como de costume, a sinagoga tinha guardas. Gabriel, apesar do seu passaporte, tinha de passar por um detetor de metais antes de o deixarem entrar. Tirou uma kippah do cesto e cobriu a cabeça antes de entrar no santuário. Alguns homens de idade rezavam junto ao bimah. Nenhum deles era Max Klein. De volta à entrada, perguntou ao segurança se tinha visto Klein nessa manhã. O guarda abanou a cabeça e sugeriu que Gabriel tentasse o centro comunitário.

Gabriel caminhou até a porta ao lado e foi recebido por uma judia russa chamada Natália. Sim, disse-lhe ela, Max Klein costuma passar as manhãs no centro, mas ela ainda não o tinha visto hoje.

— Por vezes, os mais velhos tomam café no Café Schottenring disse ela. — É no número dezanove. Talvez o encontre lá.

Havia, de fato, um grupo de judeus vienenses idosos a tomar café no Café

Shottenring, mas Klein não era um deles. Gabriel perguntou se ele tinha ali estado nessa manhã, e seis cabeças cinzas abanaram em unísono. Frustrado, caminhou de volta até o Segundo Bairro através do canal do Danúbio e regressou ao prédio de apartamentos de Klein. Tocou na campainha e mais uma vez não obteve resposta. Em seguida bateu à porta do apartamento da porteira. Vendo Gabriel uma segunda vez, o seu rosto ficou subitamente sério.

— Espere aqui — disse ela. — Vou buscar a chave.

A PORTEIRA DESTRANCOU a porta e, antes de passar a entrada, chamou pelo nome de Klein. Não escutando resposta, entraram. As cortinas estavam fechadas, a sala de estar estava densamente sombria.

— Herr Klein? — gritou ela novamente. — Está aí? Herr Klein?

Gabriel abriu as portas duplas que davam acesso à cozinha e olhou para dentro. O jantar de Max Klein estava em cima da pequena mesa, intato. Percorreu o corredor, parando uma vez para espreitar

para dentro da casa de banho vazia. A porta do quarto estava trancada. Gabriel martelou com o punho e chamou pelo nome de Klein. Não obteve resposta.

A porteira foi ter com ele. Olharam um para o outro. Ela abanou a cabeça. Gabriel segurou a maçaneta com as duas mãos e atirou o ombro contra a porta. A madeira desfez-se e ele tropeçou para dentro do quarto.

Aqui, como na sala de estar, as cortinas estavam fechadas. Gabriel levou a mão à parede e tateou no escuro até encontrar um interruptor. Um pequeno abajur de mesa lançou um cone de luz sobre a figura deitada na cama.

A porteira suspirou.

Gabriel avançou lentamente. A cabeça de Max Klein estava coberta por um saco plástico transparente, e um cordão de ouro entrançado envolvia seu pescoço. Seus olhos fitavam Gabriel através do plástico embaciado.

— Vou chamar a polícia — disse a porteira.

Gabriel sentou-se aos pés da cama e enterrou o rosto nas mãos.

LEVOU VINTE MINUTOS até o primeiro polícia chegar. A sua conduta apática sugeria a presunção de suicídio. De certo modo isto era melhor para Gabriel, porque a suspeição de comportamento criminoso teria alterado significativamente a natureza do encontro. Foi interrogado duas vezes, uma pelos polícias fardados que responderam primeiro à chamada, depois outra vez por um detective da Staatspolizei chamado Greiner. Gabriel disse chamar-se Gideon Argov e que trabalhava para o escritório de Jerusalém do Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo de Guerra. Que viera a Viena depois do atentado para estar com o seu amigo Eli Lavon. Que Max Klein era um velho amigo do seu pai, e que o seu pai tinha sugerido que o visitasse para ver como é que o velhote estava. Não mencionou o seu encontro com Klein duas noites antes, nem informou a polícia das suspeitas de Klein sobre Ludwig Vogel. O seu passaporte foi examinado, como o seu cartão de visita. Números de telefone foram escritos em pequenos blocos de notas pretos. Condolências foram oferecidas. A porteira fez chá. Foi tudo muito educado.

Pouco depois do meio-dia, um par de enfermeiros e uma ambulância vieram recolher o corpo. O detective entregou a Gabriel um cartão e disse-lhe que se podia ir embora. Gabriel abandonou o prédio e contornou a esquina. Num beco escuro, encostou a cabeça aos tijolos sujos de fuligem e fechou os olhos. Suicídio? Não, o homem que sobreviviera aos horrores de Auschwitz não se tinha suicidado. Tinha sido assassinado, e Gabriel não conseguia deixar de se sentir culpado. Ter deixado Klein desprotegido tinha sido muito estúpido.

Começou a caminhar de regresso ao hotel. As imagens do caso brincavam-lhe na cabeça como fragmentos de um quadro inacabado: Eli Lavon está numa cama de hospital, Ludwig Vogel no Café Central, o homem Staatspolizei em Salzkammergut, Max Klein morto com um saco de plástico na cabeça. Cada incidente era como mais um peso num prato de uma balança. A balança estava prestes a ceder, e a próxima vítima podia muito bem ser ele. Estava na altura de deixar a Áustria enquanto ainda podia.

Entrou no hotel e pediu na recepção que lhe preparassem a conta, em seguida subiu as escadas até o quarto. A porta, apesar do sinal NÃO INCOMODAR pendurado na maçaneta, estava entreaberta e ele conseguia ouvir vozes vindas de dentro. Empurrou-a suavemente com a ponta dos dedos. Dois homens, à paisana, estavam a levantar o colchão do estrado. Um terceiro, claramente o chefe, estava sentado à mesa observando a operação como um adepto aborrecido durante um evento desportivo. Vendo Gabriel à porta, levantou-se lentamente e colocou as mãos nas ancas. O último peso acabava de ser acrescentado à balança.

— Boa tarde, Allon — disse Manfred Kruz.

11

VIENA

— SE ESTÁ PENSANDO em escapar, vai descobrir que todas as saídas estão bloqueadas e ao fundo das escadas um homem muito grande vai apreciar a oportunidade de o subjugar.

O corpo de Kruz virou-se ligeiramente. Fixou o olhar em Gabriel, como um esgrimista, por cima do ombro e levantou a palma da mão num gesto apaziguador.

— Não há necessidade de isto se descontrolar. Entre e feche a porta. A sua voz era a mesma, sem energia e anormalmente calma, um cangalheiro a ajudar um cliente enlutado a escolher um caixão. Envelhecera treze anos — havia mais algumas rugas em volta da boca astuta e alguns quilos extra na sua figura delgada — e, avaliando pela roupa bem feita e comportamento arrogante, fora promovido. Gabriel manteve o seu olhar fixo nos olhos negros de Kruz. Conseguia sentir a presença de outro homem nas suas costas. Atravessou a entrada e fechou a porta atrás de si. Ouviu um baque, seguido de um praguejar resmungado em alemão. Kruz levantou a palma da mão novamente.

Desta vez era uma ordem para Gabriel parar.

— Está armado?

Gabriel abanou a cabeça penosamente.

— Importa-se que eu verifique? — Perguntou Kruz. — A sua reputação o persegue.

Gabriel levantou os braços. O oficial que estava por trás dele no bali entrou no quarto e revistou-o. Era profissional e muito minucioso, começando pelo pescoço e terminando nos calcanhares. Kruz parecia desiludido com o resultado.

— Tire o casaco e esvazie os bolsos.

Gabriel hesitou e foi instigado com um doloroso golpe no rim. Desapertou o casaco e entregou-o a Kruz, que revistou os bolsos e sentiu o forro de um compartimento falso.

— Vire os bolsos da calça para fora.

Gabriel obedeceu. Resultado: algumas moedas e o canhoto de um bilhete de trólei. Kruz olhou para os dois oficiais que seguravam o colchão e ordenou-lhes que refizessem a cama.

— O Sr. Allon é um profissional — disse.

— Não vamos encontrar nada.

Os oficiais deixaram cair o colchão no estrado. Kruz, com um gesto, disse-lhes que abandonassem o quarto. Sentou-se novamente à mesa e apontou para a cama.

— Ponha-se à vontade. Gabriel continuou de pé.

— Há quanto tempo está em Viena?

— Diga-me você?

Kruz reconheceu o elogio profissional com um sorriso seco.

— Chegou num voo proveniente do Aeroporto Ben-Gurion na noite anterior à de ontem. Depois de dar entrada no hotel, prosseguiu para o Hospital Geral de Viena, onde passou várias horas com o seu amigo Eli Lavon.

Kruz ficou em silêncio. Gabriel ponderou o quanto mais ele saberia sobre as suas atividades em Viena. Saberia dos encontros com Max Klein e Renate Hoffmann? O seu encontro com Ludwig Vogel no Café Central e a sua excursão a Salzkammergut? Kruz, mesmo que soubesse mais, não iria certamente dizer. Ele não era do tipo de mostrar os trunfos sem razão. Gabriel imaginava-o um jogador frio e calculista.

— Porque não me prendeu antes?

— Não o prendi agora. Kruz acendeu um cigarro.

— Estamos dispostos a esquecer a sua violação do nosso acordo porque assumimos que pudesse ter vindo a Viena para estar ao lado do seu amigo ferido. Mas rapidamente se tornou claro que pretendia conduzir uma investigação privada do atentado. Por razões óbvias, não posso permitir isso.

— Sim — concordou Gabriel —, por razões óbvias.

Kruz dispensou um momento a contemplar o fumo erguendo-se da ponta do cigarro.

— Tínhamos um acordo, Sr. Allon. Sob nenhuma circunstância deveria voltar a este país. Não é bem-vindo aqui. Não é suposto aqui estar. Não me interessa se está transtornado por causa do seu amigo Eli Lavon. Esta investigação é nossa, e não precisamos da sua ajuda nem do seu serviço.

Kruz olhou para o relógio.

— Há um voo da El Al que parte dentro de três horas. Você vai embarcar nele. Eu faço-lhe companhia enquanto faz as malas.

Gabriel olhou em redor para as suas roupas espalhadas pelo chão. Levantou a tampa da sua mala e viu que o forro tinha sido cortado. Kruz encolheu os ombros:

— O que é que esperava?

Gabriel agachou-se e começou a apanhar os seus pertences. Kruz olhou para a rua pelas portadas francesas e fumou. Passado um momento, Kruz perguntou:

— Ela ainda está viva?

Gabriel voltou-se lentamente e cravou o seu olhar nos olhos pequenos e negros de Kruz.

— Está a referir-se à minha mulher?

— Sim.

Gabriel abanou a cabeça lentamente.

— Não fale da minha mulher, Kruz. Kruz sorriu secamente.

— Não vai começar a fazer ameaças novamente, pois não, Sr. Allon? Posso sentir-me tentado a levá-lo sob custódia para um interrogatório mais pormenorizado das suas atividades aqui.

Gabriel não disse nada. Kruz apagou o cigarro.

— Faça as malas, Allon. Não vai querer perder o avião.

PARTE DOIS

A Galeria dos Nomes

JERUSALÉM

AS LUZES DO Aeroporto Ben-Gurion pontuavam a escuridão da planície costeira. Gabriel encostou a cabeça à janela e observou a pista erguendo-se lentamente para se encontrar com ele. A pista alcatroada brilhava como vidro sob a chuva da noite. Enquanto o avião abrandava para parar, Gabriel viu o homem da King Saul Boulevard debaixo de um guarda-chuva na base das escadas. Garantiu que era o último passageiro a abandonar o avião.

Entraram no terminal por uma porta especial, usada por oficiais seniores do governo e dignitários de visita. O homem da sede era um discípulo de Lev, corporativo e de alta tecnologia, orientado na bolsa de valores e a crença de que homens de campo eram simplesmente objetos insensíveis para serem manipulados por seres superiores. Gabriel caminhava um passo à sua frente.

— O chefe quer ver-te.

— Não duvido, mas não durmo há dois dias e estou cansado.

— O chefe não quer saber se estás cansado. Quem é que pensas que és, Allon? Gabriel, mesmo em segurança no Aeroporto de Ben-Gurion, não apreciava o uso do seu nome verdadeiro. Voltou-se bruscamente. O homem da sede levantou os braços rendendo-se. Gabriel virou costas e continuou a andar. O homem da sede teve o bom senso de não o seguir.

Lá fora, a chuva caía forte no pavimento. Obra de Lev, sem dúvida. Gabriel procurou abrigo debaixo da praça de táxis e pensou para onde poderia ir. Não tinha residência em Israel; o Departamento era o seu único lar. Normalmente ficava num apartamento seguro ou na casa de campo de Shamron em Tiberíades.

Um Peugeot preto virou na rotunda. O peso da blindagem fazia-o deslocar-se rente ao chão sob uma dura suspensão. Parou em frente a Gabriel, a janela à prova de bala do banco de trás baixou. Gabriel cheirou a amarga essência familiar de tabaco turco. A seguir viu a mão, manchada pelo fígado e de veias azuis proeminentes, gesticulando com lassidão para que ele saísse da chuva. O CARRO LANÇOU-SE para a frente ainda antes de Gabriel ter tempo para fechar a porta. Shamron nunca foi de esperar. Apagou o cigarro em atenção a Gabriel e abriu as janelas por alguns segundos para purificar

o ar. Quando as janelas se fecharam novamente, Gabriel contou-lhe a hostil recepção de Lev. Começou por falar com Shamron em inglês; mas, lembrando-se onde estava, mudou para hebraico.

— Parece que quer falar comigo.

— Sim, eu sei — disse Shamron.

— Também me quer ver a mim.

— Como é que ele ficou a saber de Viena?

— Parece que Manfred Kruz fez um telefonema de cortesia para a embaixada depois de sua deportação e fez um escândalo. Disseram-me que não foi bonito. O ministro dos Negócios Estrangeiros está furioso, e o último andar inteiro da King Saul Boulevard quer a minha cabeça, e sua.

— O que é que me podem fazer?

— Nada, o que faz de ti o meu cúmplice perfeito, isso e os teus óbvios talentos, claro.

O carro lançou-se para fora do aeroporto e virou para a autoestrada. Gabriel questionou-se porque estariam a ir na direção de Jerusalém, mas estava demasiado exausto para se ralar. Pouco depois, começaram a subir as Montanhas da Judeia. Sentiu-se o cheiro a eucalipto e pinho molhado. Gabriel olhou pela janela pingada de chuva e tentou lembrar-se da última vez que tinha pisado o seu país. Fora depois de ter caçado Tariq al-Hourani. Passara um mês num apartamento seguro mesmo por fora dos muros da cidade velha, recuperando de um ferimento de bala no peito. Fora há mais de três anos. Percebeu que as coisas que o ligavam a este lugar estavam a desaparecer. Ponderou se ele, como Francesco Tiepolo, morreria em Veneza e se sofreria a indignidade de um enterro em terra firme.

— Algo me diz que Lev e o ministro dos Negócios Estrangeiros vão ficar ligeiramente menos aborrecidos comigo quando descobrirem o que está por trás disto. Shamron ergueu um envelope.

— Parece que estiveste muito ocupado durante sua curta estada em Viena. Quem é Ludwig Vogel?

Gabriel, com a cabeça apoiada na janela, disse a Shamron tudo, começando pelo seu encontro com Max Klein, e terminando com o seu tenso confronto com Manfred Kruz no quarto de hotel. Shamron em breve estava a fumar outra vez, e embora Gabriel não conseguisse ver claramente o seu rosto no banco de trás da escura limusina, o velho homem estava na realidade a sorrir. Umberto Conti podia ter dado a Gabriel as ferramentas para se tornar um grande restaurador, mas Shamron era responsável pela sua memória infalível.

— Não admira que Kruz estivesse tão ansioso por te pôr fora da Áustria — disse Shamron.

— As Células de Combate Islâmico? Irrompeu num riso irônico.

— Que conveniente. O governo aceita a reivindicação de responsabilidade e varre o caso para debaixo do tapete como sendo um caso de terrorismo islâmico em solo austríaco. Dessa forma as pistas não chegam muito perto dos austríacos, ou de Vogel e Metzler, especialmente estando tão perto das eleições.

— Mas e os documentos do Staatsarchiv? Segundo os mesmos, Ludwig Vogel está impecavelmente limpo.

— Então por que colocou ele uma bomba no escritório de Eli e assassinou Max Klein?

— Não sabemos se ele fez alguma dessas coisas.

— É verdade, mas os fatos sugerem com certeza essa possibilidade. Podemos não conseguir provar em tribunal, mas a história iria vender muitos jornais.

— Estás a sugerir uma fuga de informação?

— Porque não acendemos uma fogueira debaixo de Vogel e vemos como ele reage?

— Não me parece uma boa ideia — disse Gabriel. — Lembras-te de Waldheim e as revelações sobre o seu passado nazista? As provas foram contrariadas e consideradas propaganda externa e interferência estrangeira nos assuntos austríacos. A opinião pública cerrou fileiras à sua volta, assim como as autoridades do país. O caso também fez disparar o antisemitismo na Áustria. Uma fuga, Ari, seria uma muito má ideia.

— Então o que sugeres que façamos?

Max Klein estava convencido de que Ludwig Vogel era um homem das SS que cometeu uma atrocidade em Auschwitz. Segundo os documentos do Staatsarchiv, Ludwig Vogel era demasiado novo para ser esse homem, e ele esteve na Wehrmacht, não nas SS. Mas assume, para discussão, que Max Klein estava certo.

— Isso significaria que Ludwig Vogel é outra pessoa. Exatamente — disse Gabriel. — Então vamos descobrir quem ele é na realidade.

— Como tencionas fazer isso?

Não sei bem — disse Gabriel —, mas as informações desse envelope, nas mãos certas, podem produzir algumas pistas valiosas. Shamron abanou a cabeça.

Há um homem na Yad Vashem que deves ir visitar. Ele poderá ajudar-te. Vou organizar um encontro logo de manhã.

Há mais uma coisa, Ari. Precisamos tirar o Eli de Viena.

— Exatamente o que eu estava a pensar.

Shamron retirou o telefone da consola e pressionou um botão de ligação automática.

Daqui Shamron, preciso de falar com o primeiro-ministro.

SITUADO NO ALTO DO Monte Herzl, na parte ocidental de Jerusalém, Yad Vashem é o memorial oficial de Israel em honra dos seis milhões de vítimas que pereceram na Shoah. É também o centro de pesquisa e documentação sobre o Holocausto mais avançado do mundo. A livraria contém mais de cem mil volumes, a maior e mais completa coleção de literatura do Holocausto no planeta. Guardados nos arquivos estão mais de cinquenta e oito milhões de páginas de documentos originais, incluindo milhares de testemunhos pessoais, escritos, ditados, ou filmados por sobreviventes da Shoah em Israel e em todo o mundo. Moshe Rivlin esperava-o. Um rechonchudo acadêmico barbudo que falava hebraico com um sotaque de Brooklyn. A especialidade residia não nas vítimas da Shoah mas nos seus perpetradores: os alemães que serviram a mortal máquina nazista e os milhares de ajudantes não alemães que com vontade e entusiasmo participaram na destruição dos judeus

da Europa. Ele trabalhava como consultor pago pelo Departamento de Justiça Americano de Investigações Especiais, compilando documentação e provas contra nazistas acusados de crimes de guerra e purgando Israel de testemunhas vivas. Quando não estava a pesquisar nos arquivos de Yad Vashem, Rivlin podia ser facilmente encontrado entre sobreviventes, à procura de alguém que se lembrasse.

Rivlin conduziu Gabriel ao edifício de arquivos até a sala de leitura principal. Era um espaço surpreendentemente exíguo, brilhantemente iluminado por grandes janelas até o teto com vista sobre as colinas a oeste de Jerusalém. Curvados sobre livros abertos, um par de estudantes lia; outro olhava fixamente para a tela de um leitor de microfilme. Quando Gabriel sugeriu algo de mais privado, Rivlin levou-o até uma pequena sala anexa e fechou a espessa porta de vidro. A versão dos acontecimentos que Gabriel providenciou era simples, mas exaustiva o suficiente para que nada importante se perdesse na tradução. Mostrou a Rivlin todo o material que recolhera na Áustria: o arquivo da Staatsarchiv, a fotografia, o relógio de pulso e o anel. Quando Gabriel apontou para a inscrição no interior da banda, Rivlin leu-a e olhou para cima pensativo.

— Impressionante — sussurrou.

— O que significa?

— Tenho de recolher alguns documentos do arquivo. — Rivlin parou. — Vai levar algum tempo.

— Quanto?

O arquivista encolheu os ombros.

— Uma hora, talvez um pouco menos. Já alguma vez esteve nos memoriais?

- Não desde que andava na escola.
- Dê um passeio.
- Rivlin deu uma pancadinha no ombro de Gabriel.
- Volte daqui a uma hora.

GABRIEL CAMINHOU POR uma trilha entre pinheiros e desceu a passagem de pedra até a escuridão do Memorial das Crianças. Cinco velas, reflectidas infinitamente por espelhos, criavam a ilusão de uma galáxia de estrelas, enquanto uma voz gravada lia os nomes dos mortos.

Emergiu de volta para a luz brilhante do sol e caminhou até a Galeria da Recordação, onde ficou imóvel perante a chama eterna, tremeluzente no meio de basalto negro gravado com alguns dos nomes mais infames da história: Treblinka, Sobibor, Majdanek, Bergen-Belsen, Chelmo, Auschwitz...

Na Galeria dos Nomes não havia chamas nem estátuas, apenas incontáveis pastas cheias de páginas de testemunhos, cada uma carregando a história de um mártir: nome, local e data de nascimento, filiação, local de residência, profissão, local da morte. Uma gentil mulher chamada Shoshanna procurou na base de dados do computador e localizou as páginas de testemunho dos avós de Gabriel, Viktor e Sarah Frankel. Imprimiu-as e entregou-as tristemente a Gabriel. No fundo de cada página estava o nome da pessoa que tinha facultado a informação: Irene Allon, a mãe de Gabriel.

Pagou uma pequena quantia pelas impressões, dois sheqel por cada, e caminhou até a porta ao lado que dava para o Museu de Arte de Yad Vashem, sede da maior coleção de arte do Holocausto no mundo. Enquanto deambulava pelas galerias, achou possível abarcar com os braços o eterno espírito humano que conseguira produzir arte sob condições de fome, escravidão, e brutalidade inimaginável. De repente, o seu próprio trabalho parecia trivial e completamente desprovido de significado. O que é que santos mortos no museu de uma igreja têm a ver seja com o que for? Mário Delvecchio arrogante, o egoísta Mário Delvecchio parecia inteiramente irrelevante.

Na sala final estava uma exposição especial de arte infantil. Uma imagem cortou-lhe a respiração, um esboço a carvão de uma criança andrógina, encolhendo-se de medo perante a figura gigante de um oficial das SS.

Olhou para o relógio. Tinha passado uma hora. Deixou o museu de arte e apressou-se de volta aos arquivos para ouvir os resultados da pesquisa de Moshe Rivlin.

ENCONTROU RIVLIN CAMINHANDO ansiosamente no pátio de entrada de arenito do edifício dos arquivos. Rivlin pegou em

Gabriel pelo braço e conduziu-o para dentro da pequena sala onde tinham estado uma hora atrás. Duas grossas pastas esperavam-nos. Rivlin abriu a primeira e entregou a Gabriel uma fotografia: Ludwig Vogel, com a farda de um Sturmbannführer SS.

— É Radek — sussurrou Rivlin, incapaz de conter a sua excitação. Acho que você pode ter encontrado Erich Radek!

13

VIENA

HERR KONRAD BECKER, da Becker & Pull, Talstrasse 26, Zurique, chegou a Viena na mesma manhã. Passou pelo controle de passaportes sem demoras e seguiu até a zona de chegadas, onde localizou o motorista de uniforme segurando um cartão onde se lia HERR BAUER. O cliente insistiu na precaução acrescida. Becker não gostava do cliente — nem tinha ilusões sobre a origem da conta — mas assim era a natureza da banca suíça privada, e Herr Konrad Becker era um verdadeiro devoto. Se o capitalismo fosse uma religião, Becker seria o líder de um sector extremista. Na opinião avalizada de Becker, o homem possuía o direito divino de transformar o dinheiro livre de regulamentos governamentais e de o ocultar onde e como quisesse. Evitar a tributação não era uma escolha mas sim uma obrigação moral. Dentro do mundo secreto da banca de Zurique, ele era conhecido pela sua discrição absoluta. Era essa a razão pela qual Konrad Becker tinha sido confiado com a conta.

Vinte minutos mais tarde, o carro parou em frente a uma mansão de pedra no Primeiro Bairro. Seguindo instruções de Becker, o motorista buzinou duas vezes e, depois de uma curta espera, o portão de metal abriu lentamente. Enquanto o carro avançava, um homem desceu o curto lance de degraus. Estava nos seus quarentas e muitos, com o porte e a elegância de um esquiador de competição. O seu nome era Klaus Halder.

Halder abriu a porta do carro e conduziu Becker até o bali de entrada. Como de costume, pediu ao banqueiro que abrisse a sua pasta para inspeção. Em seguida mandou-o estar na degradante posição de Leonardo, braços e pernas abertos, para uma minuciosa passagem do detector de metais manual.

Finalmente foi escoltado até a sala de visitas, um gabinete vienense formal, amplo e retangular, com paredes de um amarelo rico

e sancas pintadas da cor de creme coagulado. A mobília era barroca e coberta de fino brocado. Um relógio de ouropel tiquetaqueava suavemente na prateleira. Cada peça de mobiliário, cada lâmpada e objeto decorativo parecia complementar o outro e a sala era um todo. Era a sala de um homem que claramente tinha dinheiro e gosto em quantidades iguais. Herr Vogel, o cliente, estava sentado por baixo de um retrato que parecia, na opinião de Becker, ter sido pintado por Lucas Cranach, o Ancião. Levantou-se devagar e estendeu a mão. Faziam um par contrastante: Vogel, alto e germânico, com os seus olhos azuis-claros e cabelo branco; Becker, baixo e careca com uma segurança cosmopolita nascida do contato com a natureza variada da sua clientela. Vogel soltou a mão do banqueiro e apontou para uma cadeira vazia. Becker sentou-se e retirou um livro de registro forrado a pele da sua pasta. O cliente acenou solenemente. Ele nunca fora de conversa fiada.

— Segundo registros desta manhã — disse Becker — o valor total da conta é de dois mil milhões e meio de dólares. Quase um mil milhões está em dinheiro, igualmente dividido em dólares e euros. O resto do dinheiro é investimento: a tributação habitual, títulos e obrigações, juntamente com um montante substancial em imóveis. Em preparação para a liquidação e dispersão da conta, está a decorrer a venda dos valores imobiliários. Devido ao estado da economia global, está a levar mais tempo do que esperávamos.

— Quando estará o processo completo?

— A nossa data-limite é o final do mês. Mesmo que não consigamos cumprir, a dispersão do dinheiro será iniciada imediatamente após a recepção da carta do escritório do chanceler. As instruções neste ponto são muito específicas. A carta deve ser entregue em mão no meu escritório em Zurique, não mais de uma semana depois de o chanceler prestar juramento. Tem de ser em papel oficial da chancelaria timbrado e por cima da assinatura do chanceler.

— Posso assegurar-lhe que a carta do chanceler está a ser encaminhada.

— Em antecipação à vitória de Herr Metzler, iniciei a difícil tarefa de localizar todos aqueles a quem é devido pagamento. Como sabe, estão espalhados da Europa ao Oriente Médio, à América do Sul e aos Estados Unidos. Também estive em contato com o diretor do Banco do Vaticano. Como deve calcular, dado o estado financeiro atual da Santa Sé, ele ficou muito contente com o meu telefonema.

— E porque não? Duzentos e cinquenta milhões de dólares é muito dinheiro.

Do banqueiro, um sorriso vigilante.

— Sim, mas nem mesmo o Santo Padre saberá a verdadeira origem do dinheiro.

Tudo o que o Vaticano tem de saber é que é de um abastado
dador que deseja permanecer anônimo.

— E depois há a sua parte — disse Vogel.

— A parte do banco é de cem milhões de dólares, pagável após
a dispersão de todos os fundos.

— Cem milhões de dólares, mais as taxas de transação que tem
cobrado ao longo dos anos e a percentagem que tira dos lucros anuais.
A conta fê-lo um homem extremamente rico.

— Os seus camaradas são generosos com aqueles que os
ajudam nos seus esforços. O banqueiro fechou o livro de registro com
um baque abafado. Em seguida entrelaçou os dedos e olhou-os de
modo pensativo por um momento antes de falar.

— Mas temo que tenha havido algumas inesperadas...
complicações.

— Que tipo de complicações?

— Parece que vários dos que iriam receber dinheiro morreram
recentemente em circunstâncias misteriosas. O último foi o sírio. Foi
assassinado num clube de cavalheiros em Istambul, nos braços de uma
prostituta russa. A moça foi assassinada, também. Uma cena terrível.

Vogel abanou a cabeça tristemente.

— O sírio deveria ter sido aconselhado a evitar locais como
esse.

— Claro que como portador do número de conta e senha, irá
manter o controle de todos os fundos que não possam ser dispersos.
Isso é o que as instruções estipulam.

— Que sorte a minha.

— Vamos esperar que o Santo Padre não sofra um acidente
semelhante.

O banqueiro removeu os óculos e inspecionou as lentes à
procura de impurezas.

— Sinto-me obrigado a lembrá-lo, Herr Vogel, que eu sou a
única pessoa com autoridade para dispersar fundos. Na eventualidade
da minha morte, a autoridade passará para o meu sócio, Herr Puhl. Se
eu morrer em circunstâncias violentas ou misteriosas, a conta será
congelada até as circunstâncias da minha morte serem determinadas.
Se as circunstâncias não puderem ser determinadas, a conta será
considerada inativa. E sabe o que acontece às contas inativas na
Suíça?

— Eventualmente tornam-se propriedade do próprio banco.

— Está correto. Ah, eu suponho que pode levar o caso a
tribunal, mas isso iria levantar um número de questões embaraçosas
sobre a proveniência do dinheiro. Questões que a instituição bancária
suíça e o governo preferiam que não viessem a público. Como pode
imaginar, tal inquérito seria desconfortável para todos os envolvidos.

— Então por atenção a mim, por favor cuide-se, Herr Becker. A sua continuação em boa saúde e segurança são de extrema importância para mim.

— Aprecio muito as suas palavras. Aguardarei a recepção da carta do chanceler. O banqueiro devolveu o livro de registro à sua pasta e fechou-a.

— Peço desculpa, mas há mais uma formalidade que me escapou. Quando discutimos a conta, é necessário que me diga o número da mesma. Para que conste, Herr Vogel, é capaz de o recitar para mim agora?

— Sim, claro.

Então, com a precisão germânica:

— Seis, dois, nove, sete, quatro, três, cinco.

— E a senha?

— Um, zero, zero, cinco.

— Obrigado, Herr Vogel.

DEZ MINUTOS MAIS TARDE, o carro de Becker parou à porta do Hotel Ambassador.

— Espere aqui — disse o banqueiro ao condutor. — Não levo mais do que alguns minutos.

Atravessou a entrada e subiu no elevador até o quarto andar. Um americano alto de blazer amarrotado e gravata apertada admitiu-o no quarto 417. Ofereceu uma bebida a Becker, a qual o banqueiro recusou, em seguida um cigarro, que ele também declinou. Becker nunca tocara em tabaco. Talvez começasse.

O americano estendeu a mão em direção à pasta. Becker entregou-lha. O americano levantou a tampa e forçou o falso forro de couro, expondo um pequeno gravador de fitas. Retirou a fita e colocou-a num pequeno aparelho de reprodução. Carregou no REWIND e depois no PLAY. A qualidade de som era notável.

— Para que conste, Herr Vogel, é capaz de o recitar para mim agora?

— Sim, claro. Seis, dois, nove, sete, quatro, três, cinco.

— E a senha?

— Um, zero, zero, cinco.

— Obrigado, Herr Vogel. STOP.

O americano levantou o olhar e sorriu. O banqueiro parecia que tinha acabado de ser apanhado a trair a esposa com a sua melhor amiga.

— Fez um bom trabalho, Herr Becker. Estamos gratos.

— Acabei de cometer mais violações das leis de segredo bancário suíço do que consigo contar.

— É verdade, mas são leis execráveis. E aliás, vai receber cem

milhões de dólares. Juntamente com o seu banco.

— Mas já não é o meu banco, é? É o seu banco agora.

O americano sentou-se recostado e cruzou os braços. Não insultou Becker negando-o.

14

JERUSALÉM

GABRIEL NÃO FAZIA ideia de quem seria Erich Radek. Rivlin contou.

Erich Wilhelm Radek nasceu em 1917 na aldeia de Alberndorf, cinquenta quilômetros a norte de Viena. Filho de um polícia, Radek frequentava o ginásio local e mostrava uma aptidão natural para matemática e física. Ganhou uma bolsa de estudo para frequentar a Universidade de Viena, onde estudou engenharia e arquitetura. Segundo os registos da universidade, Radek era um estudante talentoso que tirava notas altas. Era também ativista político da direita católica.

Em 1937, inscreveu-se como membro do partido nazista . Foi aceite e recebeu o número de membro partidário 57984567. Radek também se afiliou na Legião Austríaca, uma organização paramilitar nazista ilegal. Em Março de 1938, nos tempos da Anschluss, candidatou-se às SS. Louro e de olhos azuis, com um porte atlético, Radek foi considerado "nórdico puro" pela Comissão Racial das SS e, depois de uma dolorosa verificação da sua ascendência, foi considerado isento de sangue judeu e de outro sangue não ariano e aceite na irmandade de elite.

— Isto é uma cópia do arquivo partidário de Radek e os questionários que preencheu aquando da sua inscrição. Vem do Centro de Documentação de Berlim, o maior repositório de arquivos nazistas e SS do mundo.

Rivlin ergueu duas fotografias, uma era uma fotografia de frente, a outra de perfil.

— Estas são as fotografias oficiais das SS. Parece o nosso homem, não parece? Gabriel acenou com a cabeça. Rivlin recolocou as fotografias na pasta e continuou com a lição de história:

— Em Novembro de 1938, Radek tinha abandonado os estudos

e trabalhava no Departamento Central para a Emigração Judaica, a instituição nazista que empreendeu uma campanha de terror e destituição econômica contra os judeus da Áustria, desenhada para forçar os judeus a abandonar o país "voluntariamente". Radek causou uma impressão favorável no diretor do

Departamento Central, que não era ninguém menos que Adolf Eichmann. Quando Radek manifestou desejo de ir a Berlim, Eichmann concordou em ajudar. Além disso, Eichmann era habilmente assistido em Viena por um jovem nazista austríaco chamado Alois Brunner, que eventualmente viria a ser implicado nas deportações e massacre de 128 000 judeus da Grécia, França, Romênia e Hungria. Em Maio de 1939, Radek foi transferido para o Departamento Principal de Segurança do Reich em Berlim, onde foi delegado à Sicherheitsdienst, o serviço de segurança nazista conhecido como SD. Rapidamente passou a trabalhar diretamente para o notável chefe da SD, Reinhard Heydrich.

Em Junho de 1941, Hitler lançou a Operação Barbarossa, a invasão da União Soviética. A Erich Radek foi atribuído o comando das operações da SD naquela que ficou conhecida como a Reichskommissariat Ucrânia, uma larga porção administrativa da Ucrânia que incluía as regiões de Volhynia, Zhitomir, Kiev, Nikolayev, Tauria e Dnepropetrovsk. As responsabilidades de Radek incluíam segurança no campo e operações anti-resistência. Também criou a colaboracionista Polícia Auxiliar Ucraniana e controlava as suas atividades. Durante os preparativos para a Barbarossa, Hitler ordenou secretamente a Heinrich Himmler que exterminasse os judeus da União Soviética. Enquanto a Wehrmacht rolava sobre o território soviético, quatro esquadrões da morte móveis Einsatzgruppen seguiam de perto. Os judeus eram agrupados e transportados para locais isolados, normalmente localizados junto de valas antitanque, pedreiras abandonadas, ou ravinas fundas, onde eram assassinados a tiro de metralhadora e apressadamente enterrados em valas comuns.

— Erich Radek estava bem ciente das atividades das unidades Einsatzgruppen na Reichskommissariat — disse Rivlin. — Era, afinal de contas, o seu território. E ele não era um burocrático assassino de mesa. Radek apreciava realmente ver judeus serem assassinados aos milhares. Mas o seu maior contributo para a Shoah ainda está para vir.

— É o quê?

— Tem a resposta a essa pergunta no seu bolso. Está gravada no interior do anel que tirou da casa na Alta Áustria.

Gabriel tirou o anel do bolso e leu a inscrição: 1005, bom trabalho, Heinrich.

— Eu suspeito que Heinrich seja nem mais nem menos

Heinrich Müller, o chefe da Gestapo. Para o caso, a informação mais importante contida na inscrição são esses quatro números no início: um, zero, zero, cinco.

— O que significam?

Rivlin abriu a segunda pasta. Estava classificada como: AKTION 1005. COMEÇOU, de modo estranho, com uma queixa por parte dos vizinhos.

No início de 1942, o escoamento de águas primaveril expôs uma série de valas comuns no distrito de Warthegau na Polônia ocidental, ao longo do rio Ner. Milhares de corpos flutuaram à superfície, e um cheiro nauseabundo espalhou-se por vários quilômetros em redor. Um alemão que vivia perto enviou uma carta anônima para o Ministério dos Negócios Estrangeiros em Berlim queixando-se da situação. Sinos de alarme tocaram. As sepulturas continham os restos mortais de milhares de judeus assassinados pelas vans móveis de gás que, na altura, eram usadas no campo de concentração de Chelmno. A Solução Final, o segredo mais bem guardado da Alemanha nazista, estava em risco de ser exposto pelo degelo.

Os primeiros relatos do assassinato em massa de judeus já tinha começado a chegar ao mundo exterior, graças a um canal de comunicação diplomático soviético que alertou os Aliados sobre os horrores que estavam a ser levados a cabo pelas forças alemãs na Polónia e em solo soviético. Martin Luther, que lidava com os "assuntos judaicos" em nome do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão, sabia que as sepulturas expostas perto de Chelmno representavam uma séria ameaça ao segredo da Solução Final. Encaminhou uma cópia da carta anônima para Heinrich Müller da Gestapo e requisitou ação imediata.

Rivlin tinha uma cópia da resposta de Müller a Martin Luther. Colocou-a na mesa, virou-a para que Gabriel a pudesse ver, e apontou para a passagem relevante:

A carta anônima enviada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros sobre a aparente solução da questão judaica no distrito de Warthegau, que me foi submetida por si a 6 de Fevereiro de 1942, eu imediatamente transmiti para tratamento adequado. Os resultados serão comunicados a seu tempo. Não há como evitar as lascas que caem ao chão num local onde se corta madeira.

Rivlin apontou para as citações no canto superior esquerdo do memorando: W B4 43/42 gRs [1005].

— Adolf Eichmann quase com certeza recebeu uma cópia da resposta de Müller a Martin Luther. Sabe, o departamento de Eichmann no Departamento Principal de Segurança do Reich aparece na linha da morada. Os números "43/42" representam a data: o

quadragésimo terceiro dia de 1942, ou vinte e oito de Fevereiro. As iniciais g-R-s significam que o assunto é Geheime Reichssache, um assunto ultrassecreto do Reich. E aqui, entre parêntesis no fim da linha, estão os quatro números que seriam eventualmente usados como nome de código da ultra-secreta Aktion, um, zero, zero, cinco.

Rivlin devolveu o memorando à pasta.

— Pouco depois de Müller ter enviado essa carta a Martin Luther, Erich Radek foi retirado do comando na Ucrânia e transferido de volta ao Departamento Principal de Segurança do Reich em Berlim. Foi destacado para o departamento de Eichmann e embarcou num período intenso de estudo e planificação. Sabe, esconder o maior caso de assassinato em massa da história não era tarefa fácil. Em Junho, regressou a leste, sob a autoridade direta de Müller, e meteu mãos à obra.

A cidade polonesa de Lodz, a cerca de oitenta quilômetros a sudoeste do campo de concentração de Chelmno foi escolhida por Radek para sede do seu Sonderkommando 1005. A morada exata era Geheime Reichssache e desconhecida, exceto para algumas altas patentes das SS. Toda a correspondência passava pelo departamento de Eichmann em Berlim.

Radek confiou na cremação como o método mais eficaz de se livrar dos corpos. Queimar já fora tentado antes, normalmente com lança-chamas, mas com resultados insatisfatórios. Radek fez bom uso dos seus conhecimentos de engenharia, inventando um método de queimar cadáveres, dois mil de cada vez, em piras feitas de torres aerodinâmicas. Vigas de madeira grossas, com cerca de sete a oito metros de comprimento, eram embebidas em gasolina e colocadas em cima de blocos de cimento. Os corpos eram espalhados entre as vigas: corpos, vigas, corpos, vigas, corpos. A acendalha embebida em gasolina era colocada na base da estrutura e posta em chamas. Quando o fogo esmorecia, os corpos carbonizados eram esmagados e dispersos por maquinaria pesada.

O trabalho sujo era feito por escravos judeus. Radek organizou os judeus em três equipes, uma equipe para abrir o fosso fúnebre, a segunda para transportar os cadáveres do fosso para a pira, e uma terceira para procurar ossos e objetos de valor nas cinzas. No final de cada operação, o terreno era terraplanado e replantado para esconder o que se tinha passado ali. Em seguida os escravos eram assassinados e os corpos destruídos. Dessa forma o segredo da Aktion 1005 era preservado.

Quando o trabalho em Chelmno terminou, Radek e o seu Sonderkommando 1005 seguiram para Auschwitz, onde tinham como missão limpar os cheios fossos fúnebres. No final do Verão de 1942, problemas sérios de contaminação e de saúde surgiram em Belzec,

Sobibor e Treblinka. Poços junto dos campos que abasteciam de água potável os guardas e as unidades Wehrmacht circundantes tinham sido contaminados pela proximidade das valas comuns. Nalguns casos, a fina camada de solo que os cobriam tinham aberto e odores tóxicos libertavam-se para o ar. Em Treblinka, as SS e assassinos ucranianos nem se tinham preocupado em enterrar todos os corpos. No dia em que o comandante de campo Franz Stangl chegou para assumir o posto, era possível sentir o cheiro de Treblinka a trinta quilômetros de distância. Corpos sujavam a estrada de acesso ao campo, e pilhas de cadáveres putrefatos saudavam-no da plataforma do caminho-de-ferro. Stangl queixou-se que não podia começar a trabalhar em Treblinka enquanto não limpassem a confusão. Radek ordenou que as valas comuns fossem abertas e os corpos queimados.

Na Primavera de 1943, o avanço do Exército Vermelho obrigou Radek a desviar a sua atenção dos campos de extermínio da Polónia para os locais de extermínio mais a leste, no território soviético ocupado. Em breve estava de volta ao seu território na Ucrânia. Radek sabia onde os corpos estavam enterrados, mesmo literalmente, porque dois anos antes coordenara as operações dos esquadrões da morte Einsatzgruppen. Perto do final do Verão, o Soderkommando 1005 deslocou-se da Ucrânia para a Bielorrússia e, em Setembro, estava ativo nos estados Bálticos da Lituânia e Letónia, onde populações inteiras de judeus tinham sido exterminadas. Rivlin fechou a pasta e afastou-a repugnado.

— Nunca saberemos quantos corpos Radek e os seus homens limparam. O crime é demasiado enorme para dissimular completamente, mas a Aktion 1005 conseguiu apagar muitas das provas e fazer com que seja virtualmente impossível, depois da guerra, saber ao certo o número de mortos. O trabalho de Radek foi tão minucioso que, nalguns casos, as comissões polonesas e soviéticas que investigam a Shoah não conseguiram encontrar vestígios das valas comuns. Em Babi Yar, a limpeza de Radek foi tão perfeita que, depois da guerra, os soviéticos conseguiram transformar a zona num parque. E agora, infelizmente, a falta de restos mortais deu inspiração à horda de lunáticos que reivindica que o Holocausto nunca aconteceu. As ações de Radek assombram-nos até os dias de hoje.

Gabriel pensou nas páginas de testemunho na Galeria dos Nomes, as únicas lápides para milhões de vítimas.

— Max Klein jurou que viu Ludwig Vogel em Auschwitz no verão ou no início do outono em 1942 — disse Gabriel. — com base no que me disse, isso é inteiramente possível.

— De fato, assumindo, claro, que Vogel e Radek são na realidade o mesmo homem. O Soderkommando 1005 de Radek esteve definitivamente ativo em Auschwitz em 1942.

Se Radek estava lá ou não num determinado dia é provavelmente impossível de provar.

— E o que é que sabemos sobre o que aconteceu a Radek depois da guerra?

— Não muito, lamento. Ele tentou fugir para Berlim disfarçado de cabo da Wehrmacht. Foi preso sob suspeita de ser um homem das SS e foi internado no campo de prisioneiros de Mannheim. Algures no início de 1946, escapou. Depois disso, é um mistério. Parece que conseguiu sair da Europa. Houve alegados avistamentos em todos os locais

habituais: Síria, Egito, Argentina, Paraguai, mas nada fidedigno. Os caçadores de nazistas andavam atrás de peixe graúdo como Eichmann, Bormann, Mengele e Müller. Radek conseguiu voar abaixo da linha de radar. Além disso, o segredo de Aktion 1005 estava tão bem guardado que o assunto quase não foi tocado nos julgamentos de Nuremberg. Ninguém sabia muito sobre o assunto, na realidade.

— Quem era o responsável por Mannheim?

— Era um campo americano.

— Sabemos como conseguiu ele escapar da Europa?

— Não, mas devemos assumir que teve ajuda.

— A ODESSA?

— Talvez tenha sido a ODESSA, ou alguma das outras redes secretas de ajuda nazista.

Rivlin hesitou, e disse: — Ou talvez tenha sido uma altamente pública e antiga instituição sedeadada em Roma que operou a mais bem-sucedida rota de fuga nazista do período pós-guerra.

— O Vaticano?

Rivlin acenou com a cabeça.

— A ODESSA não chegava aos pés do Vaticano quando tocava a financiar e promover rotas de fuga da Europa. Porque Radek era austríaco, ele foi certamente assistido pelo bispo Hudal.

— Quem é Hudal?

— Alois Hudal era natural da Áustria, um antissemita e um nazista fervoroso. Usou a sua posição de prior do Pontifício de Santa Maria dell'Anima, o seminário alemão em Roma, para ajudar centenas de oficiais SS a escapar da justiça, incluindo Franz Stangl, o comandante de Treblinka.

— Que tipo de ajuda fornecia ele?

— Para começar, um passaporte da Cruz Vermelha com um novo nome e um visto de entrada num país longínquo. Também lhes dava um pouco de dinheiro e pagava as passagens.

— Mantinha registros?

— Aparentemente sim, mas essa papelada está trancada a sete chaves na Anima.

— Preciso de tudo o que tiver sobre o bispo Alois Hudal.

— Vou organizar uma pasta para si.

Gabriel pegou na fotografia de Radek e olhou-a cuidadosamente. Havia algo de familiar no rosto. Durante toda a exposição de Rivlin, tinha estado a dar voltas à cabeça. Então pensou nos esboços a carvão que vira essa manhã no museu de arte do Holocausto, a criança encolhida de medo perante o monstro das SS, e percebeu de imediato onde já tinha visto a cara de Radek.

Levantou-se subitamente tombando a cadeira.

— O que se passa? — perguntou Rivlin.

— Eu conheço este homem — disse Gabriel com os olhos postos na foto.

— Como?

Gabriel ignorou a pergunta.

— Preciso disto emprestado — disse.

Então, sem esperar pela resposta de Rivlin, desapareceu porta fora.

JERUSALÉM

Nos VELHOS TEMPOS tomaria a via rápida norte por Ramallah, Nablus e Jenin. Agora, mesmo um homem com as capacidades de sobrevivência de Gabriel, seria imprudente tentar tal caminho sem um carro blindado e uma escolta de combate. Então optou pelo caminho mais longo, descendo a encosta ocidental das Montanhas da Judeia em direção a Tel Aviv, pela Planície Costeira até Hadera e em seguida para noroeste pela serra do Monte Carmel até El Megiddo: Armageddon.

O vale verde-acastanhado de orquídeas e florestas plantadas pelos primeiros judeus que se estabeleceram na Palestina abriu-se perante ele, estendendo-se das colinas samarianas ao sul às encostas da Galileia ao norte. Continuou em direção a Nazaré, em seguida para leste, para uma pequena vila agrícola no limite do Bosque Balfour chamada Ramat David.

Levou alguns minutos até encontrar a morada. O bangalô que fora construído para os Allon tinha sido deitado abaixo e substituído por um ao estilo californiano, de arenito com trepadeiras, uma antena de satélite no telhado e uma van de fabrico americano na entrada. Enquanto Gabriel olhava, um soldado saiu pela porta da frente e caminhou com vivacidade através do relvado frontal. A memória de Gabriel iluminou-se. Ele viu o pai percorrendo o mesmo caminho numa tarde quente em

Junho, seria a última vez que Gabriel o veria com vida, embora não o tivesse percebido na altura.

Olhou para a casa ao lado. Era a casa onde Tziona morava. Os brinquedos de plástico que coloriam o relvado frontal indicavam que Tziona, solteira e sem filhos, já não vivia ali. Mesmo assim, Israel não era mais que uma família grande e conflituosa e Gabriel estava confiante de que os novos ocupantes poderiam, pelo menos, dar-lhe a indicação correta. Tocou à campainha. A jovem mulher roliça que falava hebraico com sotaque russo não o desapontou. Tziona estava a viver mais acima, em Safed. A mulher russa tinha uma morada para encaminhamento de correspondência.

OS JUDEUS TÊM vivido no centro de Safed desde os dias da antiguidade. Após a expulsão de Espanha em 1492, os turcos

otomanos permitiram a muitos mais judeus estabelecerem-se em Safed e a cidade floresceu como centro de misticismo, escolaridade e arte judaica. Durante a guerra da independência, Safed esteve à beira de cair sob forças árabes quando a comunidade sitiada foi reforçada por um pelotão de combatentes Palmach, que tomaram a cidade depois de uma arriscada travessia noturna desde a sua guarnição no Monte Canaan. O líder da unidade Palmach negociou um acordo com os poderosos rabis de Safed para trabalhar durante a Páscoa no reforço das fortificações da cidade. O seu nome era Ari Shamron.

O apartamento de Tziona situava-se no Bairro dos Artistas, no topo de um lance de escadas de pedra da calçada. Ela era uma mulher enorme de cabelos cinzas, vestida com uma cafetã branca, e tantas pulseiras que tilintaram quando atirou os braços em volta do pescoço de Gabriel. Levou-o para dentro, para um espaço que era uma mistura de sala de estar com oficina de oleiro, e sentou-o no terraço de pedra para observar o entardecer sobre a Galileia. O ar cheirava a óleo de lavanda a arder.

Foi servido um prato de pão e hummus, juntamente com azeitonas e uma garrafa de vinho Golan. Gabriel relaxou instantaneamente. Tziona Levin era como uma irmã que nunca tivera. Tinha tomado conta dele quando a mãe estava a trabalhar ou demasiado deprimida para se levantar da cama. Algumas noites, ele saltava da sua janela e penetrava na porta ao lado para a cama de Tziona. Ela acariciava-o e abraçava-o de uma forma que a mãe nunca poderia. Quando o seu pai fora morto na guerra de Junho, fora Tziona a enxugar-lhe as lágrimas.

O rítmico e hipnótico som de rezas Maariv flutuava desde a sinagoga nas imediações. Tziona acrescentou mais óleo de lavanda ao candeeiro. Falou do matsav: a situação.

As lutas nos territórios e o terrorismo em Tel Aviv e Jerusalém. De amigos perdidos para a shaheed e amigos que tinham desistido de procurar emprego em Israel e tinham-se mudado para a América. Gabriel bebeu o vinho e observou o sol de fogo afundar-se na Galileia. Estava a escutar Tziona, mas os seus pensamentos estavam na sua mãe. Já tinham passado cerca de vinte anos depois da sua morte, e desde então ele descobrira que pensava nela cada vez menos. O seu rosto, enquanto jovem, tinha-se perdido para ele, despido de pigmento e gasto, como uma tela desbotada pelo tempo e exposição a elementos corrosivos. Apenas conseguia conjurar a sua máscara de morte. Após as torturas do cancro, as suas feições amaciadas tinham-se transformado numa expressão de serenidade, como uma mulher que posa para um retrato. Ela parecia dar as boas-vindas à morte. Tinha-a finalmente salvo dos tormentos que a violentavam dentro da sua memória.

Tinha-o amado? Sim, pensava ele agora, mas tinha-se cercado de paredes e ameias que ele nunca conseguiria trepar. Ela era dada à melancolia e a mudanças de espírito violentas. Não dormia bem de noite. Não conseguia mostrar prazer em ocasiões festivas nem tomar parte em comidas e bebidas requintadas. Usava sempre uma ligadura no braço esquerdo, por cima dos desbotados números tatuados na pele. Referia-se a eles como sendo a marca da fraqueza judaica, o seu emblema à vergonha judaica.

Gabriel seguiu pintura para estar mais perto dela. Ela rapidamente sentiu isso como uma intrusão não autorizada ao seu mundo privado; então, quando os seus talentos amadureceram e começaram a desafiar os dela, ela invejou os seus dons. Gabriel empurrou-a para novas alturas. A sua dor, tão visível em vida, encontrava expressão no seu trabalho. Gabriel cresceu obcecado com as imagens de pesadelos que fluíam da memória dela para as telas e começou à procura da origem.

Na escola ouvira falar de um lugar chamado Birkenau. Perguntou-lhe sobre a ligadura que ela normalmente usava no braço esquerdo, sobre as blusas de manga comprida que ela vestia, mesmo com o calor de fornalha que fazia no Vale Jezreel. Perguntou o que lhe tinha acontecido durante a guerra, o que tinha acontecido aos seus avós. À partida ela recusou-se, mas finalmente, debaixo do seu constante ataque de perguntas, ela compadeceu-se. A sua narrativa era apressada e relutante; Gabriel, mesmo jovem, era capaz de detectar o tom evasivo e mais de um traço de culpa. Sim, ela estivera em Birkenau. Os seus pais tinham sido assassinados no dia em que lá chegaram. Ela tinha trabalhado. Ela tinha sobrevivido. E era tudo. Gabriel, sedento de mais detalhes sobre a experiência da mãe, começou a conjurar todo o tipo de cenários para justificar a sobrevivência da mãe. Também ele se começou a sentir envergonhado e culpado. O seu sofrimento, como um malefício hereditário, estava deste modo a passar para a geração seguinte.

O assunto nunca mais voltou a ser discutido. Era como se uma porta de aço se tivesse fechado, como se o Holocausto nunca tivesse acontecido. Ela caiu numa depressão prolongada e esteve acamada por muitos dias. Quando finalmente emergiu, retirou-se para o seu estúdio e começou a pintar. Trabalhou inflexivelmente noite e dia. Uma vez, Gabriel olhou pela porta entreaberta e encontrou-a esparramada no chão, as mãos manchadas de tinta, tremendo perante uma tela. Essa tela era a razão pela qual ele tinha vindo a Safed encontrar-se com Tziona.

O sol tinha-se posto. Estava agora frio no terraço. Tziona colocou um xaile sobre os ombros e perguntou a Gabriel se alguma vez tencionava voltar para casa. Gabriel murmurou qualquer coisa

sobre precisar de trabalho, como os amigos de Tziona que se tinham mudado para a América.

— E para quem andas a trabalhar ultimamente? Ele não se deu ao desafio.

— Restauro pinturas de mestres antigos. Preciso estar onde as pinturas estão. Em Veneza.

— Veneza — disse ela ironicamente.

— Veneza é um museu. — Disse erguendo o copo de vinho em direção à Galileia.

— Isto é vida real. Isto é arte. Basta de restauração. Devias dedicar todo o teu tempo e energia ao teu próprio trabalho.

— O meu próprio trabalho não existe. Isso saiu de mim há muito tempo. Sou um dos melhores restauradores de arte do mundo. Isso é suficiente para mim.

Tziona pôs as mãos apara o alto. As suas pulseiras tilintaram como um espanta-espíritos.

— É mentira. Você é uma mentira. É um artista, Gabriel. Vem para Safed e encontre sua arte. Encontre-se a si mesmo.

A sua maneira provocadora o deixava incomodado. Ele poderia ter dito que havia uma mulher envolvida, mas isso teria aberto toda uma nova frente que Gabriel estava ansioso por evitar. Em vez disso, permitiu que o silêncio, apenas preenchido pelo som consolante de Ma'ariv, caísse entre eles.

— O que faz em Safed? — perguntou ela finalmente. — Eu sei que não fez este caminho todo até aqui para ouvir um sermão de sua Doda Tziona.

Perguntou se Tziona ainda tinha as pinturas e esboços da mãe.

— Claro que sim, Gabriel. Tenho-os guardado todos estes anos à espera de que viesse pedir.

— Ainda não estou preparado para tirá-los de suas mãos. Só preciso vê-los.

Ela segurou uma vela junto ao rosto dele.

— Está me escondendo alguma coisa, Gabriel. Eu sou a única pessoa no mundo capaz de saber quando tem segredos. Sempre foi assim, especialmente quando era um garoto.

Gabriel serviu-se de mais um copo de vinho e contou a Tziona sobre Viena.

ELA ABRIU A porta e puxou a corda que acendia a luz do teto. O armário estava cheio de telas e esboços de alto a baixo. Gabriel começou a folhear o trabalho. Tinha-se esquecido quão talentosa era a sua mãe. Conseguia ver as influências de Beckmann, Picasso, Egon Schiele e, claro, do seu pai, Viktor Frankel. Até havia variações nos temas que Gabriel tinha explorado no seu próprio trabalho na altura.

A sua mãe tinha-os desenvolvido ou, nalguns casos, destruído completamente. Ela tinha sido espantosamente talentosa.

Tziona empurrou-o para o lado e saiu com uma pilha de telas e de grandes envelopes cheios de esboços. Gabriel agachou-se no chão de pedra e examinou os trabalhos enquanto Tziona observava por cima do ombro.

Havia imagens de campos. Camaratas a abarrotarem de crianças. Mulheres trabalhando como escravas em maquinaria de fábricas. Corpos empilhados como lenha, à espera de serem arremessados ao fogo. Uma família abraçando-se enquanto o gás a envolvia.

A tela final tinha uma figura solitária pintada, um homem das SS completamente vestido de negro. Era a pintura que tinha visto naquele dia, no estúdio da mãe. Enquanto os outros trabalhos eram escuros e abstratos, neste ela empenhara-se no realismo e na revelação. Gabriel estava maravilhado com o seu impecável traço e pincelada antes de os seus olhos se fixarem no rosto do sujeito. Pertencia a Erich Radek.

TZIONA PREPAROU uma cama no sofá da sala para Gabriel e recitou-lhe a midrash do vaso quebrado.

— Antes de Deus criar o mundo, havia apenas Deus. Quando Deus decidiu criar o mundo, Deus parou para criar o espaço para o mundo. Foi nesse espaço que o universo foi formado. Mas agora, nesse espaço não havia Deus. Deus criou centelhas divinas, luz, para serem colocadas na criação de Deus. Quando Deus criou a luz, e colocou a luz dentro da criação, recipientes especiais foram preparados para a guardar. Mas houve um acidente. Um acidente cósmico. O recipiente quebrou. O universo ficou cheio de centelhas da luz divina de Deus e cacos de recipientes.

— É uma bela história — disse Gabriel, ajudando Tziona a entalar as pontas de um lençol nas almofadas do sofá. — Mas o que tem a ver com minha mãe?

— A midrash ensina que enquanto as centelhas da luz de Deus não estiverem unidas, a criação não está completa. Enquanto judeus este é o nosso dever solene. Chamamos Tikkun Olam: Reparação do Mundo.

— Consigo restaurar muitas coisas, Tziona, mas temo que o mundo seja uma tela grande demais, com muitos estragos.

— Então comece por baixo.

— Como?

— Reúna as centelhas de sua mãe, Gabriel. E castigue o homem que quebrou o vaso.

NA MANHÃ SEGUINTE, Gabriel escapou do apartamento de Tziona sem acordá-la e saiu pelas escadas de pedra na luz clara e cinza do amanhecer com o retrato de Radek debaixo do braço. Um judeu ortodoxo, a caminho das rezas matinais, pensou que ele era louco e sacudiu-lhe um punho, zangado. Gabriel colocou a pintura no portamala do carro e saiu de Safed. Um nascer do Sol vermelho surgia no horizonte. Por baixo, no vale, o Mar da Galileia transformou-se em fogo.

Parou em Afula para o café e deixou uma mensagem no gravador de Moshe Rivlin, avisando-o que estava a voltar a Yad Vashem. Já era fim da manhã quando ele chegou. Rivlin esperava-o. Gabriel mostrou-lhe a tela.

— Quem a pintou?

— A minha mãe.

— Qual era o seu nome?

— Irene Allon, mas o seu nome alemão era Frankel.

— Onde esteve ela?

— No campo de mulheres em Birkenau, de Janeiro de 1943 até o fim.

— A marcha da morte?

Gabriel declarou que sim com a cabeça. Rivlin segurou Gabriel pelo braço e disse:

— Venha comigo.

RIVLIN LEVOU GABRIEL até a mesa da sala principal de leitura dos arquivos e sentou-se em frente a um terminal de computador. Introduziu as palavras "Irene Allon" na base de dados e trauteou os seus dedos atarracados no teclado impacientemente enquanto esperava pela resposta. Alguns segundos depois, escreveu cinco números num pedaço de papel de rascunho e, sem dirigir uma palavra a Gabriel, desapareceu por uma porta que dava para as arrecadações dos arquivos. Vinte minutos mais tarde, regressou e colocou um documento na mesa. Por trás de uma capa de plástico transparente estavam as palavras ARQUIVOS YAD VASHEM, tanto em inglês como em hebraico, juntamente com um número de arquivo: 03/812. Gabriel levantou cuidadosamente a capa de plástico e virou a primeira página. O cabeçalho fê-lo sentir subitamente arrepiado: O TESTEMUNHO DE IRENE ALLON, ENTREGUE EM 19 DE MARÇO DE 1957. Rivlin colocou-lhe uma mão no ombro e saiu da sala. Gabriel hesitou um momento, então olhou para o documento e começou a ler.

O TESTEMUNHO DE IRENE ALLON: 19 DE MARÇO DE 1957

Não vou dizer todas as coisas que vi . Não posso. Devo pelo menos isso aos mortos . Não vos vou falar da crueldade indescritível que suportamos nas mãos da chamada raça superior, nem vou falar das coisas que alguns fizeram para poder sobreviver mais um dia. Só aqueles que passaram por isso alguma vez poderão entender como realmente foi, e não vou humilhar uma vez mais os que morreram. Apenas vou falar das coisas que fiz, e as coisas que me foram feitas. Passei dois anos em Auschwitz-Birkenau, dois anos contados ao dia, quase precisamente contados à hora. O meu nome é Irene Allon. Costumava chamar-me

Irene Frankel. Isto é o que eu testemunhei em Janeiro de 1945 na marcha da morte desde Birkenau.

Para perceber a angústia da marcha da morte, primeiro terá de saber algo que aconteceu antes. Já ouviu a história pela boca de outros. Pela minha não será muito diferente. Como todos os outros, nós viemos de trem. O nosso partiu de Berlim a meio da noite. Disseram-nos que íamos para o leste, para trabalhar. Acreditamos. Disseram-nos que seria em carruagens adequadas com assentos. Asseguraram-nos que nos seria dada comida e água. Acreditamos. O meu pai, o pintor Viktor Frankel, levava com ele um bloco de desenho e alguns lápis. Tinha sido despedido do seu cargo de professor e o seu trabalho fora declarado "degenerado" pelos nazistas. A maioria dos seus quadros tinha sido confiscada e queimada. Ele tinha esperança que os nazistas o deixassem retomar o seu trabalho no leste.

Claro que não era uma carruagem adequada com assentos, e não havia comida nem água. Eu não recorro com precisão quanto tempo a viagem durou. Perdi a conta de quantas vezes o Sol nasceu e se pôs, quantas vezes viajamos para dentro e fora da escuridão. Não havia casa de banho, apenas um balde — um balde para sessenta de nós. Consegue imaginar as condições que suportamos. Consegue imaginar o cheiro insuportável. Consegue imaginar as coisas a que alguns de nós recorreram quando a sede nos levava à beira da loucura. No segundo dia, uma velhota, que estava ao pé de mim, morreu. Fechei-lhe os olhos e rezei por ela. Observei a minha mãe, Sarah Frankel, e esperei que ela também morresse. Perto de metade da nossa carruagem estava morta quando o trem finalmente guinchou para parar. Alguns rezaram. Outros, efetivamente, agradeceram a Deus por a viagem ter finalmente acabado.

Há dez anos que vivíamos sob o domínio de Hitler. Sofremos

as leis de Nuremberg. Vivemos o pesadelo de Kristallnacht. Vimos as nossas sinagogas arder. Mesmo assim, eu não estava preparada para a visão que me iria saudar quando as trancas deslizaram e as portas foram finalmente abertas. Vi uma torre, uma chaminé de tijolo cônica, vomitando fumo espesso. Por baixo da chaminé havia um prédio, inflamado com intensas labaredas crepitantes. Havia um cheiro terrível no ar. Não o conseguimos identificar. Ainda reside nas minhas narinas até hoje. Havia um sinal por cima da plataforma do caminho-de-ferro. Auschwitz. Percebi então que tínhamos chegado ao inferno.

— Judeu, raus, raus ! — Um SS estala um chicote na minha coxa. — Sai da carruagem, juden. — Saltei para a plataforma coberta de neve. As minhas pernas, enfraquecidas de tantos dias em pé, cederam. O SS estala o chicote novamente, desta vez nos meus ombros. A dor é mais terrível que qualquer coisa já tivesse sentido antes. Ponho-me de pé. De alguma maneira consigo evitar chorar. Tento ajudar a minha mãe a descer da carruagem. O SS empurra-me. O meu pai salta para a plataforma e cai. A minha mãe também. como eu, eles são forçados a levantar-se à chicotada.

Homens de pijama às riscas trepam à carruagem e começam a atirar para fora a nossa bagagem. Eu penso, quem são estes loucos que tentam roubar as escassas posses que nos deixaram trazer? Parecem homens de um asilo para loucos, cabeças rapadas, rostos afundados, dentes podres. O meu pai vira-se para o SS e diz:

— Olhe ali, aquela gente está a tirar as nossas coisas. Faça-os parar! O oficial das SS diz calmamente que a nossa bagagem não está a ser roubada, apenas retirada para ser separada. Vai ser enviada assim que os alojamentos forem distribuídos. O meu pai agradece ao SS. com mocas e chicotes separam-nos, homens de mulheres, e instruem-nos para formar ordenadas filas de cinco. Na altura ainda não sabia, mas iria passar muito dos próximos dois anos em ordenadas filas de cinco. Consigo esgueirar-me para junto da minha mãe. Tento segurar-lhe a mão. Um SS separa as nossas mãos com uma paulada no meu braço. Ouço música. Algures, uma orquestra de câmara está a tocar Schubert. No início da fila está uma mesa e alguns oficiais SS. Um destaca-se em particular. Tem o cabelo preto e a pele cor de alabastro. Enverga um sorriso agradável no seu rosto atraente. O seu uniforme está bem engomado, as suas botas de montar reluzem com as luzes brilhantes da plataforma de caminho-de-ferro. Luvas de pelica. As mãos limpas e brancas. Está a assobiar "A Valsa do Danúbio Azul". Até hoje, não consigo ouvi-la. Mais tarde, saberei o seu nome. O seu nome é Mengele, o médico responsável por Auschwitz. É Mengele que decide quem está capaz de trabalhar e quem vai imediatamente para o gás. Direita e esquerda, vida e morte.

O meu pai chega na frente. Mengele, assobiando, olha para ele

e diz com prazer:

— Para a esquerda, por favor.

— Foi-me assegurado que iria para um campo familiar — disse o meu pai. — A minha esposa virá comigo?

— É isso que deseja?

— Sim, claro.

— Qual delas é a sua mulher?

O meu pai aponta para a minha mãe. Mengele diz: — Você aí, saia da fila e acompanhe o seu marido para a esquerda. Depressa, por favor, não temos a noite toda.

Observei os meus pais afastarem-se para a esquerda, seguindo os outros. Pessoas de idade e crianças vão para a esquerda. Jovens e saudáveis são enviados para a direita. Cheguei à frente e fiquei cara-a-cara com o belo homem no seu uniforme impecável. Olha-me de cima a baixo, parece satisfeito, e sem dizer uma palavra aponta para a direita.

— Mas os meus pais foram para a esquerda.

O Demônio sorri. Há um espaço entre os dois incisivos da frente.

— Estará com eles em breve, mas confie em mim, por agora é melhor ir para a direita.

Ele parece tão atencioso, tão agradável. Eu acredito nele. Vou para a direita. Olho por cima do ombro para os meus pais, mas eles já foram engolidos pela imunda e exausta massa humana arrastando-se em silêncio para o gás em ordenadas filas de cinco.

Não é possível falar de tudo o que se passou durante os dois anos seguintes. Algumas coisas não consigo lembrar. Algumas coisas decidi esquecer. Havia um ritmo implacável em Birkenau, uma crueldade monótona que corria sob um apertado e eficiente horário. A morte era uma constante, no entanto até a morte se tornou monótona.

Somos rapados, não só na cabeça, mas em todo o lado, braços, pernas, até nos pêlos púbicos. Eles não parecem importar-se se a tosquia nos corta a pele. Eles não parecem ouvir os nossos gritos. É-nos atribuído um número e tatuado no nosso braço esquerdo, mesmo por baixo do cotovelo. Cheguei a ser Irene Prankel. Agora sou uma ferramenta do Eeich conhecida por 29395. Pulverizam-nos com desinfetante, dão-nos roupa de prisão feita de lã áspera e grossa. A minha cheira a suor e sangue. Tento não respirar muito fundo. Os nossos "sapatos" são bocados de madeira com correias de couro. Não conseguimos caminhar com eles calçados. Quem conseguiria? É-nos entregue uma tigela de metal e é-nos ordenado que andemos sempre com ela. É-nos dito que se perdermos a tigela seremos imediatamente abatidos. Acreditamos.

Somos levados a casernas indignas de animais. As mulheres

que lá nos esperam são qualquer coisa abaixo de humano. Estão esfomeadas, os seus olhares são vagos, os seus movimentos são lentos e apáticos. Pondero quanto tempo levará até eu ficar como elas. Um destes meio-humanos aponta-me na direção de um beliche vazio. Cinco moças apertam-se numa prateleira de madeira com apenas um colchão de palha infestado de bichos como cama. Apresentamo-nos. Duas são irmãs, Roza e Regina. As outras chamam-se Lene e Rachel. Somos todas alemãs. Todas perdemos os pais nas filas de seleção. Formamos uma nova família nessa noite. Abraçamo-nos e rezamos. Nenhuma de nós dorme.

Somos acordadas às quatro horas da manhã, seguinte. Acordarei todos os dias às quatro da manhã durante os próximos dois anos, exceto naquelas noites em que eles ordenam uma chamada noturna e fazem-nos estar em sentido nos pátios gelados durante horas a fio. Somos divididas em kommandos e enviadas para trabalhar. Na maioria dos dias, marchamos para fora até os campos das imediações para apanhar areia para construção ou para trabalhar nos projetos de agricultura do campo. Nalguns dias construímos estradas ou deslocamos pedras de um lugar para outro. Não passa um dia em que eu não seja espancada: uma paulada, um pontapé nas costelas. A ofensa pode ser deixar cair uma pedra ou descansar demasiado tempo na pega da minha pá. Os dois invernos são de um frio de rachar. Não nos dão roupa extra que nos proteja do tempo, mesmo quando trabalhamos no exterior. Os verões são miseravelmente quentes. Apanhamos malária. Os mosquitos não discriminam entre mestres alemães e escravos judeus. Até Mengele apanha malária.

Não nos dão comida suficiente para sobreviver, apenas o suficiente para que morramos à fome lentamente, mas de forma a conseguir servir o Reich. Perco o período, em seguida perco o peito. Não tarda muito até em parecer um dos meio-humanos que vi no primeiro dia em Birkenau. Ao pequeno-almoço temos água cinza que eles chamam chá. Ao almoço, sopa rançosa que comemos no local onde estamos a trabalhar. As vezes, talvez se encontre uma pequena porção de carne. Algumas das moças recusam-se a comer porque não é Kosher. Eu não me submeto às leis da dieta enquanto estou em Auschwitz-Birkenau. Não há Deus nos campos de concentração, eu odeio Deus por nos ter abandonado ao nosso destino. Se há carne na minha tigela, eu como. Para a ceia, é-nos dado pão. É em grande parte serradura. Aprendemos a comer metade à noite e guardar o resto para a manhã, para que tenhamos algo no estômago antes de marchar para os campos para trabalhar. Se sucumbes no trabalho, eles espancam-te. Se não te consegues levantar, eles atiram-te para uma maca e levam-te para o gás. Esta é a nossa vida no campo para mulheres de Birkenau. Acordamos. Retiramos as mortas dos beliches, as sortudas que

morreram calmamente durante o sono. Bebemos o nosso chá cinza. Vamos para a chamada. Marchamos para o trabalho em ordenadas filas de cinco. Comemos o nosso almoço. Somos espancadas. Voltamos para o campo.

Vamos para a chamada. Comemos o nosso pão, dormimos e esperamos até tudo voltar a acontecer outra vez. Fazem-nos trabalhar durante o Shabbat. Aos domingos, o dia sagrado deles, não há trabalho. De três em três domingos eles tosquiavam-nos. Tudo corre segundo um horário. Tudo exceto as seleções.

Aprendemos a antecipá-los. Como animais, os nossos sentidos de sobrevivência estão altamente apurados. A população do campo é o sinal de aviso mais fidedigno. Quando o campo está demasiado cheio, vai haver seleção. Nunca há aviso. Depois de uma chamada, somos mandadas alinhar na Lagerstrasse para esperar a nossa vez perante Mengele e a sua equipe de seleção, esperar a nossa vez para provar que ainda estamos capazes de trabalhar, ainda somos dignas de viver.

As seleções levam um dia inteiro. Não nos dão comida nem nada para beber. Algumas nunca chegam até a mesa onde Mengele faz de deus. São "selecionadas" pelos sádicos SS muito antes. Um bruto chamado Taube gosta de nos pôr a fazer "exercícios" enquanto esperamos, para que estejamos fortes perante os seletores. Obriga-nos a fazer flexões, a seguir ordena-nos que ponhamos a cara na lama e lá fiquemos. Taube tem um castigo especial para qualquer moça que se mova. Pisa-lhe a cabeça com todo o seu peso e esmaga-lhe o crânio. Finalmente chegamos perante o nosso juiz. Ele olha de cima abaixo, toma nota do nosso número.

— Abre a boca, judia. Levanta os braços.

Tentamos manter-nos saudáveis nesta fossa, mas é impossível. Uma garganta inflamada pode significar uma viagem ao gás. Pomadas e unguentos são demasiado preciosos para desperdiçar em judeus, então um corte na mão pode significar o gás na próxima vez que Mengele selecionar a população.

Se passamos na inspeção visual, o nosso juiz tem um teste final. Aponta para uma vala e diz:

— Salta judia. — Coloco-me em frente da vala e reúno as minhas últimas reservas de força. Aterro do outro lado e viverei, pelo menos até a próxima seleção. Caio e serei atirada para uma maca e levada para o gás. A primeira vez que passei por esta loucura pensei: Sou uma moça judaico-alemã de Berlim de uma boa família. O meu pai é um pintor de renome. Porque estarei eu a saltar esta trincheira?

Depois disto, não penso em mais nada senão em chegar ao outro lado e aterrisar de pé.

Roza é a primeira da nossa família a ser selecionada. Ela tem o azar de estar muito doente com malária na hora de uma seleção

grande, e não há maneira de escondê-la dos olhos peritos de Mengele. Regina suplica ao Demônio que a leve também, para que a irmã não tenha de morrer sozinha no gás. Mengele sorri revelando seus dentes afastados.

— Irá em breve, mas antes ainda pode trabalhar mais um pouco. Vá para a direita. — Pela primeira vez na minha vida, estou contente por não ter uma irmã.

Regina para de comer. Parece nem reparar quando lhe batem no trabalho. Ela passou a linha. Ela já está morta. Na próxima grande seleção, ela espera pacientemente na fila interminável. Suporta os "exercícios" de Taube e mantém a cara na lama para que ele não lhe esmague o crânio. Quando por fim chega à mesa de seleção, voa até Mengele e tenta esfaqueá-lo no olho com a pega da sua colher. Um SS dá-lhe um tiro no estômago.

Mengele está claramente assustado.

— Não desperdice gás com ela! Jogue-a no fogo viva! Pela chaminé acima com ela!

Jogam Regina num carrinho de mão. Observamo-la e rezamos para que morra antes de chegar ao crematório.

No outono de 1944, começamos a ouvir as armas russas. Em Setembro, as sirenes de ataque aéreo soam pela primeira vez. Três semanas mais tarde soam outra vez e as baterias antiaéreas do campo disparam pela primeira vez. Nesse mesmo dia, o Soderkommajido do Crematorium IV revolta-se. Atacam os guardas SS com picaretas e martelos e conseguem lançar fogo à sua caserna e crematório antes de serem abatidos por tiros de metralhadora. Uma semana depois, bombas caem dentro do próprio campo. Os nossos mestres mostram sinais de tensão. Já não parecem tão invencíveis. Às vezes até parecem um pouco assustados. Isto dá-nos um certo prazer e um bocadinho de esperança. A intoxicação por gás pára. Eles ainda nos matam, mas têm de o fazer eles próprios. Prisioneiros selecionados são abatidos a tiro nas câmaras de gás ou perto do Crematorium V. Em breve começam a dismantelar o crematório. A nossa esperança de sobrevivência aumenta.

A situação se deteriora ao longo do outono e do inverno. A comida escasseia. Muitas mulheres sucumbem e morrem de fome e exaustão cada dia que passa. O tifo leva uma parte terrível. Em dezembro, bombas aliadas caem no I.O. Farben, fábrica de combustível sintético e borracha. Alguns dias mais tarde, os aliados atacam novamente, mas desta vez várias bombas caem numa enfermaria dentro de Birkenau. Cinco SS morrem. Os guardas ficam mais irritáveis, mais imprevisíveis. Eu os evito. Tento me fazer invisível.

O novo ano chega, 1944 transforma-se em 1945. Conseguimos

sentir que Auschwitz está morrendo. Rezamos para que seja em breve. Debatermos o que fazer. Deveríamos esperar que os russos nos libertassem? Deveríamos tentar escapar? E se conseguíssemos passar para lá da vedação? Onde iríamos? Os camponeses poloneses odeiam-nos tanto como os alemães. Esperamos. Que mais podemos fazer?

Em meados de Janeiro, eu sinto o cheiro de fumo. Olho para fora da porta da caserna. Fogueiras erguem-se por todo o campo. O cheiro é diferente. Pela primeira vez não estão a queimar pessoas. Estão a queimar papel. Estão a queimar as provas dos seus crimes. A cinza paira sobre Birkenau como neve. Eu sorrio pela primeira vez em dois anos.

Em 17 de janeiro, Mengele parte. O fim está próximo. Pouco depois da meia-noite, há uma chamada. Dizem que o campo inteiro de Auschwitz está sendo evacuado. O Reich ainda precisa dos nossos corpos. Os saudáveis serão retirados a pé. Os doentes ficarão para trás abandonados à sua sorte. Agrupamo-nos e marchamos em ordenadas filas de cinco.

À uma da manhã, passo pelos portões do inferno pela última vez, precisamente dois anos desde o dia da minha chegada, quase na mesma hora. Ainda não estou livre. Ainda tenho mais um teste para suportar.

A queda de neve é forte e severa. À distância conseguimos ouvir o trovão de um duelo de artilharia. Caminhamos, uma aparentemente infundável corrente de meio-humanos, vestidos com os nossos trapos às riscas e os nossos tamancos. O tiroteio é tão severo como a neve. Tentamos contar os tiros. Cem... duzentos... trezentos... quatrocentos... quinhentos... deixamos de contar depois disso. Cada tiro representa mais uma vida extinguida, mais um assassinato. Éramos vários milhares quando saímos. Temo que estejamos todos mortos antes de chegarmos ao destino.

Lene caminha à minha esquerda, Rachel à minha direita. Tentamos não tropeçar. Aqueles que tropeçam são mortos na altura e atirados a uma vala. Tentamos não sair da formação e ficar para trás. Aqueles que o fazem são mortos, também. A estrada está manchada de mortos. Passamos-lhe por cima e rezamos para não esmorecer. Comemos neve para matar a sede. Não há nada que possamos fazer sobre o frio horrível. Uma mulher tem pena de nós e atira batatas cozidas. Os que são insensatos o suficiente para as apanhar são mortos.

Dormimos em celeiros ou em casernas abandonadas. Aqueles que não se conseguem levantar suficientemente rápido quando acordados são mortos. A minha fome parece estar a abrir um buraco no estômago. É muito pior que a fome em Birkenau. De alguma forma, eu reúno a força para continuar a manter um pé à frente do outro.

Sim, eu quero sobreviver, mas é ao mesmo tempo uma espécie de provocação. Eles querem que eu caia para que me possam matar. Eu quero testemunhar a destruição do seu Reich milenar. Quero rejubilar-me com a sua morte, como os alemães rejubilam com a nossa. Penso em Regina, voando para Mengele durante a seleção, tentando matá-lo com a colher. A coragem de Regina me dá forças.

Cada passo é rebelião.

No terceiro dia, ao cair da noite, ele vem para mim. Está montado num cavalo. Estamos sentadas na neve à beira da estrada, descansando. Lene está encostada a mim. Os seus olhos estão fechados. Temo que ela esteja acabada. Rachel pressiona-lhe neve contra os lábios para reanimá-la. Rachel é a mais forte. Ela praticamente carregou Lene toda a tarde.

Ele olha para mim. Ele é um Sturmbannführer das SS. Depois de doze anos sob jugo dos nazistas, aprendi a reconhecer as insígnias. Tento fazer-me invisível. Viro a cabeça e cuido de Lene. Ele puxa as rédeas do cavalo e coloca-se numa posição em que possa olhar melhor para mim. Questiono-me o que verá ele em mim. Sim, fui uma moça bonita no passado, mas estou hedionda agora, exausta, suja, doente, um esqueleto ambulante. Não consigo suportar o meu próprio cheiro. Eu sei que se interajo com ele vai acabar mal. Coloco a cabeça nos joelhos e finjo dormir. Ele é esperto demais para isso.

— Você aí — chama ele.

Eu olho para cima. O homem montado no cavalo aponta diretamente para mim.

— Sim, você. Levante-se. Venha comigo.

Eu me levanto. Estou morta. Eu sei. Rachel sabe também. Consigo vê-lo nos seus olhos. Ela já não tem mais lágrimas para chorar.

— Lembre-se de mim — sussurro enquanto sigo o homem a cavalo para as árvores. Felizmente ele não me pede para andar muito, apenas até um local a alguns metros da beira da estrada, onde uma grande árvore estava caída. Ele desmonta e amarra o cavalo. Senta-se na árvore caída e ordena que me sente junto a ele. Eu hesito. Nunca um SS pediu tal coisa. Dá umas palmadinhas na árvore. Eu me sento, mas alguns centímetros mais afastada do lugar que ele indicou. Estou com medo, mas também me sinto humilhada pelo meu cheiro. Ele desliza para mais perto. Cheira a álcool. Estou feita. É só uma questão de tempo.

Olho em frente. Ele tira as luvas, e toca meu rosto. Em dois anos de Birkenau, nenhum SS jamais me tocou. Por que este homem, um Sturmbannführer, me toca agora? Suportei muitas tormentas, mas esta é de longe a pior. Eu olho para a frente. A minha carne está em chamas.

— Que desperdício — diz ele. — Você era muito bonita antes?

Não consigo pensar em nada para dizer. Dois anos de Birkenau, e ensinaram que em situações como esta nunca há uma resposta certa. Se respondo que sim, ele vai me acusar de arrogância judaica e me mata. Se respondo não, me mata por mentir.

— Vou partilhar um segredo com você. Sempre me senti atraído por judias. Se fosse por mim, devíamos ter matado os homens e usado as mulheres para nosso prazer. Teve filhos?

Penso em todas as crianças que vi irem para o gás em Birkenau. Ele exige uma resposta apertando rosto entre o polegar e os dedos. Fecho os olhos e tento não gritar. Ele repete a pergunta. Eu nego com a cabeça e ele me solta.

— Se conseguir sobreviver às próximas horas, talvez um dia tenha um filho. Dirá a esse filho o que aconteceu com você na guerra? Ou sentirá vergonha demais?

Um filho? Como é que uma moça na minha posição podia sequer contemplar dar à luz uma criança? Passei os últimos dois anos a tentar sobreviver simplesmente. Um filho está além da minha compreensão.

— Responda, judia!

A sua voz é repentinamente áspera. Sinto que a situação está prestes a ficar fora de controle. Ele agarra meu rosto novamente e vira-a para si. Tento olhar em outra direção, mas ele me sacode, obrigando-me a olhá-lo nos olhos.

Não tenho forças para resistir. Seu rosto é instantaneamente talhado na minha memória. Assim como o som de sua voz e seu alemão de sotaque austríaco. Ainda consigo ouvi-lo.

— O que dirá a seu filho sobre a guerra?

O que quer ele ouvir? O que quer ele que eu diga? Apertou-me o rosto.

— Fale, judia! O que dirá a teu filho sobre a guerra?

— A verdade, Herr Sturmbannführer. Eu direi ao meu filho a verdade.

De onde vieram estas palavras, não sei. Apenas sei que se estou prestes a morrer, morrerei com um pouquinho de dignidade. Penso novamente em Regina, voando para Mengele armada com uma colher.

Ele relaxa o aperto. A primeira crise parece ter passado. Ele exala pesadamente, como se exausto pelo seu longo dia de trabalho, então tira um cantil do bolso do casaco e dá um gole prolongado. Felizmente, ele não me oferece. Devolve o cantil ao bolso e acende um cigarro. Não me oferece um cigarro. Tenho cigarro e álcool, ele diz. Você não tem nada.

— A verdade? O que é a verdade, judia, como você a vê?

— Birkenau é a verdade, Herr Sturmbannführer.

— Não, minha querida, Birkenau não é a verdade. Birkenau é um boato. Birkenau é uma invenção dos inimigos do Reich e do cristianismo. É propaganda stalinista e ateísta.

— E as câmaras de gás? O crematório?

— Essas coisas não existiram em Birkenau.

— Eu vi, Herr Sturmbannführer. Todos nós vimos.

— Ninguém vai acreditar em tal coisa. Ninguém vai acreditar que é possível matar tantos. Milhares? Claro que a morte de milhares é possível. Afinal de contas isto foi uma guerra. Centenas de milhares? Talvez. Mas milhões? — Ele aspira seu cigarro. — Para dizer a verdade, eu vi com meus próprios olhos, e nem eu consigo acreditar.

Um tiro crepita pela floresta, seguido de outro. Mais duas moças mortas. O Sturmbaunführer dá outra longa golada no seu cantil de álcool.

Por que está bebendo? Está tentando manter-se quente? Ou ficar fora de si antes de me matar?

— Vou dizer o que você vai contar da guerra. Vai contar que foi transferida para leste. Que teve trabalho. Que tinha comida em abundância e cuidados médicos adequados. Que te tratamos bem e humanamente.

— Se isso é a verdade, Herr Sturmbannführer, então por que sou um esqueleto?

Ele não tem resposta, exceto sacar a pistola e encostá-la em minha têmpora.

— Repita o que aconteceu a você na guerra, judia. Foi transferida para leste. Teve comida em abundância e cuidados médicos adequados. As câmaras de gás e o crematório são invenções bolchevismo-judaicas. Diga essas palavras, judia.

Eu sei que não há como escapar viva desta situação. Mesmo que diga as palavras, estou morta. Não vou dizê-las. Não lhe vou dar essa satisfação. Fecho os olhos e espero que a bala faça um túnel em meu cérebro e me liberte do meu tormento.

Ele baixa a arma e grita. Outro SS aparece correndo. O Sturmbannführer ordena-lhe que me vigie. Ele sai e caminha pelas árvores até a estrada. Quando volta está acompanhado por duas mulheres. Uma delas é Rachel. A outra é Lene. Ordena ao SS que saia, e coloca a arma encostada na testa de Lene. Lene olha diretamente para meus olhos. Sua vida está em minhas mãos.

— Diga as palavras, judia! Foi transferida para o leste. Teve comida em abundância e cuidados médicos adequados. As câmaras de gás e o crematório são mentiras bolchevismo-judaicas.

Não posso permitir que Lene morra pelo meu silêncio. Abro minha boca para falar, mas antes que possa repetir as palavras, Rachel grita:

— Não diga, Irene. Ele vai nos matar de qualquer maneira. Não lhe dê esse prazer.

O Sturmbannführer retira a arma da cabeça de Lene e coloca-a contra a de Rachel.

— Então diga você, cabra judia.

Rachel olha diretamente nos meus olhos e permanece em silêncio. O Sturmbannführer pressiona o gatilho e Rachel cai morta na neve. Coloca a arma contra a cabeça de Lene e, mais uma vez, ordena-me que fale. Lene abana a cabeça lentamente. Despedimo-nos com o olhar. Outro tiro e Lene cai junto a Rachel.

É minha vez de morrer.

O Sturmbannführer aponta a arma na minha direção. Da estrada vem o som de gritos. Raus! Raus! Os SS estão espicaçando as moças para que se levantem. Eu sei que minha caminhada acabou. Eu sei que não vou sair deste lugar viva. É onde eu vou cair, à beira de uma estrada polonesa, e aqui serei enterrada, sem mazevoth para marcar meu túmulo.

— O que vai dizer a seu filho sobre a guerra, judia?

— A verdade, Herr Sturmbannführer. Direi ao meu filho a verdade.

— Ninguém vai acreditar em você. — Guarda a pistola no coldre. — Sua coluna está de partida. Junte-se a eles. Sabe o que acontece aos que ficam para trás.

Ele monta em seu cavalo e sacode as rédeas. Eu caio na neve junto aos corpos das minhas amigas. Rezo por elas e peço que me perdoem. O fim da coluna passa. Cambaleio por entre as árvores e junto-me ao grupo. Caminhamos a noite inteira, em ordenadas filas de cinco. Eu verto lágrimas de gelo. Cinco dias depois de caminhar para longe de Birkenau, chegamos a uma estação de trem na vila silesiana de Wodzislaw. Somos agrupadas em vagões de carvão abertas e viajamos pela noite, expostas ao perverso tempo de Janeiro. Os alemães já não tinham necessidade de desperdiçar mais das suas preciosas munições conosco. O frio matou metade das moças só no meu vagão. Chegamos a um novo campo, Ravensbrück, mas não há comida para os novos prisioneiros. Após alguns dias, alguns de nós prosseguem, desta vez em caminhão de carroceria aberta. Termina a minha odisseia num campo em Neüstadt Glewe. Em 2 de maio de 1945, acordamos para descobrir que os nossos atormentadores SS abandonaram o campo. Mais tarde, nesse dia, somos libertadas por soldados americanos e russos.

Passaram-se doze anos. Não há um dia em que eu não veja os rostos de Rachel e Lene — e o rosto do homem que as assassinou. Suas mortes pesam em mim. Tivesse eu repetido as palavras do Sturmbannführer e talvez elas estivessem vivas e eu estaria num

túmulo anônimo junto a uma estrada polonesa. Apenas mais uma vítima sem nome. No aniversário de suas mortes, digo-lhes as palavras de luto de Kaddish. Faço isto mais por hábito do que por fé. Perdi minha fé em Deus em Birkenau.

O meu nome é Irene Allon. Antes me chamava Irene Frankel.

No campo era conhecida como prisioneira número 29.395, e isto é o que eu testemunhei em janeiro de 1945, na marcha da morte de Birkenau.

TIBERÍADES, ISRAEL

ERA SABAT. Shamron ordenou a Gabriel que viesse a Tiberíades para a ceia. Gabriel, enquanto dirigia devagar pela encosta, olhou para cima e no terraço de Shamron viu postes de luz dançando ao vento que sopra do lago — e então vislumbrou Shamron, a eterna sentinela, caminhando lentamente pelo meio das chamas.

Gilah, antes de lhes servir a comida, acendeu um par de velas na sala de jantar e recitou a bênção. Gabriel fora educado num lar sem religião, mas nesse momento pensou que a visão da mulher de Shamron, de olhos fechados, as mãos desenhando a luz da vela em direção ao seu rosto, era a mais bela que já tinha visto. Shamron estava ausente e preocupado durante a refeição e sem paciência para conversa banal. Mesmo nestas alturas ele não falaria do seu trabalho em frente de Gilah, não por não confiar nela, mas por temer que ela deixasse de o amar se soubesse de todas as coisas que ele já fizera. Gilah preenchia os longos silêncios falando sobre a sua filha, que se tinha mudado para a Nova Zelândia para fugir do pai e estava a viver com um homem numa quinta de criação de galinhas. Ela sabia que Gabriel estava de alguma forma ligado ao Escritório, mas não suspeitava da verdadeira natureza do seu trabalho. Achava que ele era um escriturário que passava bastante tempo em viagem e apreciava arte. Serviu-lhes café e um tabuleiro de biscoitos e frutos secos, em seguida levantou a mesa e foi lavar a loiça. Gabriel, por entre o som de água corrente e porcelana a bater emanando da cozinha, pôs Shamron ao corrente. Falaram em voz baixa, com as tremeluzentes velas de sabbat entre eles. Gabriel mostrou-lhe as pastas de Erich Radek e Action 1005. Shamron elevou a fotografia até a luz da vela e franziu o sobrolho, então elevou os óculos de ler até a testa careca e cravou o seu olhar duro em Gabriel mais uma vez.

— O que é que sabe sobre o que aconteceu a minha mãe durante a guerra?

O olhar calculado de Shamron, entretido com a xícara de café, deixou bem claro que não havia nada que ele não soubesse sobre a vida de Gabriel, inclusive o que tinha acontecido à mãe durante a

guerra.

— Ela era de Berlim — disse Shamron. — Foi deportada para Auschwitz em janeiro de 1943 e passou dois anos no campo para mulheres de Birkenau. Deixou Birkenau numa marcha da morte. Ao contrário de milhares de outros, ela conseguiu sobreviver e foi libertada por tropas russas e americanas em Neüstadt Glewe. Estou esquecendo de alguma coisa?

— Algo aconteceu na marcha da morte, algo que ela nunca discutiria comigo. — Gabriel levantou a fotografia de Erich Radek. — Quando Rivlin me mostrou isso em Yad Vashem, eu sabia que já tinha visto essa cara em algum lugar. Levei algum tempo até me lembrar, mas finalmente lembrei. Eu a vi quando era garoto numa tela no estúdio da minha mãe.

— Foi por isso que foi a Safed, para ver Tziona Levin.

— Como sabe?

Shamron suspirou e sorveu o café. Gabriel, desanimado, contou a Shamron sobre a sua segunda visita a Yad Vashem nessa manhã. Quando colocou as páginas do testemunho da sua mãe na mesa, os olhos de Gabriel permaneceram fixos no rosto de Shamron. Foi então que Gabriel percebeu que Shamron já as tinha lido antes. O Memuneh sabia sobre a sua mãe. O Memuneh sabia tudo.

— Você estava sendo considerado para uma das mais importantes missões na história do Escritório — disse Shamron. — A voz não tinha traço de remorso. — Precisava saber tudo o que pudesse sobre você. Seu perfil psicológico militar descreve-o como um lobo solitário, egoísta, com a frieza emocional de um assassino natural. A minha primeira visita a você confirmou isso, embora eu também tenha achado você insuportavelmente rude e clinicamente tímido. Eu queria saber por que você era como era. Pensei que sua mãe seria um bom ponto de partida.

— Então procurou o testemunho dela em Yad Vashem? — Fechou os olhos e abanou a cabeça uma vez. — Por que nunca me contou?

— Não era a minha função — disse Shamron, desprovido de sentimento. — Apenas sua mãe podia contar tais coisas. Ela obviamente carregou um pesado fardo de culpa até a morte. Ela não queria que você soubesse. Não estava sozinha. Havia muitos sobreviventes como sua mãe que nunca conseguiram enfrentar verdadeiramente suas lembranças. Nos anos após a guerra, antes de você nascer, parecia que um muro de silêncio se tinha erigido neste país. O Holocausto? Era discutido de modo incessante. Mas aqueles que efetivamente o suportaram tentavam com desespero enterrar as memórias e prosseguir. Era outra forma de sobrevivência. Infelizmente, sua dor foi passada à geração seguinte, os filhos e filhas

dos sobreviventes. Pessoas como Gabriel Allon.

Shamron foi interrompido por Gilah, que perguntou da porta se precisavam de mais café. Shamron levantou a mão. Gilah percebeu que eles estavam falando de assuntos de trabalho e voltou para a cozinha. Shamron cruzou os braços na mesa e inclinou-se para a frente.

— Com certeza você deve ter suspeitado de que ela prestou testemunho. Por que sua curiosidade natural não o levou a Yad Vashem para ver com os seus próprios olhos? — Shamron, saudado apenas pelo silêncio de Gabriel, respondeu à pergunta ele mesmo. — Porque, como todos os filhos dos sobreviventes, teve sempre o cuidado de não perturbar o frágil estado emocional de sua mãe. Tinha medo de que se fosse longe demais, poderia enviá-la para um estado de depressão do qual ela poderia não regressar? — Fez uma pausa. — Ou foi por medo do que poderia encontrar? Tinha efetivamente medo de saber a verdade?

Gabriel olhou de maneira cortante, mas não respondeu. Shamron contemplou seu café por um momento antes de voltar a falar.

— Para ser honesto com você, Gabriel, quando li o testemunho de sua mãe, eu soube que eras perfeito. Trabalhas para mim por causa dela. Ela foi incapaz de te amar completamente. Como poderia ela? Ela tinha medo de te perder. Toda a gente que ela tinha amado tinha-lhe sido tirada. Perdeu os pais nas filas de seleção e as amigas que tinha ajudado em Birkenau foram levadas porque ela não disse as palavras que um Sturmbannfuhrer SS queria que ela dissesse.

— Eu teria compreendido se ela tivesse tentado me dizer.

Shamron abanou a cabeça com lentidão.

— Não Gabriel, ninguém consegue verdadeiramente entender. A culpa, a vergonha. Sua mãe conseguiu encontrar o lugar dela no mundo depois da guerra, mas de muitas maneiras a vida dela acabou naquela noite à beira de uma estrada polonesa. — Bateu a palma da mão na mesa, com força suficiente para fazer tilintar os pratos que restavam.

— Então o que fazemos? Temos pena de nós mesmos ou continuamos o trabalho e vemos se este homem é na verdade Erich Radek?

— Eu penso que sabe a resposta a isso.

— Será que Moshe Rivlin acha ser possível Radek ter estado envolvido na evacuação de Auschwitz?

Gabriel acenou que sim com a cabeça.

— Em janeiro de 1945, o trabalho de Aktion 1005 estava em grande parte completo, uma vez que todo o território conquistado a leste tinha sido recuperado pelos soviéticos. É possível que ele tenha

ido a Auschwitz para demolir as câmaras de gás e o crematório e preparar os restantes prisioneiros para evacuação. Eles eram, afinal de contas, testemunhas do crime.

— Sabemos como este pedaço de imundície conseguiu sair da Europa depois da guerra?

Gabriel contou-lhe a teoria de Rivlin, que Radek, por ser austríaco católico, tinha se beneficiado dos serviços do bispo Alois Hudal em Roma.

— Então por que não seguimos o rastro — disse Shamron — e vemos se leva de volta à Áustria?

— Exatamente o que eu acho. Pensei em começar por Roma. Quero dar uma olhada nos documentos de Hudal.

— como muitos outros também.

— Mas esses não têm o número particular do homem que mora no andar de cima do Palácio Apostólico.

Shamron encolheu os ombros.

— Lá isso é verdade.

— Preciso de um passaporte limpo.

— Não é problema. Tenho um passaporte canadense bem bom que pode usar. Como está o teu francês ultimamente?

— Pas mal, mais je dois pratiquer l'accent d'un Québécois.

— Às vezes você me assusta.

— Isso já é alguma coisa.

— Passe a noite aqui e voe para Roma amanhã. Eu o levo a Lod. Pelo caminho paramos na embaixada americana e temos uma conversa com o diretor.

— Sobre o quê?

— De acordo com o arquivo da Staatsarchiv, Vogel trabalhou para os americanos na Áustria na ocupação. Pedi aos nossos amigos em Langley que dessem uma olhada nos registros para ver se o nome de Vogel aparece. É um tiro no escuro, mas talvez tenhamos sorte.

Gabriel olhou para o testemunho da sua mãe: Não vou dizer todas as coisas que vi. Não posso. Devo pelo menos isso aos mortos...

— Sua mãe foi uma mulher de coragem, Gabriel. Por isso escolhi você. Sabia que vinha de uma excelente estirpe.

— Ela era muito mais corajosa do que eu.

— Sim —, concordou Shamron. — Ela foi mais corajosa do que todos nós.

A OCUPAÇÃO REAL DE Bruce Crawford era um dos segredos mais mal guardados de Israel. O alto, patricio americano era o chefe da CIA na divisão de Tel Aviv. Declarado tanto ao governo israelense como à Autoridade Palestiniiana, ele regularmente servia de ligação entre os dois lados do conflito. Rara era a noite em que o telefone de

Crawford não tocava a horas terríveis. Ele andava cansado, e isso via-se.

Cumprimentou Shamron já dentro dos portões da embaixada na Rua Haraykon e acompanhou-o até o edifício. A sala de Crawford era amplo e, para o gosto de Shamron, decorado demais. Parecia mais o escritório de um vice-presidente corporativo do que o covil de um espião, mas esse era o estilo americano. Shamron afundou-se numa cadeira de pele e aceitou um copo de água gelada com limão da secretária. Ainda considerou acender um cigarro turco, mas reparou no sinal de PROIBIDO FUMAR proeminentemente disposto na frente da mesa de Crawford.

Crawford parecia não ter pressa em ir direto ao assunto em questão. Shamron já esperava isso. Havia uma regra não declarada entre espiões: Quando se pede um favor a um amigo, deve-se estar preparado para pagar na mesma moeda. Shamron, por estar tecnicamente fora do jogo, não podia oferecer nada palpável, apenas o conselho e a sabedoria de um homem que já cometera muitos erros. Finalmente, depois de uma hora, Crawford disse:

— Sobre aquela coisa do Vogel.

A voz do americano arrastou-se. Shamron, tomando nota dos vestígios de quebra na voz de Crawford, inclinou-se para a frente na sua cadeira, expectante. Crawford queimou tempo removendo um clip do dispensador magnético especial e esticou-o zelosamente.

— Demos uma olhadela em nossos próprios registros — disse Crawford, o olhar fugindo para baixo em direção ao seu trabalho. — Até enviamos uma equipe a Maryland para pesquisar no anexo dos Arquivos. Temo que estejamos eliminados.

— Eliminados? — Shamron considerava o uso de termos esportivos americanos desapropriado num assunto tão vital como a espionagem. Agentes, no mundo de Shamron, não eram eliminados, não ficavam fora de jogo, nem faziam carrinhos. Só havia sucesso ou fracasso, e o preço do fracasso, numa vizinhança como o Oriente Médio, era normalmente sangue. — O que é que significa isso exatamente?

— Significa — disse Crawford com pedantismo — que a nossa busca não produziu nada. Lamento, Ari, mas às vezes estas coisas são assim.

Levantou o clip endireitado e examinou-o cuidadosamente, como se estivesse orgulhoso da obra.

GABRIEL ESPERAVA no banco de trás do Peugeot de Shamron.

— Como foi?

Shamron acendeu um cigarro e respondeu à pergunta.

— Acredita nele?

— Se ele dissesse que tinham encontrado um arquivo pessoal de rotina ou um relatório de verificação de curriculum, talvez eu tivesse acreditado. Mas nada? Com quem ele pensa que está falando? Sinto-me insultado, Gabriel. Muito insultado.

— Pensa que os americanos sabem alguma coisa de Vogel?

— Bruce Crawford acabou de nos confirmar isso. — Shamron olhou para seu relógio de aço inoxidável. — Raios! Levou uma hora me enrolando para me enganar, e agora vai perder seu voo.

Gabriel olhou para o telefone no console. — Ligue — murmurou. — Desafio você.

Shamron pegou o telefone e teclou.

— Aqui é Shamron — bradou. — Há um voo da El Al que parte de Lod para Roma em trinta minutos. Surgiu um problema mecânico que vai exigir o atraso de uma hora na partida. Entendido?

DUAS HORAS MAIS TARDE, o telefone de Bruce Crawford ronronou. Levou o receptor ao ouvido. Reconheceu a voz. Era o vigilante que ele tinha designado para seguir Shamron. Um jogo perigoso, seguir o antigo chefe do Escritório no seu próprio terreno, mas Crawford seguia ordens.

— Depois da embaixada ele foi para Lod.

— O que foi ele fazer ao aeroporto?

— Largar um passageiro.

— Reconheceste-o?

O vigilante indicou que sim. Sem mencionar o nome do passageiro, conseguiu comunicar o fato de o homem em questão ser um agente digno de nota do Escritório, recentemente ativo numa cidade da Europa Central.

— Tem certeza que era ele?

— Sem dúvida alguma.

— Para onde ia?

Crawford, depois de ouvir a resposta, cortou a ligação. Um momento depois estava sentado em frente ao seu computador, enviando uma mensagem por um cabo seguro para a sede. O texto era direto e conciso, como o receptor gostava. Elijah está a viajar para Roma. Chega esta noite num voo da El Al de Tel Aviv,

GABRIEL QUERIA encontrar-se com o homem do Vaticano em qualquer lugar menos no seu escritório no andar de topo do Palácio Apostólico. Combinaram em Piperno, um velho restaurante numa praça calma perto do Tibre, a algumas ruas de distância do antigo gueto judeu. Era o tipo de tarde de Dezembro que apenas Roma conseguia ter, e

Gabriel, chegando primeiro, providenciou uma mesa numa parte aquecida e iluminada pela luz solar da esplanada.

Alguns minutos mais tarde, um padre de passo firme entrou na praça e dirigiu-se ao restaurante. Era alto e magro e tão atraente como uma vedeta do cinema italiano. O corte do fato clérigo negro e colar romano sugeriam que, embora casto, ele não era desprovido de vaidade pessoal ou profissional. E com razões para isso. Monsenhor Luigi Donati, o secretário particular de Sua Santidade o Papa Paulo VII, era possivelmente o segundo homem mais poderoso na Igreja Católica Romana.

Havia uma obstinação fria em Luigi Donati que tornava difícil para Gabriel imaginá-lo batizando bebês ou sagrando doentes em alguma cidadezinha poeirenta. Seus olhos escuros irradiavam uma feroz e firme inteligência, enquanto o teimoso perfil do queixo revelava que era um homem perigoso para ter como inimigo. Gabriel sabia que isto era verdade por experiência própria. Um ano antes, um caso levava-o ao Vaticano, às mãos competentes de Donati, e juntos tinham destruído uma grave ameaça que pendia sobre o Papa Paulo VII. Luigi Donati estava em dívida para com Gabriel. Gabriel tinha esperança que Donato fosse um homem para pagar as suas dívidas.

Donati era também um homem que gostava, acima de tudo, de passar algumas horas num ensolarado café de Roma. O seu estilo exigente tinha conquistado apenas uns poucos amigos dentro da Cúria e, como o seu chefe, ele passava as fronteiras do Vaticano sempre que possível. Aceitou o convite de Gabriel para almoçar como um náufrago que tenta alcançar uma boia. Gabriel tinha a distinta impressão que Luigi Donati estava desesperadamente só. Por vezes Gabriel ponderava se Luigi Donati não estaria arrependido da vida que tinha escolhido. O padre acendeu um cigarro com um isqueiro banhado a ouro.

— Como vai o negócio?

— Estou a trabalhar num novo Bellini. O retábulo de Crisóstomo.

— Sim, eu sei.

Antes de se tornar Papa Paulo VII, o cardeal Pietro Lucchesi tinha sido o patriarca de Veneza. Luigi Donati estivera a seu lado. Os seus laços com Veneza mantinham-se fortes. Havia pouca coisa que

acontecesse na sua antiga diocese que ele não soubesse.

— Espero que Francesco Tiepolo te esteja a tratar bem.

— Claro.

— E Chiara?

— Está bem, obrigado.

— Vocês os dois já pensaram em... formalizar a sua relação?

— É complicado, Luigi.

— Sim, mas o que não é?

— Sabes, por momentos, parecias mesmo um padre.

Donati inclinou a cabeça para trás e riu à gargalhada. Estava a começar a relaxar. — O Santo Padre manda cumprimentos. Pede desculpa por não se poder juntar a nós. Piperno é um dos seus restaurantes preferidos. Ele recomenda que comecemos com o filetti di baccalá. Ele jura que é o melhor de Roma.

— A infalibilidade estende-se a recomendações gastronômicas?

— O Papa é infalível apenas quando age como mestre supremo em matéria de fé e moral. Temo que a doutrina não se estenda a filetes de bacalhau frito. Mas ele tem uma boa dose de experiências mundanas nestes assuntos. Se eu fosse a ti, ia pelo filetti.

O garçom de paletó branco apareceu. Donati fez o pedido. O frascati começou a fluir, e o estado de espírito de Donati amadureceu como a suave tarde. Passou os minutos seguintes regalando Gabriel com mexericos curianos, histórias de rumores de bastidores e intrigas da corte. O Vaticano não era muito diferente do Escritório. Finalmente, Gabriel para começar conduziu a conversa para o tópico que o juntara a Donati: o papel da Igreja Católica Romana no Holocausto.

— Como está a correr o trabalho da Comissão Histórica?

— como seria de esperar. Nós fornecemos os documentos dos arquivos secretos, eles fazem a análise com o mínimo de interferência possível da nossa parte. Um relatório preliminar das suas conclusões é-nos devido em seis meses. Depois disso, eles começarão a trabalhar em história multivolume.

— Alguma indicação de como está a correr o relatório preliminar?

— É como eu disse, tentamos deixar os historiadores trabalhar com o mínimo de interferência possível do Palácio Apostólico.

Gabriel lançou a Donati um olhar duvidoso sobre o seu copo de vinho. Se não fosse pelo fato clérigo e colar romano do monsenhor, Gabriel teria assumido que ele era um espião profissional. A noção de que Donati não tinha pelo menos duas fontes de informação no staff da comissão era insultuosa. Gabriel, por entre tragos de frascati, expressou a sua visão a Monsenhor Donati. O padre confessou.

— Tudo bem, digamos que eu não estou completamente às

escuras sobre a comissão.

— E?

— O relatório terá em consideração as enormes pressões sobre Pio, mas mesmo assim temo que não vá pintar um retrato muito abonatório das suas ações, nem das ações das igrejas nacionais na Europa Central e de Leste.

— Parece nervoso, Luigi.

O padre inclinou-se sobre a mesa e parecia escolher as suas próximas palavras cuidadosamente.

— Abrimos a caixa de Pandora, meu amigo. Uma vez começado um processo como este, é impossível prever onde irá terminar e que áreas da Igreja irão afetar. Os liberais aproveitaram as ações do Santo Padre e imploram por mais: um terceiro Concílio do Vaticano. Os reacionários gritam heresia.

— Algo de grave?

Mais uma vez, o monsenhor levou um tempo desmesurado a responder.

— Estamos a interceptar alguns rumores sérios por parte de alguns reacionários na região francesa de Languedoc — o tipo de reacionários que acredita que o Vaticano Segundo foi trabalho do Diabo e que cada Papa desde João XXIII é um herege.

— Pensava que a Igreja estava cheia de gente assim. Tive a minha própria briga com um grupo amigável de patriarcas e laicos chamado Crux Vera.

Donati sorriu.

— Temo que este grupo seja farinha do mesmo saco, só que, ao contrário de Crux Vera, não tem uma base de ação dentro da Cúria. São forasteiros, bárbaros batendo aos portões. O Santo Padre tem muito pouco controle sobre eles, e as coisas já começaram a aquecer.

— Diz-me se houver algo que eu possa fazer para ajudar.

— Tem cuidado, meu amigo, eu talvez faça uso dessas tuas palavras. O filetti di baccalá chegou. Donati espremeu o sumo de limão sobre o prato e colocou um dos filetes na boca. Regou o peixe com uma golada de frascati e reclinou-se para trás na sua cadeira, as suas feições atraentes assumiram o ar de puro contentamento. Para um padre que trabalha no Vaticano, o mundo temporal oferecia poucas delícias mais tentadoras que almoçar numa ensolarada praça romana. Começou noutro filetti e perguntou a Gabriel o que o trazia à cidade.

— Penso que posso dizer estar a trabalhar num assunto relacionado com o trabalho da Comissão Histórica.

— Como é isso?

— Tenho razões para suspeitar que, logo após o final da guerra, o Vaticano pode ter ajudado um procurado homem pelas SS,

chamado Erich Radek, a fugir da Europa.

Donati parou de mastigar, as suas feições tornaram-se subitamente sérias.

— Tem cuidado com as palavras que usas e as suposições que fazes, meu amigo. É bem possível que esse Radek tenha recebido ajuda de alguém em Roma, mas não foi o Vaticano.

— Acreditamos que foi o bispo Hudal de Anima. A tensão nas feições de Donati suavizou.

— Infelizmente, o bom do bispo ajudou de fato um certo número de fugitivos nazistas. Não se pode negar isso. O que te leva a pensar que ele ajudou esse Radek?

— Uma dedução informada. Radek era um austríaco católico. Hudal era reitor do seminário alemão em Roma e padre confessor da comunidade alemã e austríaca. Se Radek viesse a Roma em busca de ajuda, faria sentido se ele procurasse o bispo Hudal. Donati acenou concordante.

— Não posso contra argumentar isso. O bispo Hudal estava interessado em proteger contrerrâneos do que ele acreditava serem intenções vingativas dos aliados vitoriosos. Mas isso não significa que ele soubesse que Erich Radek era um criminoso de guerra. Como poderia ele saber? Itália estava inundada de pessoas deslocadas após a guerra, todos eles em busca de ajuda. Se Radek procurasse Hudal e lhe contasse uma história triste, é provável que lhe fosse concedido asilo e ajuda.

— Não deveria Hudal ter perguntado a um homem como Radek porque andava em fuga?

— Talvez devesse, mas estás a ser ingênuo se assumes que Radek teria respondido honestamente à questão. Ele teria mentido, e o bispo Hudal não teria maneira de saber.

— Um homem não se torna fugitivo sem razão, Luigi, e o Holocausto não era um segredo. O bispo Hudal devia ter percebido que estava a ajudar criminosos de guerra a escapar à justiça.

Donati esperou para responder enquanto o garçom servia um prato de massa.

— O que tens de entender é que havia muitas organizações e indivíduos na altura que deram assistência a refugiados, dentro da Igreja e fora. Hudal não era o único.

— Onde foi ele buscar o dinheiro para financiar a operação?

— Ele diz que todo ele veio de contas do seminário.

— E tu acreditas nisso? Cada SS que Hudal deu assistência precisava de numerário, bilhete de navio, um visto e uma vida nova num país estrangeiro, para não falar do custo de lhes providenciar asilo em Roma até que pudessem ser despachados. Pensa-se que Hudal ajudou centenas de homens das SS desta forma. Isso representa muito

dinheiro, Luigi: centenas de milhar de dólares. A mim custa-me acreditar que Anima tivesse esse tipo de trocos por aí.

— Então assumes que alguém lhe deu dinheiro — disse Donati, enrolando habilmente espagete no garfo. — Alguém como o Santo Padre, por exemplo.

— O dinheiro teve de vir de algum lado.

Donati pousou o garfo e cruzou os braços, pensativo.

— Há provas que o bispo Hudal recebeu, de fato, fundos do Vaticano para pagar o seu trabalho com refugiados.

— Eles não eram refugiados, Luigi. Pelo menos, não todos. Muitos deles eram culpados de crimes indescritíveis. Estás a dizer que Pio não fazia ideia que Hudal estava a ajudar criminosos procurados a escapar à justiça?

— Digamos apenas que, com base nas provas documentais e testemunho de sobreviventes, será muito difícil provar essa acusação.

— Não sabia que tinhas estudado lei canônica, Luigi. — Gabriel repetiu a pergunta, devagar, com uma ênfase acusatória nas palavras relevantes. — O papa sabia que Hudal estava a ajudar criminosos de guerra a escapar à justiça?

— Sua Santidade opôs-se aos julgamentos de Nuremberg porque acreditava que serviam apenas para enfraquecer os alemães e encorajar os comunistas. Ele acreditava igualmente que os Aliados andavam atrás de vingança e não de justiça. É bem possível que o Santo Padre soubesse que o bispo Hudal estivesse a ajudar nazistas e que aprovasse. Provar essa contenda é, no entanto, um outro assunto.

— Donati apontou os dentes do seu garfo para a massa intata de Gabriel. — É melhor comeres isso antes que arrefeça.

— Lamento, mas perdi o apetite.

Donati mergulhou o seu garfo na massa de Gabriel.

— Então o que é que este indivíduo Radek alegadamente fez? Gabriel deu uma breve sinopse da ilustre carreira nas SS do Sturmbannführer Erich Radek, começando com o seu trabalho para o setor de emigração judaica de Adolf Eichmann em Viena e terminando com o seu comando da Aktion 1005. No final da exposição de Gabriel, também Donati tinha perdido o apetite.

— Eles acreditavam mesmo que conseguiam esconder todas as provas de um crime tão imenso?

— Não tenho certeza se eles acreditavam ser possível, mas numa larga escala tiveram sucesso. Por causa de homens como Erich Radek, nunca saberemos quantas pessoas realmente pereceram na Shoah.

Donati contemplou o seu vinho.

— O que é que queres saber sobre a ajuda do bispo Hudal a Radek?

— Podemos assumir que Radek precisava de um passaporte. Para isso, Hudal teria recorrido à Cruz Vermelha Internacional. Eu quero saber o nome nesse passaporte. Radek também precisaria de um sítio para ir. Teria precisado de um visto. — Gabriel fez uma pausa. — Eu sei que foi há muito tempo, mas o bispo Hudal mantinha registros, não mantinha?

Donati acenou lentamente.

— Os papéis privados do bispo Hudal estão guardados nos arquivos de Anima. Como deves calcular estão selados.

— Se há alguém em Roma que possa quebrar o selo, és tu, Luigi.

— Não podemos simplesmente irromper pela Anima e pedir para ver os papéis do bispo. O atual reitor é o bispo Theodor Drexler, e não é nenhum parvo. Vamos precisar de uma desculpa, um tema de capa, como se diz em sua linguagem.

— Temos um.

— Qual é?

— A Comissão Histórica.

— Estás a sugerir que digamos ao reitor que a Comissão requisitou os papéis de Hudal?

— Precisamente.

— E se ele recusar?

— Então eu apresento-me.

— E quem é suposto seres?

Gabriel alcançou o seu bolso e retirou um cartão de identificação plastificado, completo com fotografia.

— Shmuel Rubenstein, professor de religião comparativa na Universidade Hebraica de Jerusalém.

Donati devolveu o cartão a Gabriel e abanou a cabeça.

— Theodor Drexler é um teólogo brilhante. Ele vai querer arrastar-te para uma discussão, talvez algo sobre as raízes comuns das religiões mais antigas no mundo ocidental. Estou bastante confiante que te vais espalhar ao comprido, e o bispo vai desmascarar-te.

— É sua função garantir que isso não aconteça.

— Sobrestimas as minhas capacidades, Gabriel.

— Telefone, Luigi. Preciso ver os papéis do bispo Hudal.

— Vou fazê-lo, mas primeiro tenho uma pergunta. Por quê?

Donati, depois de ouvir a resposta de Gabriel, digitou um número no celular e pediu que o passassem a Anima.

ROMA

A IGREJA DE Santa Maria del'Anima fica localizada no Centro Storico, a oeste da Piazza Navona.

Durante quatro séculos foi a igreja alemã em Roma. O papa Adriano VI, filho de um construtor naval alemão de Utrech e o último papa não italiano antes de João Paulo II, está enterrado numa magnífica tumba à direita do altar principal. Pela Via delia Pace chega-se ao seminário adjacente. E foi aí, nas sombras frias do pátio de entrada, que se encontraram com o bispo Theodor Drexler na manhã seguinte.

O monsenhor Donati cumprimentou-o num excelente alemão de sotaque italiano, e apresentou Gabriel como "o instruído professor Shmuel Rubenstein da Universidade Hebraica". Drexler estendeu a mão num ângulo que por instantes deixou Gabriel na dúvida se deveria apertá-la ou beijar o anel. Após uma breve hesitação, deu-lhe uma firme sacudidela. A pele era fria como mármore de igreja.

O reitor acompanhou-os escada acima até a um modesto escritório repleto de livros. A sua sotaina murmurou quando se sentou na enorme cadeira na zona de estar. A grande cruz peitoral de ouro brilhava com a luz solar que entrava obliquamente pelas altas janelas. Ele era baixo e bem alimentado, perto dos setenta, com uma delicada auréola de cabelo branco e bochechas extremamente rosadas. Os cantos da boca estavam sempre subidos num sorriso — mesmo agora, que estava claramente descontente — e os seus pálidos olhos azuis brilhavam com uma inteligência condescendente. Era um rosto que conseguia confortar os doentes e lançar o medo de Deus num pecador. Monsenhor Donati estava certo. Gabriel tinha de ter cuidado.

Donati e o bispo passaram alguns minutos a trocar elogios sobre o Santo Padre.

O bispo informou Donati que rezava pela continuação da boa saúde do pontífice, enquanto Donati anunciou que Sua Santidade estava extraordinariamente satisfeita com o trabalho do bispo Drexler na Anima. Ele referia-se ao bispo como "Sua Graça" tantas vezes quanto possível. No final da troca de elogios, Drexler estava tão engraxado que Gabriel temia que escorregasse pela cadeira.

Quando monsenhor Donati mencionou finalmente o propósito da sua visita ao Anima, o estado de espírito de Drexler enegreceu, como se uma nuvem passasse em frente ao Sol, embora o seu sorriso se mantivesse firme.

— Não consigo perceber como é que uma investigação polêmica aos registros do trabalho com refugiados alemães do bispo

Hudal depois da guerra irá ajudar no processo de reparação entre católicos romanos e judeus.

A sua voz era suave e seca e o seu alemão de sotaque vienense.

— Uma justa e equilibrada investigação das atividades do bispo Hudal revelariam que ele também ajudou um bom número de judeus.

Gabriel inclinou-se para a frente. Era a altura de o instruído professor da universidade hebraica se meter na conversa.

— Está a dizer, Sua Graça, que o bispo Hudal escondeu judeus durante a rusga de Roma?

— Antes da rusga e depois. Existiam muitos judeus a viver dentro dos muros da Anima. Judeus batizados, claro.

— E aqueles que não eram batizados?

— Não podiam ser escondidos aqui. Não teria sido próprio. Foram enviados para outro lugar.

— Perdoe-me, Sua Graça, mas como é que se distingue exatamente um judeu batizado de um judeu normal?

Monsenhor Donati cruzou a perna e cuidadosamente alisou o vinco na perna da calça, um sinal para parar e desistir desta linha de inquérito. O bispo respirou fundo e respondeu à questão.

— Podem-lhes ter sido feitas algumas perguntas simples sobre assuntos da fé e da doutrina católica. Como recitar um pai-nosso ou uma ave-maria. Normalmente, torna-se facilmente perceptível quem está a dizer a verdade e quem está a mentir para conseguir asilo no seminário.

Um toque na porta satisfaz o objetivo de Luigi Donati acabar com a troca de palavras. Um jovem noviço entrou na sala, carregando um tabuleiro de prata. Serviu chá a Donati e Gabriel. O bispo bebeu água quente com uma fina rodela de limão.

Quando o rapaz saiu, Drexler disse:

— Mas tenho certeza de que não está interessado nos esforços do bispo Hudal em proteger judeus dos nazistas, ou está, professor Rubinstein? Está interessado na ajuda que ele deu a oficiais alemães depois da guerra?

— Oficiais alemães não. Criminosos de guerra SS procurados.

— Ele não sabia que eram criminosos.

— Temo que essa defesa seja pouco crível, Sua Graça. O bispo Hudal era um empenhado antissemita e um defensor do regime de Hitler. Não faria sentido que ele de bom grado ajudasse austríacos e alemães depois da guerra, independentemente dos crimes que tivessem cometido?

— A sua oposição aos judeus era de natureza teológica, não social. Quanto ao seu apoio ao regime nazista, não ofereço defesa. O bispo Hudal condena-se pelas suas próprias palavras e escrita.

— E seu carro? — Gabriel acrescentou, fazendo bom uso do arquivo de Rivlin Moshe. — O Bispo Hudal usava a bandeira da união do Reich em sua limusine oficial. Não fazia segredo de suas simpatias.

Drexler sorveu a água com limão e virou o seu olhar gelado para Donati.

— Como muitos outros na Igreja, eu tinha as minhas preocupações sobre a Comissão Histórica do Santo Padre, mas mantive essas preocupações para mim mesmo, por respeito a Sua Santidade. Agora parece que a Anima está sendo analisada em microscópio. Eu tenho de impor limites. Não vou permitir que a reputação desta grande instituição seja arrastada pela lama da história.

Monsenhor Donati examinou a perna das suas calças por um momento, e levantou o olhar. Por baixo de calma exterior, o secretário papal estava a ferver com a insolência do reitor. O bispo tinha esticado a corda; Donati estava prestes a esticar de volta. De alguma forma, ele conseguiu manter a voz ao nível de um murmúrio de reza.

— Independentemente da sua preocupação com este assunto, Sua Graça, é o desejo do Santo Padre que seja concedido ao professor Rubinstein o acesso aos papéis do bispo Hudal.

Um silêncio profundo pairou sobre a sala. Drexler mexeu na cruz em seu peito, procurando uma maneira de escapar. Não havia nenhuma; resignação era a única conduta honrada. E deixou cair seu trunfo.

— Não desejo desafiar Sua Santidade neste assunto. Não me deixa outra saída senão cooperar, monsenhor Donati.

— O Santo Padre não esquecerá, bispo Drexler.

— Nem eu, Monsenhor.

Donati exibiu um sorriso irônico.

— É do meu conhecimento que os papéis pessoais do bispo estão aqui na Anima.

— É correto. Estão guardados em nossos arquivos. Vai levar alguns dias até serem totalmente localizados e organizados de forma a poderem ser lidos e compreendidos por um estudioso como o professor Rubinstein.

— É muito atencioso da sua parte, Sua Graça — disse monsenhor Donati — mas gostaríamos de vê-los agora mesmo.

ELE CONDUZIU-OS POR uma escada em caracol de pedra com degraus gastos pelo tempo, tão escorregadios como gelo. Ao fundo das escadas havia uma pesada porta de carvalho com armações de ferro forjado. Foi construída para suportar aríetes, mas provou não estar à altura de um esperto padre do Veneto e do "professor" de Jerusalém.

O bispo Drexler destrancou a porta e empurrou-a com o ombro. Tateou na escuridão por um momento e ligou um interruptor

que ecoou um estalido agudo. Uma série de lâmpadas de teto, zumbindo e tinindo com o súbito fluxo de eletricidade, iluminaram uma longa passagem subterrânea com um teto de pedra em arco. Em silêncio, o Bispo acenou para entrarem.

A cave tinha sido construída para homens menores. O pequeno bispo conseguia andar pela passagem sem alterar a sua postura. Gabriel tinha apenas de inclinar a cabeça para evitar as lâmpadas, mas monsenhor Donati, com bem mais de um metro e oitenta de altura, era forçado a dobrar-se pela cintura como um corcunda. Aqui residia a memória institucional da Anima e do seu seminário, quatro séculos de registros baptismais, certificados de casamento e obituários. Os registros dos padres que aqui tinham servido e dos alunos que tinham estudado dentro das paredes do seminário. Parte estava guardada em armários de pinho, outra em grades ou em caixas de cartão. As novas adições eram guardadas em contentores de plástico modernos. O cheiro a umidade e a caruncho era penetrante, e um fio de água escorria, algures, das paredes. Gabriel, que tinha uma noção sobre os efeitos prejudiciais do frio e da umidade no papel, rapidamente perdeu a esperança de encontrar os papéis do bispo Hudal intatos. O bispo Drexler pairou sobre eles por um momento e ofereceu-se para ajudar na busca dos documentos. Monsenhor Donati deu-lhe uma pancadinha no ombro e disse que eles se arranjariam sozinhos. O bispo fez o sinal da cruz e afastou-se lentamente pela passagem arqueada.

FOI GABRIEL que, duas horas mais tarde, encontrou.

Erich Radek tinha chegado à Anima em 3 de março de 1948. Em 24 de maio, a Comissão de Ajuda Pontífice, a organização de ajuda a refugiados do Vaticano, emitira a Radek um documento de identificação do Vaticano com o número 9645/99 e o pseudônimo "Otto Krebs". Nesse mesmo dia, com a ajuda do bispo Hudal, Otto Krebs usou a sua identificação do Vaticano para conseguir um passaporte da Cruz Vermelha. Na semana seguinte foi-lhe emitido um visto de entrada pela República Árabe da Síria. Comprou passagens de classe econômica com dinheiro que lhe foi dado pelo bispo Hudal e zarpou do porto italiano de Gênova em fins de junho. Krebs levava quinhentos dólares no bolso. Um recibo do dinheiro, ostentando a assinatura de Radek, tinha sido guardado pelo bispo Hudal. O artigo final do arquivo de Radek era uma carta, com um selo sírio e o carimbo postal de Damasco, que agradecia ao bispo Hudal e ao Santo Padre pela ajuda e a promessa de que um dia a dívida seria paga. Estava assinada Otto Krebs.

ROMA

O BISPO DREXLER ESCUTOU a fita de áudio uma última vez, e ligou para um número em Viena.

— Receio que tenhamos um problema.

— Que tipo de problema?

Drexler contou ao homem em Viena sobre os visitantes à Anima nessa manhã: o monsenhor Donati e um professor da Universidade Hebraica de Jerusalém.

— Como disse ele que se chamava?

— Rubinstein. Declarou ser um investigador da Comissão Histórica.

— Ele não era nenhum professor.

— Eu calculei isso, mas não estava em posição de contestar a sua boa-fé.

Monsenhor Donati é um homem muito poderoso dentro do Vaticano. Só há um mais poderoso, e é o herege para quem ele trabalha.

— De que andavam eles à procura?

— Documentação sobre a ajuda dada pelo bispo Hudal a um determinado refugiado depois da guerra.

Houve um longo silêncio antes de o homem colocar a questão seguinte.

— Já deixaram a Anima?

— Sim, há cerca de uma hora.

— Porque levaste tanto tempo a telefonar?

— Estava na esperança de conseguir fornecer alguma informação útil.

— E consegues?

— Sim, acredito que sim.

— Diz-me.

— O professor está hospedado no Hotel Cardinal na Via Giulia. E está registrado sob o nome de René Duran, com um passaporte canadense.

— PRECISO QUE PEGUE um relógio em Roma.

— Quando?

— Imediatamente.
— Onde está?
— Há um homem hospedado no Hotel Cardinal na Via Giulia. Está registrado como René Duran, mas às vezes usa o nome Rubinstein.
— Quanto tempo vai estar em Roma?
— Incerto, e é por isso que tens de partir agora. Há um voo da Alitalia que parte para Roma daqui a duas horas. Um lugar em classe executiva está reservado em teu nome.
— Se viajo de avião não poderei levar as ferramentas necessárias à reparação. Preciso de alguém que as forneça em Roma.
— Tenho o homem certo. — Recitou um número de telefone, que o Relojoeiro guardou na memória. — Ele é muito profissional e, acima de tudo, extremamente discreto. Não te pediria para ir ter com ele se não fosse.
— Tens uma fotografia deste cavalheiro Duran?
— Vai chegar ao teu fax dentro de instantes.

O Relojoeiro desligou o telefone e apagou as luzes da frente da loja. Em seguida entrou na oficina e abriu um armário. Dentro estava um pequeno saco de viagem, contendo uma muda de roupa e um estojo de barbear. O fax tocou. O Relojoeiro vestiu um sobretudo e um chapéu enquanto o rosto de um homem morto se ia revelando lentamente.

21

ROMA

GABRIEL SENTOU-SE NUMA MESA do Doney na manhã seguinte para tomar café. Trinta minutos depois um homem entrou e dirigiu-se ao bar. O cabelo parecia palha de aço e tinha cicatrizes de acne nas largas bochechas. A roupa era cara, mas de mau gosto. Bebeu dois expressos de uma golada e manteve um cigarro a arder durante o tempo todo. Gabriel olhou para o seu *La Repubblica* e sorriu. Shimon Pazner era o homem do Escritório em Roma há cinco anos, no entanto ainda não tinha perdido o aspecto andrajoso de um colono do Negev.

Pazner pagou a conta e dirigiu-se aos lavabos. Quando saiu, estava de óculos de sol postos, o sinal de que o encontro estava de pé. Dirigiu-se à porta giratória, parou na Via Veneto e em seguida virou para a direita e começou a caminhar. Gabriel deixou dinheiro na mesa

e seguiu-o.

Pazner atravessou o Corso d'Itália e entrou na Villa Borghese. Gabriel caminhou ao longo do Corso um pouco afastado e entrou no parque por outro acesso.

Encontrou Pazner num caminho por entre as árvores e apresentou-se como René Duran de Montreal. Juntos caminharam em direção à Galleria. Pazner acendeu um cigarro.

— Há rumores de que teve uns apertos nos Alpes numa noite destas.

— Os rumores viajam depressa.

— O Escritório é como um círculo de costureiras judaicas, sabe disso. Mas você tem um problema mais grave. Lev ditou a sentença. Allon passou dos limites. O Allon, caso vos bata à porta, deve ser posto na rua. — Pazner cuspiu para o chão. — Estou aqui por lealdade ao Velho, não a si, Monsieur Duran. É bom que isto valha a pena.

Sentaram-se num banco de mármore no pátio da entrada da Galleria Borghese e olharam em direções opostas para manter as aparências. Gabriel contou a Pazner sobre o homem das SS, Erich Radek, que viajara para a Síria sob o nome de Otto Krebs.

— Ele não foi para Damasco estudar civilizações antigas —, disse Gabriel. — Os sírios deixaram-no entrar por alguma razão. Se ele estava próximo do regime, talvez apareça nos registros.

— Então quer que eu faça uma pesquisa para ver se o conseguimos situar em Damasco?

— Exatamente.

— E como espera que requisite esta pesquisa sem que Lev e a Segurança descubram? Gabriel olhou para Pazner como se se sentisse insultado pelas perguntas. Pazner retraiu-se.

— Tudo bem, digamos que talvez eu tenha uma moça nas Pesquisas que pode dar uma olhadela discreta nos registros por mim.

— Só uma moça?

Pazner encolheu os ombros e atirou com o seu cigarro para a gravilha.

— Mesmo assim ainda me parece um tiro no escuro. Onde está hospedado? Gabriel disse-lhe.

— Há um restaurante chamado La Carbonara no limite norte do Campo dei Fiori, perto da fonte.

— Eu conheço.

— Esteja lá às oito. Vai haver uma reserva no nome de Brunacci para as oito e meia. Se a reserva for para dois, significa que a pesquisa foi um fiasco. Se for para quatro, venha até a Piazza Farnese.

NA MARGEM OPOSTA do Tibre, numa pequena praça a alguns metros da Porta de Sant'Ana, o Relojoeiro estava sentado nas sombras

da esplanada na tarde fria, sorvendo um cappuccino. Na mesa ao lado, um par de padres com sotaina envolviam-se numa animada conversa. O Relojoeiro, embora não falasse italiano, assumiu que eram burocratas do Vaticano. Um gato vadio corcunda roçava pelas pernas do Relojoeiro e suplicava por comida. Prendeu o animal entre os tornozelos e apertou, aumentando lentamente a pressão, até que o gato soltou um gemido estrangulado e fugiu a correr. Os padres olharam com desagrado; o Relojoeiro deixou dinheiro na mesa e afastou-se. Onde já se vira, gatos num café . Ele estava ansioso por concluir o seu assunto em Roma e regressar a Viena. Caminhou ao longo da Colunata de Bernini e parou por um momento para admirar a larga Via delia Conciliazione em direção ao Tibre. Um turista estendeu-lhe uma máquina fotográfica descartável e pediu-lhe, numa indecifrável língua eslava, que lhe tirasse uma fotografia em frente ao Vaticano. O austríaco, sem dizer uma palavra, apontou para o seu relógio de pulso, indicando que estava atrasado para um encontro e virou costas.

Atravessou a ampla e trovejante praça mesmo por trás da abertura da colunata. Ostentava o nome de um papa recente. O Relojoeiro, embora tivesse poucos interesses além de relojoaria antiga, sabia que este papa era uma figura controversa. Considerava bastante divertida a celeuma que pairava em seu redor. Então não tinha ajudado os judeus durante a guerra? Desde quando era da responsabilidade de um papa ajudar judeus? Eles eram, afinal de contas, os inimigos da Igreja.

Afastou-se do Vaticano em direção ao parque Janiculum por uma rua estreita cheia de sombras, alinhada por edifícios cor de ocre cobertos por um pó fino. O Relojoeiro caminhou pelo pavimento rachado, procurando pela morada que lhe tinha sido indicada nessa manhã por telefone. Encontrou-a, mas hesitou antes de entrar. Gravado no vidro coberto de pó estavam as palavras ARTICOLI RELIGIOSI. Por baixo, em letras menores, estava o nome GIUSEPPE MONDIANI. O Relojoeiro consultou o pedaço de papel onde tinha escrito a morada. Número 22 Via Borgo Santo Spirito. Tinha vindo ao local certo.

Encostou a cara ao vidro. A sala do outro lado estava repleta de crucifixos, estátuas da Virgem, gravuras de santos mortos há muito, rosários e medalhas, todos certificados com a bênção do próprio papa. Tudo parecia estar coberto pelo mesmo pó fino da rua. O Relojoeiro, embora educado num rigoroso lar católico austríaco, ponderava o que levaria uma pessoa a rezar para uma imagem. Ele já não acreditava em Deus ou na Igreja, nem acreditava no destino, intervenção divina, vida depois da morte ou na sorte. Acreditava que os homens controlavam o rumo das suas vidas, como o mecanismo de um relógio

controlava o movimento dos ponteiros.

Abriu a porta e entrou escoltado pelo tilintar de um pequeno sino. Um homem surgiu de uma sala interior, vestindo camiseta bege com gola em V, calça marrom sem vinco. No alto da sua cabeça, o seu cabelo frágil e fino estava penteado com gel. O Relojoeiro, embora a vários passos de distância, sentia o cheiro de sua desagradável loção pós-barba. Refletiu se os homens do Vaticano sabiam que seus abençoados artigos religiosos eram vendidos por tão repugnante criatura.

— Posso ajudá-lo?

— Estou à procura do Signor Mondiani.

Ele mexeu a cabeça dando a entender ao Relojoeiro que tinha encontrado o homem que procurava. Um sorriso deslavado revelou que lhe faltavam vários dentes.

— Você deve ser o cavalheiro de Viena — disse Mondiani. — Reconheço a voz.

Ele estendeu a mão. Estava esponjosa e úmida, como o Relojoeiro temia. Mondiani trancou a porta da frente e pendurou um aviso na janela escrito em inglês e em italiano que informava que a loja estava fechada. Em seguida, conduziu o Relojoeiro por uma porta e umas escadas de madeira raquíticas. No alto dos degraus havia um pequeno escritório. As cortinas estavam corridas e no ar sentia-se o aroma de um perfume de mulher. E mais qualquer coisa azeda, tipo amoníaco. Mondiani gesticulou em direção ao sofá. O Relojoeiro olhou para baixo; uma imagem passou-lhe pelos olhos. Continuou de pé. Mondiani encolheu os ombros estreitos.

— Como queira.

O italiano sentou-se à mesa, ajeitou uns papéis e alisou o cabelo. Estava pintado de um laranja escuro não natural. O Relojoeiro, a ficar careca e com uma franja mal cortada, parecia estar a pô-lo mais autoconsciente do que já estava.

— O seu colega de Viena disse que precisava de uma arma.

Mondiani abriu uma gaveta da mesa e retirou um artigo escuro com acabamento metálico, e colocou-o respeitosamente no seu protetor de mesa manchado de café, como se estivesse a lidar com uma relíquia sagrada. — Penso que vai achar isto satisfatório.

O Relojoeiro estendeu a mão. Mondiani colocou-lhe a arma na palma.

— Como pode ver, é uma Glock nove milímetros. Penso que está familiarizado com a Glock. Afinal de contas é uma arma austríaca.

O Relojoeiro levantou os olhos da arma.

— Isto também foi abençoado pelo Santo Papa como o resto do seu inventário?

Por sua expressão sinistra, Mondiani não achou graça. Alcançou a gaveta aberta e exibiu uma caixa de munição.

— Precisa de um carregador extra?

O Relojoeiro não pretendia entrar num tiroteio, mas ainda assim, uma pessoa sente-se sempre melhor com um carregador extra no bolso da calça. Mondiani perguntou-lhe se precisava de silenciador. O Relojoeiro, com o olhar baixo, acenou afirmativamente.

— Ao contrário da arma, isto não é fabricado na Áustria. Foi feito mesmo aqui — disse Mondiani com orgulho excessivo. — Em Itália. É muito eficaz. A arma vai emitir pouco mais que um sussurro quando disparada.

O Relojoeiro segurou o silenciador em frente ao seu olho direito e olhou pelo cano. Satisfeito com a perfeição, colocou-o na mesa, junto das outras coisas.

— Precisa de mais alguma coisa?

O Relojoeiro lembrou ao Signor Mondiani que tinha requisitado uma motocicleta.

— Ah sim, a moto — disse Mondiani, levantando um conjunto de chaves. — Está estacionado lá fora. Tem dois capacetes, como requisitado, de cores diferentes. Escolhi preto e vermelho. Espero que seja satisfatório.

O Relojoeiro olhou para o relógio. Mondiani percebeu a dica e apressou as coisas. Num bloco de argolas, com um lápis mastigado, preparou a fatura.

— A arma é limpa e não identificável — disse ele, enquanto rabiscava o papel.

— Eu sugiro que a deite para o Tibre quando terminar. A Polizia di Stato nunca a encontrará.

— E a motocicleta?

— Roubada — disse Mondiani. — Deixe-a num local público com as chaves na ignição, numa piazza movimentada, por exemplo. Tenho certeza de que encontrará um novo dono em poucos minutos.

Mondiani desenhou um círculo à volta do montante final e girou o bloco para que o Relojoeiro pudesse ver. Estava em euros, graças a Deus. O Relojoeiro, apesar de ser ele próprio um homem de negócios, sempre detestara fazer transações em liras.

— Um pouco exagerado, não lhe parece Signor Mondiani? Mondiani encolheu os ombros e regalou o Relojoeiro com outro sorriso hediondo. O Relojoeiro pegou no silenciador e enroscou-o cuidadosamente na ponta do cano.

— Este encargo aqui — disse o Relojoeiro batendo levemente no bloco de argolas com o indicador da mão que tinha livre —, é o quê?

— Isso são os meus honorários de corretagem — conseguiu

dizer Mondiani com uma expressão séria.

— Está a cobrar-me pela Glock três vezes mais do que eu pagaria na Áustria. Isso, Signor Mondiani, são os seus honorários de corretagem.

Mondiani cruzou os braços provocadoramente.

— É o estilo italiano. Quer a arma ou não?

— Sim — disse o Relojoeiro —, mas a um preço razoável.

— Lamento, mas esta é a tarifa atual em Roma.

— Para um italiano ou só para estrangeiros?

— Seria melhor se fosse tratar das suas coisas a outro lado —

Mondiani estendeu a mão. Estava a tremer. — Entregue-me a arma, por favor, e saia.

O Relojoeiro suspirou. Talvez fosse melhor assim. Signor Mondiani, apesar das garantias do homem de Viena, era dificilmente do gênero que inspirasse confiança. O Relojoeiro, num movimento súbito, enfiou o carregador na Glock e engatilhou a primeira bala. As mãos de Signor Mondiani levantaram-se defensivamente. Os tiros perfuraram as palmas antes de atingir a cara. O Relojoeiro, enquanto deslizava para fora do escritório, percebeu que Mondiani tinha sido honesto sobre pelo menos uma coisa.

A arma, quando disparada, emitia pouco menos que um sussurro.

SAIU DA LOJA e trancou a porta. Já estava quase escuro; o domo da Basilica esbatia-se de encontro ao céu enegrecido. Inseriu a chave na ignição da motocicleta e ligou o motor. Pouco depois, acelerava pela Via delia Conciliazione abaixo em direção aos muros cor de lama do Gastel San Angelo. Acelerou através do Tibre e seguiu caminho pelas ruas estreitas do Centro Storico, até chegar à Via Giulia. Estacionou à porta do Hotel Cardinal, retirou o capacete, entrou no recepção, virou para a direita e entrou num pequeno bar estilo catacumba com paredes decoradas de antigo granito romano.

Pediu uma Coca-Cola ao garçom de balcão — estava confiante de que conseguiria cumprir esta proeza sem denunciar o seu sotaque austríaco — e transportou a bebida até uma pequena mesa adjacente à passagem entre a recepção e o bar. Para passar o tempo, foi comendo pistácios e folheando um molho de jornais italianos.

Às sete e meia um homem saiu do elevador: cabelo preto curto, cinza nas têmporas, olhos muito verdes. Deixou a chave do quarto na recepção e saiu para a rua.

O Relojoeiro terminou a Coca-Cola, e saiu também. Atirou a perna por cima da moto do Signor Mondiani e ligou o motor. O capacete preto estava pendurado no guidom pelo fecho. O Relojoeiro retirou o capacete vermelho da bagageira na traseira e colocou-o. Em

seguida, pôs o preto na bagageira e fechou a tampa. Levantou o olhar e observou a figura do homem de olhos verdes afastando-se pela escuridão da Via Giulia. Rodou ligeiramente o acelerador e avançou lentamente atrás dele.

22

ROMA

A RESERVA NO La Curbonara era para quatro. Gabriel caminhou até a Piazza Farnese e encontrou Pazner à espera junto da embaixada francesa. Caminharam até a Pompeiè e sentaram-se numa mesa sossegada no fundo. Pazner pediu vinho tinto e polenta e entregou a Gabriel um envelope branco.

— Levou algum tempo — disse Pazner —, mas eventualmente encontraram uma referência a Krebs num relatório sobre um nazista chamado Alois Brunner. Sabe alguma coisa sobre Brunner?

— Era um assessor de topo de Eichmann — respondeu Gabriel um perito em deportações, altamente qualificado na arte de mandar judeus para os guetos e depois para as câmaras de gás. Trabalhou com Eichmann na deportação de judeus austríacos. Mais tarde, na guerra, tratou de deportações em Salônica e Vichy, França.

Pazner, claramente impressionado, deu uma garfada num pedaço de polenta.

— E depois da guerra fugiu para a Síria, onde viveu sob o nome de George Fischer e trabalhou como consultor do regime. Tanto quanto se sabe, os modernos serviços secretos e de segurança da Síria foram criados por Alois Brunner.

— Krebs trabalhava para ele?

— Parece que sim. Abra o envelope. E, já agora, tenha o cuidado de tratar esse relatório com todo o respeito que merece. O homem que o conseguiu pagou um preço muito alto. Repare no nome de código do agente. "MENASHE" ERA o nome de código de um lendário espião israelense chamado Eli Cohen. Nascido no Egipto em 1924, Cohen emigrou para Israel em 1957 e imediatamente se voluntariou para trabalhar nos serviços secretos israelenses. Os resultados dos testes psicotécnicos foram divergentes. Os avaliadores consideraram-no extremamente inteligente e abençoado com uma extraordinária memória para pormenores. Mas também descobriram

um perigoso traço de "exagerada arrogância" e previram que Cohen iria assumir riscos desnecessários no campo.

A ficha de Cohen foi ganhando pó até 1960, quando a crescente tensão ao longo da fronteira com a Síria levou os homens dos serviços secretos israelenses a decidir que precisavam desesperadamente de um espião em Damasco. Uma longa busca de candidatos não produziu efeitos práticos. Então a procura foi alargada para incluir aqueles que tinham sido rejeitados por outras razões. A ficha de Cohen foi outra vez aberta, e em breve, ele estava a ser preparado para uma missão que iria acabar por matá-lo.

Após seis meses de treino intensivo, Cohen, fazendo-se passar por Kamal Amin Thabit, foi enviado para a Argentina para elaborar a sua biografia de disfarce: Um bem-sucedido homem de negócios sírio que vivera no estrangeiro toda a sua vida e que apenas queria regressar à sua terra natal. Conquistou a confiança da ampla comunidade síria de expatriados de Buenos Aires e atraiu muitas amizades importantes, incluindo uma com o Major Amin al-Hafez, que mais tarde se viria a tornar presidente da Síria.

Em Janeiro de 1962, Cohen mudou-se para Damasco e abriu um negócio de importações-exportações. Devidamente apresentado pela comunidade síria de Buenos Aires, rapidamente se tornou uma figura popular da cena social e política de Damasco, desenvolvendo amizades com altos cargos militares e do Ba'ath, o partido do governo. Oficiais do exército sírio levaram Cohen em visitas guiadas a instalações militares e até lhe mostraram as fortificações nos estratégicos Montes Golan. Quando o Major al-Hafez se tornou presidente, especulava-se que "Kamal Amin Thabit" podia estar na lista para uma pasta ministerial, talvez até ministro da Defesa.

Os serviços secretos sírios não faziam ideia que o afável Thabit era na realidade um espião israelense que enviava regularmente relatórios aos seus chefes do outro lado da fronteira. Relatórios urgentes eram enviados por transmissões de rádio em código de Morse. Relatórios mais longos e detalhados eram escritos em tinta invisível, escondidos em contentores de mobília damascena e enviados para um ponto israelense na Europa. As informações fornecidas por Cohen deram aos estrategistas militares israelenses uma extraordinária visão sobre a situação política e militar em Damasco.

No final, os avisos sobre a aptidão de Cohen para o risco provaram estar corretos. Foi ficando descuidado no uso do rádio, transmitindo a horas regulares todas as manhãs ou enviando múltiplas transmissões num só dia. Enviava saudações à sua família e lamentava-se das derrotas de Israel nos campeonatos internacionais de futebol. As forças de segurança sírias, detentoras das últimas novidades russas de detecção de ondas de rádio, empreenderam uma

busca ao espião israelense em Damasco.

Encontraram-no a 18 de Janeiro de 1965, irrompendo pelo seu apartamento enquanto enviava uma mensagem aos seus controladores em Israel. O enforcamento de Cohen, em Maio de 1965, foi transmitido em direto na televisão Síria.

Gabriel leu o primeiro relatório à luz de uma tremeluzente vela de mesa. Fora enviado pelo canal europeu em Maio de 1963. No meio de um relatório detalhado sobre a política interna e intrigas do partido Ba'ath estava um parágrafo dedicado a Alois Brunner:

Conheci "Herr Fischer" num cocktail promovido por um superior hierárquico do partido Ba'ath. O aspecto de Herr Fischer não era dos melhores, tinha perdido recentemente vários dedos de uma mão por causa de uma carta armadilhada no Cairo. Atribuiu as culpas do atentado que sofreu a imundos judeus vingativos de Tel Aviv. Reivindicava que o trabalho que estava a fazer no Egipto era mais do que suficiente para ajustar contas com os agentes israelenses que o tinham tentado assassinar. Herr Fischer estava acompanhado, nessa tarde, por um homem chamado Otto Krebs. Nunca tinha visto Krebs antes. Era alto e de olhos azuis, de aparência muito germânica, ao contrário de Brunner. Bebeu whisky copiosamente e parecia vulnerável, um homem que talvez estivesse a ser chantageado ou manipulado de alguma forma.

— É só isto? — perguntou Gabriel. — Uma só vez num cocktail?

— Aparentemente sim, mas não fique desencorajado — Cohen deu-lhe mais uma pista. — Veja o próximo relatório.

Gabriel baixou o olhar e leu.

Eu vi "Herr Fischer" na semana passada numa recepção no Ministério da Defesa. Perguntei-lhe pelo seu amigo, Herr Krebs. Disse-lhe que Krebs e eu tínhamos discutido um projeto comercial e eu estava desapontado por não ter ouvido mais falar dele. Fischer disse que isso não o surpreendia uma vez que Krebs se tinha mudado recentemente para a Argentina.

Pazner serviu a Gabriel um copo de vinho.

— Ouvi dizer que Buenos Aires é encantador nesta altura do ano.

GABRIEL E PAZNER separaram-se na Piazza Farnese; Gabriel caminhou sozinho pela Via Giulia em direção ao seu hotel. A noite esfriara, e estava muito escuro na rua. O silêncio profundo, combinado com o áspero piso de pedra por baixo dos seus pés, permitia imaginar como teria sido Roma há um século e meio atrás, quando os homens do Vaticano ainda governavam com supremacia. Pensou em Erich

Radek, caminhando por esta mesma rua, enquanto esperava pelo seu passaporte e bilhete para a liberdade.

Mas terá sido mesmo Radek que veio para Roma?

Segundo os registros do bispo Hudal, Radek veio para Anima em 1948 e partiu pouco depois como Otto Krebs. Eli Cohen colocou "Krebs" em Damasco em finais de 1963. Em seguida Krebs, segundo o relatório, mudou-se para a Argentina. Os fatos expuseram uma relevante e talvez inconciliável contradição do caso contra Ludwig Vogel. De acordo com os documentos do Staatsarchiv, Vogel vivia na Áustria em 1946, trabalhando para a autoridade de ocupação americana. Se isso fosse verdade, então Vogel e Radek não podiam ser a mesma pessoa. Como se explica então que Max Klein afirme que Vogel esteve em Birkenau? O anel que Gabriel tirara do chalé de Vogel na Alta Áustria? 1005, bom trabalho, Heinrich... O relógio de pulso? Para Erich, em adoração, Mônica... Teria outro homem vindo para Roma em 1948 fazendo-se passar por Erich Radek? E se sim, porquê!

Muitas questões, pensou Gabriel, e apenas um rasto para seguir: Fischer disse que isso não o surpreendia uma vez que Krebs se tinha mudado recentemente para a Argentina. Pazner estava certo. Gabriel não tinha escolha senão continuar a busca na Argentina.

O pesado silêncio foi quebrado pelo zunido de inseto de uma scooter. Gabriel olhou por sobre o ombro enquanto a moto fazia uma curva e entrava na Via Giulia. Então, acelerou subitamente na direção dele. Gabriel parou de andar e retirou as mãos dos bolsos do casaco. Tinha uma decisão para tomar. Ficar quieto como um romano normal ou virar-se e correr? A decisão foi tomada por ele, alguns segundos depois, quando o motoqueiro de capacete alcançou a frente do casaco e sacou uma pistola com silenciador.

GABRIEL JOGOU-SE numa rua estreita enquanto a pistola cuspiu três projeteis de fogo. Três balas atingiram a esquina de pedra de um prédio. Gabriel baixou a cabeça e começou a correr.

a moto ia demasiado rápido para conseguir fazer a curva. Derrapou em frente à entrada da rua, e resvalou ao dar a volta, concedendo a Gabriel alguns segundos importantes para ganhar distância entre ele e o seu atacante. Virou à direita, para uma rua paralela à Via Giulia, e fez uma súbita viragem à esquerda. O seu objetivo era seguir para o Corso Vittorio Emanuele II, uma das maiores vias públicas de Roma. Haveria trânsito na estrada e peões nos passeios. No Corso conseguiria encontrar um local para se esconder.

O gemido da moto aproximava-se. Gabriel olhou sobre o

ombro. A moto ainda estava a segui-lo e a ganhar distância a um ritmo alarmante. Lançou-se num impetuoso sprint, esbracejando, com a respiração ofegante e rouca. A luz do farol dianteiro alcançou-o. Viu a própria sombra nas pedras da calçada à sua frente como um louco a debater-se.

Uma segunda moto entrou na rua diretamente em frente a ele e travou numa derrapagem. O motoqueiro de capacete sacou de uma arma. Então é assim que vai ser — uma armadilha, dois assassinos, sem esperança de escapar. Sentiu-se como um alvo num clube de tiro, à espera de ser derrubado.

Continuou a correr, em direção à luz. Os seus braços levantaram, e ele olhou para as próprias mãos, contorcidas e tensas, as mãos de uma figura atormentada numa pintura expressionista. Percebeu que estava a gritar. O som ecoava do estuque e tijolos dos edifícios envolventes e vibrava nos seus próprios ouvidos, para que deixasse de ouvir o som da motocicleta nas suas costas. Uma imagem surgiu-lhe na mente: A sua mãe na beira de uma estrada polonesa com a arma de Erich Radek encostada à têmpora. Só então percebeu que estava a gritar em alemão. A língua dos seus sonhos. A língua dos seus pesadelos.

O segundo assassino apontou a arma e levantou o visor do capacete.

Gabriel conseguia ouvir o som do seu próprio nome.

— Abaixo-se! Abaixo-se! — Gabriel percebeu que era a voz de Chiara. Atirou-se no chão.

Os tiros de Chiara voaram por cima da cabeça dele e atingiram o motociclista que se aproximava. A moto perdeu o controle e bateu na parede de um prédio. O assassino foi projetado por cima do guidom e rolou pelas pedras do chão. A arma foi parar a alguns centímetros de Gabriel. Ele alcançou-a.

— Não, Gabriel! Deixa! Depressa!

Olhou para cima e viu Chiara estendendo-lhe a mão. Subiu no banco de trás da moto e agarrou-se quadris dela como uma criança enquanto a moto rugia Corso acima em direção ao rio.

SHAMRON TINHA UMA regra quanto a apartamentos seguros: Não podia haver contato físico entre agentes de sexo oposto. Nessa tarde, num apartamento do Escritório no Norte de Roma, perto de uma curva larga do Tibre, Gabriel e Chiara violaram a regra de Shamron com uma intensidade nascida do medo da morte. Só depois Gabriel se preocupou em perguntar a Chiara como o tinha encontrado.

— Shamron disse-me que vinhas a Roma. Pediu-me para te proteger. Concordei, claro. Tenho um interesse muito pessoal na

continuidade de sua sobrevivência. Gabriel pensou como falhara em perceber que estava a ser seguido por um deusa italiana de quase um metro e oitenta, mas na realidade, Chiara Zolli era muito competente no seu trabalho.

— Quis almoçar com você em Piperno — disse ela, trocista. — Mas não pensei que fosse muito boa ideia.

— O que é que sabes sobre o caso?

— Apenas que os meus maiores receios sobre Viena acabaram por se tornar realidade. Porque não me contas o resto?

Foi o que fez, começando pelo voo de Viena e terminando com a informação que tinha recolhido essa noite de Shimon Pazner.

— Então quem enviou aquele homem a Roma para te matar?

— Penso que é seguro assumir que foi a mesma pessoa que arquitetou o assassinato de Max Klein.

— Como te encontraram aqui?

Gabriel já tinha colocado essa questão a si mesmo. As suas suspeitas recaíam sobre o reitor austríaco de bochechas rosadas da Anima, o Bispo Theodor Drexler.

— Então aonde vamos agora? — Perguntou Chiara.

— Vamos?

— Shamron me mandou proteger você. Quer que desobedeça a uma ordem direta do Memuneht?

— Ele disse para me vigiar em Roma.

— Era uma missão em aberto — respondeu ela em tom provocador.

Gabriel deixou-se estar por um momento, acariciando-lhe o cabelo.

Na realidade, seria bom um companheiro de viagem e um segundo par de olhos no campo. Dado os óbvios riscos envolvidos, ele preferia qualquer um que não fosse a mulher que amava. No entanto, ela provaria ser um parceiro precioso. Havia um telefone seguro na mesa de cabeceira. Ligou para Jerusalém e acordou Moshe Rivlin de um sono pesado. Rivlin deu-lhe o nome de um homem em Buenos Aires, juntamente com um número de telefone e um endereço no bairro San Telmo. Em seguida, Gabriel telefonou para as Aerolineas Argentinas e reservou dois lugares em classe executiva num voo da tarde seguinte. Pousou o receptor. Chiara descansou a cabeça em seu peito.

— Estava gritando alguma coisa naquele beco quando corria em direção a mim — disse ela. — Lembra do que estava dizendo?

Não se lembrava. Era como se tivesse acordado incapaz de se lembrar dos sonhos que tinham atormentado seu sono.

— Você estava chamando por ela — disse Chiara.

— Quem?

— Sua mãe.

Ele lembrou-se da imagem que lhe tinha passado pela mente durante a alucinante perseguição do homem na moto. Pensou que seria possível ter chamado pela mãe. Na verdade, tinha pensado pouco em outras coisas, depois de ler o testemunho dela.

— Tem certeza de que foi Erich Radek que assassinou aquelas pobres moças na Polônia?

— Tanta certeza quanto se pode ter sessenta anos depois do fato.

— E se Ludwig Vogel for na realidade Erich Radek?

Gabriel levantou o braço e desligou o abajur.

23

ROMA

A VIA DELLA PACE estava deserta. O Relojoeiro parou aos portões da Anima e desligou o motor da moto. Estendeu o braço, a sua mão tremia, e pressionou o botão do intercomunicador. Não obteve resposta. Tocou novamente à campainha. Desta vez uma voz de adolescente saudou-o em italiano. O Relojoeiro, em alemão, pediu para ver o reitor.

— Lamento, mas não é possível. Por favor telefone de manhã para marcar uma visita, e o bispo Drexler terá o prazer de o receber. Buonanotte, signore. O Relojoeiro encostou-se com força ao botão do intercomunicador.

— Foi me dito, por um amigo do bispo em Viena, para vir aqui. É uma emergência.

— Como se chama o amigo?

O Relojoeiro respondeu honestamente à pergunta.

Fez-se silêncio e depois ouviu-se: — Desço num instante, signore.

O Relojoeiro abriu o casaco e examinou a ferida mesmo por baixo da clavícula direita. O calor da bala tinha cauterizado os vasos junto à pele. Havia pouco sangue, apenas um pequeno latejar e arrepios de choque e febre. Uma arma de pequeno calibre, pensou, provavelmente uma 22. Não é o tipo de arma usada para infligir danos internos severos. Mesmo assim, precisava de um médico para remover a bala e limpar a ferida que podia infectar.

Olhou para cirna e uma figura de sotaina apareceu no pátio de entrada e aproximou-se do portão cautelosamente — um noviço, um rapaz de quinze anos talvez, com cara de anjo.

— O reitor diz que não é conveniente a sua presença no seminário a esta hora

— disse o noviço. — O reitor sugere que procure outro lugar para ir esta noite. O Relojoeiro sacou a Glock e apontou-a ao rosto angelical.

— Abra o portão — sussurrou. -Já.

— SIM, MAS POR QUE tinha de mandá-lo para cá? — a voz do bispo aumentou de volume subitamente, como se pregasse para uma assembleia de almas sobre os perigos do pecado. — Seria melhor para todos se ele deixasse Roma de imediato.

— Ele não pode viajar, Theodor. Ele precisa de um médico e de um lugar para descansar.

— Eu entendo isso. — Os seus olhos fixaram-se brevemente na figura sentada do lado oposto da mesa, no homem da franja mal cortada e ombros largos como um atleta de circo. — Tens de compreender que estás a colocar a Anima numa posição terrivelmente comprometedora.

— A posição da Anima vai ficar muito mais comprometida se o nosso amigo Professor Rubinstein tiver sucesso.

O bispo suspirou pesadamente.

— Ele pode aqui ficar vinte e quatro horas, nem mais um minuto.

— E vais arranjar-lhe um médico? Alguém discreto?

— Eu conheço o tipo certo. Ajudou-me há alguns anos quando um dos rapazes teve um arrufo com um meliante romano. Tenho certeza de que posso contar com a sua discrição neste assunto, embora um ferimento de bala seja uma ocorrência pouco frequente num seminário.

— Acredito que vais arranjar uma explicação. Tens um espírito muito vivo, Theodor. Posso falar com ele um instante?

O bispo entregou o receptor. O Relojoeiro agarrou-o com uma mão manchada de sangue. Em seguida olhou para o prelado e, com um movimento lateral da cabeça, mandou-o embora do seu próprio escritório. O assassino encostou o telefone à orelha. O homem de Viena perguntou o que tinha corrido mal.

— Não me disseste que o alvo tinha proteção. Foi isso que correu mal. O Relojoeiro descreveu então a súbita aparição de uma segunda pessoa numa motocicleta. Houve um momento de silêncio na linha; então o homem de Viena revelou:

— Na minha pressa em te despachar para Roma, oculte uma parte de informação importante sobre o alvo. Vendo o que aconteceu, percebo que foi um erro de cálculo da minha parte.

— Uma parte de informação importante? Que parte?

O homem de Viena admitiu que o alvo esteve em tempos ligado aos serviços secretos israelenses.

— A avaliar pelos acontecimentos desta noite em Roma — disse o homem —, essas ligações continuam fortes como sempre.

Pelo amor de Deus, pensou o Relojoeiro. Um agente israelense? Não era um detalhe sem importância. Tinha boas razões para regressar a Viena e deixar o velhote lidar com a confusão. Decidiu, em vez disso, inverter a situação para seu próprio benefício a nível financeiro. Mas havia mais qualquer coisa. Nunca antes falhara os termos de um contrato. Não era apenas uma questão de orgulho profissional e reputação. Ele reconhecia também não ser sensato deixar um potencial adversário à solta, especialmente se este tivesse ligações a serviços secretos tão implacáveis como os israelenses. O seu ombro começou a latejar. Ficou ansioso por colocar uma bala naquele maldito judeu. E no seu amigo.

— O meu preço para esta missão acabou de subir — disse o Relojoeiro. — Substancialmente.

— Já estava a contar com isso — respondeu o homem de Viena.

— Eu duplico os honorários.

— Triplica — contrapôs o Relojoeiro, e após um momento de hesitação, o homem de Viena consentiu.

— Mas consegues localizá-lo novamente?

— Temos uma vantagem insignificante.

— Qual é?

— Sabemos o rasto que ele está a perseguir, e sabemos para onde vai a seguir. O bispo Drexler vai arranjar tratamento para o teu ferimento. Entretanto, descansa. Estou confiante que em breve vais ter novidades minhas.

24

BUENOS AIRES

ALFONSO RAMIREZ HÁ muito que devia estar morto. Ele era, sem margem para dúvidas, um dos mais corajosos homens da

Argentina e de toda a América Latina. Um jornalista e escritor paladino que dedicara toda a sua vida a deitar abaixo os muros que cercam a Argentina do seu passado assassino. Considerado controverso e demasiado perigoso para ser contratado por editores argentinos, publicou a maior parte do seu trabalho nos Estados Unidos e na Europa. Poucos argentinos, para além da elite política e financeira, alguma vez leram uma palavra que Ramirez tenha escrito.

Já experimentara em primeira-mão a brutalidade Argentina. Durante a Guerra Suja, a sua oposição à ditadura militar levou-o à cadeia, onde passou nove meses e foi torturado quase até a morte. A sua mulher, uma ativista de esquerda, fora raptada por um esquadrão da morte militar e lançada viva de um avião para as águas geladas do Atlântico Sul. Se não fosse pela intervenção da Amnistia Internacional, Ramirez teria certamente sofrido o mesmo destino. Em vez disso, foi libertado, desfigurado e abandonado quase irreconhecível para continuar a sua cruzada contra os generais. Em 1983, eles afastaram-se, e um governo civil, democraticamente eleito, tomou-lhes o lugar. Ramirez incitou o novo governo a levar dúzias de oficiais do exército a julgamento por crimes cometidos durante a Guerra Suja. Entre eles estava o capitão que lançou ao mar a mulher de Alfonso Ramirez.

Nos anos recentes, Ramirez dedicou as suas notáveis competências a expor outro desagradável capítulo da história argentina que o governo, a imprensa, e a maioria dos seus cidadãos tinha optado por ignorar. No seguimento da queda

do Reich de Hitler, milhares de criminosos de guerra — alemães, franceses, belgas e croatas — tinham rumado à Argentina, com a entusiasta aprovação do governo de Perón e a incansável ajuda do Vaticano. Ramirez era desprezado nos bairros argentinos onde a influência dos nazistas ainda se fazia sentir, e o seu trabalho provou ser tão arriscado como investigar os generais. Já por duas vezes o seu escritório fora bombardeado, e o seu correio continha tantas cartas armadilhadas que os serviços postais se recusavam a entregá-lo. Se não tivesse sido pela apresentação de Moshe Rivlin, Gabriel duvidava que Ramirez concordasse em encontrar-se com ele.

Dessa forma, Ramirez aceitou prontamente um convite para almoçar e sugeriu um café de bairro em San Teimo. O café tinha o chão em xadrez preto e branco com mesas de madeira redondas dispostas aleatoriamente. As paredes eram caiadas com prateleiras embutidas cheias de garrafas de vinho vazias. Portas amplas abriam para a rua movimentada onde havia mesas no passeio por baixo de um toldo de lona. Três ventoinhas de teto agitavam o ar pesado. Um pastor alemão estava deitado aos pés do bar, ofegante. Gabriel chegou às duas e meia. O argentino estava atrasado.

Janeiro é o pico do Verão na Argentina, e estava

insuportavelmente quente. Gabriel, que fora criado no Vale Jezreel e passava os verões em Veneza, estava habituado ao calor, mas como há pouco estivera nos Alpes austríacos, o choque térmico apanhou o seu corpo de surpresa. Ondas de calor erguiam-se do trânsito e fluíam pelas portas abertas do café. com cada caminhão que passava, a temperatura parecia subir um grau ou dois. Gabriel mantinha os óculos de sol postos. A sua camisa estava colada às costas.

Bebeu água fria e mastigou uma casca de limão, olhando para a rua. O seu olhar passou brevemente por Chiara. Ela bebia um Campari com soda e petiscava num prato de empadas. Vestia calças curtas. As longas pernas esticadas ao sol e as coxas começavam a queimar. O cabelo fora apanhado à pressa. Uma gota de transpiração deslizava pela nuca em direção à blusa sem mangas. O relógio de pulso estava na mão esquerda. Era um sinal combinado. Mão esquerda significava que ela ainda não tinha detectado vigilância, embora Gabriel soubesse que mesmo um agente do nível de Chiara teria dificuldade em encontrar um profissional no meio da multidão de San Teimo.

Ramirez não chegou antes das três. Não se desculpou por chegar tarde. Era um homem grande, com antebraços grossos e uma barba negra. Gabriel procurou cicatrizes de tortura, mas não encontrou nenhuma. A sua voz, quando pediu dois bifés e uma garrafa de vinho tinto, era afável e tão alta que parecia fazer tilintar as garrafas nas prateleiras. Gabriel perguntou se bife e vinho tinto seriam uma escolha sensata, dado o calor intenso. Ramirez agiu como se achasse a pergunta escandalosa.

— Bife é a única coisa verdadeira neste país — disse. — Além disso, da forma como a economia está... — O resto do seu comentário foi abafado pelo chiar de um caminhão de cimento.

O garçom colocou o vinho na mesa. Vinha numa garrafa verde sem rótulo. Ramirez serviu dois copos e perguntou a Gabriel o nome do homem que procurava. Ouvindo o nome, as negras sobranceiras do argentino, franziram de concentração.

— Otto Krebs, hein? Esse é o nome verdadeiro dele ou um pseudônimo?

— Um pseudônimo.

— Como pode ter a certeza?

Gabriel entregou os documentos que tirara de Santa Maria dell'Anima em Roma. Ramirez retirou um par de óculos sebosos do bolso da camisa e colocou-os. Ter os documentos assim à vista deixou Gabriel nervoso. Olhou na direção de Chiara. O relógio de pulso ainda estava na mão esquerda. Ramirez, quando levantou o olhar dos documentos, estava claramente impressionado.

— Como conseguiu acesso aos papéis do bispo Hudal?

— Tenho um amigo no Vaticano.

— Não, você tem um amigo muito poderoso no Vaticano. O único homem capaz de convencer o bispo Drexler a abrir voluntariamente os papéis de Hudal seria o próprio papa! — Ramirez ergueu o seu copo de vinho na direção de Gabriel.

— Então, em 1948, um oficial das SS chamado Erich Radek vai a Roma e corre para os braços do bispo Hudal. Uns meses depois, deixa Roma como Otto Krebs e rumo para a Síria. — Que mais sabe?

O documento que Gabriel colocou na mesa em seguida produziu novamente um olhar de perplexidade no jornalista argentino.

— Como pode ver, os serviços secretos israelenses colocam o homem, agora conhecido como Otto Krebs, em Damasco até 1963. A fonte é muito boa, nada menos que Alois Brunner. Segundo Brunner, Krebs deixou a Síria em 1963 e veio para aqui.

— E tem razões para crer que ele ainda pode estar aqui?

— É isso que preciso descobrir.

Ramirez cruzou os seus pesados braços e fitou Gabriel do outro lado da mesa. Um silêncio caiu entre eles, preenchido pelo zumbido quente do trânsito na rua. O argentino farejou uma história. Gabriel tinha previsto isto.

— Então como é que um homem chamado René Duran de Montreal deita as mãos a documentos secretos do Vaticano e dos serviços secretos israelenses?

— Obviamente que tenho bons contatos.

— Sou um homem muito ocupado, Monsieur Duran.

— Se é dinheiro que quer...

O argentino ergueu a palma da mão num gesto de advertência.

— Não quero o seu dinheiro, Monsieur Duran. Consigo fazer o meu próprio dinheiro. O que eu quero é a história.

— Obviamente que a cobertura jornalística da minha história será um obstáculo. Ramirez parecia insultado.

— Monsieur Duran, estou seguro que tenho muito mais experiência em perseguir homens como Erich Radek do que você. Eu sei quando devo investigar discretamente e quando devo escrever.

Gabriel hesitou um momento. Estava relutante em entrar num *quid pro quo* com o jornalista argentino, pois sabia que Alfonso Ramirez podia ser um amigo valioso.

— Por onde começamos? — perguntou Gabriel.

— Bem, penso que primeiro devemos descobrir se Alois Brunner estava dizendo a verdade sobre o seu amigo Otto Krebs.

— Quer dizer, se chegou a vir para a Argentina?

— Exatamente.

— E como fazemos isso?

Nessa hora o garçom apareceu. O bife que colocou em frente de Gabriel era grande o suficiente para alimentar uma família de quatro elementos. Ramirez sorriu e começou a dar ao serrote.

— Bon appétit, Monsieur Duran. Coma! Algo me diz que vai precisar de forças.

ALFONSO RAMIREZ DIRIGIA o último Volkswagen Sirocco sobrevivente no hemisfério ocidental. Talvez tivesse sido azul-escuro em tempos; agora, o exterior tinha o aspecto de uma pedra pomes. O para-brisas estava partido ao meio em forma de raio. A porta de Gabriel estava amolgada, e era preciso muito da sua reserva de forças só para a abrir. O ar condicionado já não funcionava e o motor rugia como um avião.

Aceleraram pela Avenida 9 de Julho com as janelas abertas. Pedacos de papel flutuavam à volta deles. Ramirez parecia não notar, ou não se importar, quando várias páginas foram sugadas para fora. Tinha ficado mais quente ao fim da tarde. O vinho grosseiro deixou Gabriel com dor de cabeça. Virou a cara para a janela aberta. Era uma avenida feia. As fachadas de edifícios antigos estavam peçadas por uma infindável parada de cartazes apregoando carros de luxo alemães e bebidas não alcoólicas americanas para uma população cujo dinheiro desvalorizara subitamente. Os ramos das árvores de sombra pendiam embriagadas perante o assalto da poluição e do calor.

Viraram em direção ao rio. Ramirez olhou para o retrovisor. Uma existência sendo perseguido por rufias militares e simpatizantes nazistas deixaram-no com os instintos bem afiados.

— Estamos sendo seguidos por uma moça numa scooter.

— Sim, eu sei.

— Se sabia, por que não disse nada?

— Porque ela trabalha para mim.

Ramirez olhou sem pressa pelo espelho.

— Eu reconheço aquelas coxas. Aquela moça estava no café, não estava?

Gabriel acenou lentamente. A sua cabeça latejava.

— Você é um homem muito interessante, Monsieur Duran. E muito sortudo também. Ela é linda.

— Concentre-se apenas na direção, Alfonso. Ela protege a retaguarda.

Cinco minutos depois, Ramirez estacionou numa rua paralela ao limite do porto. Chiara passou, fez uma curva e estacionou na sombra de uma árvore. Ramirez desligou o motor. O sol batia sem piedade no teto. Gabriel queria sair do carro, mas o argentino queria pô-lo ao corrente primeiro.

— Aqui na Argentina, a maioria dos arquivos referentes aos

nazistas está guardada a sete chaves no Centro de Informações. Ainda estão, oficialmente, fora do alcance de repórteres e estudiosos, embora o tradicional período de trinta anos de segredo já tenha expirado há muito. Mesmo se conseguíssemos entrar nos armazéns do Centro de Informações provavelmente não encontraríamos muito. Aliás, Perón mandou destruir os arquivos mais incriminatórios quando foi corrido do governo.

Do outro lado da rua um carro abrandou e o homem ao volante olhou prolongadamente para a moça na motocicleta. Ramirez também viu. Observou o carro no seu retrovisor por um momento antes de continuar.

— Em 1997, o governo criou a Comissão para a Clarificação das Atividades nazistas na Argentina que enfrentou logo de início problemas sérios. Sabe, em 1996, o governo queimou todos os arquivos incriminatórios que ainda tinha em posse.

— Por que razão criar uma comissão, então?

— Queriam ganhar reputação pela tentativa, claro. Mas na Argentina, a busca da verdade não consegue ir muito longe. Uma investigação real teria demonstrado a verdadeira profundidade da cumplicidade de Perón no êxodo nazista da Europa durante o pós-guerra. Também teria revelado muitos nazistas ainda a viver aqui. Quem sabe? Talvez o seu homem também.

Gabriel apontou para o edifício.

— Então o que é isto?

— O Hotel dos Imigrantes, primeira parada para os milhões de imigrantes que vieram para a Argentina nos séculos XIX e XX. O governo alojava-os aqui até conseguirem encontrar trabalho e um sítio para viver. Agora, os Serviços de Imigração usam o edifício como armazém.

— Para quê?

Ramirez abriu o porta-luvas e retirou luvas de látex e máscaras assépticas.

— Não é o local mais limpo do mundo. Espero que não tenha medo de ratos.

Gabriel levantou o trinco e atirou o ombro contra a porta. Ao fundo da rua, Chiara desligou o motor da motocicleta e sentou-se à espera.

UM POLICIAL ABORRECIDO vigiava a entrada. Uma moça de uniforme estava sentada em frente a um ventilador na mesa do arquivista, lendo uma revista de moda. Empurrou o livro de registro pela mesa empoeirada. Ramirez assinou e acrescentou a hora. Foram-lhes dados dois cartões plastificados com molas. Gabriel era o nº 165.

Depois de prendê-lo no topo do bolso da camisa, seguiu Ramirez em direção ao elevador.

— Duas horas até fechar — gritou a moça; em seguida virou outra página da sua revista.

Entraram num monta-cargas. Ramirez fechou a porta de grades e carregou no botão para o último andar. O elevador subiu lentamente. Um momento mais tarde, quando estremeceu para parar, o ar estava tão quente e carregado de pó que era difícil respirar. Ramirez colocou as luvas e a máscara. Gabriel fez o mesmo.

O espaço onde entraram tinha o comprimento de aproximadamente dois quarteirões e estava preenchido com intermináveis fileiras de estantes de metal entortadas sob do peso de caixas de madeira. Das janelas partidas vinham muitas vezes gaivotas. Gabriel conseguiu ouvir o arranhar de pequeninos pés com garras e o miar de uma luta de gatos. O cheiro a pó e a papel apodrecido atravessavam a máscara de proteção. O arquivo subterrâneo da Anima parecia um paraíso comparado com este local imundo.

— O que é isto?

— As coisas que Perón e os seus sucessores de governo se esqueceram de destruir. Esta sala contém os cartões de imigração de cada passageiro que desembarcou no porto de Buenos Aires entre os anos vinte e os anos setenta. No andar debaixo estão os manifestos dos passageiros de cada navio. Mengele, Eichmann, todos eles deixaram impressões digitais aqui. Talvez Otto Krebs as tenha deixado também.

— Por que está tão negligenciado?

— Acredite ou não, costumava estar pior. Há alguns anos, uma alma brava chamada Cheia ordenou alfabeticamente os cartões, ano por ano. Chamam agora a isto a sala Cheia. Os cartões de imigração de 1963 estão aqui. Siga-me.

Ramirez parou e apontou para o chão.

— Cuidado com a trampa de gato.

Caminharam meio quarteirão. Os cartões de imigração de 1963 enchiam várias dúzias de prateleiras metálicas. Ramirez localizou as caixas de madeira que continham cartões de passageiros cujo apelido começava por K, em seguida retirou-as da prateleira e colocou-as cuidadosamente no chão. Encontrou quatro imigrantes com o apelido Krebs. Nenhum tinha como primeiro nome Otto.

— Poderá estar arquivado fora de ordem?

— Claro.

— É possível que alguém o tenha removido?

— Isto é a Argentina, meu amigo. Tudo é possível.

Gabriel encostou-se às estantes, abatido. Ramirez voltou a colocar os cartões na caixa, e a caixa de volta ao seu lugar na prateleira. Então olhou para o relógio.

— Temos uma hora e quarenta e cinco minutos até fecharem por hoje . Você trabalha a partir de 1963, e eu trabalho nos anteriores. Quem perder paga as bebidas.

UMA TROVOADA APROXIMOU-SE na direção do rio. Gabriel, por uma janela partida, viu um relâmpago por entre os guindastes da doca. Uma nuvem negra tapou o sol do fim de tarde. Dentro da sala Cheia ficou quase impossível enxergar o que quer que fosse. A chuva começou a cair torrencialmente. Entrou pelas janelas abertas e encharcou os preciosos arquivos. Gabriel, o restaurador, imaginou tinta a escorrer, imagens perdidas para sempre. Encontrou os cartões de imigração de mais três homens chamados Krebs, um em 1965, mais dois em 1969. Nenhum ostentava como primeiro nome Otto. A escuridão atrasou muito o ritmo da pesquisa. Para conseguir ler os cartões de imigração, tinha de arrastar as caixas para perto de uma janela, onde ainda havia alguma luz. Aí teria de se agachar, com as costas à chuva, dedilhando.

A moça que estava sentada na mesa do arquivista subiu e deu um aviso de dez minutos. Gabriel tinha apenas procurado até 1972. Não queria voltar amanhã. Acelerou o ritmo.

A tempestade parou tão subitamente como começou. O ar estava mais fresco e limpo. Estava tudo calmo, exceto pelo som da água a escorrer pelas goteiras. Gabriel continuou a procurar: 1973... 1974... 1975... 1976... Não havia mais passageiros chamados Krebs. Nada.

A moça voltou, desta vez para os pôr na rua. Gabriel carregou a última caixa de volta para a prateleira, quando viu Ramirez e a moça a conversar em espanhol.

— Alguma coisa? — perguntou Gabriel.

Ramirez abanou a cabeça.

— Até onde foi?

— Até o fim. Você? Gabriel disse-lhe:

— Acha que vale a pena voltar amanhã?

— Provavelmente não. — Colocou a mão no ombro de Gabriel.

— Venha daí, eu pago uma cerveja.

A moça recebeu os crachás plastificados e acompanhou-os pelo monta-cargas abaixo. A janela do Sirocco tinha ficado aberta. Gabriel, abatido pelo fracasso, sentou-se no banco ensopado do carro. O fragor ruidoso do carro abalou o silêncio da rua. Chiara seguiu-os. Sua roupa estava encharcada pela chuva.

A dois quarteirões dos arquivos, Ramirez alcançou o bolso da camisa e exibiu um cartão de imigração.

— Anime-se, Monsieur Duran — disse ele, entregando o cartão a Gabriel. — Por vezes, na Argentina, compensa usar as mesmas

táticas dissimuladas dos homens do poder. Só há uma fotocopiadora naquele edifício e é a moça que a controla. Ela teria feito uma cópia para mim e outra para o seu superior.

— E se Otto Krebs ainda está vivo e na Argentina, teria muito provavelmente sido avisado que andamos a sua procura.

— Exatamente.

Gabriel ergueu o cartão.

— Onde estava?

— Mil, novecentos e quarenta e um. Parece que Cheia enfiou-o na caixa errada.

Gabriel olhou para o cartão e começou a ler. Otto Krebs chegou a Buenos Aires em dezembro de 1963 num barco oriundo de Atenas. Ramirez apontou para um número escrito à mão na base do cartão: 245276/62.

— Esse é o número da sua autorização de desembarque. Foi provavelmente emitido pelo consulado argentino em Damasco. O sessenta e dois no fim da linha é o ano em que foi concedida a autorização.

— E agora?

— Sabemos que chegou à Argentina — Ramirez encolheu os seus pesados ombros.

— Vamos ver se o conseguimos encontrar.

REGRESSARAM DE CARRO a San Telmo pelas ruas molhadas e estacionaram à porta de um edifício de apartamentos de estilo italiano. Como muitos dos prédios em Buenos Aires, já tinha sido bonito no passado. Agora a sua fachada era da cor do carro de Ramirez, matizada pela poluição.

Subiram um lance de escadas mal iluminadas. O ar dentro do apartamento era bafiento e quente. Ramirez trancou a porta atrás deles e abriu as janelas para deixar entrar o fresco de fim de tarde. Gabriel olhou para a rua e viu Chiara estacionada do lado oposto.

Ramirez mergulhou na cozinha e saiu com duas garrafas de cerveja Argentina. Entregou uma a Gabriel. O copo já embaciado. Gabriel bebeu metade. O álcool afastou a dor de cabeça.

Ramirez conduziu-o ao seu escritório. Era o que Gabriel esperava — grande e com mau aspecto, como o próprio Ramirez, com livros empilhados em cadeiras e uma enorme mesa enterrada sob uma pilha de papéis que mais parecia estar à espera de um fósforo. Pesadas cortinas abafavam o ruído e a luz da rua. Ramirez pôs-se a trabalhar pelo telefone enquanto Gabriel terminava o resto da cerveja.

Ramirez levou uma hora até conseguir a primeira pista. Em 1964, Otto Krebs registrou-se na Polícia Nacional em Bariloche, no Norte da Patagônia. Quarenta e cinco minutos depois, outra peça do

puzzle: Em 1972, no requerimento para um passaporte argentino, Krebs indicou a sua morada em Puerto Blest, uma cidade não muito longe de Bariloche. Levou apenas quinze minutos até encontrar o próximo pedaço de informação. Em 1982, o passaporte foi rescindido.

— Por quê? — perguntou Gabriel.

— Porque o titular do passaporte morreu.

O ARGENTINO ABRIU um mapa de estradas sobre a mesa e, olhando através dos seus óculos manchados, procurou as extensões ocidentais do país.

— Aqui está — disse, apontando o mapa. — San Carlos de Bariloche, ou apenas Bariloche para simplificar. Uma estância no distrito do lago norte da Patagônia, fundada por colonos suíços e alemães no século XIX. Ainda é conhecida como a Suíça argentina. Agora é uma cidade de lazer para os esquiadores, mas para os nazistas e os seus companheiros de viagem, era como Valhala. Mengele adorava Bariloche.

— Como faço para ir lá?

— A maneira mais rápida é de avião. Aqui em Buenos Aires há voos de hora em hora — fez uma pausa e então acrescentou. — É um longo caminho para ir visitar um túmulo.

— Quero ver com meus próprios olhos.

Ramirez acenou com a cabeça.

— Fique no Hotel Edelweiss.

— No Edelweiss?

— É um enclave alemão — disse Ramirez. — Nem vai acreditar que está na Argentina.

— Por que não vem comigo, só pelo passeio?

— Temo ser um estorvo. Sou persona non grata em certos segmentos da comunidade de Bariloche. Passei tempo a mais enfiando o nariz por essas bandas, compreende? A minha cara é demasiado conhecida.

O argentino ficou repentinamente sério.

— Deve ter cuidado também, Monsieur Duran. Bariloche não é um local para investigações descuidadas. Não gostam de forasteiros fazendo perguntas sobre certos residentes. Também deve saber que veio para a Argentina numa hora muito tensa.

Ramirez vasculhou a pilha de papéis na sua mesa até que encontrou o que procurava, um exemplar da revista Newsweek com dois meses. Entregou-a a Gabriel e disse:

— A minha história está na página trinta e seis — em seguida foi à cozinha a trouxe mais duas cervejas.

O PRIMEIRO A morrer foi um homem chamado Enrique

Calderon. Foi encontrado no seu quarto, no condomínio da divisão de Palermo Chico, em Buenos Aires. Quatro tiros na cabeça, muito profissional. Gabriel, que não conseguia ouvir falar de um assassinato sem imaginar o ato, desviou o olhar de Ramirez.

— E o segundo? — perguntou.

— Gustavo Estrada. Morto duas semanas depois numa viagem de negócios à Cidade do México. O corpo foi encontrado no quarto de hotel, depois de não ter aparecido para uma reunião ao pequeno-almoço. Novamente, quatro tiros na cabeça — Ramirez fez uma pausa. Boa história, não? Dois homens de negócios mortos de forma idêntica no espaço de duas semanas. O tipo de merda que os argentinos adoram. Por um tempo, desviaram a atenção do fato de terem perdido todas as suas economias e o seu dinheiro não valer nada.

— Os homicídios estão interligados?

— Nunca saberemos ao certo, mas eu acredito que estão.

Enrique Calderon e Gustavo Estrada não se conheciam bem, mas os seus pais sim. Alejandro Calderon era um assessor próximo de Juan Perón, e Martin Estrada foi o chefe da polícia nacional argentina nos anos depois da guerra.

— Então porque mataram os seus filhos?

— Para dizer a verdade, não faço ideia. De fato, não consigo formular uma simples teoria que faça algum sentido. O que sei é isto: estão a circular acusações no seio da antiga comunidade alemã. Os nervos estão em franja — Ramirez deu um grande gole na sua cerveja. — Eu repito, veja por onde anda em Bariloche, Monsieur Duran.

Conversaram mais um pouco enquanto a escuridão os envolvia lentamente e o trânsito de fim de tarde se escoava pelas ruas. Gabriel não gostava de muitas das pessoas com quem travara conhecimento ao longo da sua carreira, mas Alfonso Ramirez era uma exceção. Ele só se arrependia de ter sido forçado a enganá-lo. Falaram de Bariloche, da Argentina e do passado. Quando Ramirez perguntou sobre os crimes de Erich Radek, Gabriel disse-lhe tudo o que sabia. Isto originou um longo e contemplativo silêncio no argentino, magoado por saber que homens como Radek podiam ter encontrado santuário na terra que ele tanto amava. Combinaram voltar a falar quando Gabriel regressasse de Bariloche, e separaram-se no corredor escuro. Lá fora, o barria San Teimo começava a ganhar vida com o fresco do entardecer. Gabriel caminhou um pouco pelos passeios cheios de gente, até que uma moça numa motocicleta vermelha se chegou ao seu lado e deu umas palmadinhas no selim.

BUENOS AIRES * ROMA * VIENA

O CONSOLE DO sofisticado equipamento eletrônico era alemão. Os microfones e transmissores escondidos no apartamento do alvo eram topo de gama – desenhados e construídos pelos serviços secretos da Alemanha Ocidental no auge da guerra-fria para monitorizar as atividades dos seus adversários a leste. O operador do equipamento era natural da Argentina, embora conseguisse traçar a sua ascendência até a vila austríaca de Braunau am Inn. O fato de ser a mesma vila onde Adolf Hitler nascera dava-lhe um certo estatuto entre os seus camaradas. Quando o judeu parou à entrada do prédio de apartamentos, o vigilante tirou uma fotografia com uma teleobjetiva. Um momento mais tarde, quando a moça da motocicleta se afastou da borda do passeio, ele capturou a sua imagem também, embora tivesse pouco valor uma vez que o rosto estava escondido debaixo de um capacete preto. Passou alguns momentos revendo a conversa que tinha acontecido dentro do apartamento do alvo; então, satisfeito, alcançou o telefone. O número que marcou era de Viena. O som do alemão, de sotaque vienense, era como música para os seus ouvidos.

NO PONTIFICADO DE Santa Maria dell'Anima em Roma, um noviço apressava o passo pelo corredor do dormitório no segundo andar. Parou à porta do quarto onde o visitante de Viena estava alojado. Hesitou antes de bater à porta e esperou por permissão antes de entrar. Um cone de luz caía sobre a poderosa figura esticada na apertada cama de rede. Os seus olhos brilhavam no escuro como poças de óleo preto.

— Tem uma chamada.

O rapaz falou evitando o olhar. Toda a gente no seminário já tinha ouvido sobre o incidente no portão principal na noite anterior.

— Pode atender no gabinete do reitor.

O homem sentou-se e balançou os pés para o chão num único movimento fluido. Os músculos densos dos ombros e costas encrespam por baixo da sua pele clara. Tocou no penso do ombro ao de leve, e vestiu uma camisola de gola alta.

O seminarista conduziu o visitante por uma escadaria de pedra

e por um pequeno pátio. O gabinete do reitor estava vazio. Uma única luz ardia na mesa. O receptor do telefone estava no mata-borrão. O visitante pegou-o. O rapaz deslizou rapidamente para fora da sala.

— Localizamos.

— Onde?

O homem de Viena disse: — Ele vai partir para Bariloche de manhã. Você estará à espera dele quando chegar.

O Relojoeiro olhou para seu relógio de pulso e calculou a diferença horária.

— Como é possível? Não há um voo de Roma a não ser na parte da tarde.

— Por acaso, há um avião que parte dentro de alguns minutos.

— De que está falando?

— Em quanto tempo consegue estar em Fiumicino?

OS MANIFESTANTES ESTAVAM à espera na porta do Hotel Imperial quando o cortejo de três carros chegou para uma recepção dos fiéis partidos. Peter Metzler, sentado na traseira de uma limusina Mercedes, olhou pela janela. Tinha sido avisado, mas estava à espera do habitual grupo de tristes, não de uma brigada de saqueadores armados com cartazes e megafones. Era inevitável: a proximidade das eleições; a aura de invulnerabilidade construída em volta do candidato. A esquerda austríaca estava em pânico total, assim como os seus apoiantes em Nova York e Jerusalém.

Dieter Graff, sentado do lado oposto de Metzler no banco da frente, parecia apreensivo. E porque não? Trabalhara vinte anos para transformar uma aliança moribunda com antigos oficiais SS e sonhadores neofascistas na Frente Nacional Austríaca, uma força política conservadora, coesa e moderna. Remodelara praticamente sozinho a ideologia partidária e limpou a sua imagem pública. A sua mensagem cuidadosamente arquitetada tinha atraído eleitores austríacos privados de direitos pela cômoda coligação entre o Partido Popular e os sociais-democratas. Agora, com Metzler como seu candidato, ele estava à beira de receber o prêmio mais apetecível da política austríaca: a chancelaria. A última coisa que Graff queria neste momento, três semanas antes das eleições, era um confronto com um punhado de esquerdistas idiotas e judeus.

— Eu sei o que está pensando, Dieter — disse Metzler. — Está pensando que devemos jogar pelo seguro, evitar esta escória usando a porta dos fundos.

— A ideia passou-me pela cabeça. A nossa liderança está a três pontos e mantém-se estável. Prefiro não desperdiçar dois desses pontos com uma cena desagradável que pode ser facilmente evitada.

— Entrando pela porta dos fundos?

Graff acenou que sim. Metzler apontou para as câmaras de televisão e para os fotógrafos.

— E sabes o que os cabeçalhos do Die Presse vão dizer amanhã? Metzler amedrontado por protestantes vienenses! Vão dizer que sou um cobarde, Dieter, e eu não sou um cobarde.

— Nunca ninguém te acusou de cobardia, Peter. É apenas uma questão de timing.

— Já usamos a porta dos fundos demasiadas vezes — Metzler ajustou a gravata e ajeitou o colarinho da camisa. — Além disso, um chanceler não usa a porta dos fundos. Vamos pela porta da frente, com a cabeça erguida e o queixo pronto para a batalha, ou então nem sequer entramos.

— Tornaste-te cá um orador, Peter.

— Tive um bom professor — Metzler sorriu e colocou a mão sobre o ombro de Graff.

— Mas temo que a longa campanha tenha começado a consumir grande parte dos teus instintos.

— Porque dizes isso?

— Olha para estes arruaceiros. A maioria deles nem sequer é austríaca. Metade dos cartazes está em inglês em vez de alemão. Esta pequena manifestação foi claramente orquestrada por provocadores estrangeiros. Se tiver a sorte de entrar num confronto com esta gente, a nossa liderança vai estar a cinco pontos amanhã.

— Não tinha pensado nisso dessa forma.

— Diz apenas à segurança que tenha calma. É importante que sejam os protestantes a parecer os Camisas Castanhas, e não nós.

Peter Metzler abriu a porta e saiu. Um urro de cólera ergueu-se da multidão e os cartazes começaram a flutuar ao vento.

Porco nazista!

Reichsfuhrer Metzler!

O candidato avançou a passos largos absorto do tumulto à sua volta. Uma jovem, armada com um trapo embebido em tinta vermelha, soltou-se da barreira. Atirou violentamente o trapo em direção a Metzler, que sem quebrar o passo o evitou com destreza. O trapo acertou num agente da Staatspolizei, para deleite dos manifestantes. A jovem que o tinha atirado foi agarrada por um par de agentes e levada à força.

Metzler, imperturbável, entrou para a recepção do hotel e seguiu em direção ao salão de baile, onde um milhar de apoiantes esperava há três horas pela sua chegada. Antes de entrar, fez uma pequena pausa para se recompor, e entrou na sala para aclamações tumultuosas. Graff separou-se e observou o seu candidato penetrar da multidão que o adorava. Os homens empurravam para a frente para lhe agarrar a mão ou bater-lhe nas costas. As mulheres beijavam-no no

rosto. Metzler tornara novamente sexy ser conservador.

A jornada até a parte superior da sala levou cinco minutos. Enquanto Metzler subia ao pódio, uma bela jovem vestida à camponesa entregou-lhe um enorme caneca de cerveja. Ergueu-a sobre a cabeça e foi saudado por um delirante bramido de aprovação. Engoliu parte da cerveja — não um golinho para a fotografia, mas um longo gole à austríaca — e chegou-se ao microfone.

— Quero agradecer a todos por terem vindo aqui esta noite. E quero também agradecer aos nossos queridos amigos e apoiantes por organizarem tão calorosa recepção à entrada do hotel — uma onda de riso varreu a sala. — O que essa gente parece não compreender é que a Áustria é para os austríacos e que escolheremos o nosso próprio futuro baseado na moral austríaca e nos padrões de decência austríacos. Estrangeiros e críticos de fora não têm de se intrometer nos assuntos internos desta abençoada terra que é a nossa. Forjaremos o nosso próprio futuro, um futuro austríaco, e o futuro começa daqui a três semanas!

Pandemônio.

26

BARILOCHE, ARGENTINA

A RECEPCIONISTA DO Bartlocher Tageblatt olhou Gabriel com mais do que um interesse passageiro enquanto passava pela porta e se dirigia ao balcão. Tinha o cabelo curto e escuro e olhos azul-claro enquadrados por um belo rosto bronzeado.

— Posso ajudá-lo? — disse ela em alemão, sem surpresa, já que o Tageblatt, como o nome implica, é um jornal de língua alemã.

Gabriel respondeu na mesma língua, embora de maneira hábil esconda que, como a mulher, fala fluentemente. Ele disse que tinha vindo a Bariloche fazer uma investigação genealógica. Andava à procura de um homem que ele pensava ser o irmão da sua mãe, um homem chamado Otto Krebs. Ele tinha razões para crer que Herr Krebs morrera em Bariloche em Outubro de 1982. Seria possível ele pesquisar os arquivos do jornal em busca de uma comunicação de morte ou de um obituário?

A recepcionista sorriu, revelando duas filas de dentes brancos e alinhados, em seguida pegou no telefone e marcou uma extensão de três números. O pedido de Gabriel foi posto a um superior num

alemão ligeiro. A mulher esteve em silêncio por alguns segundos, em seguida desligou o telefone e levantou-se.

— Siga-me.

Ela conduziu-o por uma pequena redação, os seus saltos ouviam-se bem sobre o soalho de linóleo gasto. Meia dúzia de funcionários estava ociosa em mangas de camisa, em diversos estados de relaxamento, fumando cigarros e bebendo café. Ninguém parecia reparar no visitante. A porta para os arquivos estava entreaberta. A recepcionista ligou as luzes.

— Estamos informatizados agora, portanto todos os arquivos são guardados automaticamente numa base de dados. Lamento, mas vai apenas até 1998. Quando disse que este homem morreu?

— Penso que foi em 1982.

— Está com sorte. Os obituários estão todos indexados manualmente, claro, à moda antiga.

Caminhou até uma mesa e abriu a capa de um livro de registro grosso encadernado em pele. As páginas pautadas estavam preenchidas com minúsculas anotações manuscritas.

— Como disse que era o nome?

— Otto Krebs.

— Krebs, Otto — disse ela, dedilhando pelos K. — Krebs, Otto... Ah, cá está. Segundo o registro foi em Novembro de 1983. Continua interessado em ver o obituário?

Gabriel acenou que sim. A mulher anotou um número de referência e caminhou até uma pilha de caixas de cartão. Percorreu as etiquetas com o indicador e parou quando chegou àquele que procurava, então pediu a Gabriel que retirasse as caixas que estavam empilhadas por cima. Abriu a tampa, e o cheiro a pó e papel apodrecido saiu do interior da caixa. Os recortes estavam dentro de quebradiças pastas amareladas. O obituário de Otto Krebs estava rasgado. Ela colou os pedaços com um pouco de fita-cola transparente e mostrou-o a Gabriel.

— É este o homem que procura?

— Não sei — disse ele honestamente.

Tirou o recorte das mãos de Gabriel e leu-o com rapidez.

— Diz aqui que era filho único — e olhou para Gabriel. — Isso não significa muito. Muitos deles tiveram de apagar o passado para proteger as famílias que ainda estavam na Europa. O meu avô teve sorte. Pelo menos conseguiu manter o próprio nome.

Olhou para Gabriel, procurando os seus olhos.

— Era da Croácia — disse ela. Havia um ar de cumplicidade no seu tom. — Depois da guerra, os comunistas quiseram levá-lo a julgamento e enforcá-lo. Felizmente, Perón deixou-o vir para aqui.

Levou o recorte até uma fotocopiadora e tirou três cópias. Em

seguida devolveu o original à pasta e à caixa respectiva. Deu as cópias a Gabriel. Ele leu enquanto caminhavam.

— Segundo o obituário, ele foi enterrado num cemitério católico em Puerto Blest.

A recepcionista acenou que sim.

— É já do outro lado do lago, a alguns quilômetros da fronteira chilena. Ele geria uma grande estância lá. Isso também está no obituário.

— Como lá chego?

— Siga a autoestrada a oeste de Bariloche. Logo depois a autoestrada termina. Espero que tenha um bom carro. Siga a estrada ao longo da margem do lago, e vá para norte. Irá dar a Puerto Blest diretamente. Se sair agora consegue lá chegar antes do anoitecer.

Apertaram as mãos na entrada. Ela desejou-lhe boa sorte.

— Espero que seja o homem que procura — disse ela. — Ou talvez não. Suponho que nunca se saiba em situações como esta.

DEPOIS QUE O VISITANTE saiu, a recepcionista pegou o telefone e ligou.

— Ele acabou de sair.

— Como lidou com a situação?

— Disse o que me pediu. Fui muito amigável. Mostrei o que ele queria ver.

— E o que foi isso?

Ela disse.

— Como reagiu ele?

— Perguntou como chegar a Puerto Blest.

A ligação terminou. A recepcionista pousou o receptor lentamente. Sentiu um súbito buraco no estômago. Não tinha dúvidas do que o esperava em Puerto Blest. Era o mesmo destino que tinham outros que vieram a este canto da Patagônia à procura de homens que não queriam ser encontrados. Não sentiu pena dele; de fato, considerou-o algo tolo. Pensava ele que enganava alguém com aquela história mal amanhada sobre pesquisa genealógica? Quem se julgava ele? A culpa era sua. Mas então, foi sempre assim com os judeus. Sempre a atrair problemas.

Nessa hora a porta da frente abriu-se e uma mulher de vestido de Verão entrou. A recepcionista olhou e sorriu.

— Posso ajudá-la?

CAMINHARAM DE VOLTA para o hotel debaixo de um sol abrasador. Gabriel traduziu o obituário para Chiara.

— Diz aqui que ele nasceu na Alta Áustria em 1913, que foi

um agente da polícia e que se alistou na Wehrmacht em 1938 e participou nas campanhas contra a Polônia e a União Soviética. Diz também que foi condecorado duas vezes por coragem, uma das vezes pelo próprio Führer. Parece-me que isso é algo digno de se vangloriar em Bariloche.

— E depois da guerra?

— Nada até a sua chegada à Argentina em 1963. Trabalhou durante dois anos num hotel em Bariloche, e depois arranhou trabalho numa estância perto de Puerto Blest. Em 1972, comprou a propriedade aos donos e geriu-a até a data da sua morte.

— Deixou alguma família na zona?

— Segundo isto, nunca foi casado e não tem parentes vivos.

Voltaram ao Hotel Edelweiss, um chalé suíço com telhado inclinado, localizado duas ruas acima da margem do lago na Avenida San Martin. Gabriel tinha alugado um carro no aeroporto nessa manhã, um Toyota todo-o-terreno. Pediu ao empregado do parque que o trouxesse da garagem e entrou na recepção à procura de um mapa de estradas da zona envolvente. Puerto Blest era exatamente onde a mulher do jornal lhe tinha dito, do lado oposto do lago, perto da fronteira com o Chile.

Partiram ao longo da margem do lago. A estrada ia-se deteriorando à medida que se iam afastando de Bariloche. Durante grande parte do caminho, a água escondia-se por trás da densa floresta. Então Gabriel fazia uma curva ou o arvoredo adelgaçava subitamente e o lago aparecia por momentos diante deles, num súbito brilho azul, apenas para desaparecer novamente por trás de um muro de troncos.

Gabriel contornou a zona mais a sul do lago e abrandou por instantes para observar um grupo de condores gigantes circundando o pico indefinido do Cerro López. Seguiu um trilho de uma só faixa através de um planalto exposto, coberto por pequenos espinheiros verde-cinza e conjuntos de árvores Arrayan. Nos prados altos, rebanhos de robustas ovelhas patagônias pastavam nas relvas de Verão. À distância, na direção da fronteira chilena, relâmpagos tremeluziam por cima dos picos dos Andes.

Quando chegaram a Puerto Blest, o sol já se tinha posto e a vila estava escura e sossegada. Gabriel entrou num café para perguntar direções. O bartender, um homem baixo de rosto corado, saiu para a rua e com uma série de gestos apontou-lhe o caminho.

NESSE MESMO CAFÉ, numa mesa perto da porta, o Relojoeiro bebia uma cerveja pela garrafa e observava a conversa que ocorria na rua. Reconheceu o homem magro de cabelo preto curto e patilhas acinzadas. Sentado no lugar do morto do Toyota todo-o-terreno estava

uma mulher de longo cabelo escuro. Teria sido ela quem lhe pusera uma bala no ombro em Roma? Não tinha grande importância. Mesmo que não fosse, em breve estaria morta.

O israelense subiu para o volante do Toyota e afastou-se. O bartender voltou para dentro.

O Relojoeiro perguntou em alemão:

— Para onde vão aqueles dois?

O bartender respondeu-lhe na mesma língua.

O Relojoeiro terminou a cerveja e deixou dinheiro na mesa.

Mesmo o menor movimento, como tirar notas do bolso do casaco, fazia o seu ombro pulsar e arder. Saiu para a rua e deixou-se estar por um momento a apanhar o ar fresco do fim de tarde, então virou-se e caminhou lentamente em direção à igreja.

A IGREJA DE Nossa Senhora da Montanha ficava na zona ocidental da vila, uma pequena igreja colonial caiada com um sino na torre do lado esquerdo do pórtico. Em frente da igreja existia um pátio de pedra, ensombrado por duas árvores altas e cercado por uma vedação em ferro. Gabriel caminhou para as traseiras da igreja. O cemitério estendia-se pela encosta suave de uma colina em direção a uma pequena mata de densos pinheiros. Um milhar de lápides e monumentos memoriais erguiam-se por entre as ervas daninhas como um exército despedaçado em retirada. Gabriel deixou-se estar por um momento, mãos na cintura, deprimido pela perspectiva de ter de andar pelo cemitério procurando por uma placa ostentando o nome de Otto Krebs na escuridão.

Caminhou de volta à parte da frente da igreja. Chiara esperava-o nas sombras do pátio. Puxou a pesada porta de carvalho da igreja e descobriu que estava destrancada. Chiara seguiu-o para dentro. Ar frio assentou-lhe na cara, assim como uma fragrância que ele já não sentia desde que deixara Veneza: a mistura de cera de vela, incenso, verniz para madeira e bolor, o cheiro inconfundível de uma igreja católica. Quão diferente era esta da Igreja de San Giovanni Crisóstomo em Cannaregio. Sem altar dourado, sem colunas de mármore nem absides elevadas nem retábulos gloriosos. Um simples crucifixo de madeira pendurado sobre o altar não ornamentado e uma plataforma de velas memoriais tremeluzentes perante uma estátua da Virgem. Os vitrais da nave lateral perderam a cor com a entrada da luz crepuscular.

Gabriel caminhou hesitante pela nave central. Nessa altura, uma figura escura saiu da sacristia e caminhou com largas passadas pelo altar. Parou perante o crucifixo, dobrou o joelho no chão e voltou-se para Gabriel. Era pequeno e magro, vestia calças pretas, uma camisa preta de mangas curtas e um colar romano. O seu cabelo e

patilhas estavam impecavelmente cortados, e a sua cara atraente e escura tinha um traço de vermelho nas maçãs do rosto. Não parecia surpreendido pela presença de dois estranhos na sua igreja. Gabriel aproximou-se lentamente. O padre estendeu a mão e identificou-se como padre Ruben Morales.

— O meu nome é René Duran — disse Gabriel. — Sou de Montreal.

Perante isto o padre acenou, como se estivesse habituado a visitantes estrangeiros.

— O que posso fazer por si, Monsieur Duran?

Gabriel ofereceu a mesma explicação que dera à mulher do Bariloche Tageblatt nessa manhã — que viera à Patagônia em busca de um homem que acreditava ser irmão da sua mãe, um homem chamado Otto Krebs. Enquanto Gabriel falava, o padre cruzou os dedos e observou-o com um par de olhos gentis e calorosos. Quão diferente parecia este homem pastoral de Monsignor Donati, o burocrata profissional da Igreja, ou do bispo Drexler, o amargo reitor da Anima. Gabriel sentiu-se mal por estar a enganá-lo.

— Conheci Otto Krebs muito bem — disse o padre Morales. — E lamento dizer que não é possível ser o homem que procura. Sabe, Herr Krebs não tinha irmãos nem irmãs. Não tinha nenhum tipo de família. Quando finalmente consegui com muito esforço um estatuto que lhe permitiria sustentar uma mulher e filhos, ele foi... — A voz do padre arrastou-se. — Como posso dizer isto delicadamente? Já não era assim tão bom partido. Os anos cobraram-lhe caro.

— Ele alguma vez falou com você sobre a sua família?

Gabriel fez uma pausa e acrescentou:

— Ou da guerra? O padre levantou o sobrolho.

— Eu era seu confessor e amigo, Monsieur Duran. Discutimos muitas coisas nos anos antecedentes à sua morte. Herr Krebs, como muitos homens do seu tempo, tinha visto muita morte e destruição. Cometera também muitos atos de que estava profundamente envergonhado e carecia de absolvição.

— E concedeu-lhe essa absolvição?

— Concedi-lhe paz de espírito, Monsieur Duran. Escutei as suas confissões, ordenei penitência. Dentro dos limites da fé católica, preparei-lhe a alma para se encontrar com Cristo. Mas serei eu, um simples padre de uma paróquia rural, realmente possuidor dos poderes para absolver tais pecados? Mesmo eu não tenho certeza disso.

— Posso perguntar-lhe alguma das coisas que discutiram? — perguntou Gabriel timidamente. Ele sabia que estava em solo teológico volúvel e a resposta seria o que ele já esperava.

— Muitas das minhas discussões com Herr Krebs foram conduzidas sob o selo da confissão. As restantes foram conduzidas sob

o selo da amizade. Não seria correto da minha parte relatar-lhe a natureza dessas conversas agora.

— Mas ele está morto há vinte anos?

— Mesmo os mortos têm direito à privacidade.

Gabriel ouviu a voz da sua mãe, a linha de abertura do seu testemunho: Não vou dizer todas as coisas que vi. Não posso. Devo pelo menos isso aos mortos.

— Talvez me ajude a determinar se este homem era meu tio. O padre Morales esboçou um sorriso desarmante.

— Eu sou um simples padre do campo, Monsieur Duran, mas não sou um idiota chapado. Também conheço os meus paroquianos muito bem. Acredita sinceramente que é a primeira pessoa que aqui vem fingindo estar à procura de um parente perdido? Tenho certeza de que Otto Krebs não poderá ser o seu tio. E tenho algumas dúvidas de que seja René Duran de Montreal. Agora se me permite. Voltou costas para sair. Gabriel tocou-lhe no braço.

— Poderia pelo menos mostrar-me a campa?

O padre suspirou, em seguida olhou para os vitrais. Estavam negros.

— Está escuro — disse. — Dê-me um momento.

Atravessou o altar e desapareceu para dentro da sacristia. Um momento mais tarde surgiu vestindo um capote castanho e com uma enorme lanterna na mão. Conduziu-os para fora por um portal lateral, em seguida por um trilho de gralha entre a igreja e a reitoria. No final do caminho estava um pórtico. O padre Morales levantou o trinco, acendeu a lanterna e conduziu-os para o cemitério. Gabriel caminhou ao lado do padre por um trilho estreito coberto de ervas daninhas. Chiara estava um passo atrás.

— Rezou-lhe uma missa fúnebre, padre Morales?

— Sim, claro. De fato, tive de ser eu próprio a tratar dos preparativos. Não havia mais ninguém para fazê-lo.

Um gato surgiu detrás de uma campa e parou no trilho em frente a eles, os seus olhos refletiam como faróis amarelos o brilho da lanterna. O padre Morales enxotou o gato e este desapareceu pela relva alta.

Chegaram próximo das árvores do cemitério. O padre virou à esquerda e conduziu-os pela relva à altura do joelho. Aqui o trilho era demasiado estreito para se caminhar lado a lado, então avançaram em fila, com Chiara a segurar a mão de Gabriel, apoiando-o.

O padre Morales, chegando ao fim de uma fila de lápides, parou e apontou a lanterna para baixo num ângulo de 45 graus. O foco caiu sobre uma lápide simples que exibia o nome OTTO KREBS. O ano do seu nascimento está gravado como 1913 e o ano da sua morte como 1983. Por cima do nome, dentro de uma pequena elipse

de vidro riscado e gasto pelo tempo, estava uma fotografia.

GABRIEL AGACHOU-SE E, sacudindo uma camada de pó fino, examinou o rosto. Evidentemente que tinha sido tirada alguns anos antes da sua morte, porque o homem da fotografia era de meia-idade, talvez de quarenta e muitos. Gabriel tinha pelo menos uma certeza. Não era o rosto de Erich Radek.

— Presumo que não seja o seu tio, Monsieur Duran?

— Tem a certeza de que a fotografia é dele?

— Sim, claro. Encontrei-a eu próprio num cofre contendo algumas das suas coisas privadas.

— Suponho que não me deixaria ver essas coisas.

— Já não as tenho. E mesmo que tivesse...

O padre Morales, deixando a frase a meio, entregou a Gabriel a lanterna. — Vou deixá-lo agora. Eu consigo fazer o caminho de volta sem luz. Poderia deixar a lanterna à porta da reitoria quando sair por favor. Foi um prazer conhecê-lo, Monsieur Duran. — Com isso, voltou-se e desapareceu por entre as lápides. Gabriel olhou para Chiara.

— Devia ser a fotografia de Radek. Radek foi para Roma e obteve um passaporte da Cruz Vermelha em nome de Otto Krebs. Krebs foi para Damasco em 1948, depois emigrou para a Argentina em 1963. Krebs recenseou-se na polícia argentina neste distrito. Este devia ser Radek.

— Isso significa que?

— Outra pessoa foi para Roma fazendo-se passar por Radek. Gabriel apontou para a fotografia na lápide.

— Foi este homem. Este é o austríaco que foi à Anima à procura da ajuda do bispo Hudal. Radek estava noutro lado qualquer, provavelmente ainda escondido na Europa. Por que outra razão foi ele tão longe? Ele queria que toda a gente acreditasse que tinha partido há muito. E na eventualidade de alguém ir à sua procura, encontraria o rasto de Roma para Damasco e Argentina para se deparar com o homem errado, Otto Krebs, um modesto empregado de hotel que conseguiu juntar dinheiro suficiente para comprar alguns hectares junto à fronteira com o Chile.

— Ainda tens um grande problema — disse Chiara. — Não consegues provar que Ludwig Vogel é realmente Erich Radek.

— Um passo de cada vez — disse Gabriel. — Fazer um homem desaparecer não é assim tão simples. Radek precisou de ajuda. Alguém tem de saber disto.

— Sim, mas estará ele ainda vivo?

Gabriel levantou-se e olhou na direção da igreja. Conseguiu ver a silhueta do sino da torre. Então reparou num vulto caminhando por entre as lápides na direção deles. Por um momento pensou que

fosse o padre Morales; mas o vulto aproximou-se e conseguiu ver que era um homem diferente. O padre era magro e baixo. Este homem era entroncado e corpulento, de passo rápido e firme que o impelia suavemente pela colina abaixo por entre as lápides.

Gabriel ergueu a lanterna e apontou-a na sua direção.

Vislumbrou por breves instantes o rosto, antes de o homem o escudar por trás de uma enorme mão: careca, com óculos, grossas sobrelanceiras pretas e cinzas.

Gabriel ouviu um barulho atrás de si. Voltou-se e apontou a lanterna em direção às árvores ao longo do perímetro do cemitério. Dois homens vestidos de negro apareciam das árvores a correr com pistolas metralhadora compactas nas mãos. Gabriel apontou o foco mais uma vez para o homem que vinha pelas lápides e viu que este sacava de uma arma de dentro do casaco. Então, subitamente, o atirador parou. Os seus olhos estavam fixos não em Gabriel e Chiara, mas nos dois homens que vinham das árvores. Ficou imóvel não mais que um segundo, então, bruscamente, guardou a arma, voltou-se e correu na direção oposta.

Quando Gabriel se voltou outra vez, os dois homens com as pistolas metralhadoras estavam apenas a alguns metros e correndo apressadamente. O primeiro colidiu com Gabriel, atirando-o ao chão duro do cemitério. Chiara ainda conseguiu proteger a cara enquanto o segundo atirador a deitou ao chão também. Gabriel sentiu uma luva tapar-lhe a boca e em seguida o bafo quente do seu atacante na sua orelha.

— Relaxe, Allon, está entre amigos — disse em inglês de sotaque americano. — Não torne isso difícil para nós.

Gabriel arrancou a mão de sua boca e olhou nos olhos do atacante.

— Quem é você?

— Pense em nós como anjos da guarda. Aquele homem que se aproximava de vocês era um assassino profissional e estava prestes a matá-los.

— E o que vai fazer conosco?

Os atiradores levantaram Gabriel e Chiara do chão e conduziram-nos para fora do cemitério na direção das árvores.

PARTE TRÊS

O Rio das Cinzas

PUERTO BLEST, ARGENTINA

A FLORESTA CAÍA bruscamente do limite do cemitério até o vazio de uma ravina escurecida. Desceram pela encosta íngreme, cautelosamente por entre as árvores. Não havia lua no anoitecer, o escuro era absoluto. Caminharam numa fila única, um americano à frente, seguido por Gabriel e Chiara, outro americano à retaguarda. Os americanos usavam óculos de visão noturna. Moviam-se, segundo Gabriel, como soldados de elite.

Chegaram a um pequeno acampamento bem escondido: tendas pretas, sacos-cama pretos, sem sinal de fogueira ou bico de gás para cozinhar. Gabriel estimou há quanto tempo estariam ali, observando o cemitério. Não há muito, avaliando pelo tamanho da barba. Quarenta e oito horas, talvez menos.

Os americanos começaram a levantar o acampamento. Gabriel tentou, uma segunda vez, determinar quem eram e para quem trabalhavam. Foi respondido com sorrisos cansados e silêncio tumular.

Levou-lhes apenas alguns minutos a levantar o acampamento e a obliterar qualquer traço da sua presença. Gabriel ofereceu-se para carregar um dos sacos. Os americanos recusaram.

Começaram a caminhar novamente. Dez minutos mais tarde, estavam na base da ravina, num rio de rochas. Um veículo esperava-os, escondido por baixo de uma lona camuflada e alguns ramos de pinheiro. Era um Rover antigo com um pneu sobressalente montado no capo e bidons de combustível na traseira.

Os americanos decidiram os lugares, Chiara na frente, Gabriel atrás, com uma arma apontada ao estômago para o caso de subitamente perder a fé nos seus salvadores. Foram aos solavancos pelo rio rochoso durante alguns quilômetros,

salpicando pela água rasa, antes de virar para um caminho de terra. Vários quilômetros adiante, entraram numa via rápida que saía de Puerto Blest. O americano virou à direita em direção aos Andes.

— Está a ir em direção ao Chile — apontou Gabriel. Os americanos riram. Dez minutos mais tarde, a fronteira: um guarda, tremendo de frio numa casita de tijolo. O Rover atravessou a fronteira sem abrandar e continuou a descer os Andes em direção ao Pacífico.

No LIMITE NORTE do Golfo de Ancud fica Porto Montt, uma cidade de desembocadura e um porto de escala para barcos cruzeiro. Mesmo à saída da cidade está um aeroporto com uma pista comprida o suficiente para acomodar um jato executivo Gulfstream G500, que já estava à espera, motores gemendo, quando o Rover chegou. Um americano de cabelo cinza esperava à porta. Convidou Gabriel e Chiara a entrar e apresentou-se com pouca convicção como "Sr. Alexander". Gabriel, antes de se sentar num confortável assento em pele, perguntou para onde iam.

— Vamos para casa, Sr. Allon. Eu sugiro que você e sua amiga descansem um pouco. É um longo voo.

O RELOJOEIRO LIGOU para o número em Viena do seu quarto de hotel em Bariloche.

— Estão mortos?

— Lamento, mas não.

— O que aconteceu?

— Para dizer a verdade — disse o Relojoeiro —, não faço a mínima ideia.

28

THE PLAINS, VIRGÍNIA

A CASA SEGURA está localizada numa área rural equestre da Virgínia, onde ricos e privilegiados se cruzam com a dura realidade da vida rural sulista. É alcançável através de uma sinuosa e ondulada estrada, alinhada por celeiros em ruínas e cabanas de madeira com carros abandonados nos pátios. Há um portão; avisa que a propriedade é privada, mas omite o fato que, tecnicamente falando, é uma instalação do governo. A entrada é de gravilha e tem quase um quilômetro e meio de comprimento. À direita fica um bosque denso; à esquerda, um pasto cercado por uma vedação de madeira. A vedação causou indignação nos operários locais porque o "dono" contratou uma firma de fora para tratar da sua construção. Dois cavalos baios residem no pasto. Segundo os entendidos da Agência, eles são sujeitos anualmente, como todos os outros empregados, a polígrafos para

garantir que não se passaram para o outro lado, seja lá qual for esse lado.

A casa estilo colonial está localizada no topo da propriedade e cercada por árvores de sombra alta. Tem um telhado acobreado e um alpendre duplo. O mobiliário é rústico e confortável, convidativo à cooperação e camaradagem. Delegações de serviços amigáveis já ficaram ali. Assim como homens que traíram os seus países. O último foi um iraquiano que ajudou Saddam a tentar construir uma bomba nuclear. A sua mulher tinha esperanças num apartamento do famoso Watergate e queixou-se amargamente durante toda a estada. Os seus filhos incendiaram o celeiro. A gerência ficou contente ao vê-los partir.

Nessa tarde, neve recente cobria o pasto. A paisagem, esgotada de toda a cor através das janelas fumadas do automóvel pesado, parecia a Gabriel como um esboço a carvão. Alexander, recostado no banco da frente com os olhos fechados, acordou subitamente. Bocejou de forma exagerada, olhou para o relógio de pulso, e franziu-se quando percebeu que estava ajustado na hora errada.

Foi Chiara, sentada ao lado de Gabriel, que reparou na careca figura armada em sentinela parada junto aos balaústres do alpendre de cima. Gabriel inclinou-se do banco de trás e olhou para ele. Shamron ergueu a mão e manteve-a assim por um momento, antes de se virar e desaparecer para dentro da casa. Saudou-os no hall de entrada. Ao seu lado, vestindo umas calças de bombazina e uma camisola de malha, estava um homem pequeno com uma auréola de caracóis cinzas e um bigode cinza. Os seus olhos castanhos eram tranquilos, o seu aperto de mão calmo e breve. Parecia um professor catedrático, ou talvez um psicólogo clínico. Não era uma coisa nem outra. De fato, ele era o diretor de operações delegado da Central Intelligence Agency, e o seu nome era Adrian Carter. Não parecia contente, mas dado o estado das questões globais, raramente estava.

Cumprimentaram-se de forma cuidada, como homens do mundo secreto têm tendência a fazer. Usaram nomes reais, dado que eram todos conhecidos uns dos outros e a utilização de nomes de trabalho teria dado um ar burlesco ao caso. O sereno olhar de Carter pousou brevemente em Chiara, como se ela fosse um penetra para quem tivesse de ser arranjado um local extra. Não fez nenhuma tentativa de suprimir o sobrolho.

— Estava com esperança de manter isto a um nível muito sênior disse Carter. A sua voz era fraca; para o ouvir era preciso estar em silêncio e escutar com atenção. — Estava também com esperança de conter a distribuição do material que estou prestes a partilhar convosco.

— Ela é a minha parceira — disse Gabriel. — Ela sabe de tudo

e não vai deixar a sala.

Os olhos de Carter moveram-se lentamente de Chiara para Gabriel.

— Temo-lo sob observação já há algum tempo; desde a sua chegada a Viena, para ser mais preciso. Apreciamos especialmente a sua visita ao Café Central, confrontando Vogel cara-a-cara como se fosse uma requintada peça de teatro.

— Na verdade, foi Vogel que me confrontou a mim,

— Esse é o estilo de Vogel.

— Quem é ele?

— Você é que tem andado à pesca. Porque não me diz você?

— Eu acredito que ele seja um assassino das SS chamado Erich Radek e, por alguma razão, vocês estão a protegê-lo. Se tivesse de adivinhar porquê, diria que é um dos seus agentes.

Carter colocou uma mão no ombro de Gabriel.

— Venha — disse. — Obviamente que está na hora de termos uma conversa.

A SALA DE ESTAR era iluminada por uma lâmpada e cheia de sombras. Uma ampla fogueira ardia na lareira, um termo de café assentava no aparador. Carter serviu-se de um pouco antes de se sentar numa poltrona com indiferença pretensiosa. Gabriel e Chiara partilharam o sofá enquanto Shamron andava de um lado para o outro, uma sentinela com uma longa noite pela frente.

— Quero lhe contar uma história, Gabriel — começou Carter. — É a história de um país que foi arrastado para uma guerra na qual não queria participar, um país que derrotou o maior exército que o mundo alguma vez tinha visto, apenas para se encontrar, em poucos meses, num impasse armado com o seu antigo aliado, a União Soviética. Com toda a honestidade, estávamos borrados de medo. Sabe, antes da guerra, não tínhamos serviços secretos, pelo menos nenhum a sério. Diabo, os seus serviços são tão antigos como os nossos. Antes da guerra, os nossos serviços de espionagem dentro da União Soviética consistiam num par de tipos formados em Harvard e um telégrafo. Quando, de repente, nos encontramos de nariz colado com o papão russo, não sabíamos nada sobre ele. As suas forças, as suas fraquezas, as suas intenções. E, pior do que isso, não sabíamos como descobrir. Que outra guerra estava iminente, era uma conclusão precipitada. E o que é que tínhamos? Nada. Sem redes, sem agentes. Nada. Estávamos perdidos, vagueando pelo deserto. Precisávamos de ajuda. Então um Moisés apareceu no horizonte, um homem que nos guiou através de Sinai para a terra prometida. Shamron ficou parado por um momento para poder fornecer o nome deste Moisés: o General

Reinhard Gehlen, chefe da seção Oriental de Estado-Maior Alemão de Exércitos Estrangeiros, o espião chefe de Hitler na frente russa.

— Dá um charuto a esse homem. — Carter inclinou a cabeça na direção de Shamron.

— Gehlen foi um dos poucos homens que teve tomates para dizer a Hitler a verdade sobre a campanha russa. Hitler costumava ficar tão furioso com ele que ameaçou interná-lo num asilo para loucos. Quando o fim se aproximava, Gehlen decidiu salvar a própria pele. Ordenou à sua equipe que microfilmasse o arquivo do Estado-Maior na União Soviética e selasse o material em tambores estanques. Os tambores foram enterrados nas montanhas da Bavária e da Áustria; então, Gehlen e a sua comitiva renderam-se a uma equipe de contraespionagem.

— E vocês acolheram-no de braços abertos — disse Shamron.

— Terias feito o mesmo Ari — Carter entrelaçou os dedos e ficou um momento olhando para o fogo. Gabriel quase conseguia ouvi-lo contar até dez para desanuviar a sua fúria. — Gehlen era a resposta às nossas preces. O homem passou uma vida espionando a União Soviética, e agora ia nos mostrar o caminho. Nós o trouxemos para este país e colocamos a alguns quilômetros daqui, em Forte Hunt. Ele tinha todo o sistema de segurança americano na mão. Disse o que queríamos ouvir. O stalinismo era um mal sem paralelo na história da humanidade. Stalin queria subverter os países da Europa Ocidental partindo de dentro e depois atacá-los militarmente. Stalin tinha ambições globais. Não tenham medo, disse Gehlen. Eu tenho redes, eu tenho espiões inativos e células infiltradas. Eu sei tudo o que há para saber sobre Stalin e os seus homens de confiança. Juntos, vamos esmagá-los.

Carter levantou-se e foi até o aparador para aquecer o seu café.

— Gehlen cortejou-nos durante dez meses em Forte Hunt.

Conduziu uma negociação dura, e os meus predecessores estavam tão hipnotizados que concordaram com todas as suas exigências. A Organização Gehlen nasceu. Mudou-se para um complexo murado perto de Pullach, Alemanha. Nós o financiamos, demos-lhe diretivas. Ele geria a Organização e contratava os agentes. Por fim, a Organização tornou-se uma extensão virtual da Agência.

Carter voltou para a poltrona com o café.

— Obviamente, uma vez que o alvo primário da Organização Gehlen era a União Soviética, o general contratou homens que tivessem experiência lá. Um dos homens que ele queria era um brilhante e energético jovem chamado Erich Radek, um austríaco que fora chefe das SD no Reichskommissariat da Ucrânia. Na época, Radek era nosso prisioneiro num campo de detenção em Mannheim. Ele foi entregue a Gehlen e, em pouco tempo, infiltrou-se nos muros da sede

da Organização em Pullach, reativando seus antigos contatos na Ucrânia.

— Radek era SD — disse Gabriel. — SS, SD e Gestapo foram declaradas organizações criminosas depois da guerra e todos os seus integrantes estavam sujeitos a prisão imediata, e mesmo assim permitiram que Gehlen o contratasse.

Carter acenou lentamente, como se o pupilo tivesse respondido bem à questão, mas passasse ao lado do maior e mais importante ponto.

— Em Forte Hunt, Gehlen garantiu que não contrataria antigos oficiais SS, SD ou Gestapo, mas foi uma promessa de papel que nunca esperamos que cumprisse.

— Sabia que Radek esteve ligado às atividades do Einsatzgruppen na Ucrânia? — perguntou Gabriel. — Sabia que este brilhante e energético jovem tentou esconder o maior crime da história?

Carter abanou a cabeça.

— A escala das atrocidades alemãs não era conhecida na altura. Quanto à Aktion 1005, ninguém tinha ainda ouvido falar no termo e a ficha de Radek nunca exibiu a sua transferência da Ucrânia. Aktion 1005 era um assunto ultrassecreto do Reich, e assuntos ultrassecretos não eram postos em papel.

— Mas certamente, Sr. Carter — disse Chiara —, que o general Gehlen devia saber do trabalho de Radek...

Carter elevou as sobrancelhas, como surpreendido pela habilidade de Chiara para falar.

— Talvez soubesse, mas, nessa época, duvido que fizesse muita diferença para Gehlen; Radek não era o único antigo SS que passou a trabalhar para a Organização. Pelo menos outros cinquenta trabalharam lá, incluindo alguns, como Radek, ligados à solução final.

— Temo que também não fizesse muita diferença para os que controlavam Gehlen — disse Shamron. — Qualquer filho da mãe, desde que fosse anticomunista. Não era esse um dos princípios da Agência no que se referia ao recrutamento de agentes na Guerra-Fria?

— Nas infames palavras de Richard Helms: nós não estamos nos escoteiros. Se quiséssemos estar nos escoteiros, teríamos ido para os escoteiros.

— Não parece terrivelmente preocupado, Adrian — disse Gabriel.

— Drama não é o meu estilo, Gabriel. Sou um profissional, como você e o seu lendário chefe ali ao fundo. Eu lido com o mundo real, não com o mundo como eu gostaria que fosse. Não tento desculpar as ações dos meus predecessores, como você e Shamron não tentam desculpar as dos seus. Por vezes, os serviços secretos têm de

recorrer aos serviços de homens maus para atingir resultados que são bons: um mundo mais estável, a segurança da terra mãe, a proteção de amigos valiosos. Os homens que decidiram dar emprego a Reinhard Gehlen e Erich Radek estavam a jogar um jogo tão velho como o próprio tempo, o jogo da Realpolitik, e jogaram-no bem. Eu não fujo das suas ações e, garantidamente, não vou deixar que você, de entre todos, as venha julgar. Gabriel inclinou-se para a frente, os dedos entrelaçados, os cotovelos nos joelhos. Conseguia sentir o calor da lareira no rosto, que apenas forneceu combustível à sua fúria.

— Há uma diferença entre usar indivíduos maus como fontes e contratá-los como agentes secretos. E Erich Radek não era um assassino de vão de escada. Ele era um assassino de massas.

— Radek não esteve diretamente envolvido no extermínio de judeus. O seu envolvimento veio depois desse fato.

Chiara abanava a cabeça, mesmo antes de Carter ter completado a sua resposta. Ele franziu o sobrolho. Claramente, começava a estar arrependido de a ter incluído no processo.

— Deseja comentar alguma coisa que eu tenha dito, Miss Zolli?

— Sim, desejo — disse ela. — É obvio que não sabe muito sobre a Aktion 1005. Quem pensa que Radek usava para abrir as valas comuns e destruir os corpos? O que acha que lhes fez depois do trabalho estar concluído? — Saudada por silêncio, ela anunciou o seu veredicto.

— Erich Radek foi um assassino de massas e você contratou-o como espião. Carter acenou com lentidão, como se concedesse perder alguns pontos no jogo. Shamron aproximou-se da parte de trás do sofá e colocou uma mão apaziguadora no ombro de Chiara. Em seguida, olhou para Carter e pediu uma explicação para a falsa fuga de Radek da Europa. Carter pareceu aliviado pela perspectiva de território virgem.

— Ah sim — disse —, a fuga da Europa. É aqui que isto se torna interessante.

ERICH RADEK RAPIDAMENTE se tornou no delegado mais importante do General Gehlen. Ansioso por escudar o seu protegido de prisão e ação judicial, Gehlen e os seus manobreadores americanos criaram uma nova identidade para ele: Ludwig Vogel, um austríaco que fora recrutado para a Wehrmacht e dado como desaparecido nos últimos dias da guerra. Durante dois anos, Radek viveu em Pullach como Vogel e a sua nova identidade parecia estanque. Isso mudou no Outono de 1947, com o início do Caso N° 9, dos subsequentes processos de Nuremberg, o julgamento do Einsatzgruppen. O nome de Radek veio à baila várias vezes durante o julgamento, assim como o nome de código da operação secreta para destruir as provas das

matanças do Einsatzgruppen: Aktion 1005.

— Gehlen ficou alarmado — disse Carter. — Radek estava oficialmente considerado como desaparecido e não contabilizado, e Gehlen estava ansioso para que permanecesse assim.

— Então enviaram um homem a Roma, fazendo-se passar por Radek — disse Gabriel — e garantiram que deixavam para trás pistas suficientes para que, quem fosse à sua procura, seguisse o rasto errado.

— Precisamente.

Ainda andando, Shamron disse: — Por que usaram a via do Vaticano em vez de sua própria Ratline?

— Está se referindo à Ratline da contraespionagem?

Shamron fechou brevemente os olhos e acenou.

— A Ratline CCE foi usada, principalmente, para desertores russos. Se enviássemos Radek por essa rota, revelaríamos o fato de ele estar a trabalhar para nós. Usamos a via do Vaticano para enfatizar as suas credenciais como um criminoso de guerra nazista em fuga da justiça aliada.

— Que esperto da sua parte, Adrian. Perdoo a minha interrupção. Por favor, continue.

— Radek desapareceu — disse Carter. — Ocasionalmente, a Organização alimentava a história da sua fuga promovendo falsos avistamentos de vários caçadores de nazistas, alegando que Radek estava escondido em várias capitais sul-americanas. Ele estava a viver em Pullach, claro, trabalhando para Gehlen sob o nome de Ludwig Vogel.

— Patético — murmurou Chiara.

— Foi em 1948 — disse Carter. — As coisas eram diferentes nessa altura. O processo de Nuremberg tinha seguido o seu caminho, e todas as partes tinham perdido o interesse em processos adicionais. Médicos nazistas tinham regressado ao trabalho. Teóricos nazistas estavam novamente a ensinar nas universidades. Juízes nazistas estavam de volta à barra dos tribunais.

— E um assassino de massas chamado Erich Radek era agora um importante agente que precisava de proteção — disse Gabriel. — Quando regressou ele a Viena?

— Em 1956 Konrad Adenauer fez da Organização os serviços secretos oficiais da Alemanha Ocidental: o Bundesnachrichtendienst, mais conhecido como BDN. Erich Radek, agora conhecido como Ludwig Vogel, estava uma vez mais a trabalhar para o governo alemão. Em 1965, regressou a Viena para construir uma rede e garantir que a neutralidade oficial do novo governo austríaco se mantinha firmemente inclinada para a NATO e para o Ocidente. Vogel era um projecto conjunto da BND-CIA. Trabalhamos juntos na sua

proteção. Limpamos os arquivos no Staatsarchiv. Criamos uma empresa para ele gerir, Vale do Danúbio Transações e Investimentos, e canalizamos trabalho suficiente para garantir que a firma fosse um sucesso. Vogel era um astucioso homem de negócios e, em pouco tempo, os lucros da VDTI estavam a financiar todas as nossas redes austríacas. Em resumo, Vogel era o nosso bem mais precioso na Áustria e um dos mais valiosos na Europa. Ele era um mestre espião. Quando o Muro caiu, o seu trabalho estava concluído. Ele estava também a envelhecer. Cortamos a nossa relação, agradecemos-lhe pelo trabalho bem feito, e seguimos os respectivos caminhos. — Carter levantou as mãos. — E aqui, é onde a história acaba.

— Mas isso não é verdade, Adrian — disse Gabriel. — Senão, não estaríamos aqui.

— Está a referir-se às alegações feitas por Max Klein contra Vogel.

— Você sabia?

— Vogel alertou-nos para o fato de termos um possível problema em Viena. Pediu-nos para interceder e fazer desaparecer as alegações. Informamos que não podíamos fazer isso.

— Então ele resolveu o assunto pelas próprias mãos.

— Está a insinuar que Vogel ordenou o atentado ao Escritório de Investigação e Reclamações?

— Estou igualmente a insinuar que ele mandou assassinar Max Klein para o calar. Carter levou um momento até responder.

— Se Vogel está envolvido, trabalha através de tantos canais e testas-de-ferro que nunca serão capazes de formar uma acusação contra ele. Além disso, o atentado e a morte de Max Klein são assuntos austríacos, não israelenses, e nenhum promotor de justiça austríaco vai abrir uma investigação por assassinato contra Ludwig Vogel. É um beco sem saída.

— O seu nome é Radek, Adrian, não Vogel, e a questão é porquê. Por que razão estava Radek tão preocupado com a investigação de Eli Lavon para o matar? Mesmo que Eli e Max Klein conseguissem provar conclusivamente que Vogel era na verdade Erich Radek, ele nunca seria levado a julgamento pelo Ministério da Justiça austríaco. Ele está demasiado velho. Já passou muito tempo. Não restam mais testemunhas, exceto Klein, e não há hipótese de Radek ser condenado na Áustria baseado na palavra de um velho judeu. Então por que recorrer à violência?

— Soa-me que tem uma teoria.

Gabriel olhou por cima do ombro e murmurou para Shamron algumas palavras em hebraico. Shamron entregou a Gabriel uma pasta contendo todo o material que ele recolhera no decorrer da sua investigação. Gabriel abriu-a e retirou um só item: a fotografia que

tirara da casa de Radek em Salzkammergut: Radek com uma mulher e um rapaz adolescente. Colocou-a na mesa e girou-a para que Carter conseguisse ver. Os olhos de Carter moveram-se para a foto e em seguida de volta para Gabriel.

— Quem é ela? — perguntou Gabriel.

— A sua mulher, Mônica.

— Quando se casou com ela?

— Durante a guerra — disse Carter —, em Berlim.

— Nunca foi mencionado um casamento aprovado pelas SS no seu cadastro.

— Há muitas coisas que nunca foram mencionadas no cadastro SS de Radek.

— E depois da guerra?

— Ela estabeleceu-se em Pullach sob o nome verdadeiro. A criança nasceu em 1949. Quando Vogel se mudou para Viena, o General Gehlen não achou seguro que Mônica e o filho vivessem com ele abertamente, nem a Agência. Foi organizado um casamento com um homem da rede de Vogel. Viveu em Viena, numa casa nas traseiras de Vogel. Ele visitava-os ao fim do dia. Eventualmente, acabou por construir uma passagem entre as casas, para que Mônica e o rapaz pudessem circular livremente entre as duas residências sem medo de serem detectados. Nunca sabíamos quem podia estar à espreita. Os russos adorariam comprometê-lo e desmascará-lo.

— Como se chamava o rapaz?

— Peter.

— E o agente que se casou com Mônica Radek? Por favor, diga o nome, Adrian.

— Acho que você já sabe o nome, Gabriel — Carter hesitou, mas disse. — O nome era Metzler.

— Peter Metzler, o homem que está prestes a ser o chanceler austríaco, é filho de um criminoso de guerra nazista chamado Erich Radek, e Eli Lavon ia expor esse fato.

— É o que parece.

— Isso parece motivo para homicídio, Adrian.

— Bravo, Gabriel — disse Carter. — Mas o que podemos fazer sobre isso? Convencer os austríacos a apresentar queixa contra Radek? Boa sorte. Expor Peter Metzler como filho de Radek? Se fizer isso, vai tornar público que Radek era nosso homem em Viena. O que vai originar muito embaraço para a Agência, numa hora em que estamos mergulhados numa batalha global contra forças que pretendem destruir meu país e o seu. Na qual precisam desesperadamente do nosso apoio, vai também congelar as relações entre os nossos serviços

— Isso soa-me a ameaça, Adrian.

— Não, é apenas um conselho de confiança — disse Carter. —

É Realpolitik. Desistam. Não liguem. Esperem que ele morra e esqueçam o que aconteceu.

— Não — disse Shamron.

O olhar de Carter desviou-se de Gabriel para Shamron.

— Como é que eu já previa que essa seria sua resposta?

— Porque eu sou Shamron, e eu nunca esqueço.

— Então suponho que temos de encontrar uma maneira de lidar com esta situação para que o meu serviço não seja historicamente descredibilizado. — Carter olhou para o relógio. — Está a ficar tarde. Tenho fome. Vamos comer, acompanham-me? Ao LONGO DA HORA seguinte, durante uma refeição de pato assado e arroz selvagem, numa sala de jantar à luz de velas, o nome de Erich Radek não foi mencionado. Havia rituais sobre assuntos como este, Shamron dizia sempre: um ritmo que não podia ser quebrado ou apressado. Havia uma altura para negociações duras, uma altura para sentar relaxadamente e desfrutar da companhia de um colega de viagem que, afinal de contas, tem os mesmos interesses.

E assim, estimulado por Carter, Shamron ofereceu-se para ser o animador do serão. Durante algum tempo, ele desempenhou o papel esperado. Contou histórias de travessias noturnas em terras hostis; de segredos roubados e inimigos vencidos; dos fiascos e calamidades que acompanham qualquer carreira, especialmente uma tão longa e volátil como a de Shamron. Carter, encantado, pousou o garfo e aqueceu as mãos no fogo de Shamron. Gabriel observou o encontro em silêncio, do lado oposto da mesa. Ele sabia que estava a testemunhar um recrutamento, um recrutamento perfeito, Shamron sempre dizia: a sedução perfeita está no coração. Começa com um pouco de interesse, a confissão de sentimentos que era melhor manter em segredo. Apenas quando o terreno estiver minuciosamente lavrado é que se coloca a semente da traição.

Shamron, sobre a quente tarte de maçã frita e café, começou a falar, não sobre os seus abusos, mas sobre si próprio: a sua infância na Polónia; a ferroada da violência antisemita da Polónia; as nuvens de tempestade que se formaram junto à fronteira com a Alemanha nazista.

— Em 1936, a minha mãe e o meu pai decidiram que eu iria abandonar a Polónia e partir para a Palestina — disse Shamron. — Eles ficariam para trás, com as minhas duas irmãs mais velhas, e esperariam para ver se as coisas melhoravam. Como muitos outros, eles esperaram demasiado tempo. Em Setembro de 1939, ouvimos na rádio que os alemães tinham invadido a Polónia. Eu sabia que não voltaria a ver a minha família.

Shamron sentou-se em silêncio por um momento. As suas mãos, quando acendeu o cigarro, tremiam ligeiramente. A sua colheita

tinha sido semeada. A sua exigência, embora nunca verbalizada, era clara. Ele não iria sair desta casa sem Erich Radek no bolso, e Adrian Carter ia ajudá-lo.

QUANDO REGRESSARAM À sala de estar para a sessão da noite, um leitor de fitas estava na mesinha de apoio em frente ao sofá. Carter, de volta à sua poltrona junto à lareira, carregou tabaco inglês no forninho do cachimbo. Acendeu um fósforo e, com o tubo entre os dentes, acenou na direção do leitor e pediu a Gabriel que fizesse as honras. Gabriel carregou no botão de PLAY. Dois homens começaram uma conversa em alemão, um deles com o sotaque de um suíço de Zurique, o outro um vienense. Gabriel conhecia a voz do homem de Viena. Tinha-a escutado uma semana antes, no Café Central. A voz pertencia a Erich Radek.

— Segundo registros desta manhã, o valor total da conta sustenta dois mil milhões e meio de dólares. Metade, aproximadamente, é em dinheiro, igualmente dividido em dólares e euros. O resto do dinheiro é investimento — a tarifa habitual, títulos e obrigações, juntamente com um montante substancial em imóveis...

DEZ MINUTOS MAIS TARDE, Gabriel aproximou-se e pressionou o botão de STOP. Carter despejou o cachimbo para a lareira e lentamente carregou outro forninho.

— Essa conversa aconteceu em Viena na semana passada — disse Carter. — O banqueiro é um homem chamado Konrad Becker. É de Zurique.

— E a conta? — perguntou Gabriel.

— Depois da guerra, milhares de nazistas em fuga esconderam-se na Áustria. Trouxeram com eles várias centenas de milhões de dólares em bens de pilhagens nazistas: ouro, dinheiro, arte, joias, pratas, mantas e tapeçarias. O material estava escondido pelos Alpes. Muitos desses nazistas queriam ressuscitar o Reich, e queriam usar os bens pilhados para ajudar a atingir esse objetivo. Um pequeno grupo percebeu que os crimes de Hitler eram tão grandes que iria levar, pelo menos, uma geração ou mais até o Nacional Socialismo ser politicamente viável outra vez. Decidiram colocar uma grande soma de dinheiro num banco de Zurique e anexaram um peculiar conjunto de instruções à conta. Só podia ser ativada por uma carta do chanceler austríaco. Sabe, eles acreditavam que a revolução tinha começado na Áustria com Hitler e que a Áustria seria a fonte do seu renascimento. Cinco homens foram inicialmente confiados com o número de conta e a senha. Quatro deles morreram. Quando o quinto ficou doente, procurou alguém para ser o seu mandatário.

— Erich Radek.

Carter anuiu e fez uma pausa para acender o seu cachimbo. — Radek está prestes a ter o seu chanceler, mas ele nunca vai pôr as mãos nesse dinheiro. Descobrimos a conta há alguns anos. Passar por cima do seu passado em 1945 era uma coisa, mas nós não iríamos permitir que ele desbloqueasse uma conta com dois mil milhões e meio de pilhagens do holocausto. Movemo-nos silenciosamente contra Herr Becker e o seu banco. Radek ainda não sabe, mas ele nunca vai ver um tostão desse dinheiro.

Gabriel inclinou-se, pressionou REWIND, depois STOP, e então PLAY:

— Os seus camaradas são generosos com aqueles que os ajudam nos seus esforços, mas temo que tem havido algumas inesperadas... complicações.

— Que tipo de complicações?

— Parece que vários dos que iriam receber dinheiro morreram recentemente em circunstâncias misteriosas...

STOP.

Gabriel olhou para Carter à espera de uma explicação.

— O homem que criou a conta queria recompensar os indivíduos e instituições que tinham ajudado a fuga de nazistas depois da guerra. Radek considerava isso balelas sentimentais. Ele não iria começar uma associação de beneficência. Ele não podia alterar o convênio, então alterou as circunstâncias no terreno.

— Enrique Calderon e Gustavo Estrada deviam receber dinheiro dessa conta?

— Vejo que aprendeu bastante durante o seu tempo com Alfonso Ramirez — Carter esboçou um sorriso de culpa. — Andamos a vigiá-lo em Buenos Aires.

— Radek é um homem rico que já não tem muito tempo de vida disse Gabriel. — A última coisa que precisa é de dinheiro.

— Aparentemente, ele planeia doar uma grande parte da conta ao seu filho.

— E o resto?

— O resto vai entregar ao seu agente mais importante para prosseguir com as intenções originais dos homens que criaram a conta Carter fez uma pausa. — Eu penso que vocês já se conhecem. O seu nome é Manfred Kruz.

O cachimbo de Carter apagou-se. Ele olhou para a fornilha, franziu as sobrancelhas, e reacendeu-a.

— O que nos traz de volta ao nosso problema original — Carter soprou uma baforada de fumo na direção de Gabriel. — O que fazemos sobre Erich Radek? Se pedem aos austríacos para o acusarem judicialmente, eles vão deixar arrastar e esperar que ele morra. Se

raptam um austríaco idoso das ruas de Viena e o levam para julgamento em Israel, a imundície vai cair-lhes em cima de bem alto. Se pensam que têm dificuldades na Comunidade Europeia agora, os seus problemas serão multiplicados por dez se o despacham. E se ele é levado a julgamento, a sua defesa vai indubitavelmente expor a nossa ligação a ele. Então o que fazemos cavalheiros?

— Talvez haja uma terceira via — disse Gabriel.

— Qual é?

— Convencer Radek a ir a Israel voluntariamente.

Carter olhou com cepticismo para Gabriel sobre a fornilha do seu cachimbo.

— E como pensa que podemos convencer um merdas de primeira como Erich Radek a fazer isso?

FALARAM PELA NOITE adentro. O plano era de Gabriel, e consequentemente seu para delinear e defender. Shamron acrescentou algumas sugestões valiosas. Carter, resistente no início, em breve se passou para o lado de Gabriel. A simples audácia do plano já lhe era apelativa. O seu próprio serviço teria provavelmente morto um funcionário que se chegasse à frente com uma ideia tão pouco ortodoxa.

Todos os homens têm uma fraqueza, disse Gabriel. Radek, através das suas ações, mostrou ser possuidor de duas: o seu desejo pelo dinheiro escondido na conta de Zurique; e o de ver o filho tornar-se chanceler da Áustria. Gabriel defendia que fora a segunda que o fizera avançar contra Eli Lavon e Max Klein.

Radek não queria o filho pintado com as cores do seu passado e tinha provado que tomaria praticamente qualquer medida para protegê-lo. Envolvia ter de fazer um amargo compromisso — um acordo com um homem que não tinha qualquer direito de exigir concessões —, mas era moralmente justo e produziria o resultado desejado: Erich Radek atrás das grades por crimes contra o povo judaico. O tempo seria uma dificuldade a mais. As eleições seriam em menos de três semanas. Radek tinha que estar em mãos israelenses antes do primeiro voto ser colocado na urna. Caso contrário a pressão sobre se perderia.

Com o dia prestes a despontar, Carter colocou a questão que o corroía desde que o primeiro relatório da investigação de Gabriel caíra em sua mesa. Por quê? Por que Gabriel, um assassino do Escritório, estaria tão determinado a levar Radek à justiça depois de tantos anos?

— Quero-lhe contar uma história, Adrian — disse Gabriel, com uma voz subitamente distante, assim como o olhar. — Aliás, talvez seja melhor se ela própria lhe contar a história.

Entregou a Carter uma cópia do testemunho da sua mãe. Carter, sentado junto ao fogo quase extinto, leu do princípio ao fim sem pronunciar uma palavra. Quando finalmente levantou o olhar da última página, os seus olhos estavam úmidos.

— Presumo que Irene Allon seja a sua mãe.

— Ela foi a minha mãe. Já morreu há muito tempo.

— Como pode ter a certeza que o SS no bosque era Radek?

Gabriel contou-lhe sobre os quadros de sua mãe.

— Então presumo que será você que vai tratar das negociações com Radek. E se ele se recusa a colaborar? O que fazer, Gabriel?

— As suas opções serão limitadas, Adrian. De uma maneira ou de outra, Erich Radek não vai voltar a pôr os pés em Viena.

Carter devolveu o testemunho a Gabriel e disse:

— É um plano excelente. Mas o seu primeiro-ministro vai nisso?

— Tenho certeza de que vai haver vozes que se vão opor — disse Shamron.

— Lev?

Shamron concordou.

— O meu envolvimento vai dar-lhe a base que precisa para vetar. Mas acredito que Gabriel será capaz de convencer o primeiro-ministro da nossa linha de pensamento.

— Eu? Quem disse que iria ser eu a informar o primeiro-ministro?

— Disse eu — respondeu Shamron. — Além disso, se consegues convencer Carter a pôr Radek numa travessa, com certeza que consegues convencer o primeiro-ministro a participar no banquete. Ele é um homem de apetites enormes. Carter levantou-se e espreguiçou-se. Em seguida, caminhou lentamente em direção à janela, como um médico que tivesse passado toda a noite numa operação, para apenas conseguir um resultado questionável. Abriu as cortinas e uma luz cinza entrou na sala.

— Há um último item que precisamos discutir antes de partir para Israel

— disse Shamron.

Carter, uma silhueta contra o vidro, voltou-se.

— O dinheiro?

— O que planeia fazer com ele exatamente?

— Ainda não chegamos a uma conclusão final.

— Eu já cheguei. Dois mil milhões e meio é o preço que vais pagar por usar um homem como Erich Radek quando sabias que ele era um assassino e um criminoso de guerra. Foi roubado a judeus a caminho das câmaras de gás, e eu quero-o de volta.

Carter voltou-se novamente e olhou para o pasto coberto de

neve.

— És um chantagista barato, Ari Shamron. Shamron levantou-se e vestiu o sobretudo.

— Foi um prazer negociar com você, Adrian. Se tudo correr conforme planejado em Jerusalém, voltamos a encontrar-nos em Zurique dentro de quarenta e oito horas.

29

JERUSALÉM

A REUNIÃO FOI MARCADA para as dez da noite. Shamron, Gabriel e Chiara, atrasados pelo mau tempo, chegaram com dois minutos de antecedência, depois de uma rápida viagem de carro do Aeroporto Ben-Gurion, para serem informados por um assessor que o primeiro-ministro estava atrasado. Era evidente que havia mais uma crise na frágil coligação governamental, porque a antecâmara do seu escritório tinha assumido o aspecto de um abrigo temporário depois de um desastre. Gabriel contou não menos que cinco administrativos ministeriais, cada um rodeado por uma comitiva de acólitos e funcionários. Gritavam todos uns com os outros como se estivessem numa discussão familiar de um casamento, e uma névoa de fumo de tabaco pairava no ar.

O assessor escoltou-os até uma sala reservada para o pessoal dos serviços secretos e de segurança e fechou a porta. Gabriel abanou a cabeça.

— Democracia israelense em ação.

— Acredite ou não, mas hoje está calmo. Costuma ser pior.

Gabriel deixou-se cair numa cadeira. De repente percebeu que não tinha tomado duche nem mudava de roupa há dois dias. De fato, sua calça estava suja pelo pó do cemitério em Puerto Blest. Quando partilhou isso com Shamron, o velho sorriu.

— Estar coberto com terra da Argentina só ajuda na credibilidade de sua mensagem — disse Shamron. — O primeiro-ministro é um homem que vai apreciar uma coisa dessas.

— Nunca falei com um primeiro-ministro antes, Ari. Gostaria de ter pelo menos tomado uma ducha.

— Você está é nervoso — Shamron parecia divertir-se com isso. — Não me lembro de ter visto você nervoso antes na minha vida. Afinal parece que você é humano.

— Claro que estou nervoso. Ele é louco.

— Na verdade, eu e ele temos um temperamento muito semelhante.

— Isso é para me tranquilizar?

— Posso dar um conselho?

— Se tem de ser.

— Ele gosta de histórias. Conte uma boa história.

Chiara empoleirou-se no braço da cadeira de Gabriel.

— Conte ao primeiro-ministro da maneira que me contou em Roma — disse ela *sotto voce*.

— Você estava nos meus braços na altura — respondeu Gabriel. — Algo me diz que a conversa aqui será um pouco mais formal — sorriu e acrescentou —, pelo menos eu espero que sim.

Era quase meia-noite quando o assessor do primeiro-ministro meteu a cabeça na sala de espera e anunciou que o grande homem estava finalmente pronto para eles.

Gabriel e Shamron levantaram-se e caminharam em direção à porta aberta. Chiara permaneceu sentada. Shamron parou e virou-se para ela.

— Está esperando o quê? O primeiro-ministro está pronto para nos receber.

Chiara arregalou os olhos.

— Eu sou apenas uma bat leveyha — protestou. — Não vou entrar aí para falar com o primeiro-ministro. Meu Deus, nem sequer sou israelense.

— Arriscou a vida na defesa deste país — disse Shamron calmamente. — Tem todo o direito de entrar.

Entraram no gabinete do primeiro-ministro. Era amplo, inesperadamente simples e escuro exceto uma área iluminada à volta da mesa. Lev de alguma forma conseguiu intrometer-se. A sua careca ossuda brilhava no vão de luz, e as suas longas mãos estavam entrelaçadas por baixo de um queixo provocador. Fez um esforço para se levantar e apertar as mãos sem entusiasmo. Shamron, Gabriel e Chiara sentaram-se. O couro gasto das cadeiras ainda estava quente dos corpos anteriores.

O primeiro-ministro estava em mangas de camisa e parecia fatigado depois de uma longa noite de combate político. Ele era, como Shamron, um guerreiro intransigente. Conseguir gerenciar um galinheiro tão diverso e desobediente como Israel parecia um milagre.

O seu olhar encapuzado caiu instantaneamente sobre Gabriel. Shamron estava habituado a isso. A aparência atraente de Gabriel foi a única coisa que preocupou Shamron quando o recrutou para a operação Ira de Deus. As pessoas olhavam para Gabriel.

Já se tinham encontrado antes uma vez, Gabriel e o primeiro-

ministro, embora sob circunstâncias muito diferentes. O primeiro-ministro era chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa de Israel em abril de 1998 quando Gabriel, com uma equipe de comandos, tinha penetrado numa casa de campo em Túnis e assassinado Abu Jihad, o número dois do comando da OLP, na frente da mulher e dos filhos. O primeiro-ministro estava a bordo do avião especial de comunicações, voando sobre o Mar Mediterrâneo, com Shamron a seu lado. Escutou o assassinato pelo microfone de Gabriel. Também ouviu Gabriel, depois do assassinato, usar segundos preciosos para consolar a histérica mulher e a filha de Abu Jihad. Gabriel recusara o louvor oferecido. Agora, o primeiro-ministro queria saber por quê.

— Não sentia que fosse apropriado, senhor primeiro-ministro, dadas as circunstâncias.

— Abu Jihad tinha uma grande quota de sangue judaico nas mãos. Ele merecia morrer.

— Sim, mas não em frente à mulher e aos filhos.

— Ele escolheu a vida que levava — disse o primeiro-ministro. — A família não deveria estar lá com ele.

E então, como se de repente percebesse que tinha entrado num campo minado, tentou sair na ponta dos pés. Mas como os seus modos rudes não permitiriam uma saída graciosa, optou por uma rápida mudança de assunto.

— Bem, Shamron contou que quer sequestrar um nazista — disse o primeiro-ministro.

— Sim, senhor primeiro-ministro.

Ergueu as palmas das mãos

— Vamos lá ouvir.

SE ESTAVA NERVOSO, Gabriel não o demonstrava. A sua apresentação foi direta e concisa e plena de confiança. O primeiro-ministro, conhecido pela sua maneira áspera de tratar quem se demorava com explicações, sentou-se petrificado durante todo o tempo. Ao ouvir a descrição de Gabriel do atentado contra a sua vida em Roma, inclinou-se para a frente, de rosto tenso. A confissão de Adrian Carter sobre o envolvimento americano deixou-o visivelmente indignado. Quando chegou a altura de apresentar as provas documentais, Gabriel pôs-se de pé ao lado do primeiro-ministro e colocou-as peça por peça sobre a mesa. Shamron estava sentado em silêncio, as suas mãos apertavam os braços da cadeira como um homem a debater-se para manter um voto de silêncio. Lev parecia bloqueado numa competição de olhar fixo com o enorme retrato de Theodor Herzl pendurado na parede por trás da mesa do primeiro-ministro. Tirou notas com uma caneta de tinta permanente em ouro e

olhou para o relógio de pulso uma vez, pensativo.

— Conseguimos pegá-lo? — perguntou o primeiro-ministro, para em seguida acrescentar: — Sem cair o céu e a terra?

— Sim, senhor, acredito que conseguimos.

— Diga-me como pretende fazê-lo.

A exposição de Gabriel não poupou nenhum detalhe. O primeiro-ministro sentou-se em silêncio com as mãos gordas entrelaçadas sobre a mesa, a escutar atentamente. Quando Gabriel terminou, o primeiro-ministro abanou a cabeça uma vez e virou o seu olhar para Lev:

— Presumo que é aqui que vocês discordam?

Lev, o eterno tecnocrata, levou um momento a organizar os seus pensamentos antes de responder. A sua resposta, quando finalmente a deu, era desapaixonada e metódica. Se tivesse havido maneira de desenhá-la num gráfico em tempo real, Lev teria pegado na caneta e esboçado a linha até o fundo da folha, como um balde de água fria. Foi de tal forma, que permaneceu sentado e em breve reduziu a sua audiência a um penoso tédio. O seu discurso tinha muitas pausas, durante as quais fazia um triângulo com os indicadores e os pressionava contra os lábios.

— Um impressionante trabalho de investigação — disse Lev num elogio indireto a Gabriel —, mas agora não é altura para desperdiçar tempo e capital político ajustando contas com velhos nazistas. Os fundadores, exceto no caso de Eichmann, resistiram ao ímpeto de perseguir os autores da Shoah porque sabiam que atrasaria o principal objetivo do Escritório, a proteção do Estado. Os mesmos princípios aplicam-se hoje. Prender Radek em Viena levaria a uma reação negativa na Europa, onde o apoio a Israel está por um fio. Iria também pôr em perigo a pequena e indefesa comunidade judaica da Áustria, onde as correntes de antissemitismo são fortes e profundas. O que faremos quando os judeus forem atacados nas ruas? Pensas que as autoridades austríacas vão mexer uma palha para pôr cobro a isso? Finalmente, o seu trunfo: Por que razão é responsabilidade israelense acusar judicialmente Radek? Deixa isso para os austríacos. Quanto aos americanos, deixa-os deitarem-se na cama que eles próprios fizeram. Expõe Radek e Metzler e afasta-te. Conquistas uma posição e as consequências serão menos severas do que uma operação de rapto.

O primeiro-ministro ficou pensando em silêncio, para em seguida se dirigir a Gabriel.

— Não há dúvida de que este homem, Ludwig Vogel, é mesmo Radek?

— Nenhuma, senhor primeiro-ministro. Voltou-se para Shamron.

— E temos a certeza de que os americanos não vão recuar?

— Os americanos estão ansiosos por resolver este assunto também.

O primeiro-ministro olhou para os documentos na mesa antes de comunicar a sua decisão.

— Eu fiz uma ronda pela Europa o mês passado — disse. — Enquanto estive em Paris, visitei uma sinagoga que tinha sido incendiada algumas semanas antes. Na manhã seguinte saiu um editorial num jornal francês que me acusava de pôr o dedo na ferida do antissemitismo e do Holocausto sempre que convinha aos meus propósitos políticos. Talvez seja altura de lembrar ao mundo porque habitamos esta faixa de terra, cercada por um mar de inimigos, lutando pela nossa sobrevivência. Tragam Radek aqui. Deixem-no contar ao mundo os crimes que cometeu para esconder a Shoah. Talvez assim silencie, de uma vez por todas, aqueles que contestam que foi uma conspiração, inventada por homens como Ari e eu para justificar a nossa existência.

Gabriel limpou a garganta.

— Isto não é sobre política, senhor primeiro-ministro. — É sobre justiça.

O primeiro-ministro sorriu perante a inesperada disputa.

— É verdade, Gabriel, é sobre justiça, mas justiça e política normalmente andam de mãos dadas, e quando a justiça consegue servir as necessidades da política, não há nada de imoral.

Lev, depois de perdido o primeiro assalto, tentou conseguir vitória no segundo e pedindo o controle da operação. Shamron sabia que o objetivo permanecia o mesmo: aniquilá-la. Infelizmente para Lev, o primeiro-ministro também sabia.

— Foi Gabriel que nos trouxe até aqui. Deixa Gabriel trazê-lo para casa.

— com o devido respeito, senhor primeiro-ministro, Gabriel é um kidon, o melhor de sempre, mas não é um estratega operacional, que é exatamente o que precisamos.

— O seu plano operacional soa-me bem.

— Sim, mas conseguirá ele prepará-lo e executá-lo?

— Ele terá Shamron do seu lado o tempo todo.

— É disso que tenho medo — disse Lev acidamente.

O primeiro-ministro levantou-se; os outros seguiram o gesto.

— Traga Radek para Israel. E faça o que fizer, nem sequer pense em armar confusão em Viena. Traga-o limpo, sem sangue, sem ataques de coração — e voltou-se para Lev. — Garante que eles tenham todos os recursos que precisem para fazer o trabalho. Não penses que estás a salvo da merda porque votaste contra o plano. Se Gabriel e Shamron se queimarem, tu também te queimas. Portanto nada de merdas burocráticas. Estão todos juntos nisto. Shalom.

O PRIMEIRO-MINISTRO agarrou o cotovelo de Shamron enquanto saía porta fora e encurralou-o num canto. Colocou uma mão na parede, por cima do ombro de Shamron, e bloqueou-lhe qualquer hipótese de escapar.

— Este rapaz está à altura disso, Ari?

— Ele não é um rapaz, primeiro-ministro, já não é mais.

— Eu sei, mas consegue? Será que consegue mesmo convencer Radek a vir?

— Leu o testemunho da mãe dele?

— Li, e sei o que faria se estivesse no lugar dele. Poria uma bala no cérebro do animal, como Radek fez com muitos outros, e acabava aí.

— Seria essa atitude justa, em sua opinião?

— Há a justiça dos homens civilizados, o tipo de justiça que é ditada em tribunais por homens de toga, e há a justiça dos profetas. A justiça de Deus. Como prover justiça a crimes tão hediondos? Que castigo seria apropriado? Prisão perpétua? Uma execução indolor?

— A verdade, primeiro-ministro. Às vezes, a melhor vingança é a verdade.

— E se Radek não aceitar o acordo?

Shamron encolheu os ombros.

— Está me dando instruções?

— Eu não quero outro caso Demjanuk. Eu não preciso de um julgamento espetáculo do Holocausto transformado num circo internacional. Seria melhor que Radek desaparecesse simplesmente.

— Desaparecesse, primeiro-ministro?

O primeiro-ministro expirou vagorosamente para o rosto de Shamron.

— Tem certeza que é ele, Ari?

— Disso não há dúvida.

— Então, se for necessário, acaba com ele.

Shamron olhou em direção aos pés, mas viu apenas a protuberante barriga do primeiro-ministro.

— Ele carrega um pesado fardo, o nosso Gabriel. Temo ter sido eu a pô-lo às costas em 72. Ele não está apto para trabalhos de homicídio.

— Erich Radek pôs esse fardo em Gabriel muito antes de ti, Ari. Agora Gabriel tem a oportunidade de aliviar a sua parte. Vou deixar bem claro o meu desejo. Se Radek não concordar em vir aqui, diz ao príncipe de fogo para acabar com ele e deixar os cães lamber o seu sangue.

VIENA

MEIA-NOITE NO Primeiro Bairro, uma calma de morte, um silêncio que só Viena consegue produzir, um majestoso vazio. Kruz achava reconfortante. Mas o sentimento não durou muito. Era raro o velho telefonar-lhe para casa, e Kruz nunca tinha sido arrastado da cama a meio da noite para uma reunião. Duvidava que as notícias fossem boas.

Olhou para o fundo da rua e não viu nada fora do normal. Uma olhadela para o retrovisor confirmou que não tinha sido seguido. Saiu e caminhou até o portão da imponente casa de pedra do velho. No piso térreo, luzes brilhavam por trás das cortinas fechadas. No segundo piso brilhava uma única luz. Kruz tocou à campainha. Tinha a sensação de estar a ser observado, qualquer coisa imperceptível, como um bafo na nuca. Olhou por cima do ombro. Nada.

Alcançou novamente a campainha, mas antes que a pudesse pressionar, um zumbido soou e a barra da fechadura saltou para trás. Empurrou o portão e atravessou o pátio frontal. Quando chegou ao pórtico, viu a porta aberta e um homem de paletó aberto e gravata solta. Não se esforçava minimamente para esconder o coldre de couro preto que continha uma pistola Glock. Kruz não estava alarmado com a visão; ele conhecia bem o homem. Era um antigo agente da Staatspolizei chamado Klaus Halder. Tinha sido Kruz a contratá-lo para guarda-costas do velho. Halder acompanhava normalmente o velho quando este saía ou quando esperava visitas em casa. A sua presença à meia-noite não era, como o telefonema para a casa de Kruz, um bom sinal.

— Onde está ele?

Halder olhou para o chão sem dizer uma palavra. Kruz desapertou a gabardina e entrou no estúdio do velho. A parede falsa estava afastada para o lado. O pequeno elevador estilo cápsula estava à espera. Entrou e o pressionar de um botão enviou-o lentamente para baixo. As portas abriram alguns segundos mais tarde, revelando uma pequena câmara subterrânea decorada com o dourado dos gostos barrocos do velho. Os americanos tinham-na construído para ele, para que conduzisse reuniões importantes sem medo que os russos pudessem estar à escuta. Construíram também a passagem, aquela alcançável através de uma porta de aço inoxidável com uma fechadura

de combinação. Kruz era uma das poucas pessoas em Viena que sabia para onde a passagem conduzia e quem tinha vivido na casa do outro lado.

O velho estava sentado numa pequena mesa, uma bebida à sua frente. Kruz percebeu que ele estava inquieto, porque estava a girar o copo, duas voltas para a direita, duas para a esquerda. Direita, direita, esquerda, esquerda. Um estranho hábito, pensou Kruz. Ameaçador como o diabo. Calculou que o velho o tivesse apanhado numa vida anterior, noutro mundo. Uma imagem formou-se na mente de Kruz: um comissário russo acorrentado a uma mesa de interrogatório, o velho sentado do outro lado, vestido de preto dos pés à cabeça, girando a sua bebida e olhando para a sua presa com aqueles olhos azuis insondáveis. Kruz sentiu o seu coração dar um solavanco. Os pobres coitados estavam provavelmente cagados de medo mesmo antes de as coisas se tornarem duras.

O velho levantou o olhar, o girar do copo parou. O seu olhar calmo fixou a camisa de Kruz. Kruz olhou para baixo e viu que tinha os botões desalinhados. Tinha-se vestido no escuro para não acordar a mulher. O velho apontou para uma cadeira vazia. Kruz arranjou a camisa e sentou-se. O girar do copo recomeçou, duas voltas para a direita, duas para a esquerda. Direita, direita, esquerda, esquerda.

Falou sem saudar ou sem introdução. Era como se estivessem a continuar uma conversa interrompida por alguém que bate à porta.

— Durante as passadas setenta e duas horas — disse o velho foram planejados dois atentados contra a vida do israelense, o primeiro em Roma, o segundo na Argentina. Infelizmente o israelense sobreviveu a ambos. Em Roma, foi aparentemente salvo pela intervenção de um colega dos serviços secretos israelenses. Na Argentina, as coisas foram mais complicadas. Há provas que sugerem o envolvimento dos americanos.

Kruz, naturalmente, tinha perguntas. Em circunstâncias normais teria segurado a língua e esperado que o velho terminasse. Agora, trinta minutos depois de ter sido retirado da cama, não mostrou nenhuma da sua normal paciência.

— O que estava o israelense a fazer na Argentina?

O rosto do velho pareceu gelar, e a sua mão ficou imóvel. Kruz tinha transposto a linha, a linha que separava o que ele sabia do passado do velho daquilo que jamais saberia. Sentiu o peito encolher debaixo da pressão do olhar fixo. Não era todos os dias que se conseguia enfurecer um homem capaz de orquestrar, em setenta e duas horas e em continentes diferentes, duas tentativas de homicídio.

— Não é necessário que saibas por que razão o israelense esteve na Argentina, ou mesmo que lá tenha estado. O que precisas de saber é que este assunto deu uma reviravolta perigosa.

O girar do copo voltou.

— Como já acreditavas, os americanos sabem tudo. A minha verdadeira identidade, o que eu fiz durante a guerra. Não havia maneira de o esconder. Éramos aliados. Trabalhamos juntos na grande cruzada contra os comunistas. No passado, sempre contei com a sua discrição, não por algum sentido de lealdade para comigo, mas por simples medo de embaraço. Eu não tenho ilusões, Manfred. Sou como uma prostituta para eles. Viraram-se para mim quando estavam sozinhos e necessitados, mas agora que a guerra-fria acabou, sou como uma mulher que eles preferiam esquecer. E se agora estão de alguma forma a cooperar com os israelenses... — deixou a frase por terminar. — Estás a ver o que quero dizer, Manfred?

Kruz acenou.

— Presumo que saibam sobre Peter?

— Eles sabem tudo. Eles têm o poder de me destruir, e ao meu filho, mas apenas se estiverem dispostos a suportar a dor de uma ferida auto-infligida. Eu costumava estar seguro de que eles nunca se virariam contra mim. Agora, já não tenho certeza.

— O que queres que eu faça?

— Mantém sob vigilância constante as embaixadas israelense e americana. Designa vigilância física a todo o pessoal dos serviços secretos. Controla os aeroportos e estações de trem. Contata, também, os teus informadores nos jornais. Eles podem recorrer à imprensa. Não quero ser apanhado desprevenido.

Kruz olhou para a mesa e viu o seu próprio reflexo na superfície polida.

— E quando o ministro me perguntar por que dedico tantos recursos aos americanos e aos israelenses? O que digo?

— Preciso lembrar o que está em jogo, Manfred? O que dirá ao ministro é problema seu. Apenas faça o que digo. Não vou deixar Peter perder estas eleições. Entendeu?

Kruz olhou para os impiedosos olhos azuis e viu mais uma vez o homem vestido de preto dos pés à cabeça. Fechou os olhos e concordou com um movimento de cabeça.

O velho levou o copo aos lábios e, antes de beber, sorriu. Era tão agradável como uma súbita racha numa placa de vidro. Alcançou o bolso de peito do casaco, exibiu um pedaço de papel, e lançou-o sobre o tampo da mesa. Kruz olhou para ele enquanto deslizava, em seguida levantou o olhar.

— O que é isto?

— É um número de telefone. Kruz não tocou no papel.

— Um número de telefone?

— Nunca se sabe o que pode resultar de uma situação destas. Poderá ser necessário recorrer à violência. É possível que eu possa não

estar em condições de ordenar tais medidas. Nesse caso, Manfred, a responsabilidade cai sobre ti.

Kruz pegou no pedaço de papel e levantou-o entre os seus dois dedos indicadores.

— Se ligar para este número, quem vai atender?

O velho sorriu.

— A violência.

31

ZURIQUE

HERR CHRISTIAN ZIGERLI, coordenador de eventos especiais do Dolder Grand Hotel, era como o próprio hotel: digno e pomposo, resoluto e discreto, um homem que apreciava o seu lugar de destaque na vida porque lhe permitia olhar para os outros de cima. Era também um homem que não gostava de surpresas. Normalmente, exigia setenta e duas horas de aviso prévio para reservas especiais e conferências, mas quando a Heller Enterprises e a Systech Wireless manifestaram vontade de conduzir as negociações finais da fusão no Dolder, Herr Zigerli concordou abdicar das setenta e duas horas de previsão em troca de uma sobretaxa de quinze por cento. Ele podia ser atencioso quando queria, mas ser atencioso, como todo o resto no Dolder, tinha um preço exorbitante.

A Heller Enterprises era a licitante por isso cabia-lhe tratar das reservas: não o próprio velho Rudolf Heller, claro, mas uma vistosa assistente pessoal italiana de nome Elena. Herr Zigerli tinha tendência a formar uma ideia sobre as pessoas rapidamente. Ele dizia que qualquer outro hoteleiro que fosse bom faria o mesmo. Não gostava de italianos de uma maneira geral, e a agressiva e exigente Elena rapidamente ganhou um lugar de destaque na sua lista de clientes pouco considerados. Ela falava alto ao telefone, um crime capital segundo ele, e parecia acreditar que só por gastar grandes quantidades de dinheiro do seu patrão tinha direito a privilégios especiais. Ela parecia conhecer bem o hotel. Fato estranho, já que Herr Zigerli tinha memória de elefante e não se lembrava dela como hóspede no Dolder. As suas exigências eram minuciosamente específicas. Queria quatro suítes contíguas perto do terraço com vista para o campo de golfe e para o lago. Quando Zigerli a informou que não seria possível — duas

mais duas, ou três mais uma, mas não quatro seguidas — perguntou se os hóspedes podiam ser recolocados para a acomodar. Lamento, disse o hoteleiro, mas o Dolder Grand não tem o hábito de transformar hóspedes em refugiados. Ela decidiu optar por três suítes contíguas a uma quarta mais ao fundo do corredor.

— As delegações vão chegar às duas da tarde de amanhã — disse ela. — E gostariam de um almoço de trabalho leve.

Seguiram-se mais dez minutos de discussão sobre o que constituía um "almoço de trabalho leve".

Quando o menu ficou completo, Elena atirou mais uma exigência. Ela chegaria quatro horas antes das delegações, acompanhada pelo chefe de segurança da Heller, para inspecionar os quartos. Assim que as inspeções estivessem terminadas, não seria permitida a entrada de pessoal do hotel, exceto se acompanhados pela segurança da Heller. Herr Zigerli suspirou profundamente e concordou, em seguida desligou o telefone e, com a porta do seu gabinete fechada e trancada, fez uma série de exercícios de respiração para acalmar os nervos.

A manhã das negociações amanheceu cinza e fria. Os torreões majestosos do Dolder furavam o cobertor de neveiro gelado, e o asfalto perfeito da entrada brilhava como granito preto polido. Herr Zigerli estava de guarda no lobby, mesmo por trás das reluzentes portas de vidro, pés à largura dos ombros, mãos de lado, preparado para a batalha. Ela vai atrasar-se, pensou. Atrasam-se sempre. Ela vai precisar de mais suítes. Ela vai querer mudar o menu. Ela vai ser perfeitamente horrível.

Um Mercedes sedã preto deslizou até a entrada e parou à porta. Herr Zigerli olhou discretamente para o relógio de pulso. Precisamente dez horas. Impressionante. O pacote abriu a porta traseira e uma lustrosa bota preta emergiu — Bruno Magli, reparou Zigerli — seguido por um torneado joelho e coxa. Herr Zigerli balançou para a frente nas pontas dos pés e alisou o cabelo sobre a zona careca. Já tinha visto muitas belas mulheres pairando pela famosa entrada do Dolder Grand, mesmo assim, poucas a tinham passado com mais graça e estilo que a encantadora Elena da Heller Enterprises. Ela tinha o cabelo acastanhado, preso por um gancho na nuca, e pele da cor do mel. Os seus olhos castanhos salpicados de dourado pareciam ter ganho ainda mais brilho quando lhe apertou a mão. A sua voz, tão alta e exigente pelo telefone, era agora suave e arrebatadora, assim como o seu sotaque italiano. Ela largou-lhe a mão e voltou-se para o acompanhante pouco sorridente.

— Herr Zigerli, este é o Oskar. O Oskar é segurança.

Aparentemente, o Oskar não tinha apelido. Nem precisava, pensou Zigerli. Ele tinha a constituição de um lutador de wrestling,

com cabelo ruivo claro e sardas vagas espalhadas pelas largas bochechas. Herr Zigerli, um observador treinado da condição humana, viu qualquer coisa de familiar em Oskar. Um colega de tribo, por assim dizer. Ele conseguia imaginá-lo há dois séculos atrás, nas roupas de um lenhador, caminhando pesadamente por um trilho pela Floresta Negra. Como todos os bons seguranças, Oskar deixou os olhos falarem por si, e os seus olhos disseram a Herr Zigerli que ele estava ansioso por começar o trabalho.

— Eu levo-os aos seus quartos — disse o hoteleiro. — Por favor sigam-me. Herr Zigerli decidiu levá-los pela escada em vez do elevador. Era um dos mais finos atributos do Dolder, e Oskar, o lenhador, não parecia ser do tipo que prefere esperar pelos elevadores quando há um lança de escadas para subir. Os quartos eram no quarto piso. No patamar, Oskar estendeu a mão para receber os cartões eletrônicos.

— A partir daqui é conosco se não se importa. Não é necessário mostrar-nos o interior dos quartos. Já todos estivemos em hotéis antes.

Uma piscadela cúmplice, uma palmadinha no ombro.

— Indique-nos apenas para onde é. Ficamos bem.

De fato, ficarão, pensou Zigerli. Oskar era um homem que inspirava confiança a outros homens. Mulheres também, Zigerli suspeitou. Ponderou se a deliciosa Elena — ele já começava a pensar nela como a sua Elena — seria uma das conquistas de Oskar. Colocou os cartões eletrônicos na palma da mão de Oskar e indicou-lhes o caminho.

Herr Zigerli era um homem de muitas máximas : "Um cliente sossegado é um cliente satisfeito" estava entre as suas preferidas. E a partir daí interpretou o subsequente silêncio no quarto piso como prova que Elena e o seu amigo Oskar estavam satisfeitos com as acomodações. Isto, por sua vez, satisfazia Herr Zigerli. Ele agora gostava de fazer Elena feliz. Conforme foi continuando pelo resto da manhã, ela estava-lhe na cabeça, como o traço de essência que se lhe tinha colado à mão.

Ele encontrou-se ansioso por algum problema, alguma queixa disparatada que requeresse contato com ela. Mas não houve nada, apenas o silêncio da perfeição. Ela tinha o Oskar agora. Ela não tinha necessidade do coordenador de eventos especiais do melhor hotel da Europa. Herr Zigerli, uma vez mais, tinha feito o seu trabalho bem demais.

Não ouviu nada deles, nem os viu, até as duas da tarde quando se reuniram na recepção e formaram uma improvável comissão de boas-vindas para as delegações que chegavam. Havia agora neve a cair no pátio frontal. Zigerli acreditava que o mau tempo apenas realçava

o encanto do hotel: um abrigo da tempestade, como a própria Suíça.

A primeira limusina parou na entrada e largou dois passageiros. Um era o próprio Herr Rudolf Heller, um homem baixo e velho, vestindo um dispendioso terno preto e gravata prateada. Os seus óculos ligeiramente fumados sugeriam um problema na visão; o seu passo rápido e impaciente deixava a impressão de que, apesar da idade avançada, ele era um homem capaz de cuidar de si próprio. Herr Zigerli deu-lhe as boas-vindas ao Dolder e apertou-lhe a mão. Parecia feita de pedra. Estava acompanhado pelo carrancudo Herr Keppelmann. Vinte e cinco anos mais novo que Heller, cabelo curto, grisalho nas têmporas, olhos muito verdes. Herr Zigerli já tinha visto uma boa quantidade de guarda-costas no Dolder, e Herr Keppelmann parecia encaixar no perfil. Calmo, mas vigilante, silencioso como um rato de sacristia, seguro no passo e forte. Os olhos cor de esmeralda eram serenos, mas em constante movimento. Herr Zigerli olhou para Elena e reparou que o seu olhar estava fixado em Herr Keppelmann. Talvez ele se tivesse enganado sobre Oskar. Talvez o taciturno Keppelmann fosse o homem mais sortudo do mundo.

Os americanos chegaram a seguir: Brad Cantwell e Shelby Somerset, o CEO e COO da System Communications, Inc., de Reston, Virgínia. Notava-se sofisticação que Zigerli não costumava ver em americanos. Não eram exageradamente amigáveis, nem estavam a bramar para os celulares quando entraram na recepção.

Cantwell falou alemão assim como Herr Zigerli e evitou cruzar o olhar. Somerset era o mais afável dos dois. O seu tom aristocrático, o blazer azul bastante viajado e a gravata às riscas ligeiramente amarrotada identificavam-no como um yuppie Oriental.

Herr Zigerli fez alguns comentários de boas-vindas, e depois recuou calmamente para segundo plano. Era algo que ele fazia excepcionalmente bem. Enquanto Elena conduzia o grupo em direção à escadaria, ele deslizou para seu gabinete e fechou a porta. Um impressionante grupo de homens, pensou. Ele esperava que grandes coisas saíssem deste empreendimento. O seu papel no assunto, embora menor, foi executado com precisão e competência serena. Nos dias de hoje, tais atributos tinham pouco valor, mas eram a moeda do reino miniatura de Herr Zigerli. Ele suspeitava que os homens da Heller Enterprises e System Communications provavelmente sentiam o mesmo.

NO CENTRO DE ZURIQUE, numa rua calma perto do local onde as águas verdes do Rio Limmat desaguam no lago, Konrad Becker estava a encerrar o seu banco privado por aquele dia quando o telefone na sua mesa tocou com suavidade. Tecnicamente, ainda

faltavam cinco minutos para a hora de fecho, mas estava tentando a deixar o gravador atender. Backer sabia por experiência que só clientes problemáticos telefonavam tão tarde, e o seu dia já tinha sido difícil o suficiente. Em vez disso, como um bom banqueiro suíço, alcançou o receptor e levou-o à orelha sem pensar.

— Becker and Puhl.

— Konrad, é Shelby Somerset. Como é que estás?

Becker engoliu em seco. Somerset era o nome do americano da CIA: pelo menos, Somerset era como ele dizia que se chamava. Becker duvidava seriamente que fosse o seu nome verdadeiro.

— O que posso fazer por si, senhor Somerset?

— Como entrada podes deixar-te de formalismos, Konrad.

— E como prato principal?

— Podes descer a escada, ir até a Talstrasse e entrar no Mercedes que está lá à tua espera.

— E porque quereria eu fazer isso?

— Eu preciso de te ver.

— Onde é que o Mercedes me vai levar?

— A um sítio agradável, garanto-te.

— E como devo ir vestido?

— Traje executivo serve perfeitamente. E, Konrad?

— Sim, senhor Somerset?

— Não penses em armar-te em difícil. Isto é a sério. Desce a escada. Entra no carro. Estamos de olho em ti. Estamos sempre de olho em ti.

— Que reconfortante, senhor Somerset — disse o banqueiro, mas a ligação já tinha sido cortada.

VINTE MINUTOS MAIS TARDE, Herr Zigerli estava na recepção quando reparou num dos americanos, Shelby Somerset, a caminhar ansioso na parte de fora da entrada. Um momento mais tarde, um Mercedes prateado parou e uma pequena figura careca saiu do banco de trás. Mocassins indianos polidos, uma pasta à prova de choque. Um banqueiro, pensou Zigerli. Apostava o seu ordenado nisso. Somerset fez ao recém-chegado um sorriso amigável e deu uma palmada firme no ombro. O pequeno homem, apesar da calorosa recepção, parecia no entanto estar a caminhar para a sua própria execução. Mesmo assim, Herr Zigerli achou que as conversações estavam a correr bem. O homem do dinheiro tinha chegado.

— BOA TARDE, HERR BECKER. É um prazer vê-lo. Eu sou Heller. Rudolf Heller. Este é o meu sócio, senhor Keppelmann. Aquele

homem ali é o nosso parceiro americano, Brad Cantwell. É obvio que você e o senhor Somerset já se conhecem. O banqueiro piscou os olhos várias vezes e depois fixou o seu pequeno olhar astuto em Shamron, como se estivesse a tentar calcular o seu valor líquido. Segurou a pasta sobre os genitais, em antecipação de um ataque iminente.

— Os meus associados e eu estamos prestes a embarcar numa joint-venture. O problema é que não conseguimos fazê-lo sem a sua ajuda. É isso que fazem os banqueiros, não é, Herr Becker? Ajudam a lançar grandes empreendimentos? Ajudam as pessoas a realizar os seus sonhos e o seu potencial?

— Depende do empreendimento, Herr Heller.

— Estou a ver — disse Shamron, sorrindo. — Por exemplo, há muitos anos atrás, um grupo de homens foi ver você. Alemães e austríacos. Queriam lançar um grande empreendimento também. Confiaram-lhe uma grande soma de dinheiro e deram-lhe o poder de transformar numa soma ainda maior. Você se saiu extraordinariamente bem. Transformou-a numa montanha de dinheiro. Presumo que se lembre desses cavalheiros? Presumo que também saiba onde conseguiram o dinheiro?

O olhar do banqueiro suíço endureceu. Tinha concluído o cálculo sobre o valor líquido de Shamron.

— É israelense, não é?

— Prefiro pensar em mim mesmo como um cidadão do mundo — respondeu Shamron. — Moro em muitos lugares, falo a língua de muitas terras. A minha lealdade, como os meus interesses financeiros, não tem fronteiras nacionais. Como suíço tenho certeza que consegue entender o meu ponto de vista.

— Eu entendo — disse Becker — mas não acredito numa palavra do que diz.

— E se eu fosse de Israel? — perguntou Shamron. — Isso teria algum impacto na sua decisão?

— Teria.

— Como?

— Não me interessam os israelenses — disse Becker prontamente. — E os judeus também.

— Lamento ouvir isso, Herr Becker, mas um homem tem direito a sua opinião, e não vou discutir isso. Nunca deixo politicagem meter-se no caminho dos negócios. Preciso de ajuda para o meu empreendimento, e você é a única pessoa que pode me ajudar.

Becker elevou o sobrolho zombeteiramente.

— Qual é exatamente a natureza deste empreendimento, Herr Heller?

— É bem simples, na verdade. Quero que me ajude a sequestrar um de seus clientes.

— Parece-me, Herr Heller, que esse empreendimento seria uma violação das leis de segredo bancário e de várias outras leis deste país.

— Então suponho que teremos de manter seu envolvimento em segredo.

— E se eu me recusar a cooperar?

— Então serei obrigado a contar ao mundo que você é o banqueiro dos assassinos, que está sentado em dois bilhões e meio de dólares de pilhagens do Holocausto. Soltaremos os cães de caça do Congresso Judaico Mundial sobre você. Quando terminarem, você e o seu banco estarão em farrapos.

O banqueiro suíço lançou um olhar de súplica a Shelby Somerset.

— Nós tínhamos um acordo.

— Ainda temos — balbuciou o sedento americano —, mas os contornos do acordo mudaram. Seu cliente é um homem muito perigoso. Passos precisam de ser dados para neutralizá-lo. Precisamos de você, Konrad. Ajude-nos a resolver um problema. Vamos fazer o bem juntos.

O banqueiro trauteou com os dedos na pasta.

— Tem razão. Ele é um homem perigoso, e se eu ajudo a sequestrá-lo, é melhor começar a abrir a minha própria sepultura.

— Estaremos lá, Konrad. Vamos protegê-lo.

— E se os contornos do acordo mudarem novamente? Quem vai me proteger então?

Shamron intercedeu.

— Receberia cem milhões de dólares com a dispersão final da conta. Agora não haverá dispersão final da conta porque vai me entregar o dinheiro todo. Se colaborar, deixo-o ficar com metade do montante a receber. Presumo que consiga fazer a conta, Herr Becker?

— Consigo.

— Cinquenta milhões de dólares é mais do que merece, mas estou disposto a deixá-lo ficar com esse montante para ganhar a sua cooperação neste assunto. Um homem consegue comprar muita segurança com cinquenta milhões.

— Quero isso por escrito, um termo de garantia.

Shamron abanou a cabeça com desdém, como se dissesse que havia algumas coisas, e devia saber melhor que qualquer um, meu querido companheiro, que não se põe por escrito.

— O que precisa de mim? — perguntou Becker.

— Vai nos ajudar a entrar na casa dele.

— Como?

— Vai precisar vê-lo com urgência sobre um assunto qualquer da conta. Talvez alguns papéis que precisem ser assinados, alguns detalhes finais da preparação para a liquidação e dispersão dos bens.

— E assim que estiver dentro da casa?
— O seu trabalho termina. O seu novo assistente trata do resto a partir daí.
— Meu novo assistente?
Shamron olhou para Gabriel.
— Talvez seja hora de apresentar Herr Becker a seu novo parceiro.

ELE ERA UM HOMEM de muitos nomes e muitas personalidades. Herr Zigerli conhecia-o como Oskar, o chefe de segurança da Heller. O senhorio da sua morada em Paris conhecia-o como Vincent Laffont, um escritor freelancer viajante de descendência britânica que passava a maior parte do seu tempo de mala às costas. Em Londres, era conhecido como Clyde Bridges, diretor de marketing europeu de uma obscura firma de software canadiana. Em Madrid, ele era um alemão rico de alma inquieta, que preguiçava horas em cafés e bares, e viajava para aliviar o aborrecimento.

O seu nome verdadeiro era Uzi Navot. No léxico hebraico dos serviços secretos israelenses, Navot era um katsa, um operacional de campo secreto e oficial de casos.

O seu território era a Europa Ocidental. Detentor de um charme malandro, poliglota e de uma arrogância fatalista, Navot tinha penetrado células de terrorismo palestino e recrutado agentes em embaixadas árabes espalhadas pelo continente. Possuía contatos em quase todos os serviços secretos e de segurança da Europa e orientava uma vasta rede de sayanim, auxiliares voluntários recrutados em comunidades judaicas locais. Podia sempre contar com a melhor mesa na sala de grelhados do Ritz de Paris porque o maître d'hôtel era um informante pago, assim como o chefe dos serviços de limpeza.

— Konrad Becker, apresento-lhe Oskar Lange.

O banqueiro permaneceu sentado e imóvel por um longo momento, como se tivesse sido subitamente transformado em estátua. Então os seus pequenos olhos espertos pousaram em Shamron, e levantou as mãos num gesto inquisitório.

— O que devo fazer eu com ele.
— Diga-nos você. Ele é muito bom, o nosso Oskar.
— Consegue fazer-se passar por advogado?
— com a devida preparação, ele conseguia fazer-se passar pela sua mãe.
— Quanto tempo tem de durar esta charada?
— Cinco minutos, talvez menos.
— Quando se está com Ludwig Vogel, cinco minutos podem parecer uma eternidade.

- Foi o que ouvi dizer — disse Shamron.
- E o Klaus?
- Klaus?
- O guarda-costas de Vogel.

Shamron sorriu. A resistência tinha terminado. O banqueiro suíço juntara-se à equipe e jurara fidelidade à bandeira de Herr Heller e o seu nobre empreendimento.

— Ele é muito profissional — disse Becker. — Já estive na casa meia dúzia de vezes, mas ele revista-me sempre minuciosamente e pede-me para abrir a pasta. Portanto, se está a pensar levar uma arma para dentro da casa...

Shamron interrompeu-o.

- Não tencionamos levar armas para dentro da casa.
- Klaus está sempre armado.
- Tem a certeza?
- Uma Glock, penso eu. — O banqueiro deu uma palmadinha no lado esquerdo do seu peito. — Usa-a aqui. Não faz muito esforço em escondê-la.

— Um pormenor encantador, Herr Becker.

O banqueiro aceitou o elogio com uma inclinação da cabeça.

— Pormenores são a minha vida, Herr Heller.

— Perdoe a minha insolência, Herr Heller, mas como é que se rapta alguém que está protegido por um guarda-costas, se o guarda-costas está armado e o raptor não?

— Herr Vogel vai abandonar a casa voluntariamente.

— Um rapto voluntário? — o tom de Becker era incrédulo. — Que peculiar. E como é que se convence um homem a deixar-se raptar voluntariamente ?

Shamron cruzou os braços.

— Preocupe-se em levar o Oskar para dentro da casa e deixe o resto connosco.

32

MUNIQUE

NO BONITO PEQUENO bairro de Lehel em Munique havia um velho apartamento, com um portão para a rua e um bem arranjado

pátio na entrada principal. O elevador era instável e indeciso, e eram mais as vezes que subiam a escada em caracol até o terceiro andar. O mobiliário tinha o anonimato de um quarto de hotel. Havia duas camas no quarto, e o sofá da sala de estar era um davenport. Na arrecadação havia quatro camas extras de abrir. A despensa estava cheia de produtos não deterioráveis e os armários continham louça e talheres para oito. As janelas da sala de estar tinham vista para a rua, mas os estores mantinham-se fechados o tempo todo, para que dentro do apartamento parecesse sempre fim de dia. Os telefones não tinham campainha. Em vez disso, estavam equipados com luzes vermelhas que piscavam para indicar que estava a tocar.

As paredes da sala de estar estavam forradas de mapas: centro de Viena, Viena metropolitana, Áustria oriental, Polônia. Na parede oposta às janelas estava pendurado um enorme mapa da Europa Central, que mostrava toda a rota de fuga, esticando-se de Viena até a costa do Báltico. Shamron e Gabriel discutiram a cor antes de decidirem pelo vermelho. À distância parecia um rio de sangue, como Shamron desejara, o rio de sangue que fluía pelas mãos de Erich Radek. Só falavam em alemão no apartamento. Shamron tinha-o decretado. Radek era referido como Radek e apenas Radek; Shamron não iria chamá-lo pelo nome que ele comprara aos americanos. Shamron decretou outras regras também. Era a operação de Gabriel, e consequentemente era um espetáculo dirigido por Gabriel. Era Gabriel, com o sotaque berlinense da sua mãe, que orientava as equipes, Gabriel que revia os relatórios de Viena, e Gabriel quem tomava todas as decisões operacionais finais.

Durante os primeiros dias, Shamron esforçou-se para se encaixar no seu papel de apoio, mas à medida que a sua confiança em Gabriel ia crescendo, descobriu ser mais fácil retirar-se para segundo plano. Ainda assim, cada agente que passava pelo apartamento seguro reparava na nuvem negra que pairava sobre ele. Parecia não dormir nunca. Ele permanecia de pé perante os mapas todo o tempo, ou sentava-se na mesa da cozinha no escuro, fumando como uma chaminé: como um homem que luta contra uma consciência pesada.

— Ele é como um doente terminal que planeia o seu próprio funeral —, assinalou Oded, um veterano agente de língua alemã que Gabriel tinha escolhido para conduzir o carro de fuga. — E se correr mal, eles gravarão isso na sua lápide, mesmo por baixo da Estrela de David.

Sob condições perfeitas, tal operação envolveria semanas de preparação. Gabriel tinha apenas dias. A operação Ira de Deus tinha-o preparado bem. Os terroristas do Setembro Negro estavam constantemente em movimento, aparecendo e desaparecendo com uma frequência de fazer enlouquecer. Quando alguém era localizado e

identificado, a equipe de choque entrava em ação à velocidade da luz. Equipes de vigilância eram preparadas, veículos e apartamentos seguros eram alugados, rotas de fuga eram planejadas. O reservatório de experiência era muito útil a Gabriel em Munique. Poucos agentes secretos sabiam mais sobre planejamento rápido e ataques súbitos do que ele e Shamron.

Ao fim do dia, viam as notícias na televisão alemã. As eleições na vizinha Áustria captavam a atenção dos espectadores alemães. Metzler estava na frente. As multidões nos comícios de campanha, como a sua liderança nas sondagens, cresciam de dia para dia. A Áustria, assim parecia, estava prestes a fazer o impensável, eleger um chanceler da extrema-direita. Dentro do apartamento seguro, Gabriel e a sua equipe descobriram-se na bizarra posição de torcer pela subida de Meztler nas sondagens, pois sem Metzler, a porta para Radek estava fechada.

Invariavelmente, pouco depois das notícias, Lev revia a operação a partir de King Saul Boulevard e sujeitava Gabriel a uma fastidiosa examinação cruzada dos eventos do dia. Era a única vez que Shamron se sentia aliviado por não carregar o fardo do comando operacional. Gabriel dava voltas ao apartamento com o telefone colado à orelha, respondendo pacientemente às questões de Lev. E por vezes, se a luz estivesse correta, Shamron via a mãe de Gabriel, caminhando ao lado dele. Ela era o único membro da equipe que nunca ninguém mencionou.

UMA VEZ POR DIA, normalmente ao fim da tarde, Gabriel e Shamron escapavam do apartamento seguro para passear nos Jardins Ingleses. A sombra de Eichmann pairava sobre eles. Gabriel reconheceu que ele estivera lá desde o início. Ele tinha ido a Viena naquela noite em que Max Klein contara a Gabriel a história do oficial SS que assassinara uma dúzia de prisioneiros em Birkenau e agora saboreava café todas as tardes no Café Central. Mesmo assim, Shamron tinha diligentemente evitado falar no seu nome, até agora.

Gabriel já tinha ouvido a história da captura de Eichmann muitas vezes. De fato, Shamron tinha-a contado em Setembro de 1972 para espicaçar Gabriel a juntar-se ao grupo da Ira de Deus. A versão que Shamron lhe contou durante esses passeios ao longo dos trilhos de árvores dos Jardins Ingleses era mais detalhada que qualquer outra que Gabriel tivesse escutado antes. Gabriel sabia que isto não era apenas divagação de um velho tentando reviver glórias passadas. Os editores podiam esperar sentados pelas suas memórias, Shamron não era de apregoar o seu próprio sucesso. Gabriel sabia que Shamron lhe estava a contar a história de Eichmann por uma razão. Eu já fiz a

viagem que estás prestes a fazer, dizia Shamron. Noutro tempo, noutro local, na companhia de outro homem, mas há coisas que deves saber. Gabriel, por vezes, não conseguia afastar a sensação de estar a caminhar com a História.

— A parte mais difícil foi esperar pelo avião de fuga.

Estávamos presos na casa segura com aquela ratazana humana. Alguns elementos da equipe não suportavam olhar para ele. Eu tinha de me sentar no seu quarto noite após noite e vigiá-lo. Ele estava acorrentado à cama de ferro vestido com um pijama e tinha óculos opacos a tapar os olhos. Estávamos estritamente proibidos de conversar com ele. Apenas o interrogador estava autorizado a falar com ele. Eu não consegui obedecer a essas ordens. Sabes, eu precisava de saber. Como é que este homem, que se enjoava ao ver sangue, matou seis milhões do meu povo? A minha mãe e o meu pai? As minhas duas irmãs? Perguntei-lhe porque o tinha feito? Ele disse-me que o tinha feito porque era o seu trabalho, o seu trabalho, Gabriel, como se ele não fosse mais que um empregado bancário ou um maquinista de trem.

E mais tarde, encostados aos balaústres de uma velha ponte sobre um ribeiro:

— Só o quis matar uma vez, Gabriel, quando ele me tentou dizer que não odiava o povo judeu, que na verdade gostava e admirava o povo judeu. Para me mostrar o quanto ele gostava de judeus, começou a recitar as nossas palavras: Shema, Yisrael, Adonai Eloheinu, Adonai Echad! Eu não conseguia ouvir aquelas palavras vindas daquela boca, a boca que tinha dado ordens para assassinar seis milhões. Cravei-lhe a mão sobre a cara até que ele se calasse. Ele começou a abanar e a ter convulsões. Pensei que lhe tinha causado um ataque de coração. Ele perguntou-me se eu o ia matar. Ele suplicou-me que não fizesse mal ao seu filho. Este homem que tinha arrancado os filhos dos braços dos pais e os tinha lançado ao fogo estava preocupado com o seu próprio filho, como se nós fôssemos agir como ele, como se nós fôssemos assassinar crianças.

E numa gasta mesa de madeira, numa esplanada deserta:

— Nós queríamos que ele concordasse em voltar connosco para Israel voluntariamente. Ele, claro, não queria ir. Ele queria ser julgado na Argentina ou na Alemanha. Eu disse-lhe que isso não era possível. De uma maneira ou de outra, ele ia ser julgado em Israel. Eu arrisquei a minha carreira permitindo que ele tivesse um pouco de vinho tinto e um cigarro. Eu não bebi com o assassino. Eu não podia. Assegurei-lhe que lhe seria dada a oportunidade de contar a sua versão da história, que lhe seria oferecido um julgamento apropriado com uma defesa adequada. Ele não tinha ilusões sobre o resultado, mas a noção de se poder explicar ao mundo era-lhe de alguma forma apelativa. Também apontei o fato de que ele teria a dignidade de saber que estava prestes

a morrer, algo que ele negou aos milhões que marcharam para as salas de despir e para as câmaras de gás enquanto Max Klein lhes tocava serenatas. Ele assinou o papel, datou-o como um bom burocrata alemão, e estava feito.

Gabriel escutou atentamente com a gola do casaco elevada para proteger as orelhas e as mãos enfiadas nos bolsos. Shamron mudou o foco de Adolf Eichmann para Erich Radek.

— Tu tens uma vantagem porque já estiveste cara-a-cara com ele uma vez, no Café Central. Eu apenas viro Eichmann ao longe, enquanto vigiávamos a sua casa e planeávamos o rapto, mas nunca falara com ele ou mesmo estivera perto dele. Eu sabia exatamente a sua altura, mas não conseguia imaginar.

Eu tinha ideia de como a sua voz soaria, mas não é a mesma coisa. Tu conheces Radek, mas infelizmente ele também sabe muito sobre ti, também, graças a Manfred Kruz. Ele vai querer saber mais. Ele vai sentir-se exposto e vulnerável. Ele vai tentar equilibrar o jogo fazendo-te perguntas. Ele vai querer saber porque o estás a perseguir. Sob nenhuma circunstância deves envolver-te como numa conversa normal. Lembra-te, Erich Radek não era um guarda de campo ou um operador de câmara de gás. Ele era um SD, um interrogador hábil. Ele vai tentar fazer uso dessas habilidades uma última vez para evitar o seu destino. Não te deixes cair nas suas mãos. És o responsável agora. Ele vai tentar contradizer-te e abalar as tuas convicções.

Gabriel olhou para baixo, como se estivesse a ler as palavras gravadas na mesa.

— Então porque merecem Eichmann e Radek as armadilhas da justiça — disse ele finalmente — e os palestinos do Setembro Negro apenas a vingança?

— Terias dado um excelente estudante Talmud, Gabriel.

— E tu estás a fugir à minha pergunta.

— Obviamente, que houve uma medida de pura vingança na nossa decisão contra os terroristas do Setembro Negro, mas foi mais do que isso. Eles constituem uma ameaça contínua. Se não os matássemos seriam eles a matar-nos. Era guerra.

— Porque não prendê-los, levá-los a julgamento?

— Para que pudessem declamar a sua propaganda a partir de um tribunal israelense?

— Shamron abanou a cabeça lentamente. — Eles já fizeram isso — levantou a mão e apontou para a torre que se ergue no Parque Olímpico — aqui mesmo nesta cidade, em frente às câmaras de todo o mundo. Não nos competia a nós dar-lhes outra oportunidade de justificarem o massacre de inocentes.

Baixou a mão e inclinou-se sobre a mesa. Foi nessa altura que contou a Gabriel os desejos do primeiro-ministro. Enquanto

conversava, a sua respiração gelava perante ele.

— Eu não quero matar um velho — disse Gabriel.

— Ele não é um velho. Ele usa as roupas de um velho e esconde-se por trás do rosto de um velho, mas ele ainda é Erich Radek, o monstro que matou uma dúzia de homens em Auschwitz porque não conseguiram identificar uma peça de Brahms. O monstro que matou duas moças à beira de uma estrada polonesa porque não quiseram negar as atrocidades de Birkenau. O monstro que abriu as campas de milhões e sujeitou os seus cadáveres a uma humilhação final. A velhice não perdoa tais pecados.

Gabriel levantou os olhos e fitou o olhar insistente de Shamron.

— Eu sei que ele é um monstro. Eu só não quero matá-lo. Eu quero que o mundo saiba o que este homem fez.

— Então é melhor preparares-te para a batalha com ele. — Shamron olhou para o seu relógio de pulso. — Mande vir uma pessoa para te ajudar. De fato, deve estar mesmo a chegar.

— Porque só agora estou a saber disso? Pensava que era eu que tomava todas as decisões operacionais.

— E és — disse Shamron. — Mas por vezes eu tenho de mostrar o caminho. É para isso que servem os velhos.

NEM GABRIEL NEM Shamron acreditavam em prenúncios ou presságios. Se acreditassem, a operação que trouxe Moshe Rivlin de Yad Vashem até a casa segura em Munique teria lançado dúvidas sobre a capacidade da equipe para levar a cabo a tarefa que tinham pela frente.

Shamron queria que Rivlin fosse contactado discretamente. Infelizmente, King Saul Boulevard confiou o trabalho a um par de aprendizes acabados de sair da academia, ambos nitidamente de aparência sefardita. Decidiram contactar Rivlin enquanto este caminhava de Yad Vashem para o seu apartamento perto do mercado Yehuda. Rivlin, que tinha sido criado na zona de Bensonhurst no Brooklyn e ainda era vigilante quando caminhava pela rua, rapidamente notou que estava a ser seguido por dois homens de carro. Presumiu que fossem homens-bomba do Hamas ou um par de criminosos de rua. Quando o carro parou ao lado dele e os seus ocupantes pediram para falar, Rivlin desatou a correr como um louco. Para surpresa de todos, o atarracado arquivista provou ser uma presa esquiva e conseguiu escapar aos seus captores durante vários minutos até ser encurralado pelos dois agentes do Escritório na Rua Ben Yehuda.

Ele chegou ao apartamento seguro em Lehel ao fim dessa

tarde, carregando duas malas cheias de material de pesquisa e irritado pela maneira como tinha sido convocado.

— Como esperam raptar um homem como Erich Radek se não conseguem apanhar um arquivista gordo? Vá lá — disse ele, puxando Gabriel para a privacidade do quarto do fundo. — Temos muito terreno para cobrir e pouco tempo para o fazer. No SÉTIMO DIA, Adrian Carter chegou a Munique. Era uma quarta-feira; chegou ao apartamento seguro ao fim da tarde, quando o crepúsculo se tornava escuro. O passaporte no bolso do seu sobretudo ainda dizia Brad Cantwell. Gabriel e Shamron tinham acabado de regressar de um passeio nos Jardins Ingleses e ainda estavam embrulhados em chapéus e cachecóis. Gabriel tinha enviado o resto dos elementos da equipe para as posições de fase final, consequentemente o apartamento seguro estava vazio de pessoal do Escritório. Apenas Rivlin permanecia. Saudou o diretor da CIA com a camisa para fora e os sapatos descalçados e disse que seu nome era Yaacov. O arquivista tinha-se adaptado bem à disciplina da operação.

Gabriel fez o chá. Carter desabotoou o casaco e conduziu-se a si próprio numa preocupada excursão pelo apartamento. Passou bastante tempo em frente aos mapas. Carter acreditava em mapas. Os mapas nunca te mentirão. Os mapas nunca te dirão o que eles acham que tu queres ouvir.

— Gosto do que fizeste com o sitio, Herr Heller. — Carter finalmente despiu o sobretudo. — Miséria neo-contemporânea. E o cheiro. Tenho certeza de que o conheço. Trazido da Wienerwald ao fundo do quarteirão, se não estou em erro. Gabriel entregou-lhe uma caneca de chá com o cordão da saqueia ainda pendente do rebordo.

— Porque estás aqui Adrian?

— Pensei em passar para ver se precisavam de ajuda.

— Tretas.

Carter sentou-se pesadamente no sofá, um vendedor no final de uma longa e improdutiva viagem pela estrada. — Verdade seja dita, estou aqui por ordem do meu diretor. Parece que ele está com um sério ataque de nervosismo. Ele sente que estamos juntos num ramo e vocês estão com a motosserra nas mãos. Ele quer que a Agência seja posta na jogada.

— E isso significa o quê?

— Ele quer saber o plano de jogo.

— Tu sabes o plano de jogo, Adrian. Eu disse-te o plano de jogo em Virginia. Não se alterou.

— Eu sei os esboços do plano — disse Carter. — Agora quero ver o quadro pronto.

— O que estás a dizer é que o teu diretor quer rever o plano e dar a palavra final.

— Algo do gênero. E quando acontecer, ele quer que eu fique na retaguarda com o Ari também.

— E se lhe dissermos para ir para o inferno?

— Eu diria que há cinquenta por cento de hipóteses de alguém sussurrar um aviso na orelha de Erich Radek, e perdem-no. Joga com o diretor, Gabriel. É a única maneira de apanharmos Radek.

— Estamos prontos para agir, Adrian. Agora é a altura para sugestões úteis do sétimo andar.

Shamron sentou-se ao lado de Carter.

— Se o teu diretor tivesse dez gramas de cérebro, ficaria o mais afastado disto que conseguisse.

— Tentei explicar-lhe isso — não nesses termos, claro, mas qualquer coisa perto. Ele não tem nada disso. Ele veio da Wall Street, o nosso diretor. Ele gosta de pensar em si próprio como um indivíduo prático, atacante. Sempre soube o que cada divisão da companhia estava a fazer. Tenta gerir a Agência da mesma maneira. E como sabes, é também amigo do presidente. Se o chateias, ele telefona para a Casa Branca, e acaba-se.

Gabriel olhou para Shamron, que cerrava os dentes e acenava a cabeça. Carter

obteve o seu relatório. Shamron permaneceu sentado por alguns minutos, mas em breve estava de pé a percorrer a sala, como um chefe cujas receitas secretas estão a ser entregues a um concorrente do outro lado da rua. Quando terminou, Carter dispensou um longo tempo enchendo a fornilha do seu cachimbo com tabaco.

— Parece-me que os cavalheiros estão prontos — disse ele. — De que estão à espera? Se fosse vocês, punha-me em ação antes que o meu diretor que tem a palavra final decida que quer fazer parte da equipe de rapto.

Gabriel concordou. Levantou o telefone e ligou para Uzi Navot em Zurique.

33

VIENA * MUNIQUE

KLAUS HALDER BATEU suavemente na porta do estúdio. A

voz do outro lado concedeu-lhe permissão para entrar. Empurrou a porta e viu o velho sentado à média luz, com os olhos fixos na tremeluzente tela de televisão: um comício de Meztler dessa tarde em Graz, estimulando multidões, a conversa já versava a composição do gabinete ministerial de Metzler. O velho desligou a televisão com o comando e virou os seus olhos azuis para o guarda-costas. Halder apontou para o telefone com o olhar. Uma luz verde piscava.

— Quem é?

— Herr Becker, de Zurique.

O velho levantou o receptor.

— Boa noite, Konrad.

— Boa noite, Herr Vogel. Peço desculpa por o incomodar tão tarde, mas o assunto não podia esperar.

— Há alguma coisa errada?

— Não, muito pelo contrário. No seguimento das recentes notícias eleitorais de Viena, decidi apressar o passo dos meus preparativos e proceder como se a vitória de Peter Metzler fosse um dado adquirido.

— Uma decisão acertada, Konrad.

— Calculei que concordasse. Tenho vários documentos que precisam da sua assinatura. Pensei que seria melhor começarmos o processo agora em vez de esperar pelo final.

— Que tipo de documentos?

— O meu advogado estará mais habilitado para os explicar do que eu. Se não se importar, eu gostaria de ir a Viena para uma reunião. Não demorará mais do que alguns minutos.

— Pode ser na sexta-feira?

— Sexta-feira está ótimo, desde que seja ao fim da tarde.

Tenho um compromisso inadiável da parte da manhã.

— Podemos apontar para as quatro da tarde?

— Às cinco seria melhor para mim, Herr Vogel.

— Tudo bem, sexta às cinco.

— Vemo-nos lá.

— Konrad?

— Sim, Herr Vogel.

— Esse advogado — diga-me como se chama, por favor.

— Oskar Lange, Herr Vogel. É um homem muito competente, já fiz uso dos seus serviços em muitas ocasiões anteriores.

— Presumo que seja um tipo que compreende o significado da palavra discrição?

— Discreto, nem sequer dá para começar a descrevê-lo. Está em muito boas mãos.

— Adeus, Konrad.

O velho desligou o telefone e olhou para Halder.

— Vai trazer alguém com ele? Um aceno lento.

— Ele sempre veio sozinho no passado. Porquê trazer um ajudante de repente?

— Herr Becker está prestes a receber cem milhões de dólares, Klaus. Se há um homem no mundo em quem podemos confiar, é o gnomo de Zurique.

O guarda-costas dirigiu-se à porta.

— Klaus?

— Sim, Herr Vogel?

— Talvez tenhas razão. Telefona a alguns dos nossos amigos em Zurique. Descobre se alguém já ouviu falar de um advogado chamado Oskar Lange.

UMA HORA MAIS TARDE, uma gravação do telefonema de Becker foi enviada por transmissão segura dos escritórios da Becker & Puhl em Zurique para o apartamento seguro em Munique. Escutaram-na uma vez, depois outra, e ainda outra. Adrian Carter não gostou do que ouviu.

— Vocês sabem que assim que Radek pousar o telefone, vai fazer uma segunda chamada para Zurique para verificar o Oskar Lange. Espero que tenham pensado nisso.

Shamron parecia desapontado com Carter.

— O que acha, Adrian? Nunca fizemos este tipo de coisa antes? Somos crianças que precisam de orientação?

Enquanto esperava pela resposta, Carter chegou um fósforo ao cachimbo e puxou a fumaça.

— Já ouviu o termo sayan — disse Shamron. — Ou sayanim. Carter acenou com o cachimbo preso entre os dentes.

— Seus pequenos ajudantes voluntários — disse. — O empregado de hotel que consegue quartos sem reserva. As locadoras que conseguem carros indetectáveis. Os médicos que tratam seus agentes quando têm ferimentos que possam suscitar perguntas difíceis. Os banqueiros que dão empréstimos de emergência.

Shamron acenou.

— Somos um pequeno serviço secreto, só mil e duzentos empregados em tempo integral. Não conseguiríamos fazer o que fazemos sem a ajuda de sayanim. Eles são uma das vantagens da diáspora, o meu exército privado de pequenos voluntários.

— E Oskar Lange?

— Ele é um advogado fiscal e imobiliário de Zurique. Por acaso também é judeu. Algo que ele não publicita em Zurique. Há alguns anos levei o Oskar a jantar a um pequeno restaurante no lago e acrescentei-o à minha lista de ajudantes. Na semana passada, pedi-lhe um favor. Eu queria usar o seu passaporte e o seu escritório e queria

que ele desaparecesse por um par de semanas. Quando lhe disse porquê, ele prontificou-se a ajudar com prazer. De fato, ele próprio queria ir a Viena e capturar Radek.

— Espero que ele esteja em lugar seguro.

— Pode-se dizer que sim, Adrian. Ele está de momento num apartamento seguro em Jerusalém.

Shamron inclinou-se em direção ao leitor de fitas, carregou em REWIND, STOP e depois PLAY:

— Pode ser na sexta-feira?

— Sexta-feira está ótimo, desde que seja ao fim da tarde.

Tenho um compromisso inadiável da parte da manhã.

— Podemos apontar para as quatro da tarde?

— Às cinco seria melhor para mim, Herr Vogel. ...

— Tudo bem, sexta às cinco. " STOP.

MOSHE RIVLIN DEIXOU o apartamento seguro na manhã seguinte e regressou a Israel num voo da El Al, com um acompanhante do Escritório sentado ao seu lado. Gabriel ficou até as sete da tarde de quinta-feira, quando uma van Volkswagen com dois pares de esquis montados no teto parou em frente ao apartamento e deu duas buzinas.

Ele guardou a sua Beretta na parte de trás da calça. Carter desejou-lhe boa sorte; Shamron deu-lhe um beijo na cara e mandou-o descer.

Shamron abriu as cortinas e olhou para a rua escura. Gabriel apareceu no passeio e dirigiu-se à janela do condutor. Após um momento de discussão, a porta abriu e Chiara saiu. Circundou a van e foi brevemente iluminada pelos faróis da frente antes de entrar para o lugar do passageiro.

A van afastou-se da borda do passeio. Shamron acompanhou até as luzes vermelhas da traseira desaparecerem numa curva. Não se moveu. A espera. Sempre a espera.

O seu isqueiro acendeu, uma nuvem de fumaça formou-se contra o vidro.

KONRAD BECKER E Uzi Navot saíram dos escritórios da Becker & Puhl precisamente quatro minutos depois da uma da tarde de sexta-feira. Um vigilante do Escritório chamado Zalman, posicionado do outro lado da Talstrasse num Fiat sedã cinza, registrou a hora assim como o tempo, um aguaceiro torrencial, em seguida enviou as notícias a Shamron no apartamento seguro de Munique. Becker estava vestido para um funeral, num terno cinza de risquinhas e uma gravata cor de carvão. Navot, imitando o estilo de vestir de Oskar Lange, usava um blazer Armani com uma camisa e gravata azul elétrica a condizer. Becker tinha pedido um táxi para os levar ao aeroporto.

Shamron teria preferido um carro particular, com um motorista do Escritório, mas Becker viajava sempre de táxi para o aeroporto e Gabriel não queria que a rotina fosse quebrada. Então foi um normal táxi de cidade, conduzido por um imigrante turco, que os levou do centro de Zurique até o aeroporto Kloten por um vale enevoadado, com o vigilante de Gabriel sempre a reboque.

Foram em breve confrontados com a primeira falha técnica. Uma frente fria tinha passado por Zurique, transformando a chuva em neve e gelo e obrigando as autoridades do aeroporto Kloten a suspender os voos momentaneamente. O voo 157 8 da Swiss International Airlines, com destino a Viena, embarcou a horas e depois esperou imóvel para entrar na pista. Shamron e Adrian Carter, monitorizando a situação nos computadores do apartamento seguro de Munique, debateram a próxima jogada. Deveriam dar instruções a Becker para ligar a Radek e avisá-lo do atraso? E se Radek tivesse outros planos e decidisse adiar para outra altura? As equipes e veículos estavam nas posições finais. Um cancelamento temporário poderia pôr em risco a segurança operacional. Esperar, aconselhou Shamron, e esperar foi o que fizeram.

Pelas 14h30, as condições atmosféricas melhoraram. Kloten reabriu e o voo 1578 assumiu o seu lugar na fila ao fundo da pista. Shamron fez os cálculos. O voo para Viena levava menos de noventa minutos. Se descolassem em breve, talvez chegassem a tempo a Viena.

Às 14h25 o avião estava no ar, e o azar tinha sido evitado. Shamron informou a equipe de recepção no Aeroporto Schwechat em Viena que o embrulho estava a caminho.

A tempestade sobre os Alpes fez o voo para Viena bastante mais turbulento do que Becker teria preferido. Para acalmar os nervos, consumiu três garrafinhas miniatura de Stolichnaya e visitou a casa de banho duas vezes, tudo isto foi registrado por Zalma, que estava sentado três filas atrás. Navot, o retrato da concentração e serenidade,

olhava pela janela para o mar de nuvens negras, a sua água com gás intata. Aterrissaram em Schwechat poucos minutos depois das quatro da tarde sob uma luz cinza sujo. Zalman seguiu-os pelo terminal até o controle de passaportes. Becker foi mais uma vez à casa de banho. Navot, com um movimento quase imperceptível dos olhos, ordenou a Zalman que fosse com ele. Depois de se aliviar, o banqueiro passou três minutos em frente ao espelho arranjando-se, uma quantidade de tempo fora do normal, pensou Zalman, para um homem virtualmente sem cabelo. O vigilante pensou em dar a Becker um pontapé no tornozelo para o apressar, mas decidiu não o perturbar. Afinal de contas, ele era um amador a agir sob coação.

Depois de passar pelo controle de passaporte, Becker e Navot dirigiram-se ao terminal de chegadas. Aí, entre a multidão, estava um especialista em vigilância, alto e magro chamado Mordecai. Vestia um desleixado terno preto e segurava um cartão onde se lia BAUER. O seu carro, um grande Mercedes sedã, estava à espera no estacionamento de curta duração. A dois lugares de distância estava um Audi comercial de três portas prateado. As chaves estavam no bolso de Zalman.

Zalman evitou aproximar-se deles durante a viagem de carro até Viena. Ligou para o apartamento seguro de Munique e, em poucas palavras, cuidadosamente escolhidas, informou Shamron que Navot e Becker estavam dentro do horário e procediam em direção ao alvo. Pelas 16h45, Mordecai chegou ao Canal do Danúbio. Pelas 16h50 atravessou a linha em direção ao Primeiro Bairro e estava no trânsito de hora de ponta ao longo da Ringstrasse. Virou à direita, para uma rua de pedra estreita, e logo na primeira à esquerda. Um momento mais tarde, parou em frente ao portão de ferro ornamentado de Erich Radek. Zalman ultrapassou pela esquerda e continuou a conduzir.

— FAZ SINAL DE LUZES — disse Becker — e o guarda-costas deixa entrar.

Mordecai seguiu a instrução. Durante breves segundos de tensão, o portão manteve-se imóvel; então ouviu-se um bater metálico agudo, seguido do zumbido de um motor.

Enquanto o portão abria lentamente, o guarda-costas de Radek apareceu na porta da frente, a luz intensa do candelabro brilhava sobre a sua cabeça e ombros como uma auréola. Mordecai esperou até o portão estar completamente aberto e avançou para a entrada em forma de ferradura.

Navot saiu primeiro, depois Becker. O banqueiro apertou a mão do guarda-costas e apresentou:

— O meu associado de Zurique, Herr Oskar Lange. O guarda-costas acenou e convidou-os a entrar com um gesto. A porta da frente fechou-se.

Mordecai olhou para o relógio: 16h58. Pegou no celular e ligou um número de Viena. — Vou chegar tarde para jantar — disse.

— Está tudo bem?

— Sim — disse ele. — Está tudo bem.

ALGUNS SEGUNDOS MAIS TARDE, em Munique, o sinal chegou à tela do computador de Shamron. Shamron olhou para o relógio.

— Quanto tempo lhes vais dar? — perguntou Carter.

— Cinco minutos — disse Shamron — e nem um segundo a mais.

O AUDI SEDÃ PRETO com uma antena alta montada na bagageira estava estacionado a algumas ruas de distância. Zalman estacionou atrás, saiu e caminhou até a porta do passageiro. Oded estava sentado ao volante, um homem compacto com olhos castanhos claros e um nariz achatado de pugilista. Zalman, enquanto se instalava ao seu lado, conseguia cheirar tensão na sua respiração. Zalman tinha a vantagem de ter estado em atividade toda a tarde; Oded tinha estado preso no apartamento seguro de Viena sem nada para fazer exceto imaginar as consequências de um fracasso. Um celular estava no assento, a ligação com Munique já estava estabelecida. Zalman conseguia ouvir a respiração uniforme de Shamron. Uma imagem formou-se na sua mente: uma versão mais jovem de Shamron marchando na sua direção sob uma chuva torrencial na Argentina, Eichmann descendo de um ônibus e caminhando para ele vindo da direção oposta. Oded ligou o carro. Zalman foi arrastado de volta ao presente. Olhou para o relógio no painel de instrumentos: 17:03...

A E461, MAIS conhecida pelos austríacos como a Brünnerstrasse, é uma estrada de duas faixas que vem do Norte de Viena e atravessa as onduladas colinas do Weinviertel, a região de vinhos austríaca. São oitenta quilômetros até a fronteira checa. Há uma passagem-de-nível, abrigada por um dossel em abóbada, chefiada por dois relutantes guardas em abandonar o conforto do seu abrigo de alumínio e vidro para levar a cabo qualquer inspeção dos veículos que passam. Do lado checo da passagem-de-nível, a inspeção de documentos de viagem leva normalmente um pouco mais de tempo,

embora o tráfego vindo da Áustria seja normalmente recebido de braços abertos. A um quilômetro e meio para lá da fronteira, ancorada nas colinas da Morávia do Sul, fica a antiga cidade de Mikulov. É uma cidade fronteira, com as características de cerco de uma cidade fronteira. E ajustava-se perfeitamente ao estado de espírito de Gabriel. Ele estava por trás de um parapeito de tijolo de um castelo medieval, bem por cima dos telhados de telha vermelha da velha cidade, por baixo de um par de pinheiros dobrados pelo vento. A chuva fria caía como lágrimas na superfície da sua gabardina de oleado. O seu olhar estendia-se colina abaixo, em direção à fronteira. Na escuridão, apenas as luzes do tráfego na autoestrada eram visíveis, luzes brancas surgindo na sua direção, luzes vermelhas afastando-se na direção da fronteira austríaca.

Olhou para o relógio. Eles estariam dentro da casa de Radek neste instante. Gabriel conseguia imaginar pastas abrindo-se, café e bebidas sendo servidas. E então outra imagem apareceu, uma fila de mulheres vestidas de cinza, caminhando ao longo de uma estrada com neve e ensopada de sangue. A sua mãe, vertendo lágrimas de gelo.

— O que vai dizer a seu filho sobre a guerra, judia?

— A verdade, Herr Sturmbannführer. Direi ao meu filho a verdade.

— Ninguém vai acreditar em você.

Ela não lhe disse a verdade, claro. Em vez disso tinha confiado a verdade ao papel e trancado nos arquivos de Yad Vashem. Talvez Yad Vashem fosse o local ideal para ela. Talvez existam verdades que, de tão aterradoras, fiquem melhor se confinadas num arquivo de horrores, em quarentena, separadas das não infectadas. Ela não pôde contar que fora vítima de Radek, como Gabriel não podia dizer que era o carrasco de Shamron. Ela sempre soube, no entanto.

Ela conhecia o rosto da morte, e ela tinha visto a morte nos olhos de Gabriel. O telefone no bolso de seu casaco vibrou silenciosamente contra a anca. Ele levou-o lentamente à orelha e ouviu a voz de Shamron. Guardou o telefone no bolso e deixou-se estar por um momento, observando os faróis flutuando na sua direção através da negra planície austríaca.

— O que vai dizer quando estiver com ele? — perguntara Chiara.

A verdade, Gabriel pensava agora. Eu direi a verdade.

Começou a caminhada, descendo as estreitas ruas de pedra de uma cidade antiga, em direção ao escuro.

VIENA

UZI NAVOT SABIA como revistar uma pessoa. Klaus Halder era muito bom no seu trabalho. Começou no colarinho da camisa de Navot e terminou nos canhões das suas calças

Armani. Em seguida virou a atenção para a pasta. Trabalhou lentamente, como um homem com todo o tempo do mundo, e com uma atenção de monge para todos os detalhes. Quando a revista terminou finalmente, ele ajeitou o conteúdo com cuidado e colocou os trincos de volta no sítio.

— Herr Vogel vai vê-los agora — disse. — Sigam-me, por favor. Caminharam pelo corredor central, depois passaram por um par de portas duplas e entraram numa sala de visitas. Erich Radek, num casaco de linho grosso e gravata cor de ferrugem, estava sentado perto da lareira. Acolheu os convidados com um simples aceno da sua alongada cabeça, mas não se esforçou por levantar-se. Radek, pensou Navot, é um homem que costuma receber visitas sentado.

O guarda-costas deslizou suavemente para fora da sala e fechou as portas.

Becker, sorrindo, aproximou-se e apertou a mão de Radek. Navot não desejava tocar no assassino, mas dadas as circunstâncias não tinha outra escolha. A mão oferecida era fria e seca, o aperto firme e sem tremor. Era um aperto de mão para o testar. Navot sentia que tinha passado.

Radek estalou os dedos em direção às cadeiras vazias, em seguida a sua mão voltou para o apoio de copo no braço da cadeira. Começou a girá-lo para a frente e para trás, duas voltas para a direita, duas para a esquerda. Havia qualquer coisa no movimento que fazia azia ao estômago de Navot.

— Ouvi coisas muito boas sobre o seu trabalho, Herr Lange disse Radek subitamente. — Tem uma excelente reputação perante os seus colegas em Zurique.

— É tudo mentira, asseguro-lhe, Herr Vogel.

— É muito modesto. — Girou a bebida. — Você fez um trabalho para um amigo meu há alguns anos, um cavalheiro chamado Helmut Schneider.

E tu estás a tentar armadilhar-me, pensou Navot. Ele tinha-se preparado para um estratagema destes. O verdadeiro Oskar Lange tinha-lhe fornecido uma lista de clientes dos últimos dez anos para Navot memorizar. O nome Helmut Schneider não estava nela.

— Lidei com um bom número de clientes durante os últimos anos, mas temo que o nome Schneider não esteja entre eles. Talvez o seu amigo me tenha confundido com outra pessoa.

Navot olhou para baixo, abriu os trincos da sua pasta e levantou a tampa. Quando voltou a levantar o olhar, os olhos azuis de Radek estavam perfurantes nos seus e a sua bebida rodava no braço da cadeira. Havia uma tranquilidade assustadora nos seus olhos. Era como estar a ser estudado por um retrato.

— Talvez tenha razão. — O tom conciliatório de Radek não condizia com a sua expressão. — Konrad disse que precisava da minha assinatura nalguns documentos relacionados com a liquidação dos bens da conta.

— Sim, está correto.

Navot retirou um dossier da pasta e colocou a pasta no chão aos seus pés. Radek acompanhou a viagem da pasta para baixo e devolveu o seu olhar ao rosto de Navot. Navot levantou a capa do dossier e elevou o olhar. Abriu a boca para falar, mas foi interrompido pelo tocar do telefone. Agudo e eletrônico, soou aos ouvidos sensíveis de Navot como um grito num cemitério. Navot olhou para a mesa estilo Biedermeier, e o telefone tocou uma segunda vez. Começou a tocar uma terceira vez, mas ficou subitamente em silêncio, como se tivesse sido amordaçado a meio do grito. Navot conseguia ouvir Halder, o guarda-costas, falando numa extensão do corredor.

— Boa tarde. .. Não, peço desculpa, mas Herr Vogel está neste momento em reunião. Navot retirou o primeiro documento do dossier. Radek estava agora visivelmente distraído, o seu olhar distante. Estava a ouvir o som da voz do seu guarda-costas. Navot chegou-se à frente na cadeira e segurou o papel num ângulo que permitisse a Radek ver.

— Este é o primeiro documento que necessita...

Radek levantou a mão exigindo silêncio. Navot ouviu passadas no corredor, seguido do som de portas a abrir. O guarda-costas entrou na sala e dirigiu-se à beira de Radek.

— É Manfred Kruz — disse ele num sussurro capelista. — Ele quer-lhe dar uma palavra. Diz que é urgente e não pode esperar.

ERICH RADEK LEVANTOU-SE lentamente da cadeira e caminhou para o telefone.

— O que se passa Manfred?

— Os israelenses.

— Que têm eles?

— Tenho informações que indicam que um grande grupo de operacionais se reuniu em Viena nestes dias para te raptar.

— Essas informações estão confirmadas?

— Suficientemente confirmadas para concluir que já não é seguro permanecer em casa. Destaquei uma unidade da Staatspolizei para te apanhar e levar-te para um local seguro.

— Ninguém consegue entrar aqui Manfred. Limita-te a pôr um guarda armado fora da casa.

— Estamos a lidar com os israelenses, Herr Vogel. Eu quero-o fora da casa.

— Está bem, se insistes, mas diz à tua unidade para recuar.

Klaus dá conta do recado.

— Um guarda-costas não é suficiente. Eu sou responsável pela sua segurança e quero-o sob proteção policial. Lamento, mas tenho de insistir. As informações que tenho são muito específicas.

— Quando é que os teus agentes chegam aqui?

— A qualquer momento. Prepare-se para sair.

Desligou o telefone e olhou para os dois homens sentados junto à lareira.

— Peço desculpas, cavalheiros, mas estou com muita pressa, é uma emergência. Temos de terminar isto em outra hora. — Voltou-se para seu guarda-costas.

— Abra os portões Klaus e arranje-me um casaco. Já.

OS MOTORES DO portão frontal funcionaram. Mordecai, sentado ao volante do Mercedes, olhou pelo espelho retrovisor e viu um carro entrar vindo da rua com uma sirene azul rodopiando no teto. Parou atrás dele e travou a fundo. Dois homens saíram e escalaram os degraus da frente. Mordecai lentamente ligou a ignição.

ERICH RADEK FOI para o corredor. Navot arrumou a sua pasta e levantou-se. Becker ficou congelado no lugar. Navot cravou os dedos por baixo do braço do banqueiro e levantou-o.

Seguiram Radek até o corredor. Luzes de emergência azuis piscavam pelas paredes e teto. Radek estava junto ao seu guarda-costas, falando-lhe baixo ao ouvido. O guarda-costas segurava um sobretudo e parecia tenso. Enquanto ajudava Radek a vestir o casaco, os seus olhos estavam em Navot.

Alguém bateu à porta, dois estrondos agudos ecoaram pelo teto alto e chão de mármore do corredor. O guarda-costas largou o sobretudo de Radek e rodou o trinco. Dois homens à paisana empurraram e entraram na casa.

— Está pronto Herr Vogel?

Radek acenou, em seguida voltou-se e olhou uma vez mais para Navot e Becker.

— Mais uma vez, por favor aceitem as minhas desculpas, cavalheiros. Peço imensa desculpa pelo incômodo.

Radek voltou-se na direção da porta com Klaus ao seu lado. Um dos agentes travou o caminho ao guarda-costas colocando-lhe uma mão no peito. O guarda-costas afastou-a com uma pancada.

— O que pensa que está fazendo?

— Herr Kruz deu-nos instruções específicas. Só devemos levar Herr Vogel sob proteção.

— Kruz nunca teria dado uma ordem dessas. Ele sabe que eu vou onde quer que ele vá. Foi sempre assim.

— Lamento, mas essas são as nossas ordens.

— Deixe-me ver o seu distintivo e a sua identificação.

— Não há tempo. Por favor, Herr Vogel. Venha conosco.

O guarda-costas recuou um passo e meteu a mão dentro do casaco. Conforme a arma ficou à vista, Navot lançou-se para a frente. com a mão esquerda, agarrou o pulso do guarda-costas e encostou-lhe a arma contra o abdômen. com a direita, deu-lhe dois fortes golpes de mão aberta na nuca. O primeiro atordooou Halder; o segundo fez os seus joelhos cederem. A sua mão relaxou e a Glock caiu no chão de mármore. Radek olhou para a arma e por um instante pensou em apanhá-la. Em vez disso, voltou-se, precipitou-se para a porta aberta do seu estúdio e fechou-a com um estrondo.

Navot tentou a maçaneta. Trancada.

Deu uns passos atrás e lançou o ombro contra a porta. A porta desfez-se e ele tropeçou para dentro da sala escura. Levantou-se cambaleante e viu que Radek já tinha fugido através da falsa frente de uma estante de livros e estava dentro de um pequeno elevador do tamanho de uma cabine telefônica.

Navot saltou para a frente enquanto a porta do elevador começou a fechar. Conseguiu enfiar os dois braços para dentro e agarrou Radek pela lapela do sobretudo. Quando a porta bateu contra o ombro esquerdo de Navot, Radek agarrou-lhe os pulsos e tentou libertar-se. Navot segurou firmemente.

Oded e Zalman vieram em seu auxílio. Zalman, o mais alto dos dois, alcançou por cima da cabeça de Navot e puxou a porta. Oded deslizando por entre as pernas de Navot aplicou pressão por baixo. Perante a investida, a porta finalmente deslizou e abriu.

Navot arrastou Radek para fora do elevador. Já não havia tempo para subterfúgios ou enganos. Navot tapou a boca do velho com a mão, Zalman segurou-lhe as pernas e levantou-o do chão. Oded encontrou o interruptor e apagou a luz.

Navot olhou para Becker.

— Entre no carro. Depressa, idiota.

Arrastaram Radek degraus abaixo em direção ao Audi. Radek puxava a mão de Navot, tentando libertar-se do tampão na boca e esperneava. Navot conseguia ouvir Zalman resmungar entre dentes. De alguma forma, mesmo no calor da batalha, ele conseguia resmungar em alemão.

Oded abriu a porta de trás antes de dar a volta e correr para o volante.

Navot empurrou primeiro a cabeça de Radek para o fundo e colocou-o ao assento.

Zalman forçou sua entrada e fechou a porta. Becker entrou na parte de trás do Mercedes. Mordecai acelerou fundo, e o carro guinou para a rua, o Audi seguindo de perto.

O corpo de Radek ficou subitamente quieto. Navot retirou a mão e o austríaco sorveu ofegante o ar.

— Está me machucando — disse. — Não consigo respirar.

— Eu deixo você se levantar, mas tem que prometer que se comporta bem. Não vai haver mais tentativas de fuga. Promete?

— Deixe eu me levantar. Está me esmagando, estúpido.

— Eu deixo, velho. Faça apenas um favor primeiro. Diga seu nome, por favor.

— Sabe meu nome. É Vogel. Ludwig Vogel.

— Não, não, esse nome não. Seu nome verdadeiro.

— Esse é o meu nome verdadeiro.

— Quer se levantar e deixar Viena como um homem, ou vou ter de ir sentado em cima de você o tempo todo?

— Eu quero me sentar. Está me machucando, maldição!

— Diga apenas seu nome.

Ficou em silêncio por um momento; então murmurou:

— Meu nome é Radek.

— Desculpe, mas não consegui ouvir. Pode dizer seu nome outra vez, por favor? Desta vez alto.

Inspirou profundamente e o seu corpo ficou rígido, como se estivesse em sentido em vez de deitado no banco de trás de um carro.

— MEU NOME É STURMBANNFÜHRER ERICH RADEK!

NO APARTAMENTO SEGURO de Munique, a mensagem apareceu na tela do computador de Shamron: O EMBRULHO FOI RECEBIDO. Carter deu-lhe uma palmada nas costas.

— Raios me partam! Eles o pegaram. Eles o pegaram mesmo.

Shamron levantou-se e caminhou até o mapa.

— Pegá-lo foi a parte mais fácil da operação, Adrian. Tirá-lo de

lá vai ser outra história.

Olhou para o mapa. Oitenta quilômetros até a fronteira tcheca. Corra, Oded, pensou ele. Dirija como nunca dirigiu em sua vida.

36

VIENA

ODED JÁ TINHA guiado por aquela estrada uma dúzia de vezes, mas nunca como esta, nunca com a sirene a gritar e a rodopiar no teto, e nunca com os olhos de Erich Radek fitando os seus pelo retrovisor. A retirada do centro da cidade tinha corrido melhor do que esperado. O tráfego de fim de tarde era intenso, mas não ao ponto de não se conseguir desviar para dar passagem ao barulho e à luz da sua sirene. Radek amotinou-se duas vezes. Cada insurreição foi implacavelmente dominada por Navot e Zalman.

Circulavam agora em direção a norte pela E461. O tráfego de Viena tinha ficado para trás, a chuva caía continuamente e gelava nos cantos do para-brisas. Uma tabuleta passou de repente: REPÚBLICA CHECA 42 KM. Navot olhou prolongadamente sobre o ombro, então, em hebraico, instruiu Oded para desligar a sirene.

— Para onde vamos? — perguntou Radek respirando com dificuldade. — Para onde me estão a levar? Onde?

Navot não disse nada, como Gabriel tinha ordenado.

— Deixem-no fazer perguntas até ficar com a cara azul — Gabriel tinha dito.

— Simplesmente não lhe deem a satisfação de uma resposta. Deixem a incerteza afligir-lhe a mente. Era isso que ele faria se os papéis estivessem invertidos. Então Navot observou as povoações que passavam pela janela Mistelbach, Wilfersdorf, Erdberg — e pensou apenas numa coisa, o guarda-costas que ele tinha deixado inconsciente no corredor da entrada da casa de Radek em Stöbbergasse.

Poysdorf apareceu perante eles. Oded acelerou pela vila, em seguida virou para uma estrada de duas faixas e seguiu-a em direção a leste por entre pinheiros cobertos de neve.

— Para onde vamos? Para onde me estão a levar?

Navot já não conseguia suportar mais as suas perguntas em silêncio.

— Vamos para casa — disse de repente. — E tu vens connosco. Radek traçou um sorriso gelado.

— Cometeste apenas um erro esta noite, Herr Lange. Devias ter

morto o meu guarda-costas quando tiveste oportunidade.

KLAUS HALDER ABRIU um olho, em seguida o outro. A escuridão era absoluta. Deixou-se estar deitado imóvel por um momento tentando determinar a posição do seu corpo. Tinha caído para a frente, com os braços para os lados, e a sua face direita estava pressionada contra o mármore frio. Tentou levantar a cabeça, um relâmpago de dor lancinante abateu-se-lhe sobre o pescoço. Lembrou-se então do instante em que tinha acontecido. Estava a tentar alcançar a arma quando levou duas pancadas por trás. Fora o advogado de Zurique, Oskar Lange. Obviamente que Lange não era um simples advogado. Ele estava a tramar alguma, como Halder temia desde o início.

Colocou-se de joelhos e sentou-se encostado à parede. Fechou os olhos e esperou que a sala parasse de girar, então esfregou a parte de trás da cabeça. Tinha um inchaço do tamanho de uma maçã. Ergueu o pulso esquerdo e lançou um olhar ao painel luminoso do seu relógio de pulso: 17:57. Quando tinha acontecido? Poucos minutos depois das cinco, 17h10 no máximo. A não ser que tivessem um helicóptero à espera na Stephansplatz, o mais certo era ainda estarem na Áustria.

Apalpou o bolso da frente do seu casaco esportivo e descobriu que o celular ainda lá estava. Tirou-o e ligou. Dois toques. Uma voz familiar.

— Aqui Kruz.

TRINTA SEGUNDOS MAIS TARDE, Manfred Kruz bateu com o telefone e avaliou suas opções. A resposta mais óbvia seria fazer soar o alarme e alertar todas as unidades policiais do país que o velho fora sequestrado por agentes israelenses, fechar as fronteiras e os aeroportos. Óbvia, sim, mas muito perigosa. Uma jogada dessas iria levantar muitas questões desconfortáveis. Porque foi Herr Vogel raptado? Quem é ele realmente? A candidatura de Peter Metzler seria esquadrinhada, assim como a carreira de Kruz. Mesmo na Áustria, tais assuntos assumiam vida própria, e Kruz tinha visto muitos para saber que o inquérito não terminaria à porta de Vogel.

Os israelenses sabiam que ele ficaria incapacitado, e tinham escolhido bem o momento. Kruz tinha de pensar numa maneira sutil de intervir, alguma maneira de impedir os israelenses sem destruir tudo no processo. Alcançou o telefone e marcou.

— Daqui Kruz. Os americanos informaram-nos que um possível grupo da al-Qaeda está em trânsito de automóvel pelo país esta tarde. Eles suspeitam que os membros da al-Qaeda possam estar a viajar com simpatizantes europeus para melhor se misturarem no ambiente. A

partir deste momento estou a ativar a rede de alerta terrorista. Aumentem a segurança nas fronteiras, aeroportos e estações de trem para Nível Dois.

Desligou e olhou pela janela. Tinha atirado uma bóia ao velho. Perguntou a si mesmo se ele estaria em condições de a agarrar. Kruz sabia que se conseguisse, seria confrontado com um outro problema em breve: o que fazer com a equipe de rapto israelense. Levou a mão ao bolso do paletó e retirou um pedaço de papel.

— Se ligar para este número, quem vai atender?

— A violência.

Manfred Kruz alcançou o seu telefone.

O RELOJOEIRO, DESDE seu regresso a Viena, dificilmente encontrava razão para sair do santuário da sua pequena loja no Bairro Stephansdom. As frequentes viagens tinham-no deixado com um enorme número de peças acumulado que requeriam a sua atenção, incluindo um relógio regulador vienense, estilo Biedermeier, fabricado pelo famoso relojoeiro Vienense Ignaz Marenzeller em 1840. A caixa de mogno estava nas condições originais, embora o painel prateado de uma só peça tivesse requerido muitas horas de restauração. O movimento Biedermeier original feito à mão, com a sua corda de 75 dias, estava exposto em várias peças cuidadosamente arranjadas na superfície da sua mesa de trabalho.

O telefone tocou. Ele baixou o volume do seu leitor de CD portátil e o Concerto Brandenburg N°. 4 em Sol de Bach diminuiu até um sussurro. Uma escolha banal, Bach, mas o Relojoeiro considerava a precisão de Bach um acompanhamento perfeito para a tarefa de dismantelar e reconstruir o movimento de um relógio antigo. Alcançou o telefone com a mão esquerda. Uma onda de dor percorreu-lhe o comprimento do braço, uma lembrança dos seus abusos em Roma e na Argentina. Levou o receptor à orelha e prendeu-o contra o ombro.

— Sim — disse distraidamente. As suas mãos estavam de volta ao trabalho.

— O seu número foi-me dado por um amigo comum.

— Estou a ver — disse o Relojoeiro de modo descomprometido. Como posso ajudá-lo?

— Não sou eu quem precisa de ajuda. É o nosso amigo. O Relojoeiro pousou as ferramentas.

— O nosso amigo? — perguntou.

— Realizou trabalhos para ele em Roma e na Argentina.

Presumo que saiba a quem me estou a referir?

O Relojoeiro sabia de fato. Então, o velho induzira-o em erro e por duas vezes colocara-o em situações de campo comprometedoras.

Agora tinha cometido o pecado operacional fatal de dar o seu nome a um estranho. Era óbvio que estava em sarilhos. O Relojoeiro suspeitou que tivesse alguma coisa a ver com os israelenses. Decidiu que agora seria um excelente momento para acabar com a relação.

— Peço desculpa — disse — mas penso que me está a confundir com outra pessoa. O homem do outro lado da linha tentou contra-argumentar. O Relojoeiro desligou o telefone e aumentou o volume do seu leitor de CD até que o som de Bach encheu a oficina.

NO APARTAMENTO SEGURO de Munique, Carter desligou o telefone e olhou para Shamron, que ainda estava de pé em frente ao mapa, como se imaginasse o progresso de Radek para norte em direção à fronteira checa.

— Era da nossa filial de Viena. Estão a monitorizar a rede de comunicações austríaca. Parece que Manfred Kruz elevou o alerta terrorista para Nível Dois.

— Nível Dois? O que significa isso?

— Significa que é possível que haja alguma dificuldade na fronteira.

A ASSISTÊNCIA ESTAVA na reentrância de um ribeiro gelado. Havia dois veículos, um Opel sedã e uma van Volkswagen. Chiara estava ao volante da Volkswagen, faróis apagados, motor desligado, o peso reconfortante de uma Beretta no colo. Não havia outros sinais de vida, não havia luzes na vila, não havia o ruído do tráfego na autoestrada, apenas o suave bater da neve no teto da van e o assobiar do vento pelos juncos dos abetos. Olhou por cima do ombro e olhou para o compartimento traseiro da Volkswagen. Tinha sido preparado para a chegada de Radek. O forro da traseira tinha sido colocado. Por baixo do forro estava um compartimento especialmente construído para escondê-lo durante a passagem pela fronteira. Ele ficaria confortável lá, mais confortável do que merecia.

Olhou pelo vidro. Não havia muito para ver, a estrada estreita subindo pela escuridão em direção a um cume à distância. Então, subitamente, houve uma luz, um brilho branco e limpo que iluminou o horizonte e transformou as árvores em minaretes pretos. Por alguns segundos, foi possível ver a neve, rodopiando como uma nuvem de insetos pelo ar varrido pelo vento. Então os faróis da frente surgiram. O carro contornou a colina, e as luzes espalharam-se por ela, atirando as sombras das árvores para um lado, depois para o outro. Chiara segurou a Beretta com a mão e deslizou o dedo indicador para dentro da guarda do gatilho.

O carro derrapou até parar junto à van. Ela olhou para o banco de trás e viu o assassino, sentado entre Navot e Zalman, rígido como

um comissário à espera da limpeza de sangue. Ela rastejou até o compartimento traseiro e fez uma verificação final.

— TIRE O SOBRETUDO — ordenou Navot.

— Por quê?

— Porque estou mandando.

— Eu tenho o direito de saber por quê.

— Não tem direito nenhum! Faça apenas o que digo.

Radek permaneceu imóvel. Zalman puxou a lapela do casaco, mas o velho cruzou os braços com força junto ao peito. Navot suspirou pesadamente. Se o velho bastardo quer um combate final, vai consegui-lo. Navot abriu-lhe os braços à força enquanto Zalman puxava a manga direita, depois a esquerda. O casaco depois; em seguida Zalman rasgou a manga da camisa e expôs a pele caída do braço. Navot exibiu uma seringa, cheia de sedativo.

— Isso é para seu próprio bem — disse Navot. — É moderado e não tem efeito durante muito tempo. Vai fazer sua viagem muito mais suportável. Sem claustrofobia.

— Nunca tive claustrofobia.

— Não me interessa.

Navot espetou a agulha no braço de Radek e despejou o conteúdo. Passados alguns segundos, o corpo de Radek relaxou; em seguida a cabeça tombou para o lado e o queixo descaiu. Navot abriu a porta e saiu. Segurou o corpo amolecido de Radek debaixo dos braços e arrastou-o para fora do carro.

Zalman levantou-o pelas pernas e juntos carregaram-no como um morto de guerra para a lateral da van. Chiara estava agachada no interior, segurando uma máscara de oxigênio e outra de plástico transparente. Navot e Zalman deitaram Radek no chão da van; e Chiara colocou-lhe a máscara sobre o nariz e a boca. O plástico embaciou imediatamente, indicando que a respiração de Radek estava normal. Ela verificou-lhe o pulso. Regular e forte. Manusearam-no para dentro do compartimento e fecharam a tampa.

Chiara sentou-se ao volante e ligou o motor. Oded fechou-lhe a porta e deu uma pequena pancada com a mão no vidro. Chiara engatou a marcha e seguiu para a autoestrada. Os outros entraram no Opel e seguiram atrás dela.

CINCO MINUTOS MAIS TARDE, as luzes da fronteira apareceram como faróis no horizonte. Conforme Chiara se foi aproximando conseguiu ver uma pequena fila de trânsito com cerca de seis veículos de comprimento, esperando para atravessar. Havia dois guardas fronteiriços em evidência. Tinham as lanternas na mão e

estavam a verificar passaportes e a espreitar pelas janelas. Ela olhou por cima do ombro. As portas do compartimento permaneciam fechadas. Radek estava em silêncio.

O carro em frente passou na inspeção e foi deixado seguir em direção ao lado checo. O guarda fronteiriço fez-lhe sinal para avançar. Ela baixou o vidro e sorriu.

— Passaporte, por favor.

Ela entregou. O segundo guarda tinha-se deslocado para o lado do passageiro da van, e ela conseguia ver o foco de luz da lanterna investigando o interior.

— Está tudo bem?

O guarda fronteiriço manteve os olhos na fotografia e não respondeu.

— Quando entrou na Áustria?

— Hoje.

— Onde?

— Pela Itália, em Tarvíσιο.

Ele dispensou um momento comparando o rosto dela com a fotografia do passaporte. Em seguida abriu a porta do motorista e com um gesto ordenou-lhe que saísse da van.

UZI NAVOT OBSERVOU a cena em primeira fila, no lugar do passageiro no banco da frente do Opel. Olhou para Oded e praguejou ligeiramente por entre os dentes. Em seguida ligou do celular para o apartamento seguro de Munique. Shamron atendeu ao primeiro toque.

— Temos um problema — disse Navot.

ELE ORDENOU que se colocasse na frente da van e apontou a lanterna para seu rosto. Através do brilho conseguia ver o segundo guarda fronteiriço abrindo a porta do passageiro da van. Forçou-se a olhar para o interrogador. Tentou não pensar na Beretta contra as suas costas. Ou em Gabriel, esperando do outro lado da fronteira em Mikulov. Ou Navot, Oded e Zalman observando impotentes do Opel.

— Para onde se dirige esta noite?

— Praga — disse ela.

— Por que vai para Praga?

Ela disparou-lhe um olhar: Não tem nada com isso. Então disse: — Vou visitar meu namorado.

— Namorado — repetiu ele. — O que seu namorado faz em Praga?

Ensina italiano, dissera Gabriel.

Ela respondeu à pergunta.

— Onde?

No Instituto de Estudos Linguísticos de Praga, tinha dito Gabriel.

Mais uma vez, ela respondeu como Gabriel tinha instruído.

— E há quanto tempo ele é professor do Instituto de Estudos Linguísticos de Praga?

— Três anos.

— E vê-o com frequência?

— Uma vez por mês, às vezes duas.

O segundo guarda tinha entrado na van. Uma imagem de Radek passou-lhe pela mente, olhos fechados, máscara de oxigênio no rosto. Não acorde, pensou ela. Não se mexa. Não faça barulho. Aja decentemente, pelo menos uma vez em sua vida desprezível.

— E quando entrou na Áustria?

— Já disse isso.

— Diga outra vez, por favor.

— Hoje.

— A que horas?

— Não me lembro da hora.

— Era de manhã? Era de tarde?

— Tarde.

— Início da tarde? Fim da tarde?

— Início.

— Então ainda era dia?

Ela hesitou; ele pressionou-a.

— Sim? Ainda era dia?

Ela acenou. De dentro da van veio o som da porta traseira se abrindo. Ela se forçou a olhar diretamente para os olhos do interrogador. O seu rosto, escurecido pela irritante luz da lanterna, começou a parecer-se com Erich Radek, não a versão patética do Radek inconsciente na traseira da van, mas o Radek que arrastou uma criança chamada Irene Frankel das fileiras da marcha da morte de Birkenau em 1945 e a levou para uma floresta polonesa para um momento de tormento final.

— Diga as palavras, judia! Foi transferida para leste. Teve comida em abundância e cuidados médicos adequados. As câmaras de gás e o crematório são mentiras bolchevique-judaicas.

Eu consigo ser tão forte como você, Irene, pensou ela. Eu consigo passar por isso. Por você.

— Parou em algum lugar na Áustria?

— Não.

— Não aproveitou a oportunidade para visitar Viena?

— Já estive em Viena — disse ela. — Não me agrada.

Ele dispensou um momento examinando-lhe o rosto.

— É italiana?

— Tem meu passaporte na mão.

— Não estou falando de seu passaporte. Estou falando de sua

etnia. Seu sangue. Descendência italiana ou imigrante do, digamos, Oriente Médio ou Norte de África?

— Sou italiana — assegurou ela.

O segundo guarda saiu da van e abanou a cabeça. O interrogador devolveu-lhe o passaporte.

— Peço desculpas pelo atraso — disse ele. — Tenha uma boa viagem.

Chiara sentou-se ao volante, engatou a marcha e passou a fronteira devagar. Desatou em lágrimas, lágrimas de alívio, lágrimas de raiva. No início tentou impedi-las, mas não conseguiu. A estrada ficou desfocada, as luzes traseiras transformaram-se em riscos vermelhos, e mesmo assim elas vieram.

— Por você, Irene — disse ela em voz alta. — Fiz isso por você.

A ESTAÇÃO DE trem de Mikulov fica no fim da cidade velha, onde as colinas encontram a planície. Há uma única plataforma, que suporta um quase constante ataque do vento que desliza pelos Cárpatos, e um melancólico estacionamento de gravilha, que se transforma num lago quando chove. Perto da bilheteira está uma parada de ônibus riscada de graffitis, e era aí, encostado ao lado de onde vem o vento, que Gabriel esperava, mãos mergulhadas nos bolsos do casaco impermeável.

Levantou o olhar quando a van entrou no estacionamento e esmagou a gravilha. Esperou até que parasse antes de sair da parada de ônibus para a chuva. Chiara esticou-se e abriu-lhe a porta. Quando a luz de teto se acendeu, ele viu que o seu rosto estava molhado.

— Estás bem?

— Estou ótima.

— Queres que eu conduza?

— Não, eu consigo.

— Tem certeza?

— Entra, Gabriel. Não suporto estar sozinha com ele.

Ele entrou e fechou a porta. Chiara deu meia volta e regressou à autoestrada. Um momento mais tarde estavam a ir para norte, para os Cárpatos. DEMORARAM MEIA HORA até chegar a Brno, mais uma hora para chegar a Ostrava. Gabriel abriu as portas do compartimento duas vezes para verificar Radek. Eram quase oito horas quando chegaram à fronteira polonesa. Sem verificações de segurança desta vez, sem fila de trânsito, apenas uma mão espetada fora do abrigo de tijolo acenando-lhes à passagem pela fronteira.

Gabriel rastejou para a traseira da van e puxou Radek do compartimento. Em seguida abriu uma gaveta e retirou uma seringa.

Desta vez tinha uma dose moderada de estimulante, apenas o suficiente para o trazer de volta aos limites do consciente lentamente. Gabriel inseriu a seringa no braço de Radek, injetou a droga, em seguida retirou a agulha e esfregou a ferida com álcool. Os olhos de Radek abriram devagar. Observou o ambiente envolvente por um momento antes de se fixar no rosto de Gabriel.

— Allon? — murmurou ele pela máscara de oxigênio. Gabriel acenou lentamente.

— Para onde me levas? — Gabriel não respondeu. — Vou morrer? — perguntou, e, antes que Gabriel pudesse responder, voltou a ficar inconsciente.

37

POLÔNIA ORIENTAL

A BARREIRA ENTRE consciência e coma era como uma cortina de palco, pela qual ele conseguia passar à vontade. Só não sabia quantas vezes tinha passado por esta cortina. O tempo, como a sua velha vida, estavam perdidos para ele. A sua bela casa de Viena parecia a casa de outro homem, na cidade de outro homem. Algo tinha acontecido quando ele gritou o seu nome aos israelenses. Ludwig Vogel era agora um estranho para ele, um conhecido que ele já não via há muitos anos. Ele era Radek novamente. Infelizmente o tempo não tinha sido meigo com ele. O alto e belo homem de preto estava agora prisioneiro num corpo fraco e decadente.

O judeu tinha-o colocado no forro da traseira. As suas mãos e tornozelos estavam amarrados por uma grossa fita adesiva prateada, e estava amarrado com o cinto de segurança como um doente mental. Os seus pulsos serviam como o portal entre os dois mundos. Apenas tinha de os torcer num determinado ângulo para que a fita se cravasse dolorosamente na pele e passaria a cortina do mundo dos sonhos para o reino do real. Sonhos? Será apropriado chamar a tais visões sonhos? Não, eram demasiado exatas, descritivas demais. Eram memórias, sobre as quais ele não tinha controle, apenas o poder de as interromper por alguns momentos infligindo dor em si próprio com a fita adesiva do judeu.

O seu rosto estava perto da janela, e o vidro estava desobstruído. Ele era capaz, quando estava acordado, de ver a

infundável região rural negra e as desoladoras vilas escurecidas. Também era capaz de ler os sinais na estrada. Não precisava dos sinais para saber onde estava. Algures, noutra vida, ele tinha sido o senhor da noite nesta terra. Ele lembrava-se desta estrada: Dachnow, Zukow, Narol... Ele sabia o nome da próxima vila, mesmo antes desta passar pela janela: Belzec...

Fechou os olhos. Porquê agora, passados tantos anos? Depois da guerra ninguém esteve assim tão interessado num mero oficial SD que servira na Ucrânia — ninguém exceto os russos, claro — e no momento em que o seu nome veio ao de cima com ligações à Solução Final, o General Gehlen tinha providenciado a sua fuga e o seu desaparecimento.

A sua antiga vida fora deixada para trás em segurança. Tinha sido perdoado por Deus e a sua Igreja e até mesmo pelos seus inimigos, que gananciosamente tiraram proveito dos seus serviços quando também eles se sentiram ameaçados pelo judaísmo-bolchevismo. Os governos rapidamente perderam o interesse em proceder contra os, assim chamados, criminosos de guerra, e amadores como Wiesenthal focaram a atenção em peixe graúdo como Eichmann e Mengele, ajudando de forma involuntária peixe mais miúdo como ele próprio a encontrar santuário em águas calmas. Houve um susto sério. Em meados dos anos setenta, um jornalista americano, um judeu, claro, que foi a Viena e colocou demasiadas questões. Na estrada que sai de Salzburg para sul ele mergulhou numa ravina, e a ameaça foi eliminada. Nessa altura agiu sem hesitar. Se tivesse lançado Max Klein numa ravina ao primeiro sinal de ameaça... Reparara nele naquele dia no Café Central, assim como nos dias que se seguiram. Os seus instintos tinham-lhe dito que Klein representava uma ameaça. Ele hesitou. Quando Klein levou a sua história ao judeu Lavon era demasiado tarde.

Passou pela cortina outra vez. Estava em Berlim, sentado no gabinete do oficial Gruppenführer Heinrich Müller, chefe da Gestapo. Müller tira um pedacinho de almoço dos dentes e sacode uma carta que acabou de receber de Luther no Ministério dos Negócios Estrangeiros. É 1942.

— Rumores das nossas atividades no Leste começaram a chegar aos ouvidos dos nossos inimigos. Também temos um problema com um dos locais na região de Warthegau. Queixas sobre uma contaminação qualquer.

— Se me permite colocar a questão óbvia, Herr Gruppenführer, que diferença faz se rumores chegam ao Oeste? Quem vai acreditar que tal coisa foi realmente possível?

— Rumores é uma coisa, Erich. Provas é outra.

— Quem vai descobrir provas? Algum servo polonês atrasado

mental? Um vesgo abridor de valas ucraniano?

— Talvez os Ivans?

— Os russos? Como descobririam?

Müller ergueu uma mão de pedreiro. Discussão terminada. E então ele percebeu. A aventura russa do Führer não estava indo de acordo com os planos. A vitória no Leste já não estava assegurada.

Müller inclinou-se para a frente.

— Estou te mandando para o inferno Erich. Vou espetar essa sua cara nórdica tão fundo no esterco que nunca mais vai ver a luz do dia.

— Como poderei jamais agradecer, Herr Gruppenführer?

— Limpe a porcaria. Toda. Em toda parte. É sua responsabilidade garantir que se mantenha apenas um rumor. E quando a operação estiver concluída, quero que seja o único homem de pé.

Ele concordou. O rosto de Müller afastou-se pela noite polonesa. Estranho, não é? A sua verdadeira contribuição para a Solução Final não foi matar mas esconder e garantir a segurança, e no entanto estava com problemas agora, sessenta anos depois, por causa de um jogo idiota que fizera bêbado em Auschwitz num domingo. Aktion 1005? Sim, fora um projeto seu, mas nenhum sobrevivente judeu testemunharia sua presença na beira de uma vala comum, porque não havia sobreviventes. Ele geriu uma operação fechada. Eichmann e Himmler teriam sido aconselhados a fazer o mesmo. Foram tolos em permitir que tantos sobrevivessem.

Uma memória surgiu, janeiro de 1945, um rio de judeus frágeis dispersos ao longo de uma estrada muito parecida com esta. A estrada de Birkenau. Milhares de judeus, cada um com uma história para contar, cada um uma testemunha. Ele defendia a liquidação da população inteira do campo antes da evacuação. Não, disseram. Trabalho escravo era necessário com urgência no Reich. Trabalho? A maioria dos judeus que ele tinha visto sair de Birkenau mal conseguia andar, quanto mais manejar uma picareta ou uma pá. Eles não eram aptos para o trabalho, apenas para o massacre, e já tinha matado uns quantos, ele próprio. Por que, em nome de Deus, lhe tinham ordenado que limpasse as valas para depois permitir que milhares de testemunhas caminhassem para fora de um local como Birkenau?

Ele se esforçou por manter os olhos abertos, e observou pela janela. Estavam a conduzir ao longo das margens de um rio, perto da fronteira ucraniana. Ele conhecia este rio, um rio de cinzas, um rio de ossos.

Pensou quantas centenas de milhares estariam ali embaixo, sedimentadas no leito do Rio Bug.

Uma cidade adormecida: Uhrusk. Pensou em Peter. Ele tinha

avisado que isto aconteceria.

— Se eu me tornar uma ameaça séria, posso ganhar a chancelaria — dissera Peter —, alguém vai tentar nops expor.

Ele sabia que Peter estava certo, mas também acreditava que conseguiria lidar com qualquer ameaça. Estava errado, e agora seu filho teria de enfrentar uma humilhação eleitoral inimaginável, tudo por sua culpa. Era como se os judeus tivessem levado Peter à beira de uma vala comum e apontado uma arma para sua cabeça. Ele pensou que conseguiria evitar que eles puxassem o gatilho, se conseguisse quebrar mais um acordo, engendrar uma fuga final.

E este judeu que olha fixamente para mim com aqueles rancorosos olhos verdes? O que espera ele que eu faça? Peça perdão? Vergue, chore e cuspa sentimentalismos? O que este judeu não percebe é que eu não sinto culpa pelo que fiz. Eu fui forçado pela mão de Deus e os ensinamentos da minha Igreja. Não nos disseram os padres que os judeus foram os assassinos de Deus? O Santo Padre e os seus cardeais não ficaram em silêncio quando sabiam perfeitamente o que estávamos a fazer no Leste? Será que este judeu espera que eu reprove assim sem mais nem menos e diga que foi um erro terrível? E porque olha ele para mim assim? Aqueles olhos eram-lhe familiares. Já os tinha visto em algum lado antes. Talvez fosse das drogas que lhe tinham dado. Ele não conseguia ter a certeza de nada. Ele nem tinha sequer a certeza de estar vivo. Talvez fosse a sua alma a fazer esta viagem ao longo do Rio Bug. Talvez estivesse no inferno.

Outra aldeola: Wola Uhruska. Ele conhecia a próxima vila. Sobibor...

Fechou os olhos, o veludo da cortina envolveu-o. É a Primavera de 1942, está a conduzir para fora de Kiev na estrada de Zhitomir com o comandante de uma unidade Einsatzgruppen ao lado. Estão a caminho para inspecionar uma ravina que se transformou num problema de segurança, um lugar que os ucranianos chamam Babi Yar. Quando chegam, o Sol já está a desaparecer no horizonte e está quase a anoitecer. Mesmo assim, há luz suficiente para observar o estranho fenómeno que acontece no fundo da ravina. A terra parece estar a debater-se com um ataque epiléptico. O solo tem convulsões, gás é disparado para o ar, juntamente com géiseres de líquido pútrido. O fedor! Meu Deus, o fedor. Ele consegue cheirá-lo agora.

— Quando começou?

— Pouco depois do final do Inverno. O chão aqueceu, então os corpos aqueceram. Eles decompõem-se muito rapidamente.

— Quantos estão ali embaixo?

— Trinta e três mil judeus, alguns ciganos e prisioneiros soviéticos, assim por alto.

— Cerque a ravina inteira.

— No momento outros locais têm prioridade. Trataremos deste assim que possível.

— Que outros locais?

— Locais de que nunca ouviu falar: Birkenau, Belzec, Sobibor, Treblinka. Nosso trabalho aqui está feito. Esperam novas chegadas a qualquer momento, nos outros.

— O que vai fazer com este local?

— Abrimos as valas e queimamos os corpos, em seguida esmagamos os ossos e espalhamos os fragmentos nas florestas e nos rios.

— Queimar trinta mil cadáveres? Tentamos isso nas operações de massacre. Usamos lança-chamas, pelo amor de Deus. Cremações maciças a céu aberto não funcionam.

— Isso é porque nunca construíram uma pira em condições. Em Chelmno, eu provei que pode ser feito. Confie em mim, Kurt, um dia este local chamado Babi Yar será apenas um rumor, como os judeus que viviam aqui.

Ele torceu os pulsos. Desta vez a dor não foi suficiente para acordar. A cortina recusou-se a abrir. Permaneceu trancado numa prisão de memórias, vagueando por um rio de cinzas.

MERGULHARAM PELA noite adentro. O tempo era uma memória. A fita adesiva tinha-lhe cortado a circulação. Já não conseguia sentir as mãos e os pés. Sentia-se febrilmente quente num minuto e arrepiantemente frio no outro. Tinha a impressão de terem parado uma vez. Tinha cheirado gasolina. Estariam eles a encher o depósito? Ou seria apenas a memória de traves de caminho-de-ferro ensopadas em combustível?

Os efeitos da droga finalmente dissiparam. Ele estava agora acordado, alerta e consciente, e seguro de que não estava morto. Algo na postura do judeu lhe disse que estavam próximos do final da jornada. Tinham passado por Siedlce, depois, em Sokolow Podlaski, tinham virado para uma estrada de campo mais estreita. Dybow veio a seguir, depois Kosow Lacki. Saíram da estrada principal, para um trilho de terra batida. A van trepidava: dump-dump... dump-dump. A velha via-férrea, pensou, ainda aqui estava, claro. Seguiram o trilho até uma plataforma de abetos e bétulas e pararam um momento mais tarde num pequeno estacionamento alcatroado.

Um segundo carro entrou na clareira com os faróis apagados. Três homens saíram e aproximaram-se da van. Ele reconheceu-os. Eram os que o tinham tirado de Viena. O judeu colocou-se em cima dele e cuidadosamente cortou a fita adesiva e soltou as correias de couro.

— Venha — disse ele agradavelmente. — Vamos dar um

TREBLINKA, POLÔNIA

SEGUIRAM POR UM trilho por entre as árvores. Tinha começado a nevar. Os flocos caíam suavemente pelo ar tranquilo e assentavam-lhes nos ombros como cinzas de um

fogo distante. Gabriel segurava Radek pelo cotovelo. Os seus passos eram cambaleantes no início, mas em breve o sangue começou a fluir-lhe novamente aos pés e insistiu em caminhar sem o suporte de Gabriel. A sua respiração difícil gelava no ar. Cheirava a amargo e a medo.

Avançaram mais fundo para dentro da floresta. O trilho era arenoso e coberto por uma fina camada de faúlhas. Oded estava vários passos à frente, quase invisível através da queda de neve. Zalman e Navot caminhavam em formação atrás deles. Chiara tinha ficado para trás na clareira, vigiando os veículos. Fizeram uma pausa numa brecha nas árvores, de cerca de cinco metros de largura, estendendo-se pelo escuro. Gabriel iluminou-a com o foco de uma lanterna. No centro do corredor, em intervalos equidistantes, estavam várias pedras em pé. As pedras marcavam a linha da antiga vedação. Tinham chegado ao perímetro do campo. Gabriel desligou a lanterna e puxou Radek pelo cotovelo. Radek tentou resistir, mas tropeçou para a frente.

— Faça o que eu digo, Radek, e vai correr tudo bem. Não tente fugir, porque não há por onde escapar. Não vale a pena gritar por ajuda, porque ninguém vai ouvir seus gritos.

— Sente prazer em me ver com medo?

— Sinto nojo, para dizer a verdade. Não gosto nem de tocá-lo. Eu não gosto do som de sua voz.

— Então por que estamos aqui?

— Eu apenas quero que veja algumas coisas.

— Não há nada para ver aqui, Allon. Apenas um memorial polonês.

— Precisamente — Gabriel deu-lhe um puxão no cotovelo. — Venha, Radek. Mais depressa. Tem que andar mais depressa. Não temos muito tempo. Vai amanhecer em breve.

Um momento mais tarde, pararam de novo perante um caminho-de-ferro sem carris, o velho ramal que trouxera os trens da

estação de Treblinka até o interior do campo. As traves tinham sido recriadas em pedra e estavam cobertas por neve recente. Seguiram os carris até o campo e pararam no sítio onde tinha estado a plataforma. Também ela estava representada em pedra.

— Lembra, Radek?

Ele ficou em silêncio, o queixo caído, a respiração áspera.

— Vá lá, Radek. Sabemos quem você é, nós sabemos o que fez. Desta vez não vai escapar. Não vale a pena entrar em jogos ou tentar negar alguma coisa. Não há tempo, a não ser que não queira salvar seu filho.

A cabeça de Radek girou lentamente. Os seus lábios comprimiram-se e o seu olhar endureceu.

— Faria mal ao meu filho?

— Na verdade, você fará por nós. Tudo o que temos a fazer é dizer ao mundo quem é o pai dele, e isso o destruirá. Foi por isso que plantou a bomba no escritório de Eli Lavon: para proteger Peter. Ninguém podia tocá-lo, não num lugar como a Áustria. A janela para você estava fechada há muito tempo. Estava seguro. A única pessoa que podia pagar um preço por seus crimes é seu filho. Foi por isso que tentou matar Eli Lavon. Foi por isso que assassinou Max Klein.

Voltou as costas a Gabriel e olhou para a escuridão.

— O que é que queres? O que queres saber?

— Conta-me como foi Radek. Eu já li sobre isso, eu vejo o memorial, mas não consigo imaginar como funcionou realmente. Como foi possível transformar em fumo um trem cheio de pessoas em apenas quarenta e cinco minutos? Quarenta e cinco minutos, porta a porta, não era disso que o staff das SS se costumava vangloriar por estes lados? Conseguiram transformar um judeu em fumo em quarenta e cinco minutos. Doze mil judeus por dia. Oitocentos mil no total.

Radek emitiu um riso fechado, um interrogador que não acreditava na afirmação do seu prisioneiro. Gabriel sentiu como se uma pedra tivesse sido posta sobre o seu coração.

— Oitocentos mil? Onde foste buscar um número desses?

— É a estimativa oficial do governo polonês.

— E espera que um bando de seres inferiores, como os poloneses, seja capaz de saber o que aconteceu nestes bosques? — A sua voz pareceu subitamente diferente, mais jovem e autoritária. — Por favor Allon, se vamos ter esta discussão, lidemos com os fatos e não com idiotice polonesa. Oitocentos mil? — Abanou a cabeça e efetivamente sorriu. Não, não foram oitocentos mil. O número real foi muito superior a isso.

UMA SÚBITA RAJADA de vento agitou as copas das árvores. Para Gabriel soou como o som dos rápidos de um rio. Radek estendeu

a mão e pediu a lanterna. Gabriel hesitou.

— Não pensa que vou atacar você com isso, não?

— Eu sei de algumas coisas que fez.

— Isso foi há muito tempo.

Gabriel entregou-lhe a lanterna. Radek apontou o foco para a esquerda, iluminando um molho de árvores de folha permanente.

— Eles chamavam a esta área o campo de baixo. As casernas das SS eram ali mesmo. A vedação periférica passava mesmo por trás. Em frente, havia uma estrada alcatroada com arbustos e flores durante a Primavera e o Verão. Talvez te custe a acreditar, mas era na realidade bastante agradável. Não havia tantas árvores, claro. Plantamos as árvores depois de demolir o campo. Na altura eram apenas rebentos. Agora, estão completamente adultas, bem bonitas.

— Quantos SS?

— Normalmente cerca de quarenta. moças judias tratavam-lhes da limpeza, mas tinham polonesas para cozinhar, três moças locais que vinham das vilas em redor.

— E os ucranianos?

— Estavam aquartelados do lado oposto da estrada, em cinco casernas. A casa de Stangl era no meio, no cruzamento de duas estradas. Ele tinha um belo jardim. Foi desenhado para ele por um homem de Viena.

— Mas os recém-chegados nunca viram essa parte do campo?

— Não, não, cada parte do campo era cuidadosamente escondida da outra por vedações intercaladas com plantações de pinheiros. Quando chegavam ao campo, eles viam o que parecia ser uma normal estação de trem de campo, completa com um horário de partidas falso. Não havia partidas de Treblinka, claro. Apenas trens vazios partiam da estação.

— Havia aqui um edifício, não havia?

— Fora desenhado para parecer uma normal estação de trem, mas na realidade estava cheio de valores roubados de chegadas anteriores. Aquela seção ali era conhecida como o Largo da Estação. Ali havia o Largo da Recepção, ou o Largo da Triagem.

— Alguma vez viste a chegada dos transportes?

— Eu não tinha nada a ver com esse tipo de situação, mas sim, eu vi-os chegar.

— Havia dois procedimentos de chegada diferentes? Um para judeus da Europa Ocidental e outro para judeus do Leste?

— Sim, está correto. Os judeus da Europa Ocidental eram tratados com muita mentira e fraude. Não havia chicotes nem gritos. Era-lhes pedido educadamente que desembarcassem do trem. Pessoal médico de batas brancas estava à espera no Largo da Recepção para tratar dos doentes.

— Era tudo um stratagema, no entanto. Os velhos e os doentes eram levados e abatidos a tiro imediatamente.

Ele concordou.

— E os judeus do Leste? Como eram recebidos na plataforma?

— Eram recebidos por chicotes ucranianos.

— E depois?

Radek levantou a lanterna e apontou o foco a uma curta distância através da clareira.

— Havia uma cerca de arame farpado aqui. Para lá do arame existiam dois edifícios. Um era uma caserna para despir. No segundo edifício, judeus de trabalho cortavam o cabelo às mulheres. Quando terminavam, elas iam naquela direção. — Radek usou a lanterna para iluminar o caminho. — Havia aqui uma passagem, uma espécie de passagem de gado, com alguns metros de largura, arame farpado e ramos de pinheiro. Era conhecida como o tubo.

— Mas as SS tinham um nome especial para isso, não tinham?

Radek acenou.

— Estrada para o Paraíso.

— E onde ia dar a Estrada para o Paraíso?

Radek levantou o foco da sua luz.

— Para o campo de cima — disse. — O campo da morte.

PROSSEGUIRAM O CAMINHO até uma larga clareira polvilhada com centenas de pedregulhos, cada pedra representava uma comunidade judaica destruída em Treblinka. A pedra maior ostentava o nome Varsóvia. Gabriel olhou para lá das pedras, em direção ao céu, para leste. Começava a ganhar claridade.

— A Estrada para o Paraíso levava diretamente a um edifício de tijolo que albergava as câmaras de gás — disse Radek quebrando o silêncio. De repente parecia ansioso por falar. — Cada câmara tinha quatro metros por quatro metros. Inicialmente eram apenas três, mas em breve descobriram que precisavam de mais capacidade para satisfazer a procura. Foram acrescentadas mais dez. Um motor a gasóleo bombeava gases de monóxido de carbono para as câmaras. A asfixia demorava menos de trinta minutos. Depois disso os corpos eram retirados.

— E o que era feito com eles?

— Durante vários meses, foram enterrados ali fora, em grandes valas. Mas muito rapidamente as valas transbordaram e a decomposição dos corpos contaminou o campo.

— Foi quando chegou?

— Não de imediato. Treblinka era o quarto campo da nossa lista. Limpamos as valas de Birkenau primeiro, a seguir Belzec e Sobibor. Só chegamos a Treblinka em março de 1943. Quando eu

cheguei... — a sua voz arrastou-se. — Terrível.

— O que fez?

— Abrimos as valas, claro, e retiramos os corpos.

— À mão?

Ele abanou a cabeça.

— Tínhamos uma escavadora mecânica. Acelerou bem o trabalho.

— A garra, não era assim que chamavam?

— Sim, era isso.

— E depois dos corpos serem retirados?

— Eram incinerados em grandes prateleiras de metal.

— Tinham um nome especial para as prateleiras, não tinham?

— Assadeiras — disse Radek. — Chamávamos de assadeiras.

— E depois dos corpos serem queimados?

— Esmagávamos os ossos e voltávamos a enterrá-los nas valas ou levávamos em carroças para despejar no rio Bug.

— E quando as valas antigas ficaram vazias?

— Depois disso, os corpos eram levados diretamente das câmaras de gás para as assadeiras. Funcionou assim até outubro desse ano, quando o campo foi fechado e todos os traços foram obliterados. Operou por pouco mais de um ano.

— E mesmo assim conseguiram assassinar oitocentos mil?

— Não foram oitocentos mil.

— Quantos foram então?

— Mais de um milhão. É qualquer coisa, não é? Mais de um milhão de pessoas, num lugar minúsculo como este, no meio de uma floresta polonesa.

GABRIEL TIROU A lanterna do rosto dele sacou a Beretta. Empurrou Radek com o cano. Caminharam ao longo de uma trilha, pelo campo de pedras. Zalman e Navot ficaram para trás no campo de cima. Gabriel conseguia ouvir os passos de Oded na gravilha atrás dele.

— Parabéns, Radek. Graças a você, é apenas um cemitério simbólico.

— Vai me matar agora? Não disse o que queria ouvir?

Gabriel empurrou-o pelo trilho.

— Você talvez tenha algum orgulho deste lugar, mas para nós é solo sagrado. Acha realmente que eu o poluiria com seu sangue?

— Então qual é o propósito disso? Por que me trouxe aqui?

— Você precisava ver isso mais uma vez. Visitar o local do crime para refrescar a memória e se preparar para o próximo testemunho. É assim que vai salvar seu filho da humilhação de ter tal

homem na condição de pai. Vai para Israel pagar por seus crimes.

— Não foi meu crime! Eu não os matei! Eu apenas fiz o que Müller me ordenou. Eu limpei a porcaria!

— Teve sua cota de matança, Radek. Lembra do joguinho com Max Klein em Birkenau? E a marcha da morte? Também estava lá, não estava, Radek?

Radek reduziu o passo e voltou a cabeça. Gabriel deu-lhe um empurrão. Chegaram a um amplo declive retangular cheio de lascas de basalto negro, o local onde era a vala de cremação.

— Mate-me agora, maldição! Não me leve para Israel! Mate-me agora e acabe com isso. Aliás, é nisso que você é bom, não é, Allon?

— Não aqui — disse Gabriel. — Não neste lugar. Você nem sequer merece pôr os pés aqui, quanto mais morrer.

Radek caiu de joelhos defronte à vala.

— E se eu concordar em ir? Que destino me espera?

— A verdade o espera, Radek. Será posto perante o povo de Israel e confessará seus crimes. Seu papel na Aktion 1005. O massacre de prisioneiros em Birkenau. As mortes que infligiu durante a marcha da morte de Birkenau. Lembra das moças que assassinou, Radek?

Radek voltou a cabeça.

— Como é que...

Gabriel interrompeu-o.

— Não vai enfrentar julgamento por seus crimes, mas vai passar o resto da vida atrás das grades. Enquanto estiver na prisão, vai trabalhar com uma equipe de estudantes do Holocausto de Yad Vashem para compilar minuciosamente a história de Aktion 1005. Vais dizer aos que negam e aos que duvidam exatamente o que fizeste para esconder o maior caso de assassinato de massas da história. Vais dizer a verdade pela primeira vez na vida.

— Qual verdade, sua ou a minha?

— Só há uma verdade, Radek. Treblinka é a verdade.

— E o que é que eu ganho com isso?

— Mais do que mereces — disse Gabriel. — Não diremos nada sobre a ascendência duvidosa de Metzler.

— Estás disposto a aceitar um chanceler austríaco da extrema-direita para me apanhar?

— Algo me diz que Peter Metzler se vai tornar um grande amigo de Israel e dos judeus. Ele não vai querer fazer nada para nos irritar. Afinal de contas, nós teremos a chave para a sua destruição até muito depois de tu morreres.

— Como convenceste os americanos a trair-me? Chantagem, suponho: é essa a maneira judaica. Mas deve ter havido mais. Certamente juraram que nunca me dariam oportunidade de discutir a

minha afiliação com a Organização Gehlen ou com a CIA. Suponho que a sua dedicação à verdade para por aí.

— Dá-me sua resposta Radek.

— Como posso confiar em ti, um judeu, que cumpras sua parte do acordo?

— Andaste a ler Der Sturmer outra vez? Vais confiar em mim porque não tens outra alternativa.

— E o que é que vai adiantar? Vai trazer de volta alguma das pessoas que aqui morreram?

— Não — concedeu Gabriel —, mas o mundo saberá a verdade, e tu vais passar os últimos anos de sua vida onde pertences. Aceita o acordo, Radek. Aceita pelo teu filho. Pensa nele como uma última fuga.

— Não ficará secreto para sempre. Um dia, a verdade sobreste caso vai vir ao de cima.

— Se calhar — disse Gabriel. — Suponho que não seja possível esconder a verdade para sempre.

A cabeça de Radek voltou-se lentamente e ele olhou para Gabriel com desdém.

— Se fosses um homem a sério, fazias tu mesmo. — Esboçou um sorriso trocista.

— Quanto à verdade, ninguém se importou enquanto este lugar estava operacional, e ninguém se vai importar agora.

Voltou-se e olhou para a vala. Gabriel guardou a Beretta no bolso e afastou-se. Oded, Zalman e Navot ficaram imóveis por trás dele no trilho. Gabriel passou por eles sem dizer uma palavra e dirigiu-se para baixo através do campo até a plataforma de caminho-de-ferro. Antes de virar para as árvores, parou por instantes para olhar sobre o ombro e viu Radek, segurando-se ao braço de Oded, pondo-se de pé devagar.

PARTE QUATRO

O prisioneiro de Abu Kabir

JAFFA, ISRAEL

HOUVE MUITA DISCUSSÃO sobre onde o manter cativo. Lev considerava-o um risco para a segurança e, como tal, queria mantê-lo sob custódia do Escritório. Shamron, como de costume, tomou a posição contrária, quanto mais não fosse por não querer ver os seus adorados serviços restringidos a gerir prisões. O primeiro-ministro, mesmo que a brincar, sugeriu que Radek fosse forçado a marchar para o Negev, para que os escorpiões e abutres tratassem dele. No fim, acabou por ser Gabriel a tomar a decisão. Segundo ele, para alguém como Radek, a pior punição seria a de ser tratado como um criminoso comum. Procuraram um local apropriado e concordaram em prendê-lo numa prisão policial, construída pelos ingleses durante o Mandato numa zona degradada de Jaffa, ainda hoje conhecida pelo seu nome árabe: Abu Kabir.

Passaram 72 horas para que a apreensão de Radek fosse tornada pública. O comunicado do primeiro-ministro foi conciso e propositadamente enganador. Foram tomadas muitas precauções para evitar embaraçar, sem necessidade, os austríacos. Segundo disse o primeiro-ministro, Radek foi descoberto a viver sob falsa identidade num país não especificado. E após um período de negociações concordara vir de livre vontade para Israel. Segundo os termos do acordo, ele não seria julgado, uma vez que de acordo com a lei israelense, a única sentença possível seria a condenação à morte. Em vez disso, ele permaneceria constantemente sob a detenção do Estado e iria, de fato, dar-se como culpado dos seus crimes contra a humanidade ao trabalhar com uma equipe de historiadores em Yad Vashem e na Universidade Hebraica, com a finalidade de compilar a história definitiva da Aktion 1005.

Houve pouco rebuliço e muito menos excitação do que com a notícia que acompanhou o rapto de Eichmann. Na realidade, a notícia da captura de Radek foi sobreposta poucas horas depois pelo massacre de vinte e cinco pessoas num mercado de Jerusalém por um homem-bomba. Lev sentiu uma certa satisfação com o desenrolar dos acontecimentos, pois assim demonstrava o seu ponto de vista de que o Estado tinha mais com que se preocupar do que perseguir velhos nazistas. Começou a referir-se ao caso como "a asneira de Shamron",

apesar de ele ter recuperado o seu devido nível hierárquico no serviço. Dentro do King Saul Boulevard, a captura de Radek pareceu reacender velhas fogueiras. Lev ajustou a sua postura de acordo com o estado de espírito geral mas era demasiado tarde. Todos sabiam que a prisão de Radek havia sido orquestrada pelo Memuneh e Gabriel e que Lev tinha tentado bloqueada a cada passo. O carisma de Lev junto dos soldados rasos caiu para níveis perigosamente baixos.

A pouco crível tentativa de manter secreta a identidade austríaca de Radek foi desfeita pelo vídeo da sua chegada a Abu Kabir. A imprensa de Vienna identificou rápida e corretamente o prisioneiro como sendo Ludwig Vogel, um empresário austríaco de renome. Teria ele de fato concordado deixar Viena voluntariamente? Ou teria sido, na verdade, raptado da sua residência fortificada no Primeiro Bairro? Nos dias que se seguiram, os jornais faziam alusões especulativas à sua misteriosa carreira e às suas ligações políticas. As investigações da imprensa aproximaram-se perigosamente de Peter Metzler. Renate Hoffman da Coligação para uma Áustria Melhor solicitou um inquérito oficial ao caso e sugeriu que Radek poderia ter ligações ao atentado a bomba ao Escritório de Investigação e Reclamações do Tempo da Guerra e à misteriosa morte de um judeu idoso chamado Max Klein. As suas exigências foram categoricamente ignoradas. O governo disse que o atentado fora obra de terroristas islâmicos. E quanto à infeliz morte de Max Klein, fora suicídio. Segundo o ministro da Justiça qualquer investigação complementar seria um desperdício de tempo.

O capítulo seguinte do caso Radek teria lugar, não em Viena, mas em Paris, onde um ex-agente do KGB com aspecto duvidoso surgiu na televisão francesa dizendo que Radek era o homem de Moscovo em Viena. Um antigo chefe de espionagem da Stasi, que se havia tornado um êxito literário na nova Alemanha, veio também reconhecer Radek.

De início, Shamron suspeitou que estas reivindicações faziam parte de uma campanha conjunta de desinformação com o fim de ilibar a CIA do vírus Radek: que era exatamente o que ele teria feito se os papéis estivessem invertidos. Depois, descobriu que, no interior da Agência, as sugestões de que Radek podia ter jogado para ambos os lados criaram algum pânico. Estavam a ser retirados arquivos dos arquivos mortos e a ser reunida à pressa uma equipe soviética de ajuda com elementos veteranos. Shamron divertia-se secretamente com a ansiedade dos seus colegas de Langley. Segundo Shamron, se se viesse a descobrir que Radek era um agente duplo seria muito justo. Adrian Carter solicitou autorização para interrogar Radek mal os historiadores tivessem terminado o seu trabalho. Shamron prometeu considerar o assunto com seriedade. O PRISIONEIRO DE Abu Kabir estava bastante alheio à tempestade criada à sua volta. A sua prisão

era solitária, apesar de não ser demasiado árdua. Mantinha a cela e as roupas limpas, aceitava comida e pouco reclamava. Por muito que os guardas quisessem odiá-lo, não conseguiam. No fundo ele era um polícia e os seus carcereiros pareciam ver nele algo familiar. Tratava-os com cortesia e, como reação, era tratado com cortesia. Ele era, também, uma espécie de curiosidade. Eles haviam lido sobre homens como ele na escola e passavam à frente da sua cela a qualquer hora, apenas para o ver. Radek começou aos poucos a sentir-se como se fosse uma peça de exposição de um museu.

O seu único pedido foi o de lhe ser autorizado o acesso a um jornal todos os dias para se manter a par dos assuntos da atualidade. A questão foi levada até Shamron, que deu a sua autorização, desde que fosse um jornal israelense e não uma qualquer publicação alemã. Todas as manhãs o *Jerusalém Post* era-lhe entregue com a travessa do pequeno-almoço. Normalmente saltava as histórias sobre si mesmo — eram, aliás, muito incorretas — e dirigia-se diretamente à seção das notícias internacionais com a finalidade de acompanhar os desenvolvimentos das eleições austríacas.

Moshe Rivlin visitou Radek várias vezes para se preparar para o seu iminente depoimento. Foi decidido que as sessões seriam filmadas e transmitidas à noite na televisão israelense. Radek parecia estar cada vez mais agitado com a aproximação do dia da sua primeira aparição em público. Discretamente, Rivlin pediu ao chefe da prisão para manter o prisioneiro sob vigilância de suicídio. Foi plantado um guarda no corredor, junto às barras da cela de Radek. Ao princípio, Radek criou atritos com a vigilância adicional, mas passou rapidamente a apreciar a companhia.

Rivlin surgiu uma última vez na véspera da primeira sessão de depoimento de Radek. Passaram uma hora juntos; Radek estava preocupado e, pela primeira vez, nada cooperante. Rivlin arrumou os seus documentos e notas e pediu ao guarda para abrir a porta.

— Quero vê-lo — disse Radek de repente. — Pergunte se me daria a honra de me fazer uma visita. Diga-lhe que há algumas perguntas que eu quero fazer.

— Não posso prometer nada — disse Rivlin. — Não tenho ligações a...

— Pergunte, apenas — disse Radek. — O máximo que ele pode fazer é dizer não.

SHAMRON OBRIGOU Gabriel a permanecer em Israel até o primeiro dia de depoimento de Radek e Gabriel, apesar de estar ansioso por voltar a Veneza, aceitou relutante. Ele ficou no apartamento seguro perto das Portas de Zion e acordava todas as

manhãs ao som dos sinos da igreja do bairro armênio. Sentava-se na sombra do terraço olhando as muralhas da Cidade Velha e desfrutava o seu tempo com café e jornais. Seguiu de perto o caso Radek. Ficou contente por ver o nome de Shamron ligado à captura e não o seu. Gabriel vivia no estrangeiro, sob uma identidade falsa e não precisava que o seu verdadeiro nome fosse espalhado pela imprensa. Além disso, depois de tudo o que Shamron tinha feito pelo seu país, merecia um último dia de glória.

Conforme os dias passavam, lentamente, Gabriel percebeu que Radek parecia, cada vez mais, um estranho. Apesar de abençoado com uma memória quase fotográfica,

Gabriel lutava por se lembrar claramente da cara de Radek ou do som da sua voz. Treblinka parecia algo saído de um pesadelo. Perguntou-se se a sua mãe teria sentido o mesmo. Teria Radek permanecido nas divisões da sua memória como um convidado indesejado, ou teria ela forçado a sua memória para produzir a sua imagem na tela? Teria sido assim para todos os que se tinham cruzado com um Mal tão perfeito? Talvez assim se explicasse o silêncio que tinha dominado os sobreviventes. Talvez eles tivessem sido piedosamente libertados da dor das suas memórias, como meio de autopreservação. Uma ideia regressava-lhe constantemente ao pensamento: se, naquele dia na Polônia, Radek tivesse morto a sua mãe em vez das outras duas moças, ele nunca teria existido. Também ele começou a sentir a culpa dos sobreviventes.

Ele só tinha a certeza de uma coisa: ainda não estava pronto para esquecer. Assim, ficou contente quando um dos acólitos de Lev lhe ligou uma tarde a perguntar se ele estaria disposto a escrever uma história oficial do caso. Gabriel aceitou, desde que ele pudesse também criar uma versão não censurada dos acontecimentos, para ser guardada nos arquivos de Yad Vashem. Houve ainda alguma discussão sobre quando tal documento poderia ser tornado público. Foi então definida uma data de lançamento, quarenta anos, e Gabriel começou o trabalho.

Ele escreveu na mesa da cozinha, num computador portátil fornecido pelo Escritório. Todas as noites, trancava o computador num cofre de chão, escondido sob o sofá da sala de estar. Não tinha qualquer experiência de escrita, por isso, por instinto, fez a aproximação ao projecto como se de uma pintura se tratasse. Começou com um esboço de base, amplo e amorfo e então, lentamente, foi adicionando camadas de tinta. Usou uma paleta simples e a sua técnica de traço foi cuidada. com o passar dos dias, a cara de Radek voltou-lhe à memória com a clareza com que havia sido pintada pela mão da sua mãe.

Usualmente, trabalhava até o princípio da tarde. Depois fazia

uma pausa e dava um passeio até o Hospital da Universidade de Hadassah, onde, após um mês de coma, Eli Lavon estava a mostrar sinais de querer regressar à consciência. Gabriel sentava-se junto de Lavon cerca de uma hora e falava-lhe do caso. Depois voltava ao apartamento e trabalhava até a noite.

No dia em que terminou o relatório, deixou-se ficar no Hospital até o princípio da noite e, por acaso, estava lá quando os olhos de Lavon se abriram. Lavon ficou a fixar o vazio por uns instantes; então a velha expressão inquisidora voltou-lhe ao olhar e divagou pelo ambiente desconhecido da sala do hospital até se fixar no rosto de Gabriel.

— Onde estamos? Viena?

— Jerusalém.

— O que é que estás aqui a fazer?

— Estou a trabalhar num relatório para o Escritório.

— Sobre o quê?

— Sobre a captura de um criminoso de guerra nazista chamado Erich Radek.

— Radek?

— Ele estava a viver em Viena sob o nome de Ludwig Vogel.

Lavon sorriu.

— Conta-me tudo — murmurou, mas antes que Gabriel pudesse dizer uma palavra, ele já tinha adormecido outra vez.

Nessa noite, quando Gabriel voltou ao apartamento, a luz do atendedor de chamadas estava a piscar. Carregou no PLAY e a ouviu a voz de Moshe Rivlin.

— O prisioneiro de Abu Kabir quer falar com você. Eu mandava-o para o Inferno. Você é que sabe.

JAFFA, ISRAEL

O CENTRO DE DETENÇÕES era cercado por um alto muro cor de areia, com rolos de arame farpado no topo. Gabriel apresentou-se na entrada exterior no início da manhã seguinte e foi admitido sem demora. Para chegar ao interior, tinha de atravessar uma passagem vedada estreita, que lhe lembrava demasiado a Estrada para o Paraíso em Treblinka. Um guarda esperava-o na outra ponta. Silenciosamente, conduziu Gabriel pela porta de segurança e depois para uma sala de interrogatórios sem janelas, com paredes em blocos de betume. Radek estava sentado à mesa, imóvel, vestido com um terno escuro e gravata, para prestar depoimento. Estava algemado com os dedos cruzados sobre a mesa. Saudou Gabriel com um aceno de cabeça quase imperceptível, mas permaneceu sentado.

— Tire-lhe as algemas — disse Gabriel ao guarda.

— É contra as regras.

Gabriel olhou para o guarda e, pouco depois, as algemas tinham sido tiradas.

— Faz isso muito bem — disse Radek. — Isso foi mais uma artimanha psicológica sua? Está tentando demonstrar seu domínio sobre mim?

Gabriel puxou a cadeira de ferro e sentou-se.

— Não me parece que dadas as circunstâncias seja necessária uma demonstração dessas.

— Suponho que esteja certo — disse Radek. — Mesmo assim, admiro a forma como lidou com todo o caso. Eu gostaria de acreditar que teria feito as coisas assim tão bem.

— Para quem? — perguntou Gabriel. — Para os americanos, ou para os russos?

— Está se referindo às alegações feitas em Paris por aquele idiota do Belov?

— São verdadeiras?

Radek fitou Gabriel em silêncio e por breves segundos parte do velho olhar de aço regressou-lhe aos olhos azuis.

— Quando alguém esteve em jogo tanto tempo como eu estive, faz tantas alianças e envolve-se em tantas mentiras, que no fim é difícil saber onde é que a verdade e a mentira se separam.

— Belov parece ter certeza de que sabe a verdade.

— Sim, mas receio que seja apenas a certeza de um tolo. Sabe, é que Belov não estava em posição de saber a verdade. — Radek mudou de assunto. — Presumo que tenha visto os jornais desta manhã?

Gabriel acenou que sim.

— A margem de vitória dele foi maior que a esperada. Aparentemente, minha prisão teve algo a ver com isso. Os austríacos nunca gostaram de ver estranhos se metendo em seus assuntos.

— Não está se vangloriando, está?

— Claro que não — disse Radek. — Estou apenas com pena de não ter negociado com mais dureza em Treblinka. Talvez não devesse ter aceite tão facilmente. Não tenho tanta certeza de que a campanha do Peter pudesse ter descarrilhado com as revelações do meu passado.

— Há coisas que são politicamente incômodas, mesmo num país como a Áustria

— Você nos subestima, Allon.

Gabriel deixou cair algum silêncio entre eles. Já estava a começar a arrepender-se da decisão de ter vindo.

— Moshe Rivlin disse que queria me ver — disse com desprezo. — Não tenho muito tempo.

Radek endireitou-se na cadeira.

— Estava pensando se poderia me fazer a cortesia profissional de responder a algumas perguntas.

— Isso depende das perguntas. Você e eu estamos em profissões diferentes, Radek.

— Sim — disse Radek. — Eu era um agente do serviço secreto americano e você é um assassino.

Gabriel levantou-se para ir embora. Radek levantou a mão.

— Espere — disse. — Sente-se. Por favor.

Gabriel voltou a sentar-se.

— O homem que ligou para minha casa na noite do sequestro...

— Quer dizer, de sua prisão?

Radek baixou a cabeça.

— Está bem, minha prisão. Presumo que era um impostor?

Gabriel acenou que sim.

— Ele era muito bom. Como ele conseguiu imitar Kruz tão bem?

— Não espera que eu responda a isso, Radek. — Gabriel olhou para o relógio. — Espero que não me tenha feito vir até Jaffa só para me fazeres uma pergunta.

— Não — disse Radek. — Há mais uma coisa que eu gostaria de saber. Quando estávamos em Treblinka, disse que eu tinha tomado

parte na evacuação de prisioneiros de Birkenau.

Gabriel interrompeu-o. — Será que podemos deixar os eufemismos de vez, Radek? Não foi uma evacuação. Foi uma marcha da morte.

Radek manteve-se em silêncio por um momento.

— Disse também que eu tinha assassinado pessoalmente alguns prisioneiros.

— Eu sei que assassinou pelo menos duas moças — disse Gabriel. — Tenho certeza de que deve ter havido mais.

Radek fechou os olhos e acenou lentamente com a cabeça que sim.

— Houve mais — disse, distante. — Muitos mais. Lembro-me desse dia como se tivesse sido na semana passada. Eu já sabia há algum tempo que o fim estava próximo, mas ver aquela coluna de prisioneiros marchando em direção ao Reich... Foi quando eu soube que era o *Götterdämmerung*. Era, realmente, o Crepúsculo dos Deuses.

— E então começou a matá-los?

Ele acenou de novo.

— Eles tinham me confiado a missão de guardar seu terrível segredo e estavam deixando vários milhares de testemunhas saírem vivas de Birkenau. Deve imaginar como eu me senti.

— Não — disse Gabriel com honestidade. — Nem consigo começar a imaginar como deve ter se sentido.

— Houve uma moça — disse Radek. — Lembro-me de ter perguntado o que ela diria aos filhos sobre a guerra. Ela disse que lhes diria a verdade. Ordenei que mentisse. Ela se recusou. Matei duas outras moças e, mesmo assim, ela continuava a me desafiar. Por algum motivo, deixei-a ir. Parei de matar prisioneiros depois disso. Ao olhá-la nos olhos, percebi que não valia a pena.

Gabriel baixou os olhos e fixou as mãos para evitar morder a isca de Radek.

— Presumo que esta mulher seja sua testemunha? — perguntou Radek.

— Sim, é ela.

— É engraçado — disse Radek — mas ela tem seus olhos.

Gabriel levantou o olhar. Hesitou e depois disse: — É o que me dizem.

— É sua mãe?

Mais uma hesitação, depois a verdade.

— Diria que sinto muito — disse Radek. — Mas sei que as minhas desculpas não significam nada para você.

— Tem razão — disse Gabriel. — Não diga.

— Então foi por ela que fez isso?

— Não — disse Gabriel. — Foi por todos eles.

A porta se abriu. O guarda entrou e disse que estava na hora de seguir para Yad Vashem. Radek levantou-se devagar e esticou as mãos. Os seus olhos permaneceram firmes no rosto de Gabriel enquanto as algemas eram colocadas nos seus pulsos. Gabriel acompanhou-o até a entrada e ficou a vê-lo dirigir-se pela passagem, até a parte de trás de uma van que o esperava. Já tinha visto o suficiente. Agora só queria esquecer.

APÓS DEIXAR ABU KABIR, Gabriel foi até Safed para visitar Tziona. Almoçaram num pequeno restaurante de espetadas no Bairro dos Artistas. Ela tentou conversar com ele sobre o caso Radek, mas Gabriel, afastado da presença do assassino há apenas duas horas, não estava com disposição para discuti-lo ainda mais. Obrigou Tziona a jurar segredo quanto ao envolvimento dele no caso e depois mudou de assunto de repente.

Discutiram arte durante algum tempo, depois política e finalmente o estado da vida de Gabriel. Tziona tinha conhecimento de um apartamento vazio a apenas alguns quarteirões do dela. Era grande o suficiente para albergar um Estúdio e era abençoado com a melhor iluminação da Galileia de Cima. Gabriel prometeu pensar no assunto, mas Tziona sabia que ele estava apenas a apaziguá-la. O desconforto havia voltado aos seus olhos. Ele estava pronto para partir.

Enquanto bebiam o café, ele disse-lhe que tinha encontrado um lugar para algum do trabalho da sua mãe.

— Onde?

— O Museu da Arte do Holocausto em Yad Vashem. Os olhos de Tziona inundaram-se de lágrimas.

— Que perfeito — disse ela.

Depois do almoço subiram as escadas de pedra até o apartamento de Tziona. Ela abriu o armário e cuidadosamente retirou os quadros. Passaram uma hora a escolher vinte das melhores peças para Yad Vashem. Tziona encontrou outras duas telas mostrando a imagem de Erich Radek. Perguntou a Gabriel o que queria que ela fizesse com elas.

— Queima-as — respondeu ele.

— Mas, provavelmente, valem muito dinheiro agora.

— Não me interessa o quanto valem — disse Gabriel. — Eu nunca mais quero ver a cara dele.

Tziona ajudou-o a transportar os quadros para o carro dele. Arrancou para Jerusalém sob um céu carregado de nuvens. Dirigiu-se primeiro a Yad Vashem. O conservador recebeu os quadros e apressou-se para ir assistir ao início do depoimento de Erich Radek. como o

resto do país. Gabriel conduziu pelas ruas silenciosas até o Monte das Oliveiras. Pôs uma pedra na campa da sua mãe e recitou-lhe as palavras de luto Kaddish. Fez o mesmo na campa do seu pai. Depois, dirigiu-se para o aeroporto e apanhou o voo da tarde para Roma.

41

VENEZA * VIENA

NA MANHÃ SEGUINTE, na sestière de Cannaregio, Francesco Tiepolo entrou na Igreja de San Giovanni Crisóstomo e atravessou lentamente a nave. olhou para a Capela de Saint Jerome e viu luzes acesas por detrás da lona que cobre a plataforma de trabalho. Aproximou-se lentamente, agarrou no andaime com a sua mão, grande como a pata de um urso, e abanou-o violentamente. O restaurador levantou a sua viseira de lupa e fitou-o como um gárgula.

— Bem-vindo a casa, Mário — disse Tiepolo para cirna. — Estava a começar a ficar preocupado com você. Por onde andaste?

O restaurador baixou a viseira e virou o seu olhar de volta para o Bellini.

— Tenho andado a recolher centelhas, Francesco.

A recolher centelhas. Tiepolo tinha o bom senso suficiente para não fazer mais perguntas. Apenas lhe interessava ter o restaurador finalmente de volta a Veneza. — Quanto tempo até terminares?

— Três meses — disse o restaurador. — Talvez quatro.

— Três seria melhor.

— Sim, Francesco. Eu sei que três meses seria melhor. Mas se continuas a abanar a minha plataforma, nunca mais vou acabar.

— Não estás a planejar fazer mais recados, ou estás, Mário?

— Só um — disse, com o pincel pousado em frente da tela. — Mas não vou demorar. Prometo.

— Isso é o que dizes sempre.

A ENCOMENDA CHEGOU por um estafeta motorizado à Relojoaria, no Primeiro Bairro de Viena, exatamente três semanas depois. O Relojoeiro recebeu a encomenda pessoalmente. Deixou sua assinatura nos papéis do correio e deu-lhe uma pequena gorjeta pelo

incômodo. Depois, levou o embrulho para a oficina e colocou-o sobre a mesa.

O estafeta montou em sua moto e afastou-se rapidamente, reduzindo por instantes no fim da rua, apenas o suficiente para fazer sinal à mulher sentada ao volante do Renault sedã. A mulher teclou um número no celular e apertou SEND. Pouco depois, o Relojoeiro respondeu.

— Acabei de lhe enviar um relógio — disse ela. — Recebeu-o?

— Quem fala?

— Sou uma amiga de Max Klein — disse ela baixinho. — E de Eli Lavon. E de Reveka Gazit. E de Sarah Greenberg.

Ela baixou o telefone e pressionou rapidamente quatro números seguidos, virando em seguida a cabeça a tempo de ver a brilhante bola de fogo vermelha emergindo da fachada da loja do Relojoeiro.

Afastou-se da calçada, mãos trêmulas no volante e dirigiu para a Ringstrasse. Gabriel tinha abandonado sua moto e esperava-a na esquina. Ela parou o carro o tempo suficiente para ele entrar, depois virou para a larga avenida e desapareceu no trânsito da tarde. Um carro da Staatspolizei passou por eles a alta velocidade na direção contrária. Chiara manteve os olhos na estrada.

— Você está bem?

— Acho que vou vomitar.

— Sim, eu sei. Quer que eu dirija?

— Não, eu consigo.

— Devia ter me deixado enviar o sinal da detonação.

— Não queria que se sentisse responsável por mais uma morte em Viena. — Ela limpou uma lágrima da face. — Pensou neles quando ouviu a explosão? Pensou em Leah e Dani?

Ele hesitou, depois abanou a cabeça.

— Pensou em quê?

Ele chegou-se a ela e limpou-lhe outra lágrima.

— Em você, Chiara — disse ele, suavemente. — Pensei apenas em você.

FIM

NOTA DO AUTOR

Morte em Viena completa um ciclo de três romances sobre os assuntos inacabados do Holocausto. A pilhagem de arte pelos nazistas e a colaboração de bancos suíços servem de pano de fundo para *O Assassino Inglês*. O papel da Igreja Católica no Holocausto e o silêncio do Papa Pio XII inspiraram *O Confessor*. *Morte em Viena*, como os seus predecessores, é vagamente baseada em fatos reais. Heinrich Gross foi de fato um médico na notória clínica de Spiegelgrund durante a guerra, e a descrição da pouco empenhada tentativa austríaca de o julgar em 2000 é inteiramente exata. Nesse mesmo ano, a Áustria foi abanada por alegações afirmando que agentes da polícia e dos serviços de segurança trabalhavam para Jörg Haider e o seu Partido da Liberdade de extrema-direita para ajudar a desacreditar críticos e oponentes políticos.

Aktion 1005 foi o verdadeiro nome de código do programa nazista para ocultar as provas do Holocausto e destruir os restos mortais de milhões de judeus. O líder da operação, um austríaco chamado Paul Blobel, foi condenado em Nuremberg pelo seu papel nos assassinatos em massa dos Einsatzgruppen e condenado à morte. Enforcou-se na prisão de Landsberg em Junho de 1951, nunca foi detalhadamente questionado sobre o seu papel como comandante da Aktion 1005.

O bispo Alois Hudal foi de fato o reitor do Pontifício Santa Maria dell'Anima e ajudou centenas de criminosos de guerra nazistas a fugir da Europa, incluindo o comandante de Treblinka, Franz Stangl. O Vaticano afirma que o bispo Hudal agia sem a aprovação ou o conhecimento do Papa ou outro agente sênior da Cúria.

A Argentina, claro, foi o destino final de milhares de criminosos de guerra procurados. É possível que um pequeno número ainda lá resida nos dias de hoje. Em 1994, o antigo oficial das SS, Erich Priebke, foi descoberto a viver livremente em Bariloche por uma equipe de reportagem da ABC. Evidentemente Priebke sentia-se tão seguro em Bariloche que, em entrevista ao correspondente da ABC, Sam Donaldson, admitiu de livre vontade o seu papel central no massacre das Grutas Ardeatinas em março de 1944. Priebke foi extraditado para Itália, julgado e condenado a prisão perpétua, embora lhe tenha sido permitido cumprir a pena em "prisão domiciliária". Durante vários anos de manobras legais e apelos, a Igreja Católica permitiu a Priebke viver num mosteiro nas imediações

de Roma.

Olga Lengyel, no seu testemunho 1947, memória de uma sobrevivente em Auschwitz, escreveu: "Certamente todos aqueles cujas mãos estiveram direta, ou Indiretamente manchadas com o nosso sangue devem pagar pelos seus crimes. Menos do que isso seria um ultraje contra milhões de mortes inocentes." O seu apaixonado apelo por justiça, no entanto, passou largamente despercebido. Apenas uma minúscula percentagem daqueles que levaram a cabo a Solução Final ou tiveram um papel auxiliar ou colaboracionista enfrentaram punição pelos seus crimes. Dezenas de milhar encontraram santuário em terras estrangeiras, incluindo nos Estados Unidos; outros regressaram simplesmente a casa e prosseguiram com as suas vidas. Alguns arranjaram emprego na rede de serviços secretos do General Reinhard Gehlen patrocinada pela CIA. Que impacto tiveram homens como estes na conduta da política de relações internacionais da América durante a Guerra-Fria? A resposta talvez nunca seja inteiramente conhecida.

AGRADECIMENTOS

Morte em Viena, como os livros anteriores na série de Gabriel Allon, nunca teria sido escrito sem o apoio, a sabedoria e a amizade de David Bull. David é na verdade um dos mais exímios restauradores de arte e historiador do mundo, e as nossas discussões, normalmente conduzidas sobre um prato de massa feito às pressas e uma garrafa de vinho tinto, enriqueceram a minha vida.

Em Viena, fui assistido por vários indivíduos notáveis que trabalham para combater a nova erupção antissemita na Áustria. Infelizmente, pela seriedade da situação, não posso agradecer-lhes por seus nomes, embora seu espírito e coragem decerto encontrarão caminho nas páginas desta história.

Em Jerusalém, fiz a viagem de Gabriel pelos memoriais de Yad Vashem ao lado de Dina Shefet, uma historiadora do Holocausto que gravou as memórias de um vasto número de sobreviventes. Para demonstrar como se pode localizar e imprimir as Páginas de Testemunho arquivadas na Galeria de Nomes, ela usou como exemplo os seus avós, que foram assassinados em Treblinka em 1942. O staff dos Arquivos de Yad Vashem, em particular Karin Dengler, não podia ter sido mais útil. Gabriel Motskin, decano da Faculdade de Humanidades na Universidade Hebraica de Jerusalém, sua esposa, historiadora de arte, e o curador Emily Bilski trataram bem de mim e aprofundaram meu conhecimento da sociedade israelense contemporânea.

Um agradecimento especial para o staff da livraria no Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos; Naomi Mazin, da Liga Antidifamação em Nova York; Moshe Fox da Embaixada israelense em Washington; e o Dr. Ephraim Zuroff, caçador de nazistas da vida real do Centro Simon Wiesenthal em Jerusalém que, até hoje, procura incansavelmente justiça para as vítimas da Shoah. Desnecessário dizer que a competência é toda deles, os erros e premissa dramática todos meus.

Meu amigo Louis Toscano leu o meu manuscrito e fê-lo incomensuravelmente melhor. Dorian Hastings, a minha revisora, poupou-me muitos embaraços. Eleanor Peita, embora sem se aperceber, ajudou-me a compreender melhor o que significa ser filho de sobreviventes. Marilyn Goldhammer, chefe da escola religiosa do Templo de Sinai em Washington, D.C., ensinou-me a mim e aos meus filhos a lição midrash do vaso quebrado. Dan Raviv, autor da

inovadora história da Mossad, Cada Espião Um Príncipe, e a sua mulher, Dori Phaff, foram um recurso indispensável em todos os assuntos israelenses.

O ator e animador Mike Burstyn abriu-me muitas portas, e sua mulher, Cyona, emprestou-me a versão hebraica de seu belo nome.

Consultei centenas de livros, artigos e websites durante a redação deste livro, demasiados para nomear individualmente, mas seria descuidado se não mencionasse o revolucionário *Blowback*, de Christopher Simpson, que documenta o uso de criminosos de guerra nazistas pelos serviços secretos americanos nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, e *The Real Odessa*, de Uki Goni, que quase sozinho forçou a Argentina a reexaminar seu passado. Muitos sobreviventes de Auschwitz-Birkenau reuniram a coragem mais tarde na vida para registrar suas experiências — em forma de livro, em fita de vídeo, ou em depósitos dados a Yad Vashem e outros repositórios da memória do Holocausto — e eu tirei emprestado para criar o testemunho ficcional de Irene Allon dois trabalhos que foram particularmente úteis: *Five Chimneys*, de Olga Lengyel, e *Rena's Promise*, de Rena Kornreich Gelissen, documentam a jornada de jovens mulheres pelos horrores de Birkenau e da marcha da morte.

Nada disso teria sido possível sem a amizade e o apoio de minha agente literária, Esther Newberg, da Gestão Criativa Internacional. Igualmente, um agradecimento sincero à excepcional equipe da Penguin Putnam: Carole Baron, Daniel Harvey, Marilyn Ducksworth e particularmente o meu editor, Neil Nyren, que discretamente me ajudou a transformar algumas noções soltas num romance.

"Não sendo de apostar em emoções fáceis, Silva domina a arte de tecer uma narrativa provocadora de espionagem e intriga internacional. Os seus protagonistas nunca são perfeitos, nunca são invencíveis. Os seus vilões são temperados com boas qualidades. Ser e parecer são o grande trunfo. E o lado negro da história — seja atacando o conflito Israel-Palestina ou o Holocausto — é meticulosamente investigado, emocionalmente carregado e perturbadoramente sexy, esticando a fina linha que separa a realidade da fantasia. A dádiva de Silva é pressionar o leitor a não parar de ler, a absorver verdades inconfessáveis e a entrever um estilo de vida tipo James Bond.

A vida é constantemente sacudida, nunca mexida."

— Chicago Sun-Times

"Provocador e profundamente satisfatório... estreia um dos mais intrigantes protagonistas deste gênero... Morte em Viena não é apenas uma história de memória e vingança magistralmente concebida. Demonstra que um thriller pode ser mais do que simples entretenimento."

— The Miami Herald

"[Uma] narrativa de espionagem e intriga internacional soberbamente arquitetada... Aqueles que buscam emoções fáceis devem procurar noutro lado. Ação e suspense abundam, mas isto é ficção séria com um propósito sério. Silva mantém a tensão no leitor assim como nas personagens, pois há importantes lições para assimilar e partes vitais da história para recordar."

— Publishers Weekly

Digitalização: **Dores Cunha**

Correção e RTF: **Flávio Ramalho**

